



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA

**ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE
MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS**

FORTALEZA

2020

ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA

ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE
MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para qualificação do Doutorado em Psicologia. Área de Concentração: Processos de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Orientadora: Profa. Dra. Verônica Morais Ximenes.

FORTALEZA

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- S578a Silva, Alexandra Maria Sousa.
ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL-
URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS / Alexandra Maria Sousa Silva. – 2020.
239 f. : il. color.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação
em Psicologia, Fortaleza, 2020.
Orientação: Prof. Dr. Verônica Morais Ximenes.
1. Juventude. 2. Educação Superior. 3. Pobreza. 4. Saúde Mental. I. Título.

CDD 150

ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA

ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE
MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), como requisito parcial para qualificação do Doutorado em Psicologia. Área de Concentração: Processos de mediação: trabalho, atividade e interação social.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Verônica Morais Ximenes (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Celecina de Maria Veras Sales
Faculdade de Educação do Ceará (FACED-UFC)

Profa. Dr. James Ferreira Moura Junior
Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Profa. Dra. Magda Dimenstein
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Profa. Dr. António Augusto Pinto Moreira Diniz
Universidade de Évora (Portugal)

Dedico esta tese ao meu irmão, Diego e a minha prima-irmã, Amélia Mayara. Por vocês terem me ensinado, mais do que imaginam, “(...) porque em vocês, descobri, sem querer, a Vida (...)”.

AGRADECIMENTOS

*“Ó Esperança és para sempre, sempre viva
Te ofereço a minha casa pra morar
Nos meus sentidos, quero ter os teus conselhos
Na minha voz, eu quero sempre ir te encontrar
Se alguma coisa eu temer
Estou contando com você
Pra me dizer, ao me acalmar
Que o amor jamais me deixará...”*

(Canção da Esperança. Flávia Wenceslau)

Tenho muito o que agradecer e muito a quem agradecer. Faltam-me palavras, transbordam sentimentos.

Agradeço inicialmente à Deus, pela minha vida. E à minha Deusa, inspiração-maior, minha avó, Rita (*in memoriam*). Agradeço aos meus pais, em especial minha mãe, mulher lutadora e forte, que me ensinou mais do que imagina. Ao meu irmão, que, a seu modo, me ensina valores como justiça e solidariedade e com quem pude partilhar vivências silenciosas e engrandecedoras.

Agradeço à minha prima-irmã, Amélia Mayara, a quem chamo singularmente de primex, minha cúmplice desde a maternidade e com quem pude experimentar o mais sincero e profundo gesto de cuidar. Ao Chagas, por fazê-la feliz. Agradeço aos primos, em especial Ileana, pela fortaleza e solidariedade em nos preencher em momentos de vazio. Ao Delano, pelo amor. Ao Kauê e Julia, pelo afeto. Às minhas tias Lourdes, pela história, tia Socorro, pela presença tão atenciosa e Taty pela consideração sempre positiva, apesar da distância física.

Tenho uma gratidão imensurável aos meus amigos e amigas, que me compõem, cotidianamente. Com vocês, a vida fica mais saborosa e saudável! À Eriene, que foi meu sustento emocional-afetivo tantas vezes, minha fortaleza e meu abrigo. À Isabele, que se tornou tão querida nesses últimos tempo, grata por sua existência junto à minha. À Leidy, Ingrid, Fernandinha, Shell por me provocarem a pensar e a sentir o valor da amizade. À Anne, pela nossa história profissional e pessoal, pela confiança, parceria e por tudo que aprendi com vc. À Hileana, pela história indelével. À minha amiga do sorriso mais lindo e da presença feito presente Barbara, ao meu Titinho e meu Moreninho, a quem amo como pedacinhos de mim. Alex Viana, grata pela irmandade da vida. Vocês quatro são muito especiais pra mim!

À uma pessoa sui generis, que chegou de mansinho, sem anunciar e nem bater na porta. Como uma borboleta colorida, entrou por algum lugar, que nem eu mesma vi, e cheia de disposição para me dar muitas lições bonitas. Obrigada Rafa, por ter vindo, por ter topado este desafio e por todos os outros que vieram depois. Obrigada por enfrentar seus medos e, com isso, me fazer olhar para os meus. Só assim pude descobrir a coragem que habita em mim! Agradeço também à Val, pela delicadeza e atenção para comigo e à Alline, por sempre nos alimentar a alma e me ajudar todas as vezes que precisei. Às queridas malandras, pelas farras, sorrisos arrancados e, especialmente, pelos momentos de “topa tudo” que foram construtores de uma parceria importante.

À minha família de amor, que me escolheu e à quem pude também escolher por afinidade de almas. Desejo que possamos nos encontrar nesta e em todas as outras vidas. Vocês me ensinam tanto, todo dia. Obrigada Lica, por nos ensinar a amar. Obrigada Cacá, Gó e Lu, por terem aprendido tão bem. Obrigada Leo, Rafa, AnaLu, Pri, Rayssa, Manu, Gaby, Tony, Junior querido, Edson e Cezar, por me acolherem e me amarem como sou. Minha gratidão é imensurável, à você, Lu. Quando você apareceu minha vida, sem sabermos, me fez descobrir outra direção. Com você ao meu lado, pude seguir por um caminho mais bonito do que o que eu poderia desejar. Grata por ter segurado minha mão, quando foi preciso, por ter me dado colo, pela cumplicidade e pelo amor que vai além. Muito além. Amo você! Obrigada Cezar, por me ensinar, todos os dias, sobre a vitalidade, a solidariedade, a política, o amor e o bem viver. Obrigada por ter gestado tanta coisa boa para esse mundo, obrigada pela Biodança, pela Psicologia Comunitária, pelos ensinamentos e pela sua existência. E à Ana Liz, que chegou pra trazer luz! Especialmente, por todas as vezes que veio me tirar do computador, me fazer cantar, relembrar a infância e gargalhar.

Gratidão à minha orientadora, pela caminhada de tantos anos, pela confiança, pelo cuidado, pelos afetos. Com você aprendo muito do que quero ser. Com você me sinto mais segura para caminhar nesse mundo que, às vezes, é tão difícil. Com você, vejo que é possível nutrir a esperança e fortalecer a ciência, em prol de um mundo melhor. Sua competência e sensibilidade me fazem admirá-la, cada vez mais.

Obrigada à banca examinadora, por ter aceitado o convite, pelas contribuições e compromisso com meu trabalho. Isso é tão importante! Magda Dimenstein, James Moura, Celecina Sales, Diniz, vocês são como guias que abrem caminhos e oferecem luz, à mim e à tantos. Agradeço pela coragem de seguir!

Gratidão (e suspiros) aos meus amigos, que chegaram como presente da pós-graduação e que são como uma poesia tatuada em minha existência. À Andrea, minha amiga querida, com quem converso através de olhares, com quem divido a vida e a esperança. Quero você, pra sempre, comigo! À minha párea, Marcia Kelma, com você aprendi a ser mulher, em você vejo a mãe que posso ser e a professora que quero me tornar. Minha admiração, carinho e gratidão por toda a força, por toda esta caminhada. À Aparecida, pela empatia e amorosidade que tornam nossos encontros mais gostosos. Você é como a liberdade de viver, é como a poesia mais bonita. Amo-a, como vinho e poesia.

Ao meu NUCOM, nosso terreno fértil de amor e luta. Aos queridos David, Naty, Kevin, Kelly, Lílian, Júlia Monte, Marília, Marina, Natacha, Paulo, Thaís, Elívia, Barbara por todos os sorrisos, confidências e parcerias. Por me fazerem reacreditar numa Psicologia para os mais oprimidos. Aos bolsistas que me ajudaram com a pesquisa, um obrigada especial: Sara e Andrezza, vocês foram essenciais!

À minha querida FLF, de onde tenho orgulho de trabalhar. À Georgia Feijão, por sua competência e atenção cotidiana para com cada um. À Ana Helena, pelas trocas teóricas, afetivas e pela presença. Ao Ângelo, Eudes, Malu, Samara pelos cafés e chocolates. À Marcia Almeida, por sua atenção e gentileza, que eu conheço bem, há tempos. Ao amigo Alex Granjeiro, pela disponibilidade e delicadeza diante dos socorros pedidos. À cada um que, a seu modo, partilha desse compromisso de construir uma docência com decência.

Aos meus alunos e alunas, que dão sentido à minha trajetória profissional. Aos meus orientados, com quem posso experimentar o exercício da pesquisa, com rigor e sensibilidade. Não poderia esquecer! Agradeço à cada um de vocês que me saltam a memória neste instante de lembrança, sou grata por cada provocação, cada inquietação, cada aula/orientação que me dava a sensação de aprender mais do que ensinar. Agradeço especialmente, aqueles que estiveram comigo em campo, na busca para a realização desta pesquisa: Jéssica Mont'Alverne, sensível, afetiva e tão inteligente, Nicolle, sagaz, ousada e competente, Luiza, corajosa e resiliente, Maria, tão cheia de sonhos, Rafa, esforçada, Sara, política, sensível e inteligente, Eduarda, pelo espírito de fazer acontecer e Yara, por sonhar e acreditar. Seguiremos juntas por muitos caminhos! É o que desejo.

Por fim, agradeço à UFC, aos diretores e vices do *campus* Sobral professor Vicente e professor João Guilherme, por ter prontamente, topado o desafio desta pesquisa. Ao setor de Assistência Estudantil, especialmente a Ilana, assistente social, com quem pude contar em todos os momentos. Aos estudantes que participaram da pesquisa, pelo

interesse e contribuição. À todos estudantes que lutam, cotidianamente, para se manter na universidade, por acreditarem nesse sonho e assim, inspirarem tantos outros a também acreditar. É assim que fortalecemos uma corrente de sonhos possíveis.

Por fim, preciso reconhecer e registrar: É graças à presença de cada um de vocês que a esperança permanece viva em mim! Gratidão!

*Tira-me o pão, se quiseres,
tira-me o ar, mas
não me tires o teu riso.*

*Não me tires a rosa,
a flor de espiga que desfias,
a água que de súbito
jorra na tua alegria,
a repentina onda
de prata que em ti nasce.*

*A minha luta é dura e regresso
por vezes com os olhos
cansados de terem visto
a terra que não muda,
mas quando o teu riso entra
sobe ao céu à minha procura
e abre-me todas
as portas da vida.*

*Meu amor, na hora
mais obscura desfia
o teu riso, e se de súbito
vires que o meu sangue mancha
as pedras da rua,
ri, porque o teu riso será para as minhas
mãos
como uma espada fresca.*

*Perto do mar no outono,
o teu riso deve erguer
a sua cascata de espuma,
e na primavera, amor,
quero o teu riso como
a flor que eu esperava,
a flor azul, a rosa
da minha pátria sonora.*

[...]

(Teu riso. Pablo Neruda)

RESUMO

Esta pesquisa está situada no campo de estudos sobre Psicologia, juventude e pobreza, e se dedicou a aprofundar as implicações psicossociais da migração de jovens camponeses para a saúde mental, no ensino superior. Diante disso, pretende-se problematizar as implicações psicossociais do processo de migração rural-urbano e como este produz interferências para o sentimento de comunidade, a inserção universitária, os modos de sociabilização e integração que, em conjunto, pode repercutir na saúde mental dos estudantes universitários. A pergunta de partida é: como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano reverberam na saúde mental dos jovens universitários, de origem camponesa? O objetivo geral é analisar como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano reverberam na saúde mental dos jovens universitários, de origem camponesa. Para tanto, empreendeu-se uma abordagem mista, onde, na primeira etapa, de caráter quantitativo, ocorreu a aplicação de um questionário, em uma amostra de 138 sujeitos. Esses dados quantitativos foram tabulados e analisados com o auxílio do software SPSS 21.1. Foram realizadas análises descritivas, Teste T, Correlação, ANOVA e Regressão. Na segunda etapa, ocorreram quatorze entrevistas, registradas em áudios, transcritas e analisadas com o auxílio do software Atlas ti 5.2, através da análise de conteúdo. Os sujeitos participantes foram estudantes da Universidade Federal do Ceará, campus Sobral, que participavam do Programa Auxílio Moradia, da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. São estudantes dos cursos de graduação em Medicina, Ciências Econômicas, Engenharia da Computação, Engenharia Elétrica, Música, Odontologia e Psicologia. A grande maioria dos jovens retornava sua comunidade pelo menos duas vezes ao mês, mas não pensavam em voltar a fixar moradia no contexto rural. O sentimento de comunidade adquiriu nova configuração psicossocial, pois se, em gerações anteriores, o jovem migrante tinha interesses em retornar à sua comunidade, a realidade atual sinaliza grandes diferenças. O jovem reconhece a importância sair do seu lugar de origem, para crescer e se desenvolver na cidade, no entanto, em paralelo, tende a nutrir uma vinculação positiva, demonstrando um sentimento de comunidade representado pela relação de prazer e descanso. Sobre a saúde mental, mais da metade dos estudantes pesquisados estão em situação considerada de risco para a ocorrência de Transtornos Mentais Comuns, caracterizado principalmente pelo decréscimo de energia vital. A pobreza e a migração são condições que podem vulnerabilizar o sujeito ao adoecimento. Por outro lado, o acesso a política de assistência

estudantil é um fator que contribui com o enfrentamento a pobreza e a ascensão educacional do jovem que vem do campo. Com isso, conclui-se que o adoecimento psíquico vem se manifestando nos estudantes através de sintomas somáticos e problemas de integração social no ensino superior, pouco reconhecido como indícios de comprometimento psicológico. Por fim, ressalta-se que a rede suporte social é fundamental para a recriação de um ambiente acadêmico mais favorável à saúde mental dos estudantes.

Palavras-Chave: Juventude. Educação Superior. Pobreza. Saúde Mental.

ABSTRACT

This research is in the field of Psychology, youth and poverty, and is dedicated to further the psychosocial implications of the migration process of young people towards studying mental health, in higher education. Thus, we seek to problematize the psychosocial implications of the rural-urban migration process and how it interferes with the sentiment of community, the university entry, the ways of sociability and integration which, jointly, can have an impact on college students mental health. The starting question is: how do the psychosocial implications of the rural-urban migration processes impact the mental health of young college students, of countryside origins? The main objective is to analyze how these psychosocial implications of the rural-urban migration processes impact the mental health of young college students, of countryside origins. For this purpose, a mixed approach was adopted, whereas, in the first stage, of quantitative type, a questionnaire was applied, with a group of 138 subjects. The quantitative data was tabulated and analyzed by using the SPSS 21.1 software. Among the procedures done, we can name descriptive analysis, T Test, Correlation, ANOVA and Regression. In the second stage, we have done fourteen interviews, with audio recording, with later transcription and analysis with the help of the Atlas ti 5.2 software, and through Content Analysis. The participating subjects were both students from the Sobral Campus, of the Federal University of Ceará, and also participants of the Housing Aid Program, from the Student Affairs Department. They were all students from the undergraduate courses of Medicine, Economic Sciences, Computer Engineering, Electrical Engineering, Music, Odontology and Psychology. Most students visited their home community at least twice a month, mas did not consider moving back permanently to the rural area. The sentiment of community acquired a new psychosocial configuration, due to the fact that the young migrants no longer showed interest in returning to their hometowns. They consider moving away from their hometowns as an important step towards growing up and developing, however, they tend to demonstrate a sentiment of community represented by a relation of pleasure and rest. Regarding mental health, more than half of the participating students are in a situation of risk for the occurrence of Common Mental Disorders, characterized by the decrease of vital energy. Poverty and Migration are conditions that can increase the vulnerability of the subject to illnesses. On the other hand, the access to a student aid policy is a factor that contributes to confronting poverty and the educational ascension of the young student from a rural area. So, we reach the conclusion that the manifestation of

psychological distress has been occurring in students through somatic symptoms and social integration problems in higher education, not often recognized as indications of psychological compromise. Finally, it is important to note that a social support network is fundamental to recreating an academic environment more favorable to the mental health of the students.

Keywords: Youth. Higher Education. Poverty. Mental Health.

RESUMEN

Esta investigación se sitúa en el campo de los estudios sobre psicología, juventud y pobreza, y se dedicó a profundizar las implicaciones psicosociales de la migración de jóvenes campesinos a la salud mental en la educación superior. En vista de esto, se pretende problematizar las implicaciones psicosociales del proceso de migración rural-urbana y cómo produce interferencias para el sentimiento de comunidad, la inserción universitaria, los modos de socialización e integración que, juntos, pueden tener un impacto en la salud mental de los estudiantes universitarios. La pregunta orientadora es: ¿Cómo repercuten las implicaciones psicosociales de los procesos de migración rural-urbana en la salud mental de los jóvenes universitarios, de origen campesino? El objetivo general es analizar cómo las implicaciones psicosociales de los procesos de migración rural-urbana repercuten en la salud mental de los jóvenes universitarios, de origen campesino. Con este fin, se emprendió un enfoque mixto, donde, en el primer paso, de carácter cuantitativo, se aplicó un cuestionario a una muestra de 138 sujetos. Estos datos cuantitativos fueron tabulados y analizados con la ayuda del software SPSS 21.1. Se realizaron análisis descriptivos, prueba t del estudiante, correlación, ANOVA y regresión. En la segunda etapa, se realizaron catorce entrevistas, grabadas en audios, transcritas y analizadas con la ayuda del software Atlas ti 5.2, a través del análisis de contenido. Los sujetos participantes fueron estudiantes de la Universidad Federal de Ceará, *campus* de Sobral, que participaron en el Programa de Ayuda para la Vivienda, del Decano de Asuntos Estudiantiles. Son estudiantes de cursos de pregrado en medicina, ciencias económicas, ingeniería informática, ingeniería eléctrica, música, odontología y psicología. La gran mayoría de los jóvenes regresó a su comunidad al menos dos veces al mes, pero no pensó en regresar a la vivienda en el contexto rural. El sentimiento de comunidad adquirió una nueva configuración psicosocial, porque si, en generaciones anteriores, el joven migrante tenía interés en regresar a su comunidad, la realidad actual señala grandes diferencias. El joven reconoce la importancia de dejar su lugar de origen para crecer y desarrollarse en la ciudad, sin embargo, en paralelo, tiende a cultivar una conexión positiva, demostrando un sentido de comunidad representado por la relación de placer y descanso. Con respecto a la salud mental, más de la mitad de los estudiantes encuestados se encuentran en una situación considerada de riesgo para la aparición de trastornos mentales comunes, caracterizados principalmente por la disminución de la energía vital. La pobreza y la migración son condiciones que pueden hacer que el sujeto

sea vulnerable a la enfermedad. Por otro lado, el acceso a la política de asistencia estudiantil es un factor que contribuye a combatir la pobreza y el crecimiento educativo de los jóvenes que vienen del campo. Por lo tanto, se concluye que la enfermedad psíquica se ha manifestado en los estudiantes a través de síntomas somáticos y problemas de integración social en la educación superior, poco reconocida como evidencia de deterioro psicológico. Finalmente, se enfatiza que la red de apoyo social es fundamental para la recreación de un ambiente académico más favorable para la salud mental de los estudiantes.

Palabras clave: Juventud. Educación universitaria. Pobreza. Salud mental.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Explicitação da problemática da pesquisa	27
Figura 2	Mapa das categorias e subcategorias de análise.....	51
Figura 3	Mapa Geral do Ceará.....	59
Figura 4	Mapa de localização - regiões mais frequentes na pesquisa.....	59
Figura 5	Gráfico da frequência das regiões mais incidentes no estudo.....	60
Figura 6	Mapa categorial do Sentimento de Comunidade.....	99
Figura 7	Mapa conceitual da categoria saúde mental.....	139
Figura 8	Mapa Conceitual das Estratégias de enfrentamento e fortalecimento da saúde mental.....	141
Figura 9	Mapa Conceitual da relação entre Saúde Mental e Adoecimento Psíquico.....	147

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	Frequência dos participantes da pesquisa por área de conhecimento..	33
Tabela 2	Perfil geral dos participantes da etapa qualitativa.....	34
Tabela 3	Dimensões e Indicadores do Índice de Mensuração da Pobreza Multidimensional.....	42
Tabela 4	Alfa de Cronbach por item da Escala de Senso de Comunidade.....	47
Tabela 5	Relações entre objetivos específicos, categorias teóricas, métodos de pesquisa e capítulos da Tese.....	49
Tabela 6	Dados do cálculo do IPM e suas dimensões.....	85
Tabela 7	Frequência dos cursos.....	87
Tabela 8	Ano e porcentagem da Revisão Sistemática sobre SC.....	97
Tabela 9	Anova e Teste T do Sentimento de Comunidade Total e os Fatores EISES-R.....	117
Tabela 10	Frequência de retorno a comunidade de origem.....	119
Tabela 11	Análise de regressão múltipla EISES RP e EISES EE.....	128
Tabela 12	Ano e porcentagem da Revisão Sistemática sobre SM.....	137
Tabela 13	Países e percentual de produção.....	137
Tabela 14	Caracterização Metodológica dos Estudos.....	138
Tabela 15	Síntese da Frequência do SRQ-20.....	153
Tabela 16	Risco de TMC.....	155
Tabela 17	Teste de Levene.....	156
Tabela 18	Cálculo das médias dos fatores.....	157
Tabela 19	Análise de Regressão dos Fatores do TMC.....	158
Tabela 20	Correlação entre o fator 4 e a escala de suporte social.....	159
Tabela 21	Análise de Regressão Linear.....	159
Tabela 22	Média por Item da Escala de Suporte Social.....	160

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFE	Análise Fatorial Exploratória
ANOVA	Análise de Variância
BIA	Bolsa de Iniciação acadêmica
BR	Brasil
CAEE	Certificado de Apresentação para Apreciação Ética
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CAPS	Centros de Atenção Psicossocial
CE	Ceará
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CH	Centro de Humanidades
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONSUNI	Conselho Universitário
CUCA	Centro Urbano de Cultura, Ciência, Arte e Esporte
DP	Desvio Padrão
DSS	Determinantes Sociais da Saúde
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
EE	Equilíbrio Emocional
EISES-R	Escala de Integração Social no Ensino Superior - Revista e Aumentada
EPSS	Escala de Percepção de Suporte Social
ESC	Escala Senso de Comunidade
EUA	Estados Unidos da América
FLF	Faculdade Luciano Feijão
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia Estatística
IES	Instituição de Ensino Superior
IFES	Instituição Federal do Ensino Superior
IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IPM	Índice de Pobreza Multidimensional
KMO	Teste Kaiser-Meyer-Olkin

M	Média
MANOVA	Análise Multivariada de Variância
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
MEDLINE	Medical Literature Analyss And Retrievel System
MG	Minas Gerais
NE	Nordeste
NUCOM	Núcleo de Psicologia Comunitária
PBF	Programa Bolsa Família
P-Docs	Primary Documents
PID	Programa de Iniciação a Docência
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio
PNAES	Plano Nacional de Assistência Estudantil
PNAS	Política Nacional de Assistência Social
PNJ	Política Nacional da Juventude
PRAE	Pró Reitoria de Assistência Estudantil da UFC
PROUNI	Programa Universidade para Todos
PSB	Proteção Social Básica
RA	Relação com Amigos
RAPS	Rede de Atenção Psicossocial
RC	Relação com Colegas
REDALYC	Rede de Revista Científica da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RF	Relação com Família
RP	Relação com os Professores
RU	Restaurante Universitário
RV	Revisão Sistemática
SAPPE	Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante
SC	Sentimento de Comunidade
SM	Saúde Mental
SNJ	Secretaria Nacional da Juventude
SP	São Paulo

SPA	Serviço de Psicologia Aplicada
SPSS	Statistical Product and Service Solutions
SRQ-20	Self-Reporting Questionnaire - 20
SS	Suporte Social
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
TMC	Transtornos Mentais Comuns
UFC	Universidade Federal do Ceará
UH	Unidade Hermenêutica
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UVA	Universidade Vale do Acaraú

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	23
2	PERCURSO METODOLÓGICO: O INTINERÁRIO DA PESQUISA	30
2.1	Tipo de pesquisa: os desafios da abordagem mista	30
2.2	O contexto da pesquisa	31
2.3	Sujeitos participantes	32
2.4	O processo de inserção e construção dos dados.....	35
2.5	As etapas da pesquisa e os instrumentos metodológicos utilizados.....	40
2.5.1	<i>Primeira etapa: fase quantitativa</i>	40
2.5.2	<i>Segunda etapa: fase qualitativa</i>	48
2.6	Análise dos dados	50
2.7	Compromisso social e ético da pesquisa	52
3	JUVENTUDES E SEUS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL- URBANA: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS	54
3.1	Os bastidores da juventude no Brasil: a história e seu viés ideológico?.....	55
3.2	Juventude de origem rural “versos” juventude camponesa	57
3.3	Entendendo a relação entre o sertão e a cidade: perspectivas e escolhas.....	63
3.4	Os processos migratórios: os jovens que saem do rural/campo e do interior para a cidade/urbano	70
3.5	As ruralidades e a pobreza no Nordeste Cearense	77
3.6	O modo de vida dos jovens migrantes e “cabras da peste”: havia a pobreza no meio do caminho	80
3.6.1	<i>A realidade de pobreza (nor)destinando o modo de vida dos jovens estudantes universitários</i>	83
3.7	Os processos de migração e algumas reflexões sobre seus efeitos psicossociais	89
4	REFLEXÕES SOBRE O SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SUAS REPERCUSSOES FRENTE A MIGRAÇÃO E A INSERÇÃO DO JOVEM CAMPONÊS NA UNIVERSIDADE	95

4.1	Revisão sistemática sobre sentimento de comunidade	96
4.2	Características dos estudos e organização das categorias de análise	97
4.2.1	<i>Ano e lugar de origem das produções</i>	97
4.3	Análise e discussão das categorias encontradas na revisão sistemática.....	98
4.3.1	<i>Sentimento de comunidade e suas articulações</i>	99
4.3.2	<i>Macro categorias: comunidade e apego ao lugar/pertencimento</i>	99
4.3.3	<i>Contextos de opressão</i>	100
4.3.4	<i>Estratégias psicossociais de fortalecimento</i>	101
4.4	Comunidade e sentimento de comunidade: uma exposição histórica e conceitual.....	104
4.5	Sentimento de comunidade e suas possíveis articulações com as novas ruralidades.....	109
4.6	A migração rural-urbana e seus reflexos para o sentido de comunidade dos jovens	113
4.7	Sentimento de comunidade, no contexto rural, e suas articulações com a integração social do jovem na universidade.....	116
4.8	Discussões sobre a inserção do jovem camponês na universidade.....	122
5	A INSERÇÃO DE JOVENS CAMPONESES NO COTIDIANO UNIVERSITÁRIO E SUAS REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL	132
5.1	Saúde mental e sua amplitude como categoria deste estudo	133
5.2	Revisão sistemática sobre saúde mental universitária.....	135
5.2.1	<i>Características gerais dos estudos analisados</i>	136
5.2.2	<i>Concepções de adoecimento psíquico e saúde mental</i>	138
5.2.3	<i>Estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico e fortalecimento da saúde mental</i>	141
5.3	Saúde mental universitária no Brasil: apontamentos históricos e a realidade contemporânea.....	144
5.4	A naturalização do adoecimento psíquico entre os jovens estudantes universitários.....	146
5.4.1	<i>Indícios do adoecimento psíquico e os fatores de risco à saúde mental</i>	149

5.4.2	<i>Os problemas de saúde mental: manifestações e silenciamentos.....</i>	153
5.5	Como a saúde mental se relaciona ao suporte social no cotidiano acadêmico dos universitários?	158
5.5.1	<i>O Suporte Social (SS) percebido entre os jovens universitários</i>	159
5.6	De camponeses à universitários: sobre a inserção acadêmica e o cotidiano de jovens universitários	159
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	179
	REFERÊNCIAS	187
	APÊNDICES	213
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – QUESTIONÁRIO	214
	APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) – ENTREVISTA	216
	APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA	218
	APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA SOBRE SENTIMENTO E DE COMUNIDADE E SAÚDE MENTAL DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS, DA UFC-SOBRAL	219
	APÊNDICE E - CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS INCLUÍDOS NA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE SENTIMENTO DE COMUNIDADE NA BASE DE DADOS REDALYC.....	231
	APÊNDICE F - CARACTERIZAÇÃO DOS ARTIGOS INCLUÍDOS NA REVISÃO SISTEMÁTICA SOBRE SAÚDE MENTAL.....	233
	ANEXO	235
	ANEXO A - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	236

1 INTRODUÇÃO

“Que a importância de uma coisa não se mede com fita métrica nem com balanças nem barômetros etc. Que a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós” (MANOEL DE BARROS).

Esta pesquisa está situada no campo de estudos sobre juventude, saúde mental e pobreza e tem como foco a compreensão das implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano de jovens estudantes universitários. Essas implicações psicossociais reverberam nos modos de vida e socialização desses jovens, no sentimento de comunidade e na saúde mental.

O interesse por essa temática vem do meu percurso pessoal, antes de tudo. Nascida em uma cidade interiorana, com poucas perspectivas de acessar o ensino superior em um curso de meu interesse, via-me frente ao dilema de ter que ir morar na capital, longe da família e dos vínculos de segurança. Foi graças à uma política de interiorização do ensino superior, no governo Lula, em 2001, responsável pela inauguração do curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, *campus* Sobral, que pude ter acesso à universidade. Posteriormente, para acessar a pós-graduação, novamente me deparava com o dilema da migração e as dificuldades de morar numa cidade grande e prover meu sustento. O sonho de fazer mestrado e doutorado foi o que me levou à morar na capital, Fortaleza, e só se tornou possível graças à uma bolsa de estudo (mestrado), que garantiu as condições objetivas de vida, e aos amigos e professores que foram base para o sustento emocional.

Durante o Mestrado, participei de um projeto de pesquisa intitulado “Impactos da Pobreza no Desenvolvimento da Saúde Comunitária - Avaliação Psicossocial das Comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e Canafístula (Apuiarés/Ceará)”, vinculado ao Diretório de Pesquisa do CNPq: “NUCOM¹ - identidade, comunidade e sustentabilidade”. Isso me permitiu estudar a categoria pobreza, aproximou-me da realidade da juventude pobre em contextos rurais, produzindo inquietações sobre as contribuições da Psicologia Social e Comunitária. As experiências no Mestrado e no NUCOM, tornaram-se um terreno fértil de inspiração e provocação para pesquisar a juventude camponesa, no nordeste brasileiro. Assim, nosso compromisso com esta tese consiste em trazer à tona uma juventude camponesa que vai morar na cidade

¹ Núcleo de Psicologia Comunitária, do curso de Psicologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

para fazer uma graduação e, nesse percurso, depara-se com desafios de vida que os pressionam a construir caminhos de (re)existência.

Sousa e Sales (2012) apontam que a realidade do jovem camponês se caracteriza pela necessidade que tem de trabalhar e contribuir com a renda familiar, o que muitas vezes faz com que tenha menos chances, do que o jovem que vive na cidade, de investir na formação acadêmica e na qualificação profissional. Com isso, tem-se as dificuldades e os desafios que o jovem enfrenta, especificamente no campo, como as escassas perspectivas de estudos, formação e especialização, poucas possibilidades de emprego, em uma realidade ainda atravessada pela dificuldade de acesso à informações, lazer, cultura, esporte e espaços coletivos de socialização.

Vale considerar que o contingente juvenil não é pequeno, no nosso país. Segundo dados mais recentes do PNAD (2006) os jovens correspondem à 27% da população total brasileira, dentre os quais tem-se 4,5% de jovens rurais. No Brasil, em 2012, 16,3 % de jovens eram residentes na área rural; no Nordeste, 27,4%; e, no Ceará, 21,7%, jovens que viviam no contexto rural (IBGE, 2012). A população jovem no campo tem reduzido, os jovens estão se configurando, cada vez mais, a minoria, pois eles tem deixado de reproduzir a sucessão de papéis na agricultura familiar e demonstrado outros interesses, estimulando o êxodo e a mobilidade.

Brumer (2007) afirma que, historicamente, a migração aparece relacionada aos atrativos da cidade grande e aos aspectos negativos do meio rural. Dentre esses atrativos, havia a possibilidade desses jovens investirem nos estudos e na formação, o ensino superior passa a ser visto como uma necessidade exigida ao jovem para qualificação e inserção no mercado de trabalho urbano, o que possibilita ao jovem não reproduzir, na cidade, a mesma condição do trabalho pesado e pouco valorizado que viveu no campo. Todavia, frequentar o ensino superior representa também motivo simbólico, de reconhecimento social e identificação (ZAGO, 2016). Nesse sentido, além do desafio da migração do rural para o urbano, que envolve questões psicológicas, esse jovem se depara com os desafios próprios da transição para a vida adulta e do ingresso no ensino superior, caracterizado pela competição entre os jovens, pouca preparação para enfrentar as exigências acadêmicas e ajustar-se ao novo modo de vida (SILVEIRA, *et al.*, 2011). Além disso, tem-se também as dificuldades sociais e econômicas, uma vez que esses jovens, em sua maioria, advêm de classes pobres.

A discussão sobre democratização do ensino superior vem se fazendo necessária por conta das condições precárias de grande parte da população jovem (entre 15 e 24

anos) que cresceu expressivamente nas últimas décadas, alcançando o índice de 34,1 milhões no ano de 2000. Do total de jovens no Brasil, “31,3% podem ser considerados pobres, pois vivem em famílias com renda domiciliar *per capita* de até ½ salários mínimos (por volta de R\$ 230,00), enquanto apenas 8,6% pertencem a famílias com renda domiciliar *per capita* superior a 2 salários mínimos” (CASTRO; AQUINO, 2008, p. 25). Zago (2006) aponta a pequena representatividade de jovens (18-24 anos) de baixa renda no ensino superior, em 2006, apenas 9% frequenta o ensino superior, um dos percentuais mais baixos da América Latina.

Dados de uma pesquisa realizada pela Andifes (2018) apontam uma transformação desse cenário. Um destaque merecer ser dado, nesta pesquisa, ao percentual de estudantes com renda familiar mensal até 1,5 salário mínimo que, em 2018 passou a representar 70,2% do total dos estudantes da graduação. Segundo essa mesma pesquisa, o percentual de cotistas também mudou de 3,1%, em 2005, para 48,3%, em 2018. Em relação a raça tínhamos em 5,9% em 2009, e o avanço para 12% em 2018. Com isso, pode-se constatar que o perfil do estudante de graduação no Brasil, tem se aproximado mais do perfil do jovem brasileiro: de baixa renda e negro, além disso, a realidade das cotas tem se evidenciado nesses anos. Isso nos remete à dívida histórica que temos com essa população e que está relacionado aos novos corpos que passam a habitar o cotidiano universitário.

A realidade social e cultural, no Brasil, vêm mostrando diferenças históricas significativas, produzindo temáticas inéditas e recentes. Observa-se um novo cenário, no qual a universidade brasileira passa a contar com uma diversidade maior de perfis socioeconômicos, étnicos, geracionais e de gênero, marcada pela multiplicidade, diversidade e heterogeneidade. Essa mudança foi favorecida pelas políticas de acesso ao ensino superior, nos anos de 2003 à 2011, com o presidente Luís Inácio Lula da Silva, e de 2011 à 2016, com a presidenta Dilma Rousseff. Por conta dessas políticas, foi possível incorporar jovens, adultos, homens, mulheres, oriundos de classes sociais, raça/etnia e regiões de moradia tradicionalmente excluídas desse nível de ensino (CORROCHANO, 2013). Entende-se que estas transformações foram na direção de amenizar o ciclo de reprodução da pobreza, já que “um alto percentual de estudantes passou a ser a primeira geração universitária da família. Este é um indicador importante na análise da chamada mobilidade social ascendente, bem como na redução da desigualdade social baseada nos anos de escolaridade” (RISTOFF, 2013, p. 3).

O ingresso do jovem pobre camponês no ensino superior é um fenômeno complexo, com várias nuances que precisam ser evidenciadas e questionadas. Isso é corroborado por Astigarra (2010), que constatou a parca existência de estudos e pesquisas científicas sobre jovens da classe popular na universidade. Esse cenário exige novas reflexões, à medida em que “olhar para a universidade e para os jovens universitários pode se constituir em uma melhor maneira de compreender muitos dos dilemas vividos na sociedade brasileira contemporânea” (CORROCHANO, 2013, p. 24). Por concordar com isso, Carrano (2009, p. 216) destaca a importância de se formular “problemáticas relacionadas com a longevidade escolar de classes populares, pesquisas sobre a vida no *campus* universitário, assistência e moradia estudantil, especialmente quando procuram conhecer a experiência de jovens estudantes assistidos [...]”.

Não é por acaso que ensino superior tem sido tema de discussões fervorosas, principalmente nas duas últimas décadas, em que preponderam questionamentos acerca do compromisso social das universidades com a sociedade. A entrada das diversidades no cotidiano acadêmico tem gerado a urgência de se pensar nos modos de permanência desses jovens na universidade. Assim, fazem-se necessárias discussões acerca da elaboração e implementação de Políticas de Assistência Estudantil no intuito de prover fontes de apoio para o acesso, permanência e acompanhamento desses estudantes no ensino superior. Desse modo, justifica-se a importância de investir em problemas de pesquisa que envolvam a temática dos jovens estudantes universitários, “problematizando a situação de um sistema universitário que se abre para as massas antes excluídas do ensino superior, sem garantir as condições de sua permanência [...]” (CARRANO, 2009, p. 215). A permanência na universidade, passa pela inserção que implica a construção de uma teia relacional que os jovens vão tecendo entre si, com o ambiente universitário e com os outros lugares em que habitam, afinal a experiência e o desempenho do estudante não se restringem apenas à vivência da sala de aula.

Um fator decisivo na vivência do estudante universitário está nas dificuldades de adaptação à novas situações, “por exemplo, adaptação à cidade, à moradia, ou separação da família, entre outras, foi reportada como significativa por 43% dos estudantes, sem diferenças significativas entre as regiões” (FONAPRACE, 2011). Para Accorsi (2015), a experiência universitária é geradora de sofrimento para parte dos estudantes de ensino superior, pois envolve muitos fatores que incidem sobre a vivência dos estudantes. De acordo com uma pesquisa realizada pelo FONAPRACE, apontou-se que os três, dentre os principais prejuízos decorrentes de problemas emocionais são “falta de motivação para

estudar ou dificuldades de concentração (61%), baixo desempenho acadêmico (48%), reprovações (31%) [...]” (FONAPRACE, 2011, p. 42). Além disso, segundo essa mesma fonte, 29% dos estudantes já procuraram atendimento psicológico.

Vê-se que esses dados são alarmantes e mostram números reveladores da dificuldades sócio emocionais vivenciadas e silenciadas pelo estudantes no ensino superior. Os desafios da inserção no ambiente universitário são vastos, incluem as relações dos estudantes uns com os outros e com os professores, lidar com as questões burocráticas da universidade, as metodologias de ensino, que muitas vezes não são adequadas à cultura e ao modo de aprendizagem desses jovens (ACCORSI, 2015). Esses fatores podem gerar baixo rendimento acadêmico, isolamento social e, em níveis mais graves, sintomas de somatização, ansiedade, ansiedade fóbica, transtornos obsessivo-compulsivos e depressão (ESPIRITO-SANTO; MATRENO 2015).

Por outro lado, podemos pontuar também que diante da parca possibilidade de crescimento e de escolha profissional do jovem no rural, a saída do campo e o acesso ao ensino superior representam a possibilidade de desenvolvimento pessoal, profissional e de sua autonomia financeira e emocional. O acesso à educação pode “favorecer positivamente à saúde mental, pois amplia as possibilidades de escolhas pessoal e profissional, interfere na autoestima e na busca por conhecimentos” (VIDAL *et al.*, 2014, p. 2010), representando um caminho de fortalecimento e transformação para esse jovem.

A partir do exposto, tem-se como **pergunta de partida**: Como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbana reverberam na saúde mental dos jovens universitários de origem camponesa?

Destarte, é fundamental demarcar os pressupostos desta tese. O primeiro pressuposto parte da ideia que o jovem tem um sentimento de comunidade associado ao rural. O segundo pressuposto parte da compreensão que esse sentimento de comunidade pode sofrer efeitos a partir dos processos de migração, dos modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade. E o terceiro pressuposto indica que a migração urbano-rural e a inserção universitária pode produzir interferências na saúde mental desses estudantes universitários (Figura 1).

Figura 1 - Explicitação da problemática da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

A **problemática desta pesquisa** busca evidenciar as contradições existentes no processo de migração dos jovens na relação campo-cidade. Parte-se da compreensão que esse processo é atravessado pelo sentimento de comunidade, associado ao rural e que, este, por sua vez, pode interferir na inserção universitária e nos modos de socialização e integração. A comunidade rural pode representar segurança afetiva e emocional e também poucas possibilidades de acesso ao estudo qualificado e à trabalhos diversificados. Quando estes jovens vão para cidades de maior porte, tendem a idealizar uma realidade e se movem guiados por suas expectativas e sonhos na busca de formação acadêmica e de maiores possibilidades de escolha. No entanto, eles se deparam com uma realidade, também contraditória, na qual a conclusão do ensino superior pode representar a transformação de suas vidas, trazer satisfação, realização e saúde mental, entretanto, produz também inúmeras dificuldades e experiências dolorosas que influenciam seus modos de socialização. Esse arranjo de contradições podem impactar na saúde mental do jovem camponês que se torna estudante universitário. Sendo assim, esse caminho escolhido como uma possibilidade de libertação, também está envolto de experiências de opressão, o que nos exige problematizar as implicações psicossociais da migração para a saúde mental desses jovens, no ensino superior.

Portanto, o **objetivo geral** é analisar como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano reverberam na saúde mental dos jovens universitários, de origem camponesa. Os **objetivos específicos** são descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana; compreender como se desenvolve o sentimento de comunidade associado ao rural e sua relação com a inserção universitária, os modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade; conhecer os efeitos do processo de migração rural-urbano para a saúde mental dos jovens camponeses que estão na universidade.

Esta tese está sistematizada em cinco capítulos: O primeiro aborda o ‘percurso metodológico’, versando sobre a metodologia mista, as estratégias de inserção no campo e o contato com os sujeitos participantes. A etapa quantitativa se deu através da aplicação de um questionário construído no processo da pesquisa, enquanto a etapa qualitativa, ocorreu a realização de 14 entrevistas individuais, gravadas em áudios, transcritas e analisadas, de acordo com a análise de conteúdo. Contou-se com 138 jovens no total, oriundos de regiões rurais, que se tornaram estudantes universitários da UFC, *campus* Sobral.

O segundo capítulo, de base qualitativa, articula-se ao objetivo específico voltado para ‘descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana’. Esses modos de vidas são apresentados a partir da discussão sobre a categoria juventudes e ruralidades. O foco é na realidade do sertão nordestino, do Ceará e no fenômeno da pobreza que atravessa a história dos jovens que participaram do estudo. O Índice de Mensuração da Pobreza (IPM) demonstrou como essa pobreza se manifesta, considerando aspectos como habitação, trabalho e renda, educação, saúde e a dimensão subjetiva.

O terceiro capítulo busca, através de dados mistos, contemplar o objetivo específico dedicado à ‘compreender como se desenvolve o sentimento de comunidade associado ao rural e sua relação com a inserção universitária, os modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade’. Inicialmente, apresenta-se uma revisão sistemática realizada na base de dados Redalyc, situando a produção sobre sentimento de comunidade. Segue-se com uma panorama o sobre comunidade e sentimento de comunidade e as discussões sobre as novas ruralidades. Destaca-se, como parte importante, a problematização entre os processos de migração e integração do jovem na universidade. Com base nos resultados do EISES e da escala Sentido de Comunidade foram realizadas análises descritivas, Teste T, Correlação, ANOVA e Regressão.

O quarto capítulo segue na direção de atender o objetivo específico destinado a ‘conhecer os efeitos do processo de migração rural-urbano para a saúde mental dos jovens camponeses que estão na universidade’. É apresentada uma revisão sistemática sobre saúde mental no ensino superior, que embasa o entendimento de que a saúde mental vai para além dos aspectos psicopatológicos, envolve a dimensão psíquica, social, cultural e pode sofrer interferência dos processos de migração. Para essa discussão, partiu-se dos dados provenientes da aplicação do SRQ-20, da Escala de Suporte Social, onde foram realizados análises descritivas, Teste T e análises de Regressão. São apresentadas também discussões provenientes das entrevistas realizadas.

Por último, as ‘Considerações Finais’ onde contém uma síntese dos dados, os principais resultados, as facilidades e dificuldades do percurso, assim como também visa demarcar as contribuições desta tese, para futuros estudos, a fim de fortalecer, criticamente, a prática da pesquisa mista em Psicologia Social.

2 PERCURSO METODOLÓGICO: O INTINERÁRIO DA PESQUISA

“Não, não tenho caminho novo/O que tenho de novo/é o jeito de caminhar/Aprendi o caminho me ensinou/a caminhar cantando/como convém a mim/e aos que vão comigo/Pois já não vou mais sozinho”

(Thiago de Mello).

Este capítulo apresentará a abordagem metodológica, situando a trilhas, os passos e as direções escolhidas, trata-se de um caminho novo, percorrido com muitos passos, de muitas gentes, como nos inspira Thiago de Mello. Nesse sentido, a pesquisa é como a poesia, não houve um caminho pré-determinado, embora tenha havido um projeto e um planejamento. Foi preciso lançar-se na realidade, conhecê-la para, a partir dela delinear reorganizar e recriar os passos a serem dados, foi preciso exercer uma escuta para além dos ouvidos, que exigiu todos os sentidos. Pesquisar juventude foi, e é, um desafio que nos leva além do lugar capturado, instituído. A desconstrução ocorre desde o início, quando propomos a nos misturarmos com a realidade e com as juventudes que, ao contrário de objeto, atuam como sujeitos da pesquisa.

Partindo dessa perspectiva analítica, ética e política, a seguir, apresentaremos e justificaremos a escolha pela abordagem mista de pesquisa, explicitaremos o que e como ocorreu cada fase do estudo, assim como o processo de inserção no campo e as estratégias de construção e análise realizada para tratar os dados.

2.1 Tipo de pesquisa: os desafios da abordagem mista

A escolha pela abordagem quantitativa se deu pela importância de se referir a dados e indicadores, permitindo generalizar os dados obtidos para o conjunto de sujeitos pesquisados (SERAPIONI, 2000). Além disso, possibilitou contribuir com a construção de dados para amostras maiores, a mensuração de variáveis e estudo de possíveis inter-relações entre estas. Com essa abordagem, os dados foram analisados objetivamente através de uma linguagem matemática na qual os resultados foram mensurados, interpretados e colhidos para fazer uma correlação da realidade empírica com a teoria (SILVA, 2010). Essa perspectiva quantitativa buscou identificar correlações entre as

variáveis constituintes do sentimento de comunidade e da saúde mental e a realidade vivenciada pelos jovens participantes da pesquisa.

Essa análise foi complementada e integrada com a abordagem qualitativa, por acreditarmos que o conhecimento é construído nas relações sociais e está fundamentado em uma compreensão histórica, social, cultural e econômica, o que confere importância à relação pesquisador-pesquisado na construção dos dados. Podemos definir, com Creswell (2010, p. 26) que a pesquisa qualitativa “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”. O tratamento qualitativo se destinou a compreender o objeto de estudo, descrever os processos em sua profundidade, ao longo de um tempo, enquanto o tratamento quantitativo definiu a correlação matemática entre as variáveis, buscando compreender e estudar o fenômeno em sua extensão, definindo como eles ocorrem e as diferenças em suas magnitudes (BREAKWELL *et al.*, 2010).

Esta integração metodológica ofereceu subsídios para compreensão sobre a juventude camponesa e estabeleceu probabilidades de correlação entre sentimento de comunidade e saúde mental, reconhecendo as diversas possibilidades de diálogos que aí se pode entrever. A abordagem qualitativa priorizou a exploração da subjetividade dos jovens e o modo como vivem, através de suas múltiplas expressões. Acessar esse universo de sentidos produzidos e fazer parte desse processo de construção cotidiana foi facilitado pelo uso da pesquisa e seus instrumentos de construção dos dados, mais detalhados a seguir.

Essa investigação de natureza mista (SILVA, G. C. R. F, 2010) permitiu que o uso de métodos quantitativos contribuísse com a mensuração de variáveis dadas a priori, tais como a pobreza multidimensional, sentimento de comunidade e a saúde mental dos sujeitos pesquisados; que aliada, ainda, a métodos qualitativos, permitiu uma aproximação do universo social, cultural e simbólico vivenciado pelos jovens e o modo como eles construíam sentidos e significados acerca de suas respectivas vivências em relação à universidade.

2.2 O contexto da pesquisa

A pesquisa aconteceu na Universidade Federal do Ceará (UFC), *Campus Sobral*, que conta com oito cursos de Graduação. Esta Universidade foi fruto de uma política de expansão do ensino superior, preconizada pelo Governo Lula, em sua gestão de 2003 a

2011. Trata-se de uma política inclusiva que buscou possibilitar que as pessoas mais vulneráveis pudessem estar no ensino superior, principalmente as que não podiam se deslocar para as grandes capitais em busca desse acesso. O curso de Medicina, em 2001, foi o primeiro a ser aprovado. Posterior a isso, em 2006, foram aprovados também, pelo Conselho de Pesquisa e Extensão da UFC, os cursos de Graduação em Ciências Econômicas, Engenharia da Computação, Música, Engenharia Elétrica, Odontologia e Psicologia, congregando, atualmente, cerca uma média de 2.060 estudantes, no total.

Na UFC, *campus* Sobral, as ações estudantis são coordenadas pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE), através de diferentes modalidades: 1) Auxílio Moradia: é um auxílio financeiro para garantir os gastos com despesas e alimentação para aqueles alunos comprovadamente em situações de vulnerabilidade econômica, durante sua permanência no curso. O aluno que recebe esse tipo de auxílio não está impedido de receber outros e nem isento de receber bolsas, por mérito, durante sua formação; 2) Bolsa de Iniciação Acadêmica: destinada também para alunos em condições de vulnerabilidade socioeconômica comprovada, preferencialmente de semestres iniciais, por ser um incentivo caracterizado pela iniciação acadêmica dos alunos nas atividades da universidade e, dessa forma, contribuindo com sua inserção na universidade e garantir sua permanência e seu desempenho satisfatório; 3) Auxílio Emergencial: é um auxílio financeiro emergencial e eventual, diante de situações de vulnerabilidade socioeconômica que não foram supridas com nenhuma das outras ações, com vistas a diminuir a evasão, garantir a permanência e o desempenho satisfatório dos alunos no tempo necessário para que ele conclua².

2.3 Sujeitos participantes

Os sujeitos participantes³ dessa pesquisa foram jovens universitários que vêm de comunidades rurais, de contexto de pobreza. Para delimitar esse perfil, buscamos conhecer as políticas de Assistência Estudantil da UFC, *campus* Sobral. Segundo dados coletados em uma visita inicial junto a PRAE e ao setor de Serviço Social, tinham-se um total de 433 estudantes recebendo auxílio estudantil, dentre os quais 243⁴ com auxílio-

² Informações disponíveis em: <<http://www.sobral.ufc.br/sobre/campus/assistencia-estudantil/>>. Acesso em: 27.11.17, às 17h.

³ Ao longo da tese, esses sujeitos são referenciados com nomes fictícios, por questões éticas de não exposição.

⁴ Dado obtido pela folha de pagamento, do programa Auxílio Moradia, do ano de 2019.

moradia e 100 com bolsas de iniciação acadêmica. Os alunos que já receberam auxílio emergencial representam um quantitativo pequeno, com uma média de 4 pessoas. Os sujeitos dessa pesquisa foram jovens que recebem auxílio moradia, por ser um programa que congrega, em sua maioria, estudantes que vem de regiões circunvizinhas a Sobral, com características rurais, tais como municípios de menor porte, sítios, pequenas comunidades, regiões serranas, praias, etc.

Para a realização do cálculo amostral, vimos com Miot (2011), que há diversas fórmulas para cálculo do tamanho da amostra, neste caso utilizamos uma calculadora amostral disponível *online*⁵, em que obteve-se, para uma população total de 243, uma amostra representativa de, no mínimo 129 sujeitos, com 90% de confiabilidade e 5% de margem de erro.

Diante disso, participaram da pesquisa sujeitos, cujo perfil eram jovens (18-29 anos), estudantes universitários da UFC, *campus* Sobral, participantes do programa auxílio moradia, oriundos de regiões rurais do Ceará. No total foram 152 sujeitos, que responderam ao questionário, correspondente a primeira fase deste estudo, de caráter quantitativo. Deste contingente, 13 foram excluídos por afirmarem ser de origem urbana. Contamos então com 138 questionários válidos, considerando o cálculo da amostra representativa. Dentre a caracterização geral desses sujeitos, temos que são estudantes ingressantes na UFC, *campus* Sobral:

- 63% do sexo masculino e 38% do sexo feminino;
- De 18 à 29 anos, com uma média de 21,5 anos;
- 85,9% deles sendo a primeira vez que cursa o ensino superior;
- Ingressaram entre os anos de 2012 e 2019, de acordo com a distribuição dos cursos por área de conhecimento, como mostra a tabela 1:

Tabela 1: Frequência dos participantes da pesquisa por área de conhecimento.

		Área de Conhecimento			
		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Engenharias	60	42,9	43,5	43,5
	Saúde	33	23,6	23,9	67,4
	Humanidades	12	8,6	8,7	76,1
	Economia e Finanças	19	13,6	13,8	89,9
	Cultura e arte	14	10,0	10,1	100,0
	Total	138	98,6	100,0	
Ausente	Sistema	2	1,4		

⁵ Disponível em: <https://calculareconverter.com.br/calculo-amostral/> - Acesso em 18.03.19, às 12h.

Total	140	100,0
-------	-----	-------

Fonte: Elaborado pela autora.

Dada a organização estrutural do campo de pesquisa, consideramos que a proporção de jovens das engenharias e saúde a foi maior porque existe uma área do *campus* da UFC, destinada especificamente a eles, sendo esse o motivo que facilitou o acesso. Há o campus da medicina também, mas como a carga horário do curso é bem elevada e os alunos se distribuem, desde cedo, entre aulas e estágios em hospitais e centros de saúde, o que justifica a dificuldade maior em acessá-los.

Além do curso, a etapa quantitativa permitiu congregiar outras informações essenciais para a compreensão do perfil dos jovens, a saber:

- 72,3% declararam vir de cidades de pequeno porte, em que 99,3% dizem ser do interior e 0,7% define como capital.

- 49,3% retorna a sua cidade todo final de semana.

Sobre educação e ensino escolar, temos os dados que:

- 26,1% entraram na universidade via cotas sociais, provenientes de escola pública e 25,4% vieram por cotas raciais.

- 69,6% vieram de escolas e cotas raciais, com a ressalva de que não fizeram cursinho.

- A média de anos de estudos do pai foi 7,7 anos e da mãe foi de 9,1 anos.

Sobre a experiência na universidade:

- 53,6% participam ou já participaram de monitoria, 55,1% participaram de programas de iniciação à docência (PID), 55,1% de PET e 55,1% de PIBID;

- 56,1% dos jovens acreditam que horas de estudo em casa influencia o rendimento.

Na etapa qualitativa, participaram das entrevistas, 14 estudantes, mas foram excluídos 2, pois apesar de serem considerados do rural, não é o rural do nordeste, foco maior deste estudo. Os estudantes foram escolhidos para participar dessa etapa, a partir da aplicação dos questionários, onde eles manifestavam o interesse, ou não, em contribuir através da entrevista. As características gerais estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2 – Perfil geral dos participantes da etapa qualitativa.

Nome fictício	Curso	Data de realização	Duração	Sexo	
				F	M
Darckson	Odontologia	21/06/19	17:25		X

Antônia	Psicologia	19/06/19	49:55	X	
Heleno	Música	26/06/19	26:36		X
Davi	Medicina	12/06/19	01:03:00		X
Edilene	Economia	21/06/19	35:07	X	
Fábio	Engenharia Elétrica	12/06/19	28:34		X
Estrela	Psicologia	12/06/19	49:55	X	
Caio	Medicina	12/06/2019	01:03:30		X
Jailson	Engenharia da Computação	16/05/19	01:06:00		X
Juliana	Economia	17/06/19	23:53	X	
Ronaldo	Finanças	18/06/19	21:49		X
Leandro	Finanças	17/06/19	36:09		X
Washington	Engenharia da Computação	22/05/19	49:16		X
Roberta	Música	14/06/19	01:04:00	X	

*F: Feminino

*M: Masculino

Fonte: Elaborado pela autora.

2.4 O processo de inserção e construção dos dados

O contato com o campo para a realização desta pesquisa se deu inicialmente através da Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PRAE) da UFC, *campus* de Fortaleza. Essa aproximação teve o intuito de sondar as possibilidades para realizar o estudo com os estudantes da residência universitária (em Fortaleza). Contamos a psicóloga responsável pelo serviço, que nos recebeu e nos encaminhou para uma reunião com a Coordenadora, responsável pelo setor. Depois de algumas tentativas para marcar essa reunião, chegou a informação de que não seria possível a realização da pesquisa, pois o setor estava passando por algumas mudanças e reformas, inviáveis para receber um estudo deste porte. Frente a isso, buscamos o *campus* da UFC, de Sobral.

Entramos em contato, primeiramente, com a coordenadora do curso de Psicologia. Fui bem recebida e acolhida, através desse primeiro contato, nessa realidade à qual retomei, depois de seis anos que sai de lá. Pude perceber as mudanças que haviam ocorrido e como eu estava à margem da realidade que a UFC, *campus* Sobral, estava. Senti-me impactada, afinal, ali era meu nascedouro acadêmico e profissional.

Nesse contato inicial já fiquei sabendo dos vários casos de alunos que chegavam, em contexto de intenso sofrimento mental, e que buscavam apoio na coordenação do curso, pois o Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) só estaria autorizado eticamente a atender alunos de outros cursos, mas não estaria aberto para alunos do próprio curso de

Psicologia. Isso se configurava como um problema para aqueles que precisam de atendimento psicológico e não dispõem de condições econômicas para pagar um profissional. Sabemos da dificuldade de acesso e das filas para se conseguir uma vaga nos serviços públicos de saúde mental, como os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS). Além disso, outra problemática vivenciada naquele *campus*, voltava-se para a realidade dos estudantes pobres que frequentavam a universidade. Sobre isso, tive conhecimento de que houve um caso em que um aluno foi impedido de entrar no *campus*, por ter sido confundido com um morador de rua. Houveram casos também de alunos que, tamanha a pobreza, não dispunham de condições para se alimentar fora de casa e levam suas comidas em potes de margarina e isso era alvo de chacota e brincadeiras dos colegas, situações essas geradoras de vergonha e humilhação e contributiva de sofrimento psíquico.

A partir dessas conversas iniciais pudemos pegar o contato do setor de assistência estudantil da UFC e das assistentes sociais, responsáveis por executar a política de assistência do *campus* de Sobral. Em contato com as profissionais responsáveis por esse setor, pudemos reafirmar a importância e a urgência do tema em questão, assim como o interesse da universidade em minha pesquisa. O passo seguinte foi buscar a anuência institucional, portanto, procurei o diretor do *campus*, apresentei-me e lancei a proposta da pesquisa. Esta foi muito bem aceita, ele mostrou interesse pela temática e pela pesquisa, ressaltou o fato de eu ser uma egressa da instituição e o compromisso significado pelo meu retorno em querer contribuir com a realidade dos estudantes universitários daquele lugar.

Diante da concordância institucional e assinatura do termo de anuência por parte do diretor geral do *campus*, foi possível submeter a pesquisa ao Comitê de Ética da UFC, e três meses depois obter a aprovação. Paralelo a isso, todo esse processo de inserção ia mexendo comigo, do ponto de vista emocional e cognitivo. Produzia-me uma gama de sentimentos, ao mesmo tempo em que surgiram inúmeras reflexões e incômodos que me mobilizavam a querer investigar, mais ainda, essa realidade dos estudantes camponeses e pobres, que chegavam na universidade.

Provocada por esses sentimentos, sensações e inquietações, resolvi promover um evento para debater esse tema na Faculdade Luciano Feijão (FLF), instituição privada a qual faço parte como docente. Assim, propus uma mesa-redonda sobre saúde mental no ensino superior, além de minha participação, convidei a assistente social da UFC-Sobral, alguns estudantes universitários da UFC e da Universidade Vale do Acaraú (UVA). Nessa ocasião, foi possível divulgarmos o tema, bem como debatermos a sua importância e

urgência. Além disso, pude identificar o quanto isso também mexeu e mobilizou os estudantes da FLP, uma Faculdade privada, mas que também enfrentava inúmeros desafios relacionados a demandas de sofrimento mental entre universitários. Com isso, e à medida em que ia mergulhando nos estudos teóricos, fui me sensibilizando e questionando o lugar dessa temática na minha realidade, como docente e também como estudante (no caso, da pós-graduação).

Como parte do processo de inserção e com a aprovação do Comitê de Ética, elaborei e concluí a produção do instrumento quantitativo para a aplicação do pré-teste. Para isso, peguei os formulários de inscrição dos bolsistas de Assistência Estudantil da UFC-Sobral, partindo do pressuposto de que, por serem bolsistas neste setor, eram de classe social pobre. Dentre esses, fiz uma seleção prévia daqueles que tinham relação com regiões de características rurais e elaborei uma planilha, inicialmente com 33 sujeitos, na qual discriminei nome, *e-mail*, telefone, curso, ano de ingresso e lugar de origem.

A partir disso, entrei em contato com eles via *e-mail* para convidá-los para participar desta primeira fase da pesquisa, responder o questionário do pré-teste. Não obtive retornos. O segundo passo, foi contatá-los por telefone. Já sendo uma estudiosa da temática juventude, também por ser jovem e partilhar de alguns valores, tive a ideia de buscar o contato por *whatsapp*, acreditando que essa seria uma ferramenta mais atual e moderna que possibilitaria o acesso. Divulguei o *link* do questionário através dos contatos de *whatsapp* que dispunha e obtive resultados surpreendentes, em dois dias, vinte jovens me retornaram o questionário respondido. Alguns, inclusive, desenvolvendo conversas, via *whatsapp*, compartilhando as visões e percepções sobre o questionário, às vezes até disparando desabafos sobre sua própria saúde mental. Isso me confirmava o quanto havia uma demanda latente. É válido ressaltar que, utilizei um número de celular específico e destinado para este objetivo de pesquisa. Isto feito, foi possível obter os questionários para a análise do pré-teste, além de identificar que o *whatsapp* pode ser uma boa estratégia de pesquisa com a juventude.

Dentre o conjunto de 33 jovens, tivemos 22 que responderam o questionário *online*. Os dados desses questionários foram tabulados no SPSS 2.1 e, posteriormente, analisados. Priorizamos, nesta fase, uma análise descritiva das diversas escalas a partir de frequências, porcentagens, médias e desvios padrões. Em paralelo, também foi possível analisar o instrumento utilizado, a partir de críticas e sugestões dos próprios jovens. A experiência com o pré-teste foi fundamental para melhor orientar a aplicação dos questionários na pesquisa, que reiniciou, desta vez, efetivamente, no semestre 2018.2.

Projetamos utilizar das mesmas estratégias, a começar fazendo uma busca desses jovens a partir dos formulários da PRAE, UFC-*campus* Sobral, montamos uma planilha com esse quantitativo, com ajuda do bolsistas da PRAE e, diretamente, busquei contactar os jovens pesquisados, via *whatsapp*.

A fase de qualificação desta tese foi muito engrandecedora, pois possibilitou engendramos novos caminhos, a partir de discussões fecundas, principalmente sobre quem é essa juventude rural/camponesa no nordeste do Ceará, os riscos e desafios de se trabalhar com saúde mental via novas tecnologias como *whatsapp*, foi possível também enxergarmos outras possibilidades de testes quantitativos e visões diferenciadas sobre o processo de integração do jovem no ensino superior. Com isso, seguimos novas direções, que podem ser sintetizada em três principais rumos: 1) aprimoramos o questionário, 2) lapidamos a base teórica e epistemológica que sustentava a pesquisa e 3) decidimos aplicar a pesquisa em campo, presencialmente, com os estudantes, dada a delicadeza que o tema requeria.

Diante dos fatos narrados, foi preciso vislumbrarmos outros horizontes, transitando entre a escuridão e a luminosidade que orienta os desafios de uma pesquisa deste porte. Desta maneira, sem saber muito para onde dirigir os focos de luz, fomos a campo, para conhecer a realidade: como chegar nesses sujeitos?

Em um primeiro momento, enviamos *e-mails* as coordenações dos cursos, divulgando a pesquisa, visitamos as salas convidando os alunos e em, paralelo, seguimos os rastros dados anteriormente, contactamos por *whatsapp*, marcamos um horário e local, definidos por eles, para aplicação do questionário. Obtivemos, com isso, alguns poucos retornos. Os estudantes que apareceram e se disponibilizaram a participar, davam pistas para rastreamos novas direções. A primeira pista era, estávamos na metade do semestre 2018.2, chegando no final letivo, era época em que se iniciavam as avaliações, provas e seminários, não havia tempo entre eles para participar de nada além disso. Entendido isso, respeitamos e decidimos concluir este período com a angustia de ter menos de 30% dos questionários respondidos.

Encarnadas da missão de investigadoras, iniciamos o ano e o semestre letivo de 2019.1 com a energia para novas descobertas e a criatividade foi a consequência. Foi assim que, convidei algumas amigas profissionais, que já tinham experiências de trabalhos e pesquisa com juventude, para fazermos uma intervenção coletiva. O objetivo desta era divulgar a pesquisa e convidar os estudantes para participar. Esta primeira intervenção aconteceu no horário do jantar, no Restaurante Universitário (RU), da UFC.

Desta maneira, obtivemos mais um montante de jovens participantes e o estudo foi ganhando contornos e iluminando os passos a seguir.

Dada a restrição de horário das companheiras e a necessidade de fazer intervenções nos turnos da manhã e da tarde, assim como nos horários de almoço e intervalo, convidei alguns alunos da FLF, que tinham interesse em pesquisar, e lancei o desafio dessa imersão. Como os cursos da UFC, em Sobral, são divididos em diversos *campus* e acontecem nos três turnos, demandou um maior número de aplicadores. Conseguimos formar um grupo de oito alunos, todas estudantes do curso de Psicologia-FLF. Fizemos uma preparação, antes de entrar em campo, com vistas à situá-las no contexto, integrá-las no percurso da pesquisa e capacitá-las para aplicação do questionário. A partir disso, montamos uma tenda no *campus* da UFC, com umas mesas, cadeiras, canetas e banner colorido, como forma de chamar atenção dos estudantes e, à medida que se aproximavam, as aplicadoras iniciavam “um papo”, como eles mesmos dizem, explicavam a pesquisa e, de um jeito bem descontraído, convidavam-os para participar. Entre reações de espantos, algumas negativas, falta de tempo e correria, preponderaram sorrisos e muitas respostas positivas. Foi dessa maneira que conseguimos caminhar com a construção dos dados, aprofundar e nos envolver com os jovens.

Aplicamos, no total desta fase, 152 questionários. Ao concluir esta etapa de aplicação, fiz uma análise, visando conferir, selecionar e organizar todos os questionários, para seguir com a tabulação. Nesse processo, 13 foram excluídos, pois identifiquei 2 incompletos e 11 foram respondidos por jovens que vinham de realidade urbana e não era interesse deste estudo. Ficamos, portanto, com 138 questionários considerados válidos.

A fase posterior foi a tabulação no SPSS 2.1 (FIELD, 2009), realizada pela mesma equipe de aplicadores, que passaram também por um processo de formação e capacitação para utilizar este software. Concluímos essa etapa e seguimos para a fase qualitativa da pesquisa, a aplicação das entrevistas.

A proposta inicial era aplicarmos uma entrevista por curso, já que o campo demonstrava uma diferença de manifestação da saúde mental, de acordo com a área. Assim, optamos por esse critério e seguimos com o objetivo de entrevistas pelo menos 8 jovens, um por curso, porém o percurso nos surpreendeu. Não mais que de repente, a pesquisa já circulava de boca em boca entre os estudantes e eles já sabiam quem eram as “meninas da pesquisa”. Ao caminhar pelos corredores da universidade, percebíamos olhares e comentários, uns de quem queria fugir pra não responder questionários, enquanto outros faziam questão de se aproximar, com tom de curiosidade, pra saber como

iam ser os próximos passos. Nesse contexto, em vez de 8 entrevistados, quando nos demos conta, haviam 14 jovens. O que fazer com esses dados? A sensação de surpresa e silêncio perdurou por muitos dias. Por isso que pesquisar com juventude foi, e é, como escrever poesia, teve angústia, teve inspiração, teve surpresa e teve criação. O irrepetível e inimaginável certamente iria acontecer. Mas até acontecer, eu não sabia.

Sensivelmente, decidimos não excluir os participantes, simplesmente porque os dados excederam nossas expectativas. Escolhemos rimar, como fazem os poetas e poetizas com as palavras, em vez de trabalhar com a ideia de excedente, encaramos o processo como algo que transbordou nossos horizontes, como um sinal que chegava feito inspiração para a poesia não se findar naquele instante. Assim, resolvemos assumir os versos a mais, que chegaram em nossas mãos, melhor dizendo, em nossos sentidos.

Organizamos as 14 entrevistas realizadas e nos planejamos para transcrevê-las. Nesse processo, identificamos que 1 destes jovens entrevistados veio do contexto rural de Minas Gerais (MG) e um outro, apesar de ter nascido em uma comunidade rural, no Ceará, passou maior parte da sua vida em São Paulo (SP). Por esse motivo, não analisamos estas entrevistas, visto que queríamos capturar as especificidades das rimas e ritmos do nosso Ceará.

Destarte, foram transcritas 12 entrevistas, com auxílio bolsistas da PRAE da UFC, de Fortaleza, que também participaram de outras atividades do NUCOM e, neste momento, foram fundamentais para o trabalho de transcrição. Para além disso, eles puderam nos oferecer outros olhares sobre os modos de ver as juventudes, afinal, elas, bolsistas, eram jovens também. Com essa experiência, incansavelmente, reafirmamos a importância das bolsas de assistência, para incentivo da pesquisa, da universidade pública e da formação discente. Assim como ocorreu durante todo o processo desta pesquisa de tese, elas passaram por uma capacitação anterior, para afinar uma forma de transcrição, cuidadosa e minuciosa, e posteriormente, aprenderam sobre o manuseio do programa Atlas T.i, software usado no processo de análise qualitativa. Construído esse percurso, de forma inusitada, dedicada e envolvente, contando com um coletivo inspirador de pessoas, os dados quantitativos e qualitativos foram devidamente organizados e preparados, para em seguida serem analisados, para produzir esse estudo, conforme descreveremos nos próximos passos.

2.5 As etapas da pesquisa e os instrumentos metodológicos

Este estudo foi de natureza mista e ocorreu em duas etapas, a primeira quantitativa e a segunda qualitativa, detalhadas a seguir.

2.5.1 Pesquisa quantitativa

A partir da revisão sistemática e da leitura dos referenciais teóricos, encontramos vários instrumentos quantitativos que avaliavam as categorias em estudo. Fizemos uma pré-seleção desses instrumentos, seguida de um aprofundamento e de uma análise a fim de conhecer mais sobre o seu uso e validação no Brasil. Afinados aos objetivos deste estudo e montamos um instrumento, constituído de 105 itens. O intuito deste foi avaliar as categoriais centrais desse estudo, a saber: pobreza, saúde mental, suporte social, integração no ensino superior e sentimento de comunidade. O questionário foi composto por: Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), (item 1 ao 34) (MOURA JÚNIOR, 2015; XIMENES *et al.*, 2016); *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20), (itens 35 ao 54) (HARDING *et al.*, 1980); Escala de Percepção de Suporte Social, (itens 55 ao 66) (SIQUEIRA, 2008); Escala de Integração Social no Ensino Superior – Revisada e Aumentada (EISES-R), (itens 67 ao 96) (DINIZ, 2009); Escala adaptada do Índice de Sentido de Comunidade (itens 97 ao 105) (PETERSON; SPEER; HUGHEY, 2006) (APÊNDICE D)

O Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) (MOURA JÚNIOR, 2015; XIMENES *et al.*, 2017) teve como finalidade confirmar o nível de pobreza dos jovens e será calculado a partir do Instrumento de Pobreza Multidimensional que considera as seguintes dimensões: habitação, educação, trabalho e renda, saúde e aspectos psicológicos da pobreza. Esse instrumento foi criado tomando como base um conjunto de pesquisas, a saber: uma pesquisa sobre pobreza multidimensional em Porto Alegre/RS; uma pesquisa sobre os indicadores de Pobreza Multidimensional e Extrema Pobreza para Porto Alegre; uma pesquisa sobre pobreza multidimensional aplicada na África do Sul, na Itália e na Bélgica. Nesse estudo, adotamos o instrumento tal como foi utilizado na pesquisa “Impactos da Pobreza no Desenvolvimento da Saúde Comunitária: Avaliação Psicossocial de Comunidades Rurais nas Regiões Nordeste, Norte e Sul”, realizada pelo Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), na UFC. A partir de uma compreensão multidimensional da pobreza, utilizou-se, neste estudo, o cálculo do IPM, para determinação quantitativa da pobreza em suas diferentes dimensões. O IPM dos jovens universitários foi calculado a partir de cinco dimensões: Educação, Trabalho e Renda, Saúde, Habitação e Aspectos Subjetivos da pobreza (Tabela 3). Além da dimensão,

aponta-se os indicadores, valores correspondentes e os pontos de corte (PICOLOTTO, 2006) (Tabela 3).

Tabela 3 – Dimensões e Indicadores do Índice de Mensuração da Pobreza Multidimensional

Dimensão	Indicador	Valores das categorias de resposta para construção do IPM	Ponto de Corte de Identificação da Pobreza por item do indicador
Educação	Quanto tempo seu pai frequentou a escola?	Nunca frequentou=1	1=Pobre
		Até 5 anos (Ensino Fundamental Incompleto)=1	0,75=Pobre
		De 6 a 9 anos (Ensino Fundamental Incompleto ou Completo)=2	0,5=Pobre
		De 10 a 12 anos (Ensino Médio Completo ou Incompleto) = 3	0,25=Não pobre
		13 anos ou mais (Ensino Superior)=4	0=Não pobre
	Quanto tempo sua mãe frequentou a escola?	Nunca frequentou=1	1=Pobre
		Até 5 anos (Ensino Fundamental Incompleto)=1	0,75=Pobre
		De 6 a 9 anos (Ensino Fundamental Incompleto ou Completo)=2	0,5=Pobre
		De 10 a 12 anos (Ensino Médio Completo ou Incompleto)=3	0,25=Não pobre
		13 anos ou mais (Ensino Superior)=4	0=Não pobre
	Na sua família, alguém já frequentou o Ensino Superior?	Não=0 Sim=1	1=Pobre 0=Não pobre
	Em que escola você concluiu o EM (ENEM, 2016)?	Pública estadual=1	1=Pobre
Pública federal=2		0,66=Pobre	
Particular e Pública=3		0,33=Não pobre	
Particular=4		0=Não Pobre	
Habitação	A sua residência é (XIMENES <i>et al.</i> , 2017):	Ocupação=1	1=Pobre
		Cedida=2	1=Pobre
		Alugada=3	0,33=Não pobre
		Própria=4	0=Não Pobre
	A entrada no Ensino Superior resultou em uma mudança de residência?	Sim=0	1=Pobre
		Não=1	0=Não pobre
	Quantidade de bens duráveis (XIMENES <i>et al.</i> , 2017):	0=0 a 4 bens duráveis	1=Pobre
		1=5 ou mais bens duráveis	0=Não pobre
Atualmente, você está exercendo algum tipo de trabalho remunerado?	Bolsa acadêmica remunerada=1	1=Pobre	
	Trabalho integral=2	0,5=Não pobre	
	Trabalho parcial = 3	0=Não pobre	
Qual o valor aproximado da sua Renda pessoal (XIMENES <i>et al.</i> , 2017)?	Sem rendimento ou até R\$ 159,00=0	1=Pobre	

Trabalho e Renda	De R\$ 159,00 até R\$ 238,50=1	0,75=Pobre	
	De R\$ 238,50 até R\$ 477,00=2	0,5=Não pobre	
	De R\$ 477,00 até R\$954,00 = 3	0,25=Não pobre	
	Mais de R\$ 954,00=4	0=Não Pobre	
Qual o valor aproximado da sua renda familiar (XIMENES <i>et al.</i> , 2017)?	Menos de 1 SM=0	1=Pobre	
	Entre 1 e 2 SM=1	0,75=Pobre	
	Entre 3 e 4 SM=2	0,5=Não pobre	
	Entre 4 e 5 SM=3	0,25=Não pobre	
	Mais de 4 SM=4	0=Não Pobre	
Você está tendo dinheiro suficiente para as despesas mais importantes durante o Ensino Superior?	Sim=1	1=Pobre	
	Não=0	0=Não pobre	
Saúde	Normalmente, onde você faz a maior parte das suas refeições?	RU=0	1=Pobre
		Amigos=1	1=Pobre
		Residência=2	0,5=Não pobre
		Restaurantes=3	0=Não pobre
	Você consegue atendimento médico ou de outros profissionais da saúde quando precisa (PICOLOTTO, 2006; QIZILBASH, CLARK, 2005)?	Outros=4	0=Não pobre
		0=Nunca	1=Pobre
		1=Poucas vezes	0,66=Pobre
	Você deixou de utilizar algum serviço de saúde por não ter dinheiro para pagar o transporte (MOURA JR, 2016)?	2=Freqüentemente	0,33=Não-pobre
		3=Sempre	0=Não-pobre
	Quantas refeições você costuma fazer por dia (PICOLOTTO, 2006)?	Sim=1	1=Pobre
Não=0		0=Não pobre	
0=Uma		1=Pobre	
1=Duas		0,66=Pobre	
Aspectos subjetivos	Preocupa-se com você (SIQUEIRA, 2008):	2=Três	0,33=Pobre
		3=Quatro ou Mais	0=Não-pobre
		Nunca=0	1=Pobre
		Poucas Vezes=1	1=Pobre
	Quando você precisa, pode contar com alguém que... Empreste dinheiro a você (SIQUEIRA, 2008):	Freqüentemente=2	0=Não pobre
		Sempre ou quase sempre=3	0=Não pobre
		Nunca = 0	1= Pobre
	Quando você precisa, pode contar com alguém que... Forneça alimentação quando você precisa (SIQUEIRA, 2008):	Poucas Vezes = 1	1= Pobre
		Freqüentemente = 2	0 = Não pobre
		Sempre ou quase sempre=3	0=Não pobre

	Sempre ou quase sempre = 3	0 = Não pobre
Esteja ao seu lado em qualquer situação (SIQUEIRA, 2008):	Nunca=0	1=Pobre
	Poucas Vezes=1	1=Pobre
	Frequentemente=2	0=Não pobre
	Sempre ou quase sempre=3	0=Não pobre
Você já precisou pedir dinheiro para poder comprar material na Universidade?	Sim=1	1=Pobre
	Não=0	0=Não pobre
Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem na minha comunidade/bairro de origem	0= Discordo muito	1= Pobre
	1= Discordo	1= Pobre
	2= Nem concordo e nem discordo	0,5= Não-pobre
	3= Concordo	0 = Não pobre
	4= Concordo muito	0= Não pobre
Se houver um problema nesse bairro/comunidade as pessoas que vivem lá podem resolvê-lo	0= Discordo muito	1= Pobre
	1= Discordo	1= Pobre
	2= Nem concordo e nem discordo	0,5= Não-pobre
	3= Concordo	0 = Não pobre
	4= Concordo muito	0= Não pobre

Fonte: Adaptado de Moura Jr (2015) e Abreu (2019).

Foram escolhidas variáveis que contemplassem a especificidade da pobreza no ensino superior para cada uma dessas dimensões, cuja pontuação foi estabelecida através da metodologia *fuzzy*. Esta metodologia foi adotada por Moura Júnior (2015) e Ximenes *et al.* (2016) a partir da qual propõe-se gradações numéricas entre o intervalo de 0 a 1 para determinação da pobreza multidimensional, em que 0 = não pobre e 1 = pobre. As dimensões, os indicadores, os valores para as categorias adotadas e os pontos de corte correspondentes são explicitados detalhadamente na Tabela 2. Assim, é importante frisar que cada dimensão do IPM foi calculado a partir da média aritmética dos indicadores correspondentes e o IPM total foi calculado a partir da média dos 22 índices gerais (Tabela 3).

O *Self-Report Questionnaire* (SRQ-20) (HARDING *et al.*, 1980), no caso da nossa pesquisa teve $\alpha=0,880$; $\alpha \geq 0,70$, considerável aceitável, foi usado com vistas a avaliar a predisposição para os Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre os jovens estudantes universitários. Este questionário foi desenvolvido pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2001) para identificar a tendência para os TMC, através de sintomas não

psicóticos, principalmente, depressão e ansiedade (ANSELMÍ *et al.*, 2008). Para Gonçalves, Stein e Kapczinski (2008), O SRQ-20 em sua primeira versão, era composto por 30 itens, validado no início dos anos 1980, no Brasil com uma versão composta por 20 itens, que abordam sintomas físicos e sintomas emocionais. As opções de respostas são do tipo binário, sim ou não, para os itens que estão divididos em quatro fatores: 1) humor depressivo-ansioso; 2) sintomas somáticos; 3) decréscimo de energia vital; 4) pensamentos depressivos. Para a avaliação do instrumento, tem-se que a soma das respostas positivas de cada sujeito, gerando o SRQ-20 Total. Quando o sujeito marca uma resposta positiva para sete itens ou mais, há uma hipótese de transtorno mental comum. Este ponto de corte é utilizado nos estudos de Carlotto *et al.* (2011) e Costa, Dimenstein e Leite (2014).

A Escala de Percepção de Suporte Social versão reduzida (EPSS-r; SIQUEIRA, 2008), cujo $\alpha=0,913$; $\alpha \geq 0,70$ neste estudo é considerável aceitável, teve o intuito de avaliar o suporte social percebido pelo sujeito. Foi criada no Brasil, originalmente com 29 itens, adaptada por Nepomuceno *et al.* (2019, no prelo)⁶ para 12 itens, distribuídos em 2 fatores, o primeiro fator, com 8 itens e o outro com 4 itens. A adaptação confirmou tratar-se de uma escala bifatorial, consistiu na redução para 12 itens e na substituição da nomenclatura dos fatores que, na escala original eram chamados de Suporte Prático e Suporte Emocional e passaram a ser chamados Suporte Cognitivo-Instrumental (8 itens) e Suporte Emocional-Cooperativo (4 itens). A Análise Fatorial (DAMÁSIO, 2014) neste estudo (N=138) resultou no Teste KMO = 0,911 e o Teste de Barlett $\chi^2 = 821,519$; $df=66$; $p < 0,01$, o que apontou um bom indicativo de consistência interna. A AFE indicou que a escala contém dois fatores, o fator 1 com autovalor 6,192 e o fator 2 com autovalor 1,152, que explicam cerca de 61,2% da variabilidade total.

A Escala de Integração Social no Ensino Superior (EISES-R) (DININIZ, 2009) é usada para avaliar a integração social dos estudantes no ensino superior. Na análise de confiabilidade realizada na nossa pesquisa $\alpha=0,881$; $\alpha \geq 0,70$, considerável aceitável. É uma escala composta por 30 itens, organizada a partir de cinco fatores (ALMEIDA; DINIZ, 2012), cada um com seis itens, organizados do seguinte modo: 1) Equilíbrio Emocional (EE); 2) Relações com Colegas (RC); 3) Relações com Professores (RP); 4) Relações com Família (RF); 5) Relações com Amigos (RA). Do tipo Likert, as opções de

⁶ O artigo de validação já foi submetido e aceito, com previsão de publicação para este ano de 2020.

respostas que pontuam de 1 a 5 e variam entre: 1- Discordo muito; 2- Discordo; 3- Nem concordo, nem discordo; 4- De acordo; 5- Totalmente de acordo.

Ao identificar a existência da EISES, a partir da busca de literatura através da revisão sistemática, viu-se que se tratava de uma escala cuja origem era de Portugal, criada por Diniz (2009), mas que não tinha ainda sido validada no Brasil. A partir de então, foi dado início a esse processo de validação com uma reflexão falada com jovens estudantes da UFC, com o objetivo de avaliar a equivalência semântica e linguística. Posteriormente foram realizadas análises psicométricas para garantir a validade do instrumento. Neste estudo, destacamos a análise de consistência interna $\alpha=0,881$; $\alpha \geq 0,70$. Com a finalidade de verificar validade estrutural dos construtos, foi realizada AFE (N=138). Os resultados foram: $KMO = 0,781$; $Barlett=1716,860$; $p < 0,001$; com percentagem de variância acumulada pelos fatores $>0,50$ (65,26). Foram retidos 6 valores com autovalor superior a 1, situados entre 1,069 e 7,451, porém identificamos problemas de correspondência item-fator, especialmente no Fator RC, cujos itens migraram para outros fatores, conforme encontrado também em pesquisa de Abreu (2019). Assim, resolvemos excluir os 6 itens correspondentes ao Fator RC e refizemos a AFE com os outros itens. Seguimos com o método componente principal (proporção máxima) e extração dos 4 fatores, o que resultou em $KMO=0,79$, $Barlett=1361,526$; $p < 0,001$, percentagem de variância acumulada pelos fatores $>0,50$ (57,82) e uma maior correspondência entre item-fator. Diante disso, resolvemos excluir o fator RC e permanecer com os outros 4 fatores, para análises posteriores.

A Escala de Senso de Comunidade também foi utilizada neste estudo. Sua versão original, que provém do conceito de Sentido de Comunidade (MCMILLAN; CHAVIS, 1986) é multifatorial e composta por 46 itens. Perkins *et al.* (1990), propôs a adaptação desta escala para 12 itens que, por sua vez, foi reduzida para uma versão de 9 itens proposta por Peterson, Speer e Hughey (2006), organizados em 4 dimensões: 1) Integração e satisfação das necessidades; 2) Filiação e pertença; 3) Influência; e 4) Conexão Emocional Partilhada. No entanto tem-se identificado inconsistências no uso deste instrumento, como nos estudos de Long e Perkins (2003), Lardier Jr. *et al.* (2018), Loomis e Wright (2018), dentre outros. Isto tem estimulado a busca e relevância por estudos psicométricos deste instrumento, com uma melhor confiabilidade. A análise de confiabilidade da escala de senso de comunidade obteve $\alpha= 0,460$, inferior ao considerado aceitável ($\alpha \leq 0,70$) (NUNNALLY, 1978). Diante disso, foi preciso

identificar o Alfa de Cronbach (α), correspondente a cada item (Tabela 4), com a finalidade de incrementar a confiabilidade do questionário.

Tabela 4: α por item da Escala de Senso de Comunidade

Escala de senso de comunidade				
	Média de escala se o item for excluído	Variância de escala se o item for excluído	Correlação de item total corrigida	Alfa de Cronbach se o item for excluído
97- No meu bairro/comunidade de origem, meus vizinhos e eu queremos coisas semelhantes	15.5224	15.139	.323	.385
98- Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem na minha comunidade/bairro de origem	14.2090	15.114	.287	.395
99- Eu me sinto em casa nessa comunidade de onde eu vim	14.2463	13.465	.554	.294
100- Poucos vizinhos lá me conhecem	15.3060	22.951	-.490	.667
101- Eu me importo com o que os meus vizinhos pensam das minhas ações	15.3060	14.545	.288	.390
102- Se houver um problema nesse bairro/comunidade as pessoas que vivem lá podem resolvê-lo	14.9478	16.050	.217	.423
103- É muito importante para mim viver nesse bairro/comunidade	14.6567	12.227	.640	.233
104- Pessoas nesse bairro/comunidade geralmente não se dão bem	15.1791	20.404	-.297	.583
105- Eu espero viver nesse bairro/comunidade por um longo tempo	15.1940	12.097	.605	.238

Fonte: Elaborado pela autora.

Na coluna de correlação de item total exigida (Tabela 4), as de menores índices foram negativos: -.297 e -.490. Segundo Souza, Alexandre, Guirardello (2017) quando a correlação média entre os itens for baixa, o valor do coeficiente alfa de Cronbach (α) também será baixo. Para aumentar esse coeficiente, pode-se retirar itens e refazer os cálculos. Assim, retirando os itens “100- Poucos vizinhos lá me conhecem” e “104- Pessoas nesse bairro/comunidade geralmente não se dão bem”, que apresentam os menores índices de correlação, e recalculando o coeficiente alfa de Cronbach, o

resultado obtido foi $\alpha = 0,780$, aceitável dentro dos critérios adotados nesse estudo. Esta análise está consoante com os estudos de Moura Junior *et al.* (2020, no prelo) que propõe o uso de 7 itens. Apoiada nisso, nossas análises excluíram os dois itens supracitados.

É válido ressaltar que esta pesquisa passou por fase de Pré-Teste, com vistas a analisar o uso do instrumento quantitativo. Nesta ocasião, contamos com 33 estudantes da UFC, *campus* Sobral, que participaram via formulário google, on-line. Depois de analisado, avaliou-se 22 questionários considerados válidos, pois os demais estavam incompletos. A partir do pré-teste, foi possível analisar o instrumento aplicado, colher críticas e sugestões dos participantes para aprimorar o questionário.

A avaliação do questionário, realizada pessoalmente, em conversas com alguns jovens que responderam o questionário, foi referenciada como negativa, por ser um questionário muito longo e demorado. No entanto, ao avaliar as respostas obtidas no pré-teste, sobre o tempo de resposta dos questionários, observou-se uma variação de 5 a 30 minutos. A média de tempo de resposta ficou entre 20 a 25 minutos. Sobre a percepção dos jovens participantes acerca dos questionários, 69% dos jovens avaliaram como interessante e 27% muito longo. Concorda-se que o questionário foi longo (103 itens) e acredita-se que a grande maioria considerou interessante pelo fato de ser um questionário com perguntas compreensíveis e por trazer questões sobre a vida do estudante, muitas vezes exercendo o papel de mediador de autorreflexões.

A partir desses dados, reavaliou-se e foi possível fazer algumas mudanças e adaptações: Redefiniu-se o perfil do participante, que seria o jovem camponês; trocou-se o termo rural e urbano, interior e capital e optou-se por pedir o jovem que identificasse sua comunidade de origem, como município de pequeno, médio ou grande. Outra adaptação crucial, sugerida na banca de qualificação, foi aplicar o questionário presencialmente e não virtualmente, já que se tratava de um tema delicado, que seria a saúde mental. Mantivemos a quantidade de itens, devido à importância destes para o estudo. Feita estas alterações, seguiu-se com a elaboração de estratégias de inserção em campo e a busca pelos sujeitos, para participarem.

Os critérios para participação nesta fase da pesquisa foram: ser estudante, maior de 18 anos, estar regularmente matriculado na UFC, *campus* Sobral; participar ou já ter participado do programa de assistência estudantil na modalidade Auxílio Moradia e/ou Bolsa de Iniciação Acadêmica – UFC, *campus* Sobral; ter interesse e disponibilidade para participação voluntária na pesquisa, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APENDICE A).

2.5.2 Pesquisa qualitativa

Na pesquisa qualitativa, realizamos algumas entrevistas, registradas através de gravações de áudio, com vistas a conhecer e aprofundar, do ponto de vista qualitativo, a realidade de migração vivenciada jovens universitários de origem camponesa e sua relação com a saúde mental e o sentimento de comunidade.

A entrevista é um dos meios de coleta de dados que buscou alcançar os conteúdos e questões a serem estudados, de maneira ampla e completa (ROSA; ARNOLDI, 2006). Foi do tipo semiestruturada, por ser mais flexível e partirmos de um roteiro previamente definido (GIL, 2002) e foram realizadas individualmente. O roteiro com perguntas norteadoras foi subdividido em três grandes blocos temáticos: 1) Modo de vida do jovem na comunidade rural; 2) Vivência na universidade e no curso; 3) Saúde mental (APÊNDICE C).

Através das entrevistas conseguimos acessar informações consistentes, descrever e entender as significações que eles constroem acerca da sua relação consigo, com o lugar em que vivem e com seus futuros. Duarte (2004, p. 215) afirma que: “Entrevistas são fundamentais quando se precisa/deseja mapear práticas, crenças, valores e sistemas classificatórios de universos sociais específicos, mais ou menos bem delimitados, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados”. Portanto, o foco da entrevista foi o modo de vida dos jovens que vivenciam a migração ao ingressarem na universidade, ressaltando sua relação com a saúde mental e o sentimento de comunidade.

Os critérios para a participação na fase qualitativa foram: ser estudante, maior de 18 anos, estar regularmente matriculado na UFC, *campus* Sobral; participar ou já ter participado do programa de assistência estudantil na modalidade Auxílio-Moradia e/ou Bolsa de Iniciação Acadêmica (BIA) – UFC, *campus* Sobral; ter interesse e disponibilidade para participação voluntária na pesquisa, com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B); ter participado da fase quantitativa.

Com as devidas autorizações éticas e acordos pessoais, as entrevistas foram realizadas, em horários individuais, conforme a disponibilidade e o local definido pelo estudante. Em cada entrevista, tivemos a colaboração de uma auxiliar de pesquisa, estudante de graduação em Psicologia em uma instituição privada, que foi responsável por registrar os dados por escrito e realizar as gravações em áudio. O critério para seleção

desse auxiliar, foi ter participado como aplicador, na fase quantitativa. Assim ocorrido, as entrevistas foram realizadas e transcritas nos meses de maio à agosto de 2019.

De modo sintético, para melhor visualização, sistematizamos a relação entre os objetivos, as categorias teóricas, os instrumentos utilizados e os capítulos desta tese (Tabela 5).

Tabela 5 - Relações entre objetivos específicos, categorias teóricas, métodos de pesquisa e capítulos da Tese.

Objetivo geral: analisar como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano reverberam na saúde mental dos jovens universitários, de origem camponesa.

Objetivos específicos	Categorias teóricas	Métodos de pesquisa	Capítulos
Descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana;	Modo de vida, jovens, migração, rural, urbano, pobreza, assistência estudantil;	Qualitativo; Entrevistas;	Juventudes e seus processos de migração rural-urbana: implicações psicossociais
Compreender como se desenvolve o sentimento de comunidade associado ao rural e sua relação com a inserção universitária, os modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade;	Sentimento de comunidade, sentimento de pertence, relação com o urbano, relação com o rural, integração social, adaptação, ensino superior;	Misto; Entrevistas; Questionário;	Reflexões sobre o sentimento de comunidade e suas repercussões frente a migração, a inserção e a integração do jovem camponês na universidade.
Conhecer os efeitos do processo de migração rural-urbano para a saúde mental dos jovens camponeses que estão na universidade.	Saúde mental, sofrimento mental, juventude, suporte social.	Misto; Entrevistas; Questionário.	A inserção de jovens camponeses no cotidiano universitário e suas repercussões para a saúde mental

Fonte: Adaptado de Silva (2012) e Abreu (2019).

Destarte, seguir-se-á apontando os métodos para análise dos dados e o compromisso social e ético da pesquisa.

2.6 Técnica de Análise dos dados

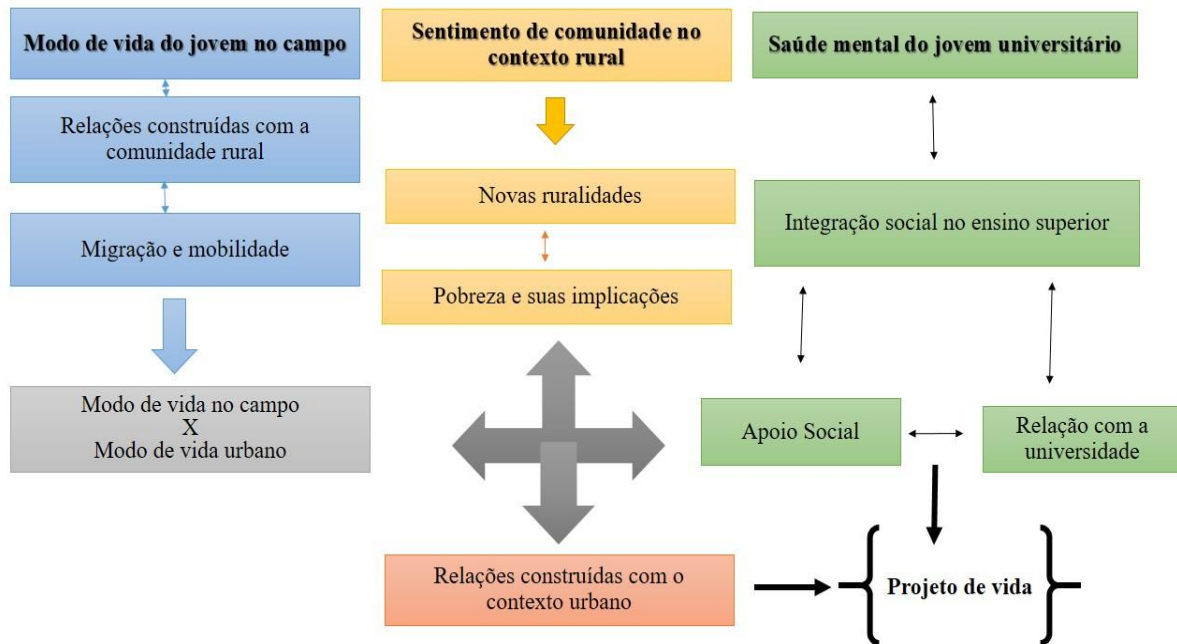
Os dados quantitativos, provenientes da etapa quantitativa, foram tabulados em um banco de dados no SPSS 21.0 (*Statistical Product and Service Solutions*), um *software* de análise estatística, através do qual foram realizadas as seguintes análises: análises descritivas (média, frequência e desvio padrão), Testes de Correlação, Análises de Variância (ANOVA) e Análise Multivariada de Variância (MANOVA). Foram realizadas ainda análises de confiabilidade das escalas, através da consistência interna, determinada

pelo do Alfa de Crobach (α) e Análise Fatorial Exploratória (AFE), para analisar o padrão de correlação e o agrupamento das variáveis entre fatores. Esse processo foi detalhado no item 2.5.1, à medida em que se apresentou cada uma das escalas utilizadas.

Os dados provenientes da etapa qualitativa, após transcritos, foram submetidos à leituras sucessivas, de maneira a permitir a apreensão do conjunto e identificação das categorias centrais do estudo. Foi utilizado o *software* ATLAS *ti* 5.2, com o intuito de simplificar o gerenciamento das informações codificadas para posteriormente serem interpretadas (CIDADE, 2012). Esse *software* visou potencializar a análise de conteúdo temática (BARDIN, 1977), pois utiliza-se procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo explícito ou latente, ou seja, o “estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos” (CAMPOS, 2004). Através dessa técnica, buscamos interpretar os dados, considerando os significados construídos pelos próprios jovens, sujeitos dessa pesquisa.

As entrevistas transcritas foram transformadas para o formato RTF, inseridas na pasta Text Bank do Atlas T.i e assim construiu-se uma Unidade Hermenêutica (UH), contendo os 12 documentos primários, chamados de PC-Docs (*Primary Documents*), consistindo nos documentos bases da categorização. Feito isto, realizamos uma nova leitura do material e a definição de algumas categorias, chamadas *Codes*, a partir da articulação com a base teórica que fundamenta o estudo. Fomos fazendo a seleção das falas e definindo as *Quotations*, relacionadas às *codes*. Finalizado isso, obtivemos 3 categorias centrais, cada uma com sua sub-categorias, conforme explanado na Figura 2:

Figura 2: Mapa das categorias e subcategorias de análise.



Fonte: Elaborado pela autora.

O modo de vida do jovem no campo, iremos discutir as relações estabelecidas por ele, desde que iniciou seu processo de migração pra cidade, as facilidades e dificuldades no que tange sua mobilidade e frequência de retorno a sua comunidade. Isso ressaltará principalmente as subcategorias: migração e mobilidade.

Sobre o sentimento de comunidade no contexto rural, aprofundaremos sobre as implicações psicossociais da pobreza, que passa pela percepção que o jovem tem sobre as novas ruralidades, assim como sua percepção sobre a própria pobreza, que sofre interferências do modo de vida que ele passa a ter quando vem morar na cidade. Assim, destacaremos as subcategorias da pobreza, ruralidade e as relações construídas com o contexto urbano e tudo que lhes envolve.

Sobre a saúde mental do jovem universitário, sistematizamos as subcategorias em: Integração social no ensino superior, onde discutimos a relação do jovem com a universidade e o curso, com os colegas de sala e amigos, com as famílias e com os professores; a rede de apoio que esse jovem dispõe, onde destacamos o Programa Auxílio Moradia, como apoio institucional e o apoio religioso. E por fim, uma subcategoria que guarda relações com todo esse contexto é o projeto de vida, uma vez que está atravessado

por todas essas variáveis que compõem a dimensão psicossocial do jovem migrante camponês, quando se torna jovem universitário.

2.7 Compromisso social e ético da pesquisa

Dentre os procedimentos éticos da pesquisa foram consideradas as determinações presentes na Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, que normatiza a pesquisa envolvendo seres humanos, através da submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ressalte-se a importância do consentimento que foi dado pelos jovens participantes da pesquisa, através da assinatura do Termo de Conhecimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICES A e B) e a concordância institucional da Pró-reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), através da assinatura da carta de anuência, cujo objetivo foi formalizar a autorização para a realização da pesquisa.

Após concordância institucional, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC), através do sistema Plataforma Brasil, CAEE: 81078017.7.0000.5054 e processo: 2.588.419 (ANEXO A). Considera-se importante também as determinações presentes nos incisos do Art.16 do Código de Ética do Psicólogo.

Como pesquisadora, considero fundamental assumir o compromisso humano e ético em partilhar os resultados da pesquisa junto aos jovens, estudantes universitários, especialmente aqueles que participaram e contribuíram com a construção dos dados. No processo dessa caminhada, foi possível perguntar a esses jovens como eles gostariam ou como sugeriam que esses resultados pudessem ser partilhado para contribuir com a vida deles. Muitas ideias surgiram, desde a realização de palestras, eventos, minicursos, até a construção de oficinas e espaços periódicos que pudessem oportunizar a fala e construção de redes de suporte institucional e social.

Após o fechamento e a conclusão desta tese, comprometo-me retornar ao campo pesquisado para acordar esses modos de devolução, à instituição UFC-*campus* Sobral, ao setor da PRAE e aos próprios estudantes. Tenho ciência da dimensão, da importância e da urgência dessa temática em sair do papel para, de algum modo, reverberar mudanças no cotidiano desses jovens.

Além disso, responsabilizo-me em viabilizar os resultados desse estudo para a PRAE da UFC, bem como irei disponibilizá-lo, na íntegra, na Biblioteca do Centro de Humanidades (CH) da UFC. Assumo também o engajamento ético com a produção do

conhecimento científico em Psicologia, comprometendo-me com a submissão desse estudo a eventos e congressos, para que um número maior de pessoas possa acessá-lo.

3 JUVENTUDES E SEUS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL-URBANA: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS

*Para viver em estado de poesia
Me entranharia nestes sertões de você
Para deixar a vida que eu vivia
De cigania antes de te conhecer
De enganos livres que eu tinha porque queria
Por não saber que mais dia menos dia
Eu todo me encantaria pelo todo do seu ser*

(Estado de poesia, de Chico César).

Este capítulo se inicia com uma poesia que fala do encanto pelos ‘sertões de você’. Está colocada como uma metáfora que nos remete, sensivelmente, à vida de ‘cigania’ que permeia o imaginário produzido sobre o jovem camponês. É assim, em estado de poesia, que iniciamos a proposta de adentrarmos as delícias e amarguras que permeiam as vivências desses sujeitos, jovens do sertão.

Para situar os pressupostos bases desse estudo, problematizamos, neste capítulo, como os processos migratórios rural-urbano de jovens podem produzir efeitos psicossociais de diferentes ordens e dimensões, com especificidades, quando se trata da relação entre o rural e o urbano. Neste percurso, ressaltamos a importância da categoria juventude e juventude camponesa, esta última localizada de modo central neste estudo. Assim, será apresentado um panorama geral da juventude no Brasil, a perspectiva histórica, com o foco na diversidade, levando-nos a optar pela categoria juventudes, com um direcionamento para os estudos sobre as juventudes camponesas e as relações tecidas entre o rural e o urbano, o sertão e a cidade.

Partimos da ideia que existe uma certa naturalização acerca dos fenômenos que abordam as ruralidades e as urbanidades, o que demandou aprofundar algumas problematizações no decorrer das próximas páginas. Portanto, este capítulo tratará também sobre a relação entre ruralidades e urbanidades, trazendo um pouco da história e de debates atuais sobre migração e mobilidade e as peculiaridades entre o rural e o urbano, no Nordeste e no Ceará. O intuito é contemplar o primeiro objetivo desta tese, descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana.

Pontua-se a importância de historicizar o conhecimento (MARTÍN-BARÓ, 2009), uma vez que isso nos leva a compreender a realidade como ela se situa, atualmente, no que diz respeito ao acesso da juventude que vem de comunidades rurais e que, hoje, de

um modo diferenciado e com resistência, estão se fazendo mais presentes nesse movimento de mobilidade e migração, em busca de outras condições de vida.

Isto posto, considera-se que entre o rural e o urbano, tem-se os desafios inerentes aos processos migratórios vivenciados por essa juventude, ademais somamos aos percalços da realidade de pobreza, característica do modo de vida desses jovens pesquisados. Para isso, apresentamos algumas reflexões sobre a pobreza, o cálculo do Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) e sua problematização dentre deste estudo. Por fim, apresentamos questões sobre a migração rural-urbano no contexto sócio-político atual, considerando possíveis impactos psicossociais para os jovens camponeses.

3.1 Os bastidores da juventude no Brasil: a história e seu viés ideológico?

“É preciso muito tempo para tornar-se jovem”

(Pablo Picasso)

Quando pensamos em juventude, a primeira ideia conceitual e bem frequente no senso comum está relacionada ao tempo, medido em anos ou faixa-etária, no entanto a partir da frase de Picasso, podemos nos contrapor a essa visão e questionar: será preciso pouco ou muito tempo para se tornar jovem? Será que juventude se trata de tempo? Que tempo seria esse, o cronos, o kairós⁷?

Definir juventude é um desafio, por não ser algo consensual na literatura, na sociedade, nem entre os próprios jovens, visto que este conceito está atravessado por marcadores históricos, socioeconômicos, políticos, culturais, cronológicos e subjetivos. Esse entrelace de fatores findam por multiplicar os modos de ver e analisar a juventude no Brasil.

Diante da importância da história frente ao modo de compreender a juventude, Castro (2005) seleciona três importantes visões e abordagens que, a nosso ver, são reveladores do elemento ideológico que forja determinada forma de olhar e analisar a nossa juventude:

A definição da categoria a partir de elementos físicos/psicológicos, como faixa etária, mudanças físico-biológicas e/ou comportamentais; a definição substancializada/adjetivada da categoria; e a crítica a esses recortes e busca de outros vieses. Atravessando essas abordagens aparece com frequência a associação de “juventude” e “jovem” a determinados problemas sociológicos

⁷ O tempo cronos está relacionado ao tempo cronológico, medido pelas horas do relógio. O tempo kairós se refere ao tempo relativo a experiência de cada um, é subjetivo.

e/ou como agentes privilegiados de transformação social (CASTRO, 2009, p. 20)

Nos anos 2000, tivemos o marco da Política Nacional da Juventude (PNJ, 2006) que passou a definir a juventude situada em três categorias: os adolescente-jovens, sujeitos entre os 15 e 17 anos; os jovens-jovens entre 18 e 24 anos; e os adultos jovens, dos 25 aos 29 anos. Outro elemento importante que vem caracterizar nossa juventude é relação com o tempo, marcado pela imprevisibilidade, rapidez e mudança, além disso, fala de uma subjetividade em constante transformação e de uma realidade, objetiva e subjetiva, sempre em movimento.

A relação com o tempo reverbera em novos modos de se constituir juventudes e vem oferecer elementos que exigem alargar a concepção para além da juventude como um período de latência, de preparação para a vida futura, pois assim não considera os jovens como sujeitos sociais no tempo presente (SILVA, A. M. S, 2014, p. 46)

É algo muito nítido, a partir dessa diversidade de olhares, como a categoria juventude não é coesa e uniforme e nem necessita ser, a nosso ver. Alguns discursos comuns defendem a ideia de que a juventude é o futuro do país, isso revela um modo de enxergar essa juventude que, quando não está atrelada à ideia de grupos desviantes, seu valor é concebido a partir de uma ideia de transição da infância à fase adulta e seu valor é transferido para o futuro, assim, “a juventude interessa menos pelo que ela é, e mais pelo que será ou deveria ser quando seus membros se tornarem adultos” (GROPPO, 2017, p. 10).

Para Cassab e Mattoso (2010) as diferentes vivências dos jovens relacionadas à participação no espaço em que habitam apontam para uma variedade de tipos de jovens que levam às diferentes oportunidades, diferentes modos de construção de poder na relações que produzem com seu entorno, assim como dificuldades peculiares à esses modos de vida. A partir de então, faz sentido falar em juventudes para marcar esse campo vasto e diversificado, caracterizado por suas múltiplas relações, contextos, condições de vida, gênero, raça, religião, dentre outros elementos que, através de diversos arranjos, configuram modos e condições de se construir jovem na modernidade.

De um modo geral, quando se trata de juventude, pressupõe-se estar se referindo aos jovens urbanos, o que evidencia certa distância do setor acadêmico e científico em analisar a juventude de origem rural (CASTRO, 2009). Para Caetano e Azevedo (2017),

quando se discute políticas que envolvem as juventudes no Brasil, “verifica-se que essas estão concentradas naquelas dos centros urbanos, o que também se constata na produção teórica” (CAETANO; AZEVEDO, 2017, p. 38).

Como parte integrante a pluralidade juvenil, situa-se a juventude camponesa, que são os jovens de origem rural, jovens que vem do interior, de pequenas comunidades, regiões periféricas aos grandes centros urbanos e outras localidades consideradas não-urbanas. Isso também se aplica à alguns lugarejos que se localizam no interior, mesmo não sendo considerado o rural do sertanejo, tem suas características atravessadas pelas diversas ruralidades. Ao considerar o recorte da juventude camponesa sobrepomos a dimensão da classe social, já que tratamos, neste estudo, dos jovens advindos do contexto de pobreza. Por fim, tem-se o recorte dado a partir do nível e do acesso à educação, uma vez que esta pesquisa priorizou jovens que acessaram o ensino superior. Desta feita, a localização deste estudo acontece através do entrelace desses principais marcadores, ou seja, buscamos tornar audível os discursos de jovens camponeses que vivenciaram a migração rural-urbana, atravessado pela realidade de pobreza e conseguiram acessar o ensino superior.

3.2 Juventude de origem rural “versos” juventude camponesa

(...) Não sou filho de doutor
 Mas tenho sangue de agricultor
 E jamais vou desistir
 A juventude precisa
 De mais oportunidades
 Sei que ela vive indecisa
 E tem suas necessidades (...)

(Cordel Juventude Nordestina, de Gilmar Ramos).

Doutor e camponês aparecem na poesia como figuras que se constituem bem distanciadas. Metaforicamente, se no polo norte está o doutor, certamente, no polo sul estará o agricultor. E o que dizer do jovem camponês, que se criou pra ser ‘agricultô’? Será que hoje, ele já pode sonhar em tomar outro norte na vida, e ser ‘dotô’?

Castro (2009) chama a atenção para as diversas formas de construção da identidade juvenil, marcada pela diversidade de experiências, sonhos, desejos e ressalta a necessidade de compreender os múltiplos significados históricos e sociais que essas juventudes representam. Nessa direção, chamamos atenção especialmente para a

juventude não urbana, que pode ser chamada de “jovem rural, jovem da roça, jovem do campo” (CASTRO, 2005, p. 18).

Discutir sobre juventude rural não é algo simples, “a complexidade em torno dos estudos sobre jovens e juventude aumenta quando o enfoque é o âmbito rural” (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 790). Portanto, neste estudo dá-se atenção para a importância dessa área, numa perspectiva multidisciplinar, uma vez que esses jovens camponeses vivenciam modos de vida próprios e isso implica em constituições subjetivas e culturais específicas.

Alves e Vinha (2015) afirmam que a juventude de origem camponesa⁸ é bem diversificada, pois existem os jovens indígenas, ribeirinhas, sítios, assentados, quilombolas, dentre outros que vivem em pequenas localidades, comunidades rurais, arredores de praias ou serras e outras regiões de características bem diferentes, dadas seus modos de constituição e suas histórias. Vê-se este exemplo no trecho da jovem entrevistada, quando ela foi questionada sobre a configuração do lugar onde morava, se seria considerado rural:

Pode-se dizer que sim, é no sítio. No início morava nesse lugar que eu moro eram mais pessoas da minha família, da minha família paterna, meu avô construiu a casa dele, é tipo uma fazenda e aí ele foi tendo os filhos dele, os filhos foram crescendo e aí foram construindo suas casas ao redor da casa dele e aí também tinham os trabalhadores, os empregados dele, que também começaram a morar ao redor, ali perto, nas proximidades da casa dele, e aí ao longo dos anos foram morando não só os filhos, os parentes dele, mas também essas pessoas que trabalhavam pra ele. Ele tinha várias, era uma espécie de fazenda mesmo, então trabalhava com gado, com várias coisas, e depois ele morreu e meu tio ficou ocupando as funções que ele ocupava, só que muitos dos meus tios foram pra outros lugares né, saíram de lá e hoje basicamente mais a minha família e meu tio, que foi esse que ficou ocupando o lugar dele com relação a esse serviço e outras pessoas que não da família, que vieram morar lá depois desse processo (ANTÔNIA, PSICOLOGIA)

Assim, percebemos que as ruralidades são representativas de diversos modos de vidas, com suas peculiaridades, histórias e demandas. Desse modo, justifica-se o uso da categoria juventude camponesa, por abordar a juventude de origem rural, a juventude vinda de interiores e pequenas cidades. No entanto, ressalta-se que, pelo fato da categoria juventude rural estar muito mais presente na literatura, frequentemente também utilizar-se-á essa nomenclatura.

⁸ Para Castro (2005) a juventude camponesa é entendida como a juventude não urbana, considerando o jovem de origem rural, jovem que vem da roça ou jovem que vem do campo.

Se a temática juventude necessita ser analisada e revisitada pelos estudiosos e cientistas, a juventude camponesa necessita mais ainda, pois é vista como uma categoria de estudo marginalizada (CASTRO, 2005; 2009). Além disso, há perspectivas que compreendem que “jovem no meio rural é um aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho na unidade familiar. Esse fator pode justificar a invisibilidade ou falta de pesquisas sobre esses atores sociais” (TROIAN; BREITENBACH, 2018, p. 795).

Talvez essa invisibilidade dê por uma impressão de que este segmento seja uma minoria, certamente, do ponto de vista percentual, temos 27% da população brasileira com idades entre 15-29 anos, destes, apenas 4,5% são jovens rurais, no entanto, isso representa 8 milhões de jovens, o que não se configura em agrupamento pequeno (PNAD, 2004). Embora juventude não seja uma categoria de estudo nova, a juventude rural é considerada por Castro (2009) como uma categoria analítica em construção, ainda pouco lapidada porque se defronta com a dupla dificuldade de definição tanto da categoria juventude como de rural, desse modo, no que concerne à bibliografia sobre juventude rural, a produção é bem menor se comparada aos estudos de juventude de um modo geral (CASTRO, 2009).

Os olhares para a realidade da juventude rural no Brasil tiveram como marco o ano 2008 e 2011, com a ocorrência das I e II Conferências Nacionais de Juventude que vieram denunciar a necessidade de espaços para a discussão sobre as especificidades desse segmento, seus modos de vida e desejos de futuro (MENEZES; STROPASOLAS; BARCELLOS, 2014). Com isso, a Secretaria Nacional de Juventude inseriu em sua agenda as demandas da juventude rural, o que culminou com a criação do Grupo de Trabalho da Juventude Rural (SNJ), em 2012. Para as discussões sobre Políticas Públicas para juventude rural, o marco ocorreu com o I Seminário Nacional de Juventude Rural, momento em que se começou a pensar efetivamente sobre a agricultura familiar e as condições de vida e anseios dos jovens rurais.

Quando se busca, na literatura, estudos e discussões sobre juventude de origem rural e políticas públicas, vê-se, de imediato, que esse arranjo leva à discussão sobre agricultura familiar e a relação com a terra, pois a realidade é que “muitos (as) jovens compartilham o desafio de vivenciar a agricultura familiar e camponesa atualmente no Brasil e, a partir dela, tentar viabilizar sua autonomia social e econômica” (BARCELLOS, 2015, p. 3). O modo de vida, atravessado pela prática agrícola faz com que a vida familiar, sócio comunitária e profissional do jovem no campo se interpenetrem, são espaços da

vida pessoal e social que se entrelaçam. Isso se evidencia no discurso de um dos jovens entrevistados, sobre seu modo de vida no campo:

Pesquisadora: *Como era seu dia-a-dia quando morava na sua comunidade de origem?*

Entrevistado: *Meu dia-dia era, eu ajudava a mãe com as coisas, aí as vezes ia com o pai ajudar ele no roçado, mas assim eu sempre estudei, né? De manhã a gente ia pra cidade estudar e depois ia pra lá, voltava no transporte público, voltava pra lá, aí como o trabalho era mais de manhã, à tarde o sol era muito. Então, à tarde eu estudava ou ajudava a mãe nessas coisas assim. (LEANDRO, FINANÇAS)*

Pesquisadora: *Como era seu dia-a-dia quando morava na sua comunidade de origem?*

Entrevistado: *De manhã eu estudava, né? e a tarde eu ia ajudar meus pais nas atividades deles. Meu pai é agricultor; minha mãe também. Minha mãe trabalha como camelô, aí eu ajudava ela dia de domingo e, no que eu podia, ajudava na semana meu pai e minha mãe também, essas coisas (FÁBIO, ENGENHARIA ELÉTRICA).*

Com esse discurso, vê-se que o modo de vida na realidade rural é marcado pelo trabalho com os pais, seja auxiliando nas atividades domésticas, seja na agricultura, mas também sem perder de vista o tempo de estudo. Em contraposição, isso não ocorre, por exemplo, na realidade do jovem urbano já seus espaços de circulação e socialização são mais amplos. Para Oliveira e Feliciano (2016), essa confluência interfere nas escolhas, desejos e sonhos desses jovens “onde muitas vezes o caminho para a realização dos sonhos é ‘escapar’ da vida/realidade local, tanto no plano familiar quanto no plano da sociedade, e esta atitude cria uma realidade imediata, palpável, legível de aparente saída do campo” (p. 211).

Constata-se, portanto, uma visão naturalizada que perpassa a condição juvenil no que se refere à imagem do jovem rural associada ao filho de agricultores familiares ou camponeses que vive um período de aprendizagens e preparação para suceder seus pais na agricultura. Esse jovem torna-se, então, parte de uma relação hierarquizada reproduzida de uma geração para outra. Segundo Castro (2009), essa imagem vem sendo mudada juntamente com as transformações das estratégias de reprodução das famílias de agricultores, emergindo questões relacionadas à juventude e ao êxodo rural, à relação entre urbano e rural e à crise na relação familiar marcada pela sucessão e reprodução dos papéis ao longo das gerações.

Assim, mesmo que ainda possa haver alguma ligação do jovem com atividades agrícolas e familiares, eles deixam de reproduzir a geração dos pais e passam a se constituir como categoria indenitária com interesses, gostos e sonhos peculiares, o que os

fazem lutar por outras e novas condições de vida, isso inclui usufruir mais possibilidades de educação, cultura, lazer, formação, profissionalização. Isso é o que pontua o jovem camponês, quando reconhece sua posição diferenciada em relação ao jovem urbano:

Talvez seja o acesso à informação e à cultura, porque, normalmente, num lugar mais rural, as pessoas não têm acesso a teatro, a museus, ou então esses eventos abertos, eventos de formação, pessoal, essas coisas. Acho que um jovem rural não tem tanto, a parte de formação dele tá mais em casa, porque ele aprende na escola e em casa, não tem fora isso (HELENO, MÚSICA).

A partir disso, podemos fazer uma reflexão crítica que permita questionar o papel dessa política pública, no sentido de pensar estratégias que possam alargar as possibilidades de escolha do jovem camponês e não no sentido de criar estratégias para direcionar essas escolhas e fixá-lo no campo. A intensificação da migração juvenil, que é histórica, tem, principalmente nos últimos dez anos, direcionado a formulação de políticas públicas no Brasil voltadas para jovens de origem rural, focadas no desenvolvimento rural. Isso pode ocorrer devido a um certo distanciamento do Estado da realidade vivida por esses jovens. Além disso, cabe-nos refletir os valores, sonhos e desejos dos jovens camponeses que se entrecruzam com condições concretas e simbólicas, socioeconômicas e culturais que se tecem circunscritas pelo contexto das comunidades rurais. Ocorre que essas jovens atualmente expressam “necessidades que nunca são questionadas, mas sim naturalizadas e interiorizadas como necessidades pessoais, e caso não consiga romper, ‘não serei(ão) feliz’” (OLIVEIRA; FELICIANO, 2016, p. 211).

Complicado, porque aí já fica na questão de estereotipar, né? Não sei, pelas pessoas que moram lá. É, como é que eu poderia dizer? (pausa), que estão muito restritas aquele espaço que, na maioria das vezes, não, não querem sair dali, é de estarem mesmo satisfeitos com as atividades que eles desenvolvem naquele espaço ou de, não querer algo (pausa), algo maior, mas de realmente sair dali, daquele ambiente e aquilo de certa forma fazer com que eles fiquem até mesmo fechados naquela lógica ali. Se for pra pensar um jovem rural, alguém que, não que seja fechado, mas que está num certo lugar de restrição pra outras coisas, não que a pessoa seja fechada, mas está num lugar restrito (ANTÔNIA, MÚSICA).

O fato é que as demandas da juventude camponesa, conforme pontuado no discurso desse jovem, está sob o risco de estereotipar-se, não só no sentido fenotípico, mas também no sentido de naturalizar-se, enquanto sujeitos que tem desejos fixos e padronizados. É preciso destacar que contexto dessas juventudes mudou, atualmente envolvem novas e múltiplas dimensões, desde os direitos à cultura, esporte e lazer, até a

participação social, política, acesso a trabalho, renda e educação (BARCELLOS, 2015). Além disso, o jovem torna-se construtor de cultura, à medida que busca sua autonomia e constrói novas fontes de referências (SALES, 2003, 2006a), no entanto é preciso dar-lhes condições.

Fica assim evidente o quão incipiente ainda são as políticas públicas de juventude voltadas para o fomento da agricultura, pois é preciso lançar olhares também para esse segmento social e para as condições sociais em que eles vivenciam em seus contextos rurais e diversos. É fato que “a juventude está presente na reprodução social das famílias rurais e se insere no estabelecimento agrícola através do trabalho” (DEGGERONE; LAROQUE; BARDEN, 2014, p. 368). Isso aponta uma das características mais específicas desses jovens camponeses, que provêm do contexto da agricultura familiar, estes tendem a amadurecer mais cedo por conta das responsabilidades com o trabalho agrícola (TROIAN; BREITENBACH, 2018). No entanto, para além da inclusão do jovem na agricultura, existem outros elementos preponderantes para a melhoria das condições de vida desses sujeitos. Carneiro (2007) pontua que essa realidade histórica que produziu o imaginário do rural como lugar de atraso tem feito os jovens camponeses se deparem com o estigma, muitas vezes, interiorizado, e as tensões que os diferenciam e os segregam, levando-os à um lugar associado a um parco desenvolvimento. Quando foi questionado a um dos jovens entrevistados se ele vinha de um lugar considerado rural, ele respondeu:

É, é uma cidade até que rural, e tipo, eu moro na cidade, mas meu pai ele passa o dia no interior mesmo, porque ele morava lá antes de casar com minha mãe, e ele passa o dia lá cuidando das terras do falecido pai dele né, das coisas, e tudo mais, mas lá é um interior, zona rural, o povo sobrevive do roçado, não tem nenhum tipo de indústria, nem empresa, nem emprego (JULIANA, ECONOMIA).

Pode-se perceber que a concepção de rural aparece relacionado a ideia da roça, da falta de indústrias e emprego. Portanto, ainda há o reconhecimento do rural como espaço marcado pelo falta de estrutura. Isso leva à alguns autores, como Sá e Souza (2012), questionarem sobre a permanência dos jovens no campo e algumas estratégias fundamentais para estimular a convivência dos jovens com o rural, como criar condições de melhoria de vida, maiores oportunidades de estudo, trabalho, qualificação e lazer. Diante disso, o que se vê recentemente são mudanças nas gerações de jovens que vem

dessa realidade, que aponta outras direções diferentes das suas gerações anteriores. Isso se evidencia, quando um dos jovens fala de sua família e seu modo de vida:

Minha mãe, ela trabalha como, é agricultora, né? E dona de casa. Doméstica. E ela trabalha vendendo, revendendo leite. E o pai cuida do gado, tira o leite e a mãe que vende. Aí eu tenho uma irmã também, que ela não trabalhava, mas ela casou e agora tá trabalhando também. E eu, eu estudava, só. Aí eu ia pra, estudava em outra cidade, fiz o Enem, entrei, aí eu vim morar aqui (DARKSON, ODONTOLOGIA).

Deste modo é necessário que, na contemporaneidade, ponhamos em questão as concepções que naturalizam imagens do jovem rural camponês e produzem perfis fossilizados. Cientes de que não há uma delimitação pronta e fechada sobre o que é juventude rural, concorda-se com Troian e Breitenbach (2018, p. 790) quando reconhecem a importância de “estabelecer referências acadêmicas para o que se entende por jovens, quem pode ser considerado jovem e que critérios são utilizados para identificar a juventude” e reiteramos de como esta imprecisão pode tornar a juventude rural uma categoria difícil de ser sustentada epistemologicamente. Além do mais, a Psicologia, de um modo geral, pouco discute sobre a categoria juventude camponesa ou rural, sendo mais presente esse tipo de discussão no campo das ciências sociais e educação.

A partir da concepção de juventudes (GROPPO, 2004; 2017) e de ruralidades (LEITE *et al.*, 2013; SILVA; MACEDO, 2017) podemos desconfiar da marca que se imprime ao reproduzir um ideal de jovem rural que logo pressupõe uma posição dicotômica e inferiorizada em relação ao jovem urbano. Portanto, nesta pesquisa, considera-se como objeto de estudo, os jovens camponeses não apenas como o jovem proveniente de famílias agrícolas, pois esta percepção de rural restrito à prática agrícola está mudando. Reconhece-se também aqueles jovens que vem de regiões periféricas, sejam cidades de pequeno porte ou comunidades com características rurais, situadas aos arredores de centros urbanos e, ou capitais regionais, sítios, distritos, regiões serranas, praias, etc.

3.3 Entendendo a relação entre o sertão e a cidade: perspectivas e escolhas

“(...) É preciso amor/Pra poder pulsar/É preciso paz pra poder sorrir/É preciso a chuva para florir/Penso que cumprir a vida/ Seja simplesmente/Compreender a marcha/E ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro/Levando a boiada/Eu vou tocando os dias/Pela longa estrada, eu vou/Estrada eu sou (...)

(Tocando em frente, de Almir Sater)

A relação entre urbano e rural sempre foi algo presente na nossa literatura e na realidade do nosso Brasil. De um modo geral, o sertanejo e o caipira foi sendo inserido nas canções afirmando uma determinada identidade rural, em contraposição aos modismos dos centros urbanos. Ao fazermos uma releitura de algumas músicas sertanejas, que vem retratar as dores e dificuldades, como a música *asa branca* de Luiz Gonzaga e *Luar do sertão*, de Dominginhos, podemos ponderar a possibilidade da representação de um sertanejo que se pluraliza frente às novas ruralidades. A ideia de propor essa música *tocando em frente*, de Almir Sater, traduz a resistência de fugir da imagem estereotipada e negativa de um sertão idealizado e pensar na necessidade de “compreender a marcha e ir tocando em frente”, a partir da valorização da vida, que pode estar em um sertão chuvoso ou uma cidade árida. Contrapondo-se a uma dicotomia, pretendemos pensar na perspectiva da pluralidade, que pode atravessar a vida de quem vive no sertão e, ou na cidade.

É inegável que sair do campo sempre foi algo colocado como possibilidade para aqueles que queriam crescer e ser feliz. Entre os desejos e expectativas, foi possível testemunhar inclinações dentre estes que decidiram pela busca da cidade. Mas a saudade também sempre foi uma marca, presente, na relação com esse sertão/rural. A letra da música retrata um contato longínquo entre o rural, do sertão, e o urbano, da cidade, o que pode denotar similitudes e diferenças entre essas realidades.

Não há consenso universal quanto aos critérios para delimitar as diferenças entre rural e urbano. Abromavay (2000) aponta três formas mais frequentes para delimitar o que é o rural: 1) A delimitação administrativa, pois o rural é definido de acordo com os poderes públicos municipais; 2) Pela ocupação da mão de obra, que no caso de comunidades rurais caracteriza-se essencialmente pela agricultura; 3) Pela densidade populacional. De acordo com Rodrigues (2014, p. 432): “para além de ser o espaço da agricultura, as outras características atribuídas ao rural são: a relação direta dos seus habitantes com a natureza, a baixa densidade populacional e o interconhecimento entre os seus habitantes”. Kayser (2006) destaca a forte identidade territorial coletiva, partilhada pelos moradores de zona rurais e que é um demarcador dessa diferença.

Para Sorokin *et al.* (1986), o rural era caracterizado por ser representado por comunidades pequenas, isto está em consonância com a afirmação do jovem quando

explica porque considera o lugar onde mora como rural: “*É uma cidade pequena, é tipo um pé de serra, ela é bem pequena, e eu morava com meus pais*” (JULIANA, ECONOMIA).

Embora estejam acontecendo inúmeras transformações acerca de como se configurava e de como se configura hoje o rural, sem dúvidas podemos destacar algumas diferenças no que tange a manifestação da pobreza e o modo de vida das pessoas que vivem nestas realidades. O rural ainda permanece marcado por um menor contingente populacional, como afirmada o jovem estudante entrevistado: “*Eu moro no distrito, um distrito pequeno, com uma população muito pequena. Digamos que tenha pouco acesso à cultura, porque é um distrito pequeno, mas é bacana, tem muita coisa boa*” (HELENO, MÚSICA)

Com Coutinho *et al.* (2013), pensar na relação entre o rural e o urbano é ir além da dimensão territorial e geográfica, exigindo abarcar também as dimensões sociais e econômicas. Ultimamente, a agricultura não é a única prática que define a realidade de trabalho das comunidades rurais, existem domicílios rurais agrícolas e não agrícolas que exercem inúmeras outras atividades (ABROMAVAY, 2000), sendo isso conhecido como pluriatividade. Com isso, pode-se dizer que novas relações estão marcando as especificidades do rural, pois ele vem adquirindo nova roupagem.

Concordamos com Leite *et al.* (2013), que esse modo de conviver, gera diferentes dinâmicas espaciais, diferentes modos socialização e de subjetivação, influenciando o sentimento de pertence e a identidade de lugar dos camponeses. Além disso, tem como fonte de produção atividade agrícola ou pluriatividade, o que tende a gerar mais aproximação entre as pessoas, favorecendo vínculos que repercutem no dia a dia, através de relações de vizinhança, nas atividades de comercialização, partilha de valores pessoais, culturais e espirituais (XIMENES *et al.*, 2016).

Esse maior grau de afinidade, característico de comunidades de pequeno porte, produz condições mais favoráveis para formação de redes de apoio, solidariedade e pertença. Isso pode ser corroborado pela ideia de Ximenes e Moura Jr. (2013) ao afirmarem que, geralmente, em comunidades rurais as relações afetivas são mais fortalecidas havendo até um maior reconhecimento, por nome, entre os moradores.

Leite *et al.* (2013) pontuam que o rural passa por problemas sociais próprios e agravantes, como as dificuldades de acesso a serviços de saúde e educação, questões como insegurança fundiária, exploração de mão de obra, situações de conflito e violência por conta da ocupação e posse de terras, expulsões e despejos, além de problemas

relacionados à seca e estiagem, extração de madeira e preservação ambiental. Para Oliveira e Feliciano (2016) a realidade do campo está relacionado à um contexto:

Desabastecido de políticas públicas de infraestruturas sociais, culturais e de lazer, com característica referente às raízes do modo de vida local, como os laços familiares e de amizade, a proximidade da natureza, o lugar do sossego, da paz, tranquilidade, da qualidade de vida (p. 212).

Sob a lente histórico-cultural, as diferenças especificadas entre o rural e o urbano envolvem dimensões históricas, sociais, econômicas e simbólicas, pois em cada uma dessas realidades existe um modo de vida próprio revelador de uma dinâmica de convivência, de partilha de laços e de sentimento de comunidade (GÓIS, 2005).

A urbanização foi fomentado pela industrialização que, até hoje, produz impactos para o modo de vida do sujeito nas cidades. A realidade dos centros urbanos, por sua vez, se diferencia também por uma diversidade dos meios de comunicação que provocam uma rápida circulação de informação (COUTINHO *et al.*, 2013) e geram implicações para os modos de sociabilização e interação entre os sujeitos. Desse modo, por mais que se tente delimitar as diferenças do rural e do urbano, é preciso considerar que “o processo de industrialização da agricultura tem eliminado gradativamente a separação entre a cidade e o campo, entre o rural e o urbano, unificando-o dialeticamente” (OLIVEIRA, 2000, p. 475).

Além disso, o urbano também é caracterizado por uma maior cobertura das políticas públicas, maiores impactos dos meios de comunicação e mídia e um estilo de vida que implica valores pautados numa cultura urbana. De um modo geral, ao se pensar na realidade urbana, vemos que a atividade exercida pelas pessoas, o modo como ocupam seu tempo livre e usufruem do lazer, assim como as possibilidades de deslocamento e socialização, são pontos fundamentais que demarcam a fronteira com a realidade rural. Sobre o rural e urbano, um jovem camponês, de origem serrana, destacou:

Eu acho que é porque tem, em comparação a serra, tem muitas coisas pra fazer, muitos lugares pra sair. É, o acesso a certas coisas também, tipo, aqui tem um shopping, aí tem livraria. Viçosa é um pouco difícil a gente ter acesso a essas coisas e os preços são relativamente mais altos lá (EDILENE, ECONOMIA).

A diferença dessas realidades também está relacionada ao uso do tempo livre, nos modos de lidar com o trabalho e as relações sociais. Além disso, a cidade pode ser vista, por Furlani e Bonfim (2010), como a divisão em pequenos mundos que são os bairros,

que, por sua vez, estão separados pelas condições sociais de seus moradores, gerando uma exclusão social dos mais empobrecidos.

Bispo e Mendes (2013) sintetizam alguns critérios para delimitar a relação entre o rural e o urbano, ou entre o campo e a cidade, dentre os quais destacamos estes: a atividade agrícola, considerada muito mais presente no campo/rural. O tempo de dedicação a atividade laboral que no caso dos agricultores rurais, é maior e mais autogerido do que os trabalhadores dos centros urbanos. E, por fim, o terceiro critério é o tamanho das comunidades, sendo a rural ou o campo menor, em tamanho e densidade populacional, do que as comunidades urbanas/cidades. Enquanto em um, o uso se destina mais ao trabalho e às atividades ligadas a natureza e ao campo, e as atividades de trabalho se misturam e confluem com as relações familiares, já nas cidades mais desenvolvidas, as atividades se diversificam no dia-a-dia, assumem caráter mais mercadológico, as relações de trabalho e as familiares se constroem de modo mais apartado.

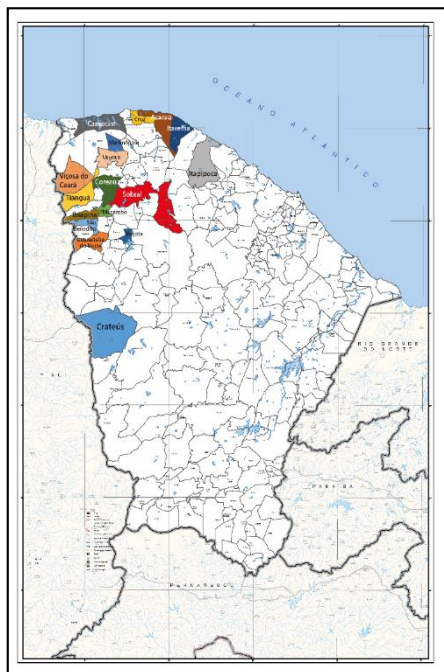
Furlani e Bomfim (2010) em pesquisa realizada no Ceará, ao comparar a realidade urbana e rural concluíram que o ambiente rural é identificado, pelos jovens como lugar de agradabilidade, por produzir sentimentos de bem-estar e ao mesmo tempo, como lugar de contraste, devido as poucas oportunidades de emprego e renda. Quando foi questionado a um dos jovens, qual o sentimento que a comunidade rural remetia a ele, de imediato veio a resposta: *“Alívio, assim (risos). A semana é bem puxado aqui, porque eu costumo estudar durante o dia, e a noite tenho aula, né?! E quando eu chego lá literalmente eu descanso”* (RONALDO, FINANÇAS). O discurso de outro jovem também vai nessa direção de considerar sua comunidade de origem *“Um lugar pra descansar, vamos dizer assim. Porque lá é calmo, lá é frio. Aí é essa a sensação, de descanso”* (EDILENE, ECONOMIA). Com isso, constata-se o vínculo e a relação de agradabilidade e bem-estar que se fortalece a cada retorno do jovem à sua comunidade.

Para Rodrigues (2014), a compreensão do que é rural sempre é dada pela definição do que é urbano, a ponto do rural ser determinado por tudo aquilo que não é urbano. Isso é evidenciado na fala do jovem estudante quando diz: *“O distrito é considerado mais urbano, mas eu não moro no distrito mesmo, eu moro mais afastado como se fosse um sítio, aí é mais afastado, é rural mesmo”* (ESTRELA, PSICOLOGIA). Desta feita, colocamos o rural/campo e o urbano/cidade em relação dialética, como uma unidade em contradição, em que um só pode ser compreendido na sua relação com o outro (BISPO; MENDES, 2012).

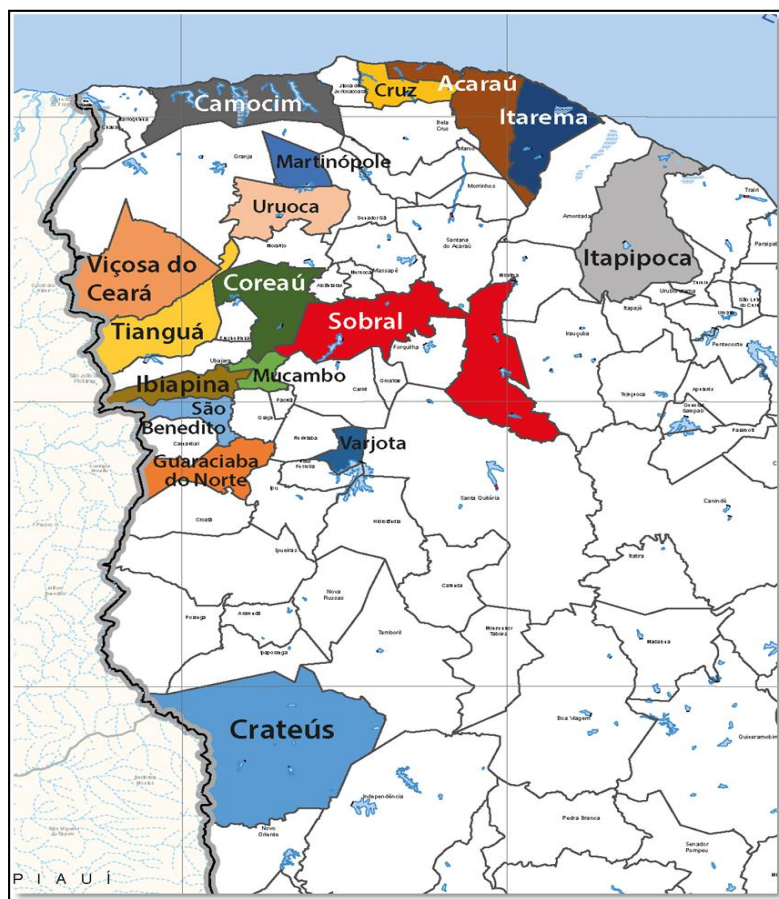
É nesse sentido que não fica tão evidente considerar um determinado local como rural ou urbano, essa classificação acaba por ser determinada a partir de uma relação, como por exemplo, quando comparada a Fortaleza, capital do Estado, Sobral pode ser considerada uma cidade do interior, no entanto, quando comparada a cidades menores, pode ser considerada um centro urbano. Pontua-se, com isso, as distintas ruralidades existentes no Brasil, no Nordeste e no Ceará. Este estudo é realizado em Sobral (Figura 4), estado do Ceará (Figura 3). É considerada pelo IBGE uma capital regional, e tem como foco jovens camponeses que provenientes de regiões e localidades menores, que configuram diversos tipos de ruralidades. Conhecida como princesa do Norte, Sobral é considerada um polo que vêm atraindo um grande contingente de estudantes universitários, principalmente das regiões circundantes. As mais frequentes nesta pesquisa são apontadas na Figura 4.

Figura 4: Mapa de localização - regiões mais frequentes na pesquisa

Figura 3: Mapa Geral do Ceará



Fonte: Adaptado IPECE

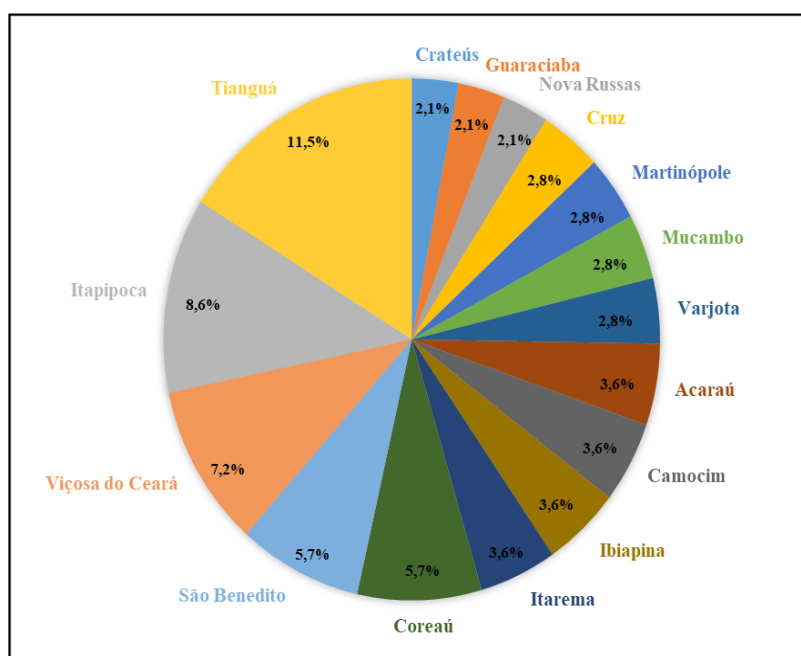


Fonte: Adaptado IPECE

Na etapa de aplicação dos questionários constatamos que 99,3% (n=140) disseram ser do interior e 0,7% (n=2) definiram como capital. Esse percentual de 0,7% correspondeu a dois sujeitos, um proveniente do interior de São Paulo e outro proveniente

do interior de Minas Gerais. Estes foram excluídos das análises, pois priorizou-se tratar da realidade específica do Ceará. Ao considerar a totalidade dos sujeitos ($f=100\%$; $n=138$), as localidades mais incidentes foram Tianguá ($f=11,5\%$; $n=16$), Itapipoca ($f=8,6\%$; $n=12$), Viçosa do Ceará ($7,2\%$; $n=10$), São Benedito ($5,7\%$; $n=8$) e Coreaú ($5,7\%$; $n=8$). Esses dados podem ser visualizados no Figura 5.

Figura 5: Gráfico da frequência das regiões mais incidentes no estudo



Fonte: Dados da pesquisa.

Neste estudo, despontaram a participação de jovens oriundos de Tianguá, Viçosa e São Benedito que integram parte da microrregião de Ibiapaba. A serra da Ibiapaba situa-se a uma média de 130 km de Sobral, cerca de uma hora e meia de traslado, é conhecida como Serra Grande, com uma área territorial de 5.697,30 km² e abrange nove municípios⁹. Esta região possui grande demanda de jovens concludentes do ensino médio, com poucas oportunidades. Esta realidade faz com que muitos destes jovens busquem em Sobral, o acesso a uma educação superior. De acordo com a notícia divulgada no site do Governo do Estado do Ceará¹⁰ (2018) “existe uma demanda real de 4.500 jovens, por ano, igual ao número de concludentes de ensino médio, sem contar as demandas acumuladas

⁹ Carnaubal, Croatá, Guaraciaba do Norte, Ibiapina, Ipu, São Benedito, Tianguá, Ubajara e Viçosa do Ceará.

¹⁰ Notícia completa disponível em: <https://www.sct.ce.gov.br/2018/12/13/aprovada-criacao-da-universidade-federal-da-ibiapaba/> - Acesso em 08.10.2019, às 22h.

em anos anteriores”. Esse dado é fruto de um estudo de viabilidade e vem sendo usado como argumento para justificar a demanda da criação de uma IFES nesta região.

Coreaú concentra mais de 20 mil habitantes e situa-se entre as serras da Meruoca e da Ibiapaba, com a cidade de Sobral na direção leste¹¹. Itapipoca tem mais de 50 mil habitantes, é considerado um município desenvolvido e populoso situa-se a uma média de 140 km de distância de Sobral, também chamada cidade dos três climas, por concentrar territórios de praia, serra e sertão¹². O fato de jovens migrarem dessas regiões para estudar em Sobral, pode ser entendido a partir da questão geográfica, o que permite o jovem estar mais próximo da família e de seu lugar de segurança. O fato de serem cidades de pequeno e médio porte, a mudança de modo de vida não é tão abrupta, e pode acontecer com maior progressividade. Além disso, a facilidade de deslocamento e o acesso a uma Universidade Federal também são elementos que podem justificar essa relação e escolha do jovem por estudar na UFC, em Sobral.

3.4 Os processos migratórios: os jovens que saem do rural/campo e do interior para a cidade/urbano

*Da janela lateral do quarto de dormir
Vejo uma igreja, um sinal de glória
Vejo um muro branco e um voo pássaro
Vejo uma grade, um velho sinal
Mensagem natural de coisas naturais
Quando eu falava dessas cores mórbidas
Quando eu falava desses homens sórdidos
Quando eu falava desse temporal
Você não escutou
Você não quis acreditar
Mas isso é tão normal (...)*

(Paisagem da janela, de Milton nascimento)

A migração parece representar um sinal de glória, uma esperança de um voo pássaro, como Milton Nascimento traz em sua música, mas que ao mesmo tempo, o jovem que vivencia essa experiência tem muito a dizer sobre os ‘homens’ e o ‘temporal’, a partir de uma leitura metafórica do poema. No entanto, esse jovem migrante precisa ser visto, sentido, percebido e auscultado. Se a migração tem se tornado um fenômeno ‘normal’ na vida desses jovens, é incontestável que essa possível ‘normalidade’ revela um padrão de conduta que pode e deve ser questionado, principalmente quando consideramos novas

¹¹ Disponível em: <https://www.coreau.ce.gov.br/> - Acesso em 08.12.19, às 12h.

¹² Disponível em: <http://www.itapipoca.ce.gov.br/> - Acesso em 12.12.19, às 17h.

configurações sócio psicológicas em uma sociedade em desenvolvimento que já não encara mais relação rural-urbano como se encarava nas gerações anteriores.

Deste modo, a migração tem sido um tema bastante debatido na esfera pública e social, e isso tem reverberado na sua importância também nos centros acadêmicos. Está relacionada a mobilidade humana, porém não são sinônimos. Podemos entender a “(...) migração como uma forma específica de mobilidade populacional em que I) há uma mudança permanente de residência de um indivíduo, II) entre determinadas unidades espaciais (usualmente municípios), III) em um período de tempo definido” (BARBIERI, 2011).

Para Barbieri (2011) a mobilidade envolve fatores objetivos, associados a mudança de residência, perspectiva temporal e espacial, fatores subjetivos, quando ela é de caráter voluntário ou involuntário, e fatores contextuais, quando o contexto tem variáveis que atraem ou expulsam as pessoas. Podemos considerar questões socioeconômicas e a pobreza como elementos que podem ser repulsor do sujeito, especialmente os mais jovens que buscam profissionalização e estudo e não encontram em suas localidades. Assim, o contexto se torna mais favorável a migração destes em busca de melhores condições de vida, apontando que “as dinâmicas regionais passaram a imprimir especificidades às migrações urbanas-rurais” (BAENINGER, 2012, p. 77).

No que diz respeito, especificamente ao jovem de comunidades rurais e cidades interioranas, por conta dessas condições de vida, eles costumam buscar trabalho mais cedo (FURLANI; BOMFIM, 2010). Essa perspectiva se faz presente no discurso de um dos jovens quando afirma sobre como ele percebe as diferenças entre os jovens que vivem na cidade e os que vivem no campo:

Pesquisadora: Para você, quais as diferenças entre o rural e a cidade?

Entrevistado: Ah, porque às vezes, a educação, os costumes, é diferente! Acho que, nem sempre, mas acho que o jovem rural é mais obediente. Assim é acostumado trabalhar desde cedo, enfrentar as dificuldades, porque hoje em dia tem muitos jovens, mesmo que não seja de classe alta, mas que moram na cidade. Ele é acostumado com tudo fácil, os pais fazem de tudo pra da as coisas a ele eles não ligam muito, não se importam com as conquistas que eles conseguem. Acho que a diferença é isso (LEANDRO, FINANÇAS).

Pesquisadora: Como você vê a diferença entre o campo e a cidade?

Entrevistado: Acho que a questão da localização mesmo. E até o acesso, também, tem as escolas também (na cidade). As dificuldades no rural são maiores, bem maiores do que viver na cidade (DARKSON, ODONTOLOGIA)

A partir disso, pode-se identificar como a questão, principalmente das condições de vida é um marcador que ainda caracteriza a realidade do jovem camponês. É preciso destacar o trabalho como mediador fundamental de seu desenvolvimento, já que a atividade dominante que orienta o desenvolvimento do jovem é “a unidade contraditória entre a atividade de estudo profissionalizante e a atividade produtiva, destacando que a predominância de uma delas ocorre pela determinação da posição que o jovem ocupa em relação aos meios de produção” (ARANTES; BULHÕES, 2016, p. 242).

Desse modo, a relação do jovem com o mundo necessita ser compreendida a partir das suas possibilidades de qualificar sua força de trabalho através da atividade produtiva. As desigualdades vivenciadas em realidades de características rurais tem feito com que os jovens busquem alternativas para satisfazer seus anseios, desejos e necessidades, muitas vezes, longe de sua comunidade, reproduzindo uma cultura da migração efetiva ou se propondo a vivenciar a migração transitória. Esse processo se complexifica à medida que ocorre em um contexto marcado pelas desigualdades sociais, econômicas e culturais:

São os jovens que vivenciam de forma mais intensa a tensão entre as forças instituídas e as instituintes na dinâmica social, em face das desiguais oportunidades em relação a gênero, etnia e classe social, mas, sobretudo em relação à circulação, acesso e distribuição dos bens culturais (LARANJEIRA; IRIART; RODRIGUES, 2016, p. 121).

Para Alves e Dayrell (2015), a condição juvenil, na realidade rural, mostra-se fortemente influenciada pela cultura da migração, isso ocorre por conta das condições de vida presente na realidade rural, tais como dificuldades de emprego e renda, acesso a diversidades de bens e serviço. Tudo isso são fatores que, historicamente, estimulam a migração campo-cidade de muitos jovens, principalmente mulheres jovens que se distanciam cada vez mais do trabalho da roça, demarcando uma diferença de suas gerações anteriores, como mães e avós cujas histórias mostram uma dedicação à agricultura e ao trabalho com a terra (SALES, 2006a).

Em meio a esse cenário, somamos outras problemáticas, visto que o perfil da juventude camponesa vem se modificando e esses jovens passam a ter outros desejos e outros sonhos de futuro. Dentre essas problemáticas estão as poucas perspectivas de estudo que se somam à necessidade de acesso a um mercado de trabalho diverso, emprego e renda (CAVALCANTE; SILVA, 2016).

Marinho (2014) ressalta que essa realidade de migração tem se mostrado mais frequente, principalmente entre os jovens que buscam investir nos estudos, ao nível de ensino médio e ensino superior, e querem uma melhor qualificação, pois de um modo geral, no meio rural quando há escolas, elas atendem ao público até o ensino fundamental. A consequência desse cenário de migração é a redução da juventude de origem camponesa, produzindo um envelhecimento do campo (MARINHO, 2014), um desinteresse do jovem pela terra (CASTRO, 2005), uma diminuição da força de trabalho familiar nas comunidades rurais e inchaço nos centros urbanos. Diante desse contexto, “a temática juventude rural e êxodo aparece como preponderante para se pensar e projetar o desenvolvimento do campo” (SILVA, T. L., 2014, p. 157).

Com a migração se vê também que jovens do interior e comunidades rurais vão para a cidade grande e se submetem a ocupações e empregos precários, com baixas remunerações, pondo em xeque o ideal e o imaginário construído acerca da vida nas grandes cidades. A vida nas cidades grandes impõe novos hábitos, a necessidade de lidar com outras culturas, diferentes modos de socialização e inúmeros desafios diários de convivência para a significação da realidade urbana que é bem diferente do modo de vida no campo. Dentre as facilidades e dificuldades provenientes da migração, os participantes da pesquisa destacam: “*A pessoa conhece coisas novas, né, do que estar acostumada. E as coisas ruins é como eu já falei é a distância da família. Isso é algo que pesa mais, é o que a pessoa sente mais falta*” (LEANDRO, FINANÇAS). Sabe-se que a juventude rural “é pautada por realidades diversas, balizadas por condições e necessidades específicas, as quais influenciam na construção de diferentes identidades” (SILVA, T. L., 2014, p. 197).

Assim, pode-se ver que, mesmo se a escolha do jovem for por sua vida na comunidade rural, existem as condições sociais e estruturais que representam empecilhos para a realização de seus projetos de vida. Deggerone, Laroque e Barden (2014) identificaram a importância da autonomia, do poder de decisão do jovem na propriedade rural e da retribuição monetária pela atividade desempenhada, como fatores que influenciam a busca desse jovem por autonomia.

Diante das representações históricas que reforçam a representação social do rural como um lugar de atraso, monótono ou não evoluído, em contraposição ao urbano representado como um lugar moderno e desenvolvido, foi que Bonomo e Souza (2013) realizaram um estudo para investigar o modo de ver dos sujeitos rurais acerca da ruralidade e da urbanidade, visto que se faz relevante saber sobre a existência de movimentos de afirmação indenitária partindo dos camponeses. Em contraposição ao

imaginário construído, identificaram outra visão, construída pelos moradores de zona rural, que consideram que:

A cidade não é um bom lugar para se viver e, portanto, não recomendam o modo de vida urbano, tendo em vista a seguinte argumentação, baseada na comparação entre os dois territórios: não gostam da cidade (ambiente preso, tumultuado, violento e sem amizade), o rural possui mais vantagens (sustentabilidade, segurança e tranquilidade), o migrante rural ocupa na sociedade urbana lugar de inferioridade (mora na periferia e passa fome) e na cidade os trabalhadores possuem padrão, contrariando a ideia do trabalho livre tal como vivenciado na agricultura familiar (BONOMO; SOUZA, 2013, p. 406).

Assim, apesar da migração ainda persistir, há uma quebra no imaginário quando o morador da zona rural que, de um modo geral, é jovem, se depara com a complexidade do modo de vida nas grandes cidades e sente o choque das diferenças, principalmente quando produtora de dificuldades, dentre as quais destacam-se duas: a primeira voltada para a questão da violência e a segunda para a questão da mobilidade. Isso é visível quando o jovem estudante diz que “(...) às vezes a noite quando a gente vai pra casa, a pessoa não traz nem o celular pra cá porque tem medo ser assaltado, eu moro bem aqui, aqui de traz, não é nem 200 metros e já fui assaltado uma vez” (LEANDRO, FINANÇAS). O aumento da violência na cidade é um assunto que merece ser considerado quando se discute sobre as diferenças e as dificuldades para esses jovens que saem do campo para viver na cidade. Outra diferença está relacionada a dificuldade de locomoção na cidade e os custos disso:

Às vezes tinha aula no contra turno e eu não ia, porque o transporte era caro, o moto-táxi, na época, ele já não era muito barato. E eu, como eu não era daqui, eu nunca soube pegar ônibus aqui em Sobral. Aí então eu dependia muito do moto-táxi (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

A diferença de contexto exige maiores e melhores condições estruturais, sociais e econômicas para lidar com a mobilidade dentro da cidade, o que parece tornar mais difícil o processo de adaptação para os jovens pobres, vindo do campo. Além disso, tem a exigência de assumir novas responsabilidades sobre si e sobre a vida, o que pode ser também gerador de outras dificuldades, provenientes da distância da família. Isso é ressaltado por um dos entrevistados: “A dificuldade, acho que é tá longe dos meus familiares, tipo, quando a gente tá aqui e adocece, a gente tá sozinho e tem que resolver as coisas” (EDILENE, ECONOMIA).

Por outro lado, não são só as dificuldades que marcam, existem fatores que impulsionam a busca pela cidade grande. Dentre os principais motivos que levam os jovens a migrarem está o interesse em continuar os estudos, condições que não são possíveis quando há predileção pela vida em localidades pequenas de característica rural. Embora, é válido ressaltar que as dificuldades e os motivadores coexistem e são produtores de conflitos e dúvidas, “particularmente entre os jovens, que expressam a tensão entre a necessidade/desejo de acesso aos recursos existentes na cidade e o vínculo afetivo com o modo de vida rural” (BONOMO; SOUZA, 2013, p. 406).

O fato é que atualmente preponderam grandes transformações nas comunidades rurais, principalmente, no que tange ao segmento juvenil. Segundo Zago (2016), essas transformações estão ligadas às demandas por escolarização em nível superior e à busca por novos destinos sociais e profissionais, isso os leva a se distanciarem do campo e da agricultura e apostarem na vida urbana. É preciso considerar que essas mudanças situadas ao nível global e social, provenientes de uma estrutura capitalista que exige maior nível de estudo e especialização profissional, gerando impactos em quem vive na zona rural:

Parte igualmente da hipótese de que as mudanças econômicas, sociais e culturais que vêm sendo processadas no meio rural, aliadas às políticas de expansão do ensino (básico e superior) e a maiores exigências profissionais relativas à certificação escolar, produzem novas configurações e demandas em relação à escolarização dos filhos de agricultores (ZAGO, 2016, p. 65).

Destarte, um dos fatores que prevalece hoje, na discussão sobre a temática da migração da juventude camponesa está relacionado à busca por ensino especializado, de nível médio, profissionalizante e superior. Se por um lado, há aqueles estudantes que moram na cidade pra estudar e retornam a sua comunidade apenas alguns finais de semana, há um outro perfil que são aqueles que se deslocam diariamente para a cidade, em transportes universitários. Há uma diversidade de facetas, entre facilidades e dificuldades, que geram desafios frente a escolha pela migração ou pela mobilidade cotidiana. O fato é que para migrar e morar na cidade, é preciso um mínimo de condições econômicas para sustentar esse novo modo de vida. Os que não tem essa condição, a saída que encontram é a mobilidade transitória, “nessa trajetória, o que foi deixado para traz coaduna-se a outros sentidos, para permitir o encontro de uma nova vida provisória, novos olhares, para si e para o mundo, e novos lugares identitários” (CAVALCANTE; SILVA,

2016, p. 266). Muito embora eles coloquem a questão da mobilidade cidade-campo, como um fator que captura o tempo deles:

É, por que eu tive mais tempo, por que eu não perdia esse tempo, e eu não ficava muito cansada, porque eu chegava meia noite, mas os dias que eu precisava vim pra Sobral eu tinha que ta acordada 4:30 da manhã já pra tá voltando, ai voltava meio dia e tinha que voltar 16h ai chegava meia noite, ai tinha 3 vezes na semana que eu fazia isso (JULIANA, ECONOMIA).

Esse discurso demonstra ser a mobilidade um tempo contraproducente, considerado tempo perdido: “*como daqui pra serra são duas horas de viagem e é uma viagem extremamente cansativa, se eu ficasse indo e vindo todo dia, eu perderia muito tempo*” (EDILENE, ECONOMIA). Para essa estudante, esse tempo poderia ser mais produtivo, se investido em outra direção, como “*na questão de trabalho, de vir estudar na biblioteca da faculdade, resolver alguma coisa*” (EDILENE, ECONOMIA).

Sobre essa mobilidade como sinonímia de perda de tempo, para eles, interfere diretamente no rendimento acadêmico, “*(...) no primeiro semestre, eu fiquei de AF (prova final) em uma disciplina e no segundo e no terceiro eu não fiquei em nenhuma. Aí, talvez, tenha sido vir morar aqui também e me esforcei mais*” (DARKSON, ODONTOLOGIA). Quando eles conseguem condições financeiras adequadas, através de bolsas acadêmicas ou auxílios, muitos optam por realmente migrar e fixar moradia na cidade:

Sim, eu já passei dois semestres e o começo do terceiro indo e vindo, às vezes duas no dia, por que antes do auxílio moradia, eu tinha o BIA, que era o Bolsa de Iniciação Acadêmica, aqui também da UFC, e ai eu vinha e ia duas vezes no dia, passava mais de 4 horas no ônibus, muito ruim (JULIANA, ECONOMIA).

Embora morando na cidade, vê-se que, mesmo assim, a frequência de retorno a sua comunidade de rural é alta. Os dados apontaram que 15,9% dos jovens retornam a sua comunidade de origem 1 vez por mês, 17,4% diz ser 2 vezes por mês, 13% pontuou 3 vezes ao mês, 49,3% configurando a maioria, retorna todo final de semana. Essa mobilidade é movida pela necessidade e dificuldades que muitos tem para se manter na cidade, principalmente do ponto de vista econômico.

A mobilidade cotidiana tem reflexos na constituição da identidade e da sociabilidade desses jovens, construindo novas práticas e inúmeras maneira de fazer e ser que acontecem até nos transportes universitários (FREITAS; BRAGA, 2013). Diante disso, essa mobilidade aparece possivelmente para tentar romper os círculos de

invisibilidade e exclusão social e cultural cultivada no campo (OLIVEIRA; FELICIANO, 2016).

Por isso é que se faz urgente refletir sobre o lugar que esse jovem migrante ocupa, especialmente, aquele que não saiu definitivamente de sua localidade, mas vivencia um modo de vida marcado por esse vai e volta, por uma realidade em movimento e pelas insatisfações e incertezas que são impostas por essas circunstâncias, sejam da ordem do efêmero, ou não. O fato é que seus desejos e a própria relação com essa mobilidade parece diferente de gerações anteriores, isso se evidencia quando o jovem diz: “*Cara, eu (pausa) assim era uma coisa que eu já queria muito, então pra mim, foi uma sensação de uma conquista pra mim*” (RONALDO, FINANÇAS). Reconhece-se, portanto que migrar do campo/rural para a cidade/urbano pode contribuir com elementos de fortalecimento e pode representar um estímulo a liberdade e autonomia que o jovem tanto almeja, a partir da relação com novas responsabilidades:

Essa experiência, pra mim, é boa que a gente vê a gente vê e a gente vive novas experiências né, a gente se locomovendo a gente vai ganhando mais responsabilidades, ficando com mais responsabilidade pra nossa própria pessoa. Antes era nossa família que tinha essa responsabilidade, hoje não, hoje a gente se torna mais responsável (FÁBIO, ENGENHARIA ELÉTRICA).

Desse modo, constatamos que o rural e o urbano são mundos bastante distintos, mas que se entrelaçam intensamente na vida daqueles jovens que decidem migrar para buscar satisfazer suas necessidades e se deparam com grandes desafios, muitas vezes encarados de forma contraditória e não passiva (OLIVEIRA; FELICIANO, 2016). Estes desafios exigem transformações sócio psicológicas, readaptações, criações, resistências e enfrentamentos, produzidos numa relação dialética com as urbanidades e ruralidades em construção.

3.5 As ruralidades e a pobreza no Nordeste Cearense

*Eita! Sertão do Nordeste
Terra de cabra da peste
Só sertanejo arrizéste
Ano de seca e verão
Toda dureza do chão
Faz também duro
O homem que vive no sertão
Tem cangaceiro
Mas tem romeiro
Gente ruim, gente boa*

*Cabra bom, cabra à toa
Valentão, sem controle
Só não dá cabra mole*

(Cabra da Peste, de Luiz Gonzaga)

Como muito bem traduz a letra de Luiz Gonzaga, o nosso Ceará é uma terra de intensidades, que pode ser visto pela expressão “Eita!”, bem típico do nosso ‘cearês¹³’. É um lugar que tem um povo cabra da peste, gente que tem garra e luta, que vai desde a força física à força psíquica pra lutar e construir o chão que pisam, seja na secura do sol ardente ou enfrentando a aridez de dias sombrios, marcados pela escassez. O rural nordestino carrega consigo as marcas do calor e da cultura do nosso Ceará, demarcando um sertão que é escandalosamente diferente, quando contrastado com o rural da região sul e sudeste, do Brasil.

Para discorrer sobre o Nordeste, vamos partir da consideração que é tanto um espaço geográfico, quanto uma instância social, pois abrange o espaço físico e o espaço social, de forma dialética e dinâmica (SANTOS, 1996). Ao entender, com Queiroz (2014), que uma formação social é também uma formação espacial, podemos pensar o Ceará como um território. A partir disso, concordamos com Santos (1996) ao considerar que o território vai para além do espaço físico, envolve relações de poder, relações econômicas e relações simbólicas que se constituem a partir do uso e da apropriação do lugar pelas pessoas que o constituem.

O Nordeste tem clima semiárido, o solo e o relevo são bastantes heterogêneos (GIULIETTI *et al.*, 2006), com a predominância da vegetação também heterogênea e rica, chamada caatinga (PRADO, 2003), que se estende por todos os estados do Nordeste. O Estado do Ceará, que situa-se no nordeste brasileiro, possui uma área de 148.825 km² (FREIRAS; SANTOS; QUEIROZ, 2011) e conta com 92% do seu território caracterizado pelo clima semiárido (CEARÁ, 2010). Este tipo de clima, por sua vez, apresenta irregularidade pluviométrica e alto índice de evapotranspiração, exigindo uma estratégia que permita construir uma reserva hídrica e contribua para enfrentamento das dificuldades provenientes da falta de água na região (DAMASCENO; MENDES, 2015). Isso justifica porque a seca costuma ser uma dos grandes problemas vividos por esse povo.

¹³ Cearês são palavras e expressões culturais usualmente faladas pelos cearenses.

A leitura mais comum é perceber seca exclusivamente como um problema natural, raramente as pessoas reconhecem seu caráter social, político e psicológico conforme trazido por Camurça (2014). Também é difícil de produzir associações cotidianas que compreenda as repercussões da seca para o modo de vida do camponês e consequentes reflexos para sua saúde biológica e psicossocial. Ximenes *et al.* (2017) compreendem que os fenômenos climáticos, como é o caso da seca, podem influenciar a saúde da população, produzindo patologias desde infecções e doenças cardiovasculares, até psicopatologias, como depressão, ansiedade, pânico e dependência química. A agricultura do semiárido é de subsistência, o que sofre bastante impacto em períodos de seca, pois afeta a produção e compromete a sustentabilidade da família rural. Assim, há décadas, a mobilidade e a migração vem se tornando uma tentativa de reduzir as vulnerabilidades econômicas, ambientais e sociais.

A migração no Brasil está, historicamente, ligada a questão da urbanização que tem impulsionado a mobilidade da população rural para os centros urbanos, sendo o auge na década de 70, com a concentração das atividades econômicas nas cidades, caracterizando uma sociedade de caráter mais urbano-industrial (BAENINGER, 2012). No caso do Ceará, trata-se de uma região que teve muita influência de oligarquias rurais e práticas clientelistas, passando pela chamada era dos coronéis, em que era priorizada o incentivo a uma certa identidade rural e, posteriormente, a partir da década de 90, fora substituída pela era dos empresários, com a predominância de uma identidade mais urbano-industrial (CORIOLANO, 1998).

Desse modo, podemos questionar de que modo a industrialização e a modernização pôde privilegiar o modo de vida do nosso povo nordestino. Temos Brandão (2017) que parte de uma visão da ecologia profunda e traz a importância da experiência sensível e afetiva entre o sujeito e a terra, e que foi perdendo força diante dos tempos de desenvolvimento tecnológico e modernização, culminando em crises ambientais e de sustentabilidade. No entanto, em contraposição, temos Camurça (2014), com a ideia de que foi com o incremento das políticas públicas rurais, que o rural nordestino vem adquirindo novas configurações e, com mais possibilidades de geração de renda, o povo nordestino, do campo, vem tendo a oportunidade de construir melhores condições de vida.

Nosso posicionamento se move entre o pensamento de Brandão (2017) e Camurça (2014), por acreditar-se que não são excludentes e se constroem através de uma contradição dialética. Portanto, evidenciamos a importância de entender que a

constituição histórica e cultural do lugar reverbera na compreensão de como o espaço influencia a construção dos sujeitos que nele convivem e vice-versa.

Vamos pensar essa relação no contexto do nordeste cearense. Entender essa cearensidade exige compreender a sua história, os modos dos cearenses lidar com o seu lugar, especialmente com a configuração das novas transformações, que tem refletido e metamorfoseado o sujeito do campo. “A relação pessoa-lugar é muito significativa e produz marcas indeléveis do lugar no indivíduo e, no caso do Ceará, constrói a chamada cearensidade - o jeito de ser cearense” (MARTINS; CORIOLANO, 2009, p. 107). Esse jeito de ser é produto de uma cultura e de uma história que distingue, de modo peculiar, o povo que vive e constrói essa cearensidade:

Assim, são diversas as identificações dentro do próprio Ceará, por exemplo: o jeito de ser dos caririenses, dos praianos, dos sertanejos, dos serranos, dos citadinos, dos interioranos, de cada classe trabalhadora, de cada classe profissional, são identificações diversas da cearensidade. Existe, portanto, uma multiplicidade de identificações no Ceará, dentre elas o Ceará tradicional, o moderno, o rico e o pobre, o dos políticos e o Ceará dos intelectuais. Portanto, o Ceará é uma construção, diálogos e conflitos (MARTINS; CORIOLANO, 2009, p. 107).

É em meio a esse cenário, constituído da pluralidade étnica, cultural e social, que a adição entre fatores ambientais e psicossociais se torna fundante para a constituição da identidade do sujeito (FURLANI; BOMFIM, 2010). Somamos a essas dimensões, o fenômeno da migração que também é um marcador na cultura nordestina e que vem assumindo novos arranjos. Essa inferência parte de Baeninger (2012) ao trazer que estamos frente a um novo cenário no que se refere a migração no Brasil e no Nordeste, se comparada ao século XX, pois estão evidentes, de modo mais intensas as experiências migratórias compostas de vai-e-vem, configurando novos modos de deslocamento e mobilidade contemporâneo.

Para Castro (2013) a relação entre permanecer e migrar é muito complexa, pois não se trata só de sair definitivamente de um lugar e morar em outro, hoje temos, por exemplo, a realidade vivida por muitos jovens, em que o deslocamento não necessariamente representa uma ruptura, mas pode ser característico de um modo de vida cotidiano. Em pesquisa realizada com jovens universitários que se deslocam das regiões circunvizinhas para Sobral, chama atenção para “aqueles que experimentam a mobilidade intermunicipal cotidiana a quem resolvemos chamar de universitários viajantes” (FREITAS; BRAGA 2013, p. 93). Isto posto, vê-se que atualmente que a migração pode

assumir várias configurações e é também sobre isso que pretendemos discutir e discorrer nas próximas linhas.

3.6 O modo de vida dos jovens migrantes e “cabras da peste”: havia a pobreza no meio do caminho

*Eu sou de uma terra que o povo padece
Mas não esmorece e procura vencer.
Da terra querida, que a linda cabocla
De riso na boca zomba no sofrer
Não nego meu sangue, não nego meu nome
Olho para a fome, pergunto o que há?
Eu sou brasileiro, filho do Nordeste,
Sou cabra da Peste, sou do Ceará.*

(Patativa do Assaré)

A partir da poesia de Patativa do Assaré podemos evidenciar um nordeste-cearense bem peculiar, com um povo sofrido, mas cheio de beleza e potência. É desse lugar que queremos olhar os jovens camponeses, neste estudo. A vida no semiárido nordestino é atravessada por histórias de vida, resistências e enfrentamentos. A pobreza vivida por esse povo, ao passo que gera inúmeras privações, gera também potência de luta. Ao contrário do que se diz, comumente, o jovem pobre brasileiro não é preguiçoso, nem de todo representa uma ameaça social, trata-se de um sujeito munido de energia e disposto a transformação, desde que seja oportunizado e reconhecido. No entanto, essa visão é fruto de anos de trabalho com a juventude, poderia ser pessoal, mas diria que se trata de uma visão coletiva, de militância social que enxerga o jovem como protagonista social, a partir do paradigma da libertação.

Nesse sentido, discutir sobre juventude e pobreza é necessário e desafiante. Trata-se de um dueto antigo e, ao mesmo tempo, atual, principalmente quando se busca denunciar as situações de opressão social e subjetivas vivenciadas por esses sujeitos. Essas denúncias situam-se no campo da práxis, e envolvem uma relação entre teoria, prática e compromisso social.

Não é por acaso que, quando se busca na literatura estudos sobre juventude e pobreza, encontram-se materiais que articulam essas duas categorias com a violência e com as políticas públicas (SILVA, A. M. S., 2014). Isso sinaliza uma primeira denúncia, que supõe uma condição de naturalização de que o jovem pobre deve visto como criminoso, portanto, são necessárias políticas públicas direcionadas a esse segmento. Por outro lado, parece ser mais comum trazer esse jovem pobre como o protagonista da

violência e não como sujeito que também é alvo de uma violência concreta e simbólica, visto que a condição de pobreza mostra que muitos de seus direitos são violados. Podemos constatar que essa visão estigmatizada tem muita contribuição da mídia e dos noticiários:

É interessante notar que a juventude que não pertence aos seguimentos abastados da sociedade possui espaço de visibilidade na mídia com destaque nos noticiários policiais (sempre vinculados ao crime, à desestruturação familiar, bem como à drogadição), havendo poucas oportunidades de escapar a esse estigma (VIANA *et al.*, 2011, p.30).

Diante dessa realidade cabe denunciar que parte da visão atribuída à juventude pobre é produto de uma ideologia dominante disseminada pela mídia que condiciona, cotidianamente, à imagem desse jovem pobre, de periferia, negro, a noção de periculosidade. Esses aspectos ideológicos que contribuem com a naturalização da criminalidade dos jovens pobres precisam ser questionados e problematizados pelo conhecimento científico e crítico, pois isso incide na maneira com a qual a sociedade e as políticas públicas lidam com esses sujeitos.

O crescente investimento das políticas públicas para com a juventude, que teve como marco a Constituição de 1988, com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em 2006, a Política Nacional da Juventude (PNJ), veio a contribuir com a ressignificação dessa visão pré-condicionada, a partir do momento em que passou a considerar o jovem como o protagonista das mudanças sociais. Assim, emergiu o paradigma do protagonismo juvenil, considerado um caminho a ser seguido pelo jovem pobre para superação de sua condição de pobreza (SILVA, A. M. S., 2014). Se isso representou uma evolução que se contrapôs à ideia que criminalizava a juventude periférica pobre, não obstante, tornou-se um modelo imposto ao jovem de classe pobre como forma de escapar das garras da criminalidade e do estigma.

Ao se pensar na dinâmica social constituída no campo, evidencia-se que além das desigualdades globais, existem também as dificuldades e limitações locais e específicas, que se mostram nas condições de privação social, cultural e psicológica. Os modos de vida dos jovens camponeses atravessados pela realidade de pobreza levam a “vivenciarem o estigma por serem ‘pobres’ e adotarem comportamentos ‘estranhos’; o trabalho pesado que executam, além de terem maior dificuldade de acesso ao lazer, conforme hoje o redefinam” (CAVALCANTE; SILVA, 2016, p. 267).

3.6.1 A realidade de pobreza (nor)destinando o modo de vida dos jovens estudantes universitários

Alguns dados provenientes da realização questionário apontaram elementos que refletem a realidade de pobreza vivenciada pelos estudantes universitários, dentre esses dados destaca-se o fato de 58,7% (n=81) deles serem usuários do Programa Bolsa Família. O Programa Bolsa Família (PBF) é parte da Política de Assistência Social (PNAS), ao nível de Proteção Social Básica (PSB) e se configura a partir de três pilares: a transferência de renda, com foco na amenização da extrema pobreza, as condicionalidades, que buscam fortalecer, principalmente, o direito à saúde e à educação e, por fim, as ações e programas que visam contribuir com a autonomia para que o sujeito tenha condições de melhorar seu modo de viver (BRASIL, 2010).

Assim, considera-se que o PBF tem como foco famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza, segundo o Ministério de Desenvolvimento Social – MDS (BRASIL, 2010), tomando como base a renda *per capita*, no caso de famílias extremamente pobres, com renda até R\$ 85 reais mensais, e famílias pobres cuja renda se situe R\$ 85,01 a R\$ 170 reais *per capita*. Assim, ao se discutir pobreza, tem-se aquela que se manifesta pela ausência de renda, chamada de pobreza unidimensional (MOURA JR, 2014). Nesta ótica, os dados deste estudo apontaram que 48,6% dos jovens pesquisados consideraram sem rendimento proveniente de trabalho remunerado fora da UFC¹⁴. Um dado que se contrapõe a esse é que 92,7% (n=101) afirmaram possuir bolsa remunerada. Isso se justifica pelo fato de que muitos alunos consideraram a assistência estudantil como bolsa remunerada, embora o programa oficialmente, não se configure como bolsa. É preciso ressaltar como o acesso à universidade é possibilidade a partir da garantia da bolsa. Tem-se no discurso de um dos jovens entrevistados, o impacto das questões econômicas para que possa se manter e permanecer no ensino superior. Filho de diarista, ela reconhece:

Assim, questões financeiras, no começo, foi um pouco difícil. Porque como eu não recebia nenhuma bolsa ainda, minha mãe teve que me bancar aqui né. Como economia só começa no segundo semestre, aí a gente meio que não tem acesso no primeiro semestre as bolsas, porque elas geralmente saem no começo do ano. Aí minha mãe teve que me bancar aqui e não é tão barato assim, pra quem trabalha como diarista. Quanto as questões financeiras foi um pouco difícil (EDILENE, ECONOMIA).

¹⁴ Bolsas acadêmicas ou de assistência estudantil não entraram nessa quantificação.

Além da questão monetária, tem a falta de acesso à saúde, educação, alimentação, cultura, lazer, habitação, dentre outros direitos básicos, que caracteriza a multidimensionalidade da pobreza (SEN, 2000). Assim, mesmo que a família possa auxiliar no aluguel desse estudante para morar na cidade e cursar a universidade, tem outros elementos que são parte da realidade de privação, tais como a alimentação, por exemplo. A média de refeições ao dia foi de 2,1, onde 81,2% (n=112) dos estudantes disseram realizar as principais refeições no Restaurante Universitário (RU), que é uma ação da assistência estudantil que, certamente, tem contribuído com o fato desses estudantes hoje conseguirem fazer mais de uma refeição diária.

Ao analisar outros aspectos, viu-se que a entrada na universidade implicou a mudança de moradia para muitos, o que significa que 86,9% (n=118) afirmou sobre a necessidade de mudar de residência para cursar o ensino superior, onde 87,7% (n=121) do total passou a morar em habitação coletiva, dividindo casa/apartamento com os amigos, com uma média de 4,2 pessoas. Além disso, outra adversidade enfrentada apontou que 69,6% (n=96) já precisou pedir dinheiro a alguém para custear os materiais da universidade.

É necessário adotar uma visão ampliada da pobreza, entendê-la como produto histórico e social que interfere na produção de aspectos concretos, culturais e subjetivos. Para Sen (2000) a pobreza é um fator que pode prejudicar o exercício das liberdades dos sujeitos por representar a privação de condições psicossociais, para além da renda, como por exemplo, abrangendo a falta do acesso a saúde, educação, lazer, cultura, esporte, etc. Sob essa visão, é incontestável que o sujeito é afetado pelas condições sociais e, dessa forma, se torna mais vulnerável em seu desenvolvimento. Ao olhar para a realidade da América Latina, do Brasil e do Nordeste, que apresenta inúmeras questões sociais, como a pobreza, a fome, a miséria, a realidade da juventude aponta que milhões de jovens estão excluídos da escola e do mercado de trabalho. “A vida no semiárido nordestino é historicamente marcada, no tempo e no espaço, por histórias que revelam resistência e luta no enfrentamento da pobreza rural” (CAMURÇA, 2014, p. 37).

A partir de uma compreensão multidimensional da pobreza, utilizou-se, neste estudo, o cálculo do IPM, para determinação de cada um dos aspectos dessa pobreza multidimensional (Tabela 6). Para a interpretação dos dados, considerou-se que quanto mais próximo de 1, maior o nível de pobreza dos sujeitos, de acordo com a metodologia

*fuzzy*¹⁵. Com isso observa-se que o maior índice de pobreza foi para a dimensão do trabalho e renda ($M = ,5480$; $DP = ,20294$), com uma grande variabilidade estatística entre mínimo e máximo. Ao analisar os critérios estabelecidos pela PNAS, das IES Federais, pode-se constatar a preponderância da dimensão econômica, pois o aluno considerado pobre é aquele com renda familiar per capita igual ou inferior a um salário mínimo. Segundo Moura Jr (2014) e Ximenes *et al.* (2016) a perspectiva adotada pelo poder público para mensuração da pobreza pauta-se na determinação da renda, configurando uma visão unidimensional, por ser, exclusivamente, monetária. A consequência disso, dentre tantas, recai também no estabelecimento de formas de intervenção que, neste caso, torna-se reducionista por naturalizar uma visão de que pobreza se enfrenta apenas pela via da transferência de renda.

Por outro lado, pode-se verificar que o índice relacionado aos aspectos subjetivos ($M = ,3581$; $DP = ,24462$) foi o mais baixo, ou seja, trata-se do aspecto onde são considerados menos multidimensionalmente pobres. Isto pode ser explicado pelo fato da dimensão subjetiva não estar muito presente nos estudos e pesquisas sobre pobreza, tal como a dimensão monetária e econômica. Em consonância, enfatizamos a perspectiva de Moura Jr. (2014) e concordamos com a importância da perspectiva multidimensional, baseada na Abordagem das Capacitações (SEN, 2000). A este respeito ressalta-se a importância dessa dimensão para os estudos da Psicologia e os impactos da pobreza.

Tabela 6 – Dados do cálculo do IPM e suas dimensões

VARIÁVEL	M	MIN	MAX	DP
IPM Educação	,5327	,00	1,00	,2625
IPM Trabalho e Renda	,5480	,13	1,00	,20294
IPM Saúde	,4237	,17	,83	,17327
IPM Habitação	,4746	,33	1,00	,17046
IPM Aspectos Subjetivos	,3581	,00	1,00	,24462
IPM TOTAL	,4448	,12	,76	,12940

Fonte: Dados da Pesquisa.

Nota: IPM = Índice de Pobreza Multidimensional.

Índices Psicométricos: *M* = Média; *MIN* = Mínimo; *MAX* = Máximo; *DP* = Desvio Padrão.

A partir do que já foi exposto até o momento, reafirma-se que a pobreza multidimensional é um fator preponderante para o modo de vida e o projeto de futuro da

¹⁵ Explicada detalhadamente no capítulo metodológico.

juventude pobre camponesa, muitas vezes representada por uma realidade produtora de limitações e impossibilidades. Redin (2017) reconhece que as políticas públicas têm oportunizado o acesso dessa juventude ao ensino superior, no entanto, esse segmento específico ainda está marginalizado na política educacional, pois não há ainda amplas opções de escolha do curso, além da necessidade de condições que viabilizem não só o acesso, mas também a permanência e a conclusão do curso.

A discussão sobre democratização do ensino superior vem se fazendo necessária por conta das condições precárias de grande parte da população jovem (entre 15 e 24 anos) que cresceu expressivamente nas últimas décadas, alcançando o índice de 34,1 milhões no ano de 2000. Do total de jovens no Brasil, “31,3% podem ser considerados pobres, pois vivem em famílias com renda domiciliar *per capita* de até ½ salários mínimos (por volta de R\$ 230,00), enquanto apenas 8,6% pertencem a famílias com renda domiciliar *per capita* superior a 2 salários mínimos” (IPEA, 2008, p. 25). Zago (2006) aponta a pequena representatividade de pessoas de baixa renda no ensino superior, na faixa etária de 18 a 24 anos, apenas 9% frequenta o ensino superior, um dos percentuais mais baixos da América Latina. Sobre a democratização do ensino superior, Ristoff (2013) aponta que,

Um fenômeno de extrema relevância é o de que em alguns dos cursos analisados verifica-se que um alto percentual de estudantes passou a ser a primeira geração universitária da família. Este é um indicador extremamente importante na análise da chamada mobilidade social ascendente, bem como na redução da desigualdade social baseada nos anos de escolaridade (RISTOFF, 2013, p. 3).

Embora reconheça-se que atualmente o jovem de classe popular está chegando no ensino superior, ainda precisamos ficar atentos criticamente e questionar quais os lugares que esses jovens estão chegando, quais cursos estão mais presentes, como se mantem para permanecerem em cada curso, cada um exigindo demandas diferentes, seja em relação a carga horária, tempo de dedicação e frequência, materiais de estudo/laboratório/prática.

A partir dos dados produzidos nesta pesquisa obteve-se 56,1% (n=74) dos jovens consideram que seu rendimento está associado à dedicação de horas de estudo em casa, o que sinaliza a importância do uso do tempo e sua aplicação para o estudo. Isso evidencia-se no seguinte discurso: “*Essa coisa de vir morar aqui (referindo-se a cidade/urbano¹⁶), foi bom porque o meu rendimento acadêmico melhorou e, a partir do momento que eu*

¹⁶ Grifo meu.

comecei a morar em Sobral, eu não reprovei mais disciplina” (HELENO, MÚSICA). Com isso pode-se questionar até que ponto as condições objetivas e concretas da vida tendem a influenciar a vida desde jovens, até mesmo diante da escolha pelo curso.

Essa questão também se destaca quando Heleno reconhece que escolheu seu curso, pelas condições em poder fazê-lo, por ser noturno e ter transporte, e não exatamente pela identificação com a área: “a minha escolha do curso, principalmente, se deu porque era o curso noturno e, como tinha o transporte universitário que vinha à noite” (HELENO, MÚSICA). O fato é que para aqueles que tem condições financeiras de ser mantido pela família e tempo para dedicar-se ao estudo, exclusivamente, tem mais possibilidades de escolha do curso. Por exemplo, os cursos mais acessíveis, de um modo geral, para esses jovens de origem popular, são Pedagogia, Matemática, Geografia, História, que implicam diretamente em seus projetos de futuro, os direcionando para se tornarem, futuramente, professores. Já os cursos considerados de alta demanda, como Medicina, é diminuto o percentual de jovens pobres que conseguem alcançar esse lugar. Reitera-se que isso ocorre não é por falta de capacidade do jovem pobre, parece mais ser por falta de condições estruturais e objetivas para se dedicar aos estudos que reflete nas condições de escolha (subjativas).

Nesta pesquisa, considerando os cursos existentes na UFC, *campus* de Sobral obtivemos os seguintes percentuais de participação por curso (Tabela 7). Constatamos a baixa frequência de participação dos estudantes de Medicina, o que está relacionado a diversos fatores, dentre os quais destacamos, a parca presença de estudantes considerado pobres e perfil do programa auxílio moradia. Além disso, destacamos também a dificuldade de acesso a esses estudantes, visto que estavam os três turnos ocupados com suas atividades acadêmicas, dentre aulas, estágios em hospitais e outros espaços de saúde. Outro elemento que merece destaque é a frequência dos estudantes das Engenharias Elétrica e da Computação que corresponde a 43,5% (n=60) dos sujeitos pesquisados.

Tabela 7: Frequência dos cursos

		Qual seu curso?			
		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Ciências Econômicas	8	5,8	5,8	5,8
	Engenharia da Computação	35	25,4	25,4	31,2
	Engenharia Elétrica	25	18,1	18,1	49,3
	Finanças	11	8,0	8,0	57,2

Medicina	5	3,6	3,6	60,9
Música	14	10,1	10,1	71,0
Odontologia	28	20,3	20,3	91,3
Psicologia	12	8,7	8,7	100,0
Total	138	100,0	100,0	

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao analisar a frequência de participantes por área de estudos temos: ciências exatas¹⁷ com 43,5% (n=60); economia e finanças¹⁸ com 13,8% (n=19); ciências humanas e da saúde¹⁹ representado 32,6% (n=45); artes e música²⁰ com 10,1% (n=14). Na pesquisa em campo, vimos muitas demandas de sofrimento psicossocial principalmente por parte dos estudantes da área de ciências exatas, o que sinalizou a necessidade de um estudo que pudesse aprofundar as especificidades da realidade vivenciada pelos estudantes dessa área de conhecimento. Acreditamos que isso pode estar relacionado a questões de integração e sociabilidade, principalmente, no que tanto a relação com os professores²¹.

Reconhecer o acesso desses estudantes pobres à universidade, principalmente na última década, tem sido uma questão ética-política necessária e importante. É fato que o ensino superior vem representando uma conquista por parte da camada mais pobre da sociedade, no entanto, o processo de permanência e conclusão ainda abrangem enormes desafios. Vemos que as políticas de inclusão têm proporcionado o acesso dos jovens pobres à universidade, o que representa um avanço na realidade social brasileira. E como é de praxe, esse avanço tem gerados frutos e transformações que demandam novas questões, as quais podemos relacionar aos desafios inerentes a permanência na universidade. Com Zago (2006, p. 228) podemos pensar sobre uma questão importante: “o acesso à universidade, sim; e depois?”. E depois, é preciso repensar uma universidade que esteja comprometida com a realidade desse público cuja presença é recente nesse nível de ensino, isso representa o surgimento de novos desafios e novos caminhos que precisam considerar um outro perfil social e econômico, pois geralmente são:

Originários de famílias de baixa renda, esses estudantes precisam financiar seus estudos e, em alguns casos, contam com uma pequena ajuda familiar para essa finalidade. Provenientes de outras cidades ou estados, pouco mais da metade tem suas despesas acrescidas pelo fato de não morar com a família. Nesses casos, residem na casa do estudante universitário (quando há vaga), ou

¹⁷ Correspondem aos cursos de Engenharia da Computação e Engenharia Elétrica.

¹⁸ Correspondem aos cursos de Economia e Finanças.

¹⁹ Correspondem aos cursos de Medicina, Odontologia e Psicologia.

²⁰ Corresponde ao curso de Música.

²¹ Isso é melhor discutido no capítulo a posteriori.

com parente, ou ainda, dividem casa ou apartamento com colegas (ZAGO, 2006, p. 233).

Essa realidade pressiona por políticas de permanência no ensino superior, bem como por contribuições dos diversos saberes científicos sobre essa realidade. Ao trazer a Psicologia para esse campo em disputa, precisamos pensar sobre as implicações psicológicas da vivência no ensino superior para o modo de vida e para a saúde mental desses jovens. Existe um capital que é social, cultural e psicológico, uma mudança de hábito e de cultura, novas exigências, modos de pensar, de fazer e de relacionar que causam impactos na estruturação do psiquismo desses sujeitos.

Mais do que uma nova vivência ou a ocupação de um novo espaço físico e geográfico, estamos falando de novas perdas e lutos, novas relações, expectativas e sonhos, mudanças de vida objetivas e subjetivas, dificuldades e desafios que atravessam a constituição psicossocial desses jovens, cuja especificidade é advir de camadas pobres, comunidades rurais e, ou pequenas cidades do interior. Esse conjunto de fatores inerentes à experiência da migração tende a gerar implicações sociais e psicológicas para o desenvolvimento desses jovens.

3.7 Os processos de migração e algumas reflexões sobre seus efeitos psicossociais

*Me cansei de lero-lero
Dá licença, mas eu vou sair do sério
Quero mais saúde
Me cansei de escutar opiniões
De como ter um mundo melhor
Mas ninguém sai de cima, nesse chove-não-molha
Eu sei que agora eu vou é cuidar mais de mim
Como vai? Tudo bem
Apesar, contudo, todavia, mas, porém
As águas vão rolar, não vou chorar
Se por acaso morrer do coração
É sinal que amei demais*

(Saúde, de Rita Lee)

Pensar os sobre a migração e seus efeitos psicossociais nos exige considerar a dimensão da saúde dos sujeitos, não exatamente partindo de um paradigma biológico ou psicólogo, mas entender e reconhecer esse processo de migrar como para além de uma mera mudança de lugar físico, pois produz efeitos também nas relações sociais e na constituição do psiquismo dos sujeitos que se mudam. Como a letra da música retrata, o importante é cuidar, apesar de tudo, mergulhar e viver intensamente na direção dos sonhos

que se tem pra viver, algo bem próprio da nossa juventude que tem a ousadia de se entregar as mudanças e as andanças.

Partindo do exposto, consideramos importante adotar uma visão mais complexa e integral sobre o fenômeno da migração, entendendo que os fatores culturais, sociais, familiares e psicológicos exercem influência sobre o desenvolvimento do sujeito que migra. Há amplas discussões sobre os processos de migração, emigração e imigração, que se diferem em alguns aspectos, como na questão conceitual, uma vez que migrar significar mudar de região em um mesmo país, imigrar e emigrar envolvem a mudança entre países diferentes (o primeiro traz a perspectiva do país que recebe e a segunda traz a perspectiva do país que foi deixado). Essas fenômenos também trazem consigo aspectos que se aproximam, tais como o fato de serem produtores de mudanças territoriais, geográficas, sociais, culturais e pessoais, em diferentes escalas. É indubitável como esse processo de mudança produz efeitos no campo psicológico, interfere no desenvolvimento humano e no modo do sujeito lidar com o mundo.

A partir do campo epistemológico da Teoria Histórico Cultural da Mente podemos pensar que o desenvolvimento é atravessado pelos planos filogenético, ontogenético, sociogênico e microgenético (VYGOTSKY, 1996; MOURA, *et al.*, 2016) e abrange aspectos de estabilidade e crise, de forma não-linear (VYGOTSKY, 1996; FACCI, 2004). Assim, partimos da compreensão que as mudanças fazem parte do desenvolvimento e da existência humana. No caso da migração “essas mudanças podem tomar uma direção positiva, de ampliação e enriquecimento cultural da sociedade ou negativa, de enrijecimento e acirramento de preconceitos e fronteiras nacionais e de políticas públicas que abarcam essa população” (DANTAS, *et al.*, 2010, p. 49).

Destarte, quando se fala de migração, referimo-nos a determinados tipos de mudanças, que se inicia com a mudança de lugar de moradia, e vai produzindo repercussões em outras dimensões.

Grupos populacionais migrantes estão expostos às mudanças no ambiente físico, nas atividades de trabalho, aos diferentes riscos de acidentes, a novos hábitos nutricionais, à aglomeração, entre outros, que representam fatores de risco para problemas de saúde, quando se deslocam para centros mais complexos em áreas urbanas (MOTA; FRANCO; MOTTA, 1999, p. 05 e 06)

Desse modo, é indubitável que sair de um lugar para morar em outro, não significa apenas ultrapassar determinada fronteira geográfica, mas significa também enfrentar

mudanças sociais, psicológicas e emocionais, que envolvem adaptação, conforme o discurso a seguir:

Assim só foi ruim pra me adaptar, porque eu não conhecia a cidade e muitos dos meus colegas são daqui de Sobral aí eu ficava um pouco perdida no início de não saber onde era tal lugar e tal lugar aí fica meio um pouco de exclusão, mas só no início, depois eu já conheço mais ou menos alguns pontos principais da cidade (ESTRELA, PSICOLOGIA).

Com isso, é perceptível que ocupar um novo território exige reajustes psicológicos. Para Neto (2008), a migração envolve fatores que “são susceptíveis de provocar mal-estar psicossocial” (p. 439), uma vez que a má adaptação pode gerar consequências psíquicas graves. Isso ocorre porque o processo migratório repercute em novos padrões e valores culturais no modo de vida dos jovens que migram.

Pra falar a verdade eu sempre tive acostumado a acordar, ver meu pai, ver minha mãe, ver minhas irmãs em casa e eu acostumado com aquela rotina digamos de todo dia, detalhe, interior é um local que não tem movimento, é muito simples, não tem nenhum trânsito... O trânsito dos carros, pelo amor de Deus, tipo não existe isso, é um lugar muito sossegado. Aí você do nada se muda pra um lugar, você tá morando numa cidade, a rotina muda abruptamente e aí rapaz... Você se sente que tá no lugar errado, essa que é a verdade (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Dessa maneira, evidenciamos que o contato com uma nova cultura impõe um conflito, que pode gerar uma crise no sujeito e exigirá uma adaptação (DANTAS, *et al.*, 2010). “A partir da interação com o meio ambiente e novos contextos sociais, os indivíduos recorrerão a diferentes estratégias para melhor se adaptarem a um novo estilo de vida” (BECKER; MARTINS-BORGES, 2015, p. 127).

Becker e Martins-Borges (2015), em estudos com famílias que imigram de um país a outro, apontam alguns entraves vivenciados, que podem ser pensados também no contexto da migração rural-urbana. Dentre estes temos as dificuldades no processo de adaptação cultural, isso está relacionado às perdas do que foi deixado pra trás, que são materiais, sociais e psicológica, como a ruptura dos vínculos afetivos, conforme traz o jovem em seu discurso “Achei ruim, porque eu sou muito apegado à família, eu só vejo eles no final de semana agora, achei muito ruim, e lá também é mais frio, aqui é muito quente” (LEANDRO, FINANÇAS). Essa adaptação envolve relação com nova cultura, novo clima, perda de vínculos e os desafios para construção de novos.

Esse conjunto de fatores, em interação, colocam a migração como um fenômeno desencadeador de mudanças, que pode gerar impactos mais ou menos instáveis na vida dos sujeitos e nos exige pensar sobre as questões entre o processo migratório e a adaptação humana.

O processo migratório, envolvendo rupturas espaciais e temporais, transformações diversas, nomeadamente mudanças psicológicas, ambientais, biológicas, sociais, culturais, familiares, políticas, implicando a adaptação psicológica e social dos indivíduos e das famílias e diferentes modalidades de aculturação, constitui um processo complexo, com consequências ao nível do desenvolvimento individual, sócio – profissional e da saúde física e psíquica (RAMOS, 2009, p. 05).

A adaptação está relacionada a dimensão pessoal ou psicológica e também a dimensão interacional, uma vez que existe a adaptação psicológica e cultural. De acordo com Neto (2008), a primeira está associada a produção do stress e a segunda está baseada na aprendizagem e desenvolvimento de habilidades sociais, e estão interligadas. O estresse significa uma necessidade de adaptação para a sobrevivência, impondo limitações ao funcionamento do organismo (MOTA; FRANCO; MOTTA, 1999), está relacionado as crises que sujeito migrante vivencia e é geradora de sofrimento psicológico, reações traumáticas de perda/luto, relacionadas a família, amigos, segurança física e emocional (RAMOS, 2009). No entanto, essas não necessariamente estão no âmbito do patológico, principalmente quando se configuram de maneira efêmera, parte do processo de inserção e reconhecimento social na nova realidade (DANTAS, *et al.*, 2010).

É, é bastante impactante, porque a gente (pausa) tipo, tem um ambiente familiar que a gente tipo se sente protegido, essas coisas, aí vem morar com gente desconhecido, de outra cidade e, até mesmo, de outros estados. A gente passa praticamente assim, um tempo de adaptação, seis meses, um semestre (FÁBIO, ENGENHARIA ELÉTRICA).

É preciso reconhecer que os impactos não necessariamente são visibilizados no campo do diagnóstico e da patologia, mas podem ocorrer de modo a refletir em algumas dimensões do cotidiano do jovem. É decorrente das vivências de ruptura, da necessidade de reconstrução e ressignificação dos laços afetivos e sociais, “implica a aprendizagem de uma nova cultura, assim como escolhas por vezes difíceis entre o que o imigrante gostaria de manter e o que tem de abandonar dos hábitos e da cultura de origem” (RAMOS, 2009, p. 06). A adaptação envolve um processo chamado de aculturação, em

que “o contato contínuo com outra cultura representa uma ruptura expressiva do quadro de referência, sentido e pertencimento anterior” (DANTAS, 2017, p. 62).

Com Dantas *et al.* (2010), temos que a aculturação é um processo que envolve a ligação entre culturas distintas, implicando vários questionamentos em áreas importantes na vida do sujeito. Mühlen, Dewes e Leite (2010) fazem referência ao estresse de aculturação, termo usado para designar o resultado da relação do sujeito com duas culturas diferentes e seus impactos estressantes, como o conflito de valores e discriminação. As classes sociais mais baixas e pouca rede de apoio podem ser indicadores de maior taxa de estresse entre os que vivenciam a migração (RAMOS, 2009). É importante destacar a relação entre experiências migratórias e os impactos psicossociais para a constituição da identidade sujeito.

Foi bem complicado, é diferente, por mais que não seja muito distante, é diferente as coisas, aqui são diferentes, você tem que resolver tudo sozinha, lá não, lá todo mundo se conhece, você pode pedir informação pra qualquer pessoa, aqui não, aqui é cada um por si e Deus para todos (risos) (JULIANA, ECONOMIA).

Lidar com as diferenças provenientes do encontro de duas culturas aponta alguns desafios que a migração impõe a identidade, como por exemplo, a vivência de crises (DANTAS, *et al.*, 2010) que ocorre, dentre tantos fatores, principalmente porque “a perda de segurança leva ao estresse e à ansiedade, além da perda da autoconfiança” (MÜHLEN; DEWES; LEITE, 2010, p. 61). As implicações psicológicas envolvidas na experiência migratória podem também estar relacionadas mudanças que refletem no dia-a-dia e nos hábitos:

O que eu senti mais falta talvez seja da rotina mais leve, porque lá eu assistia televisão, eu estudava na hora que eu queria né? assim, não tinha uma coisa delimitada, aqui por exemplo, eu passo o dia todinho na faculdade, chego em casa à noite, depende do semestre também, aí quando chega em casa à noite ainda tem que estudar mais, mas você está falando em relação a saudade né? (ESTRELA, PSICOLOGIA).

Essas implicações podem envolver também as relações dos sujeitos migrantes com os seus núcleos familiares, por conta do nível de diferenciação, ligado a maturidade, e nível de fusão emocional, assim como também pode interferir, de diversos modos, na constituição das redes sociais e do pertencimento do sujeito em seu lugar de origem (DANTAS, *et al.*, 2010). O suporte social exerce um papel fundamental na relação estresse e doença, sendo determinante na produção da saúde (MOTA; FRANCO;

MOTTA, 1999; MÜHLEN; DEWES; LEITE, 2010). Vemos isso no discurso do jovem quando ele diz o que e como entende seu processo de adaptação: *“Eu me adaptei rapidamente, fiz amizades, essas coisas, fui me interagindo na faculdade, interagindo com outros estudantes. Mas realmente, no início, é bem impactante, influencia bastante”* (FÁBIO, ENGENHARIA ELÉTRICA).

Dentre os aspectos que facilitaram o processo de adaptação a nova cultura Becker e Martins-Borges (2015) apontaram o apoio social, o envolvimento com práticas religiosas e o sentimento de esperança. Ramos (2009) defende que a constituição de redes de apoio pode atenuar a ocorrência do estresse e do sofrimento, uma vez que ela reduz as possibilidades de isolamento do sujeito. Em síntese, Mühlen, Dewes e Leite (2010, p. 05):

Sugerem que suporte social adequado e bom relacionamento com a família podem possibilitar uma melhor adaptação na nova cultura. Por outro lado separação familiar, instabilidade no ambiente familiar e a solidão podem ser considerados fatores de risco para o processo de adaptação podendo levar ao stress de aculturação.

Assim, consideramos que a sobreposição de culturas, provenientes do processo migratório, produz implicações psicossociais, o que nos exige pensar, essas implicações a nível da realidade rural-urbana, especificamente, quando nos referimos as mudanças socioculturais existentes entre as cidades grandes e as ditas cidades do interior e de que modos são vivenciadas e significadas pelos jovens. “A motivação da partida, o momento de chegada e o ajuste ao novo ambiente envolvem processos psicológicos específicos e a compreensão dos mesmos é urgente para que se realize um trabalho preventivo nas instituições que recebem essa população” (DANTAS, 2017, p. 87). Desse modo, apontamos a perspectiva intercultural como um pensamento que pode ser mais discutido no campo da educação, da saúde e das políticas públicas, chamando mais atenção para os efeitos psicossociais vivenciados pelos jovens camponeses que migram. Dada a temática desta pesquisa, é importante ressaltar a importância de deslocar e aprofundar as discussões sobre a interculturalidade nas práticas docentes e discentes, bem como nas políticas de assistência estudantil no ensino superior.

4 REFLEXÕES SOBRE O SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SUAS REPERCUSSÕES FRENTE A MIGRAÇÃO, A INSERÇÃO E A INTEGRAÇÃO DO JOVEM CAMPONÊS NA UNIVERSIDADE

Há uma primavera em cada vida: é preciso cantá-la assim florida, pois se Deus nos deu voz, foi para cantar! E se um dia hei de ser pó, cinza e nada que seja a minha noite uma alvorada, que me saiba perder... para me encontrar... (FLORBELA ESPANCA).

O trecho de Florbela Espanca traduz a esperança no que há de vir, inspira a acreditar em um novo amanhecer. Mesmo diante das mortes e perdas, do que, por vezes, deixa-se para trás, quando se faz escolhas, há também com estas, possibilidades de novos encontros, de novas aprendizagens, de novos caminhos. Isso remete a vida do jovem camponês, ao sair de sua comunidade, pra ir morar na cidade, os sentimentos de perda, misturados as sensações de medo, mas que por outro lado, é preciso que ele acredite na primavera que há, na força do seu canto, da sua voz, é preciso acreditar que a vida vai florir.

A partir disso, pretende-se que este capítulo dê conta de contemplar o segundo pressuposto deste estudo onde defende-se que o jovem de origem rural vivencia um sentimento de comunidade associado a certos modos de vida no contexto rural e que esse sentimento de comunidade sofre impactos importantes quando se dá um processo de migração e inserção desse jovem na universidade. Este pressuposto está relacionado ao segundo objetivo específico da tese, destinado a compreender como se desenvolve o sentimento de comunidade no contexto rural e a integração social dos jovens na universidade.

Para sustentar a discussão, será apresentada, inicialmente, uma revisão sistemática sobre sentimento de comunidade, onde justificar-se-á a importância dessa categoria, explanar-se-á brevemente, como se deu os passos da revisão sistemática e os resultados, as análises e discussões. O tópico seguinte abordará o conceito de comunidade e sentimento de comunidade, posteriormente segue-se com as categorias jovens camponês e sentimento de comunidade. As discussões serão dialogadas com os dados quantitativos, obtidos através de Teste T, Correlação, ANOVA e Regressão, e os dados qualitativos produzidos neste estudo.

4.1 Revisão sistemática sobre sentimento de comunidade

O que é a verdade, portanto? Um batalhão móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, enfim, uma soma de relações humanas que foram enfatizadas poética e retoricamente, transpostas, enfeitadas, e que, após longo uso, parecem a um povo sólidas, canônicas e obrigatórias: as verdades são ilusões, das quais se esqueceu que o são, metáforas que se tornaram gastas e sem força sensível, moedas que perderam sua efígie e agora só entram em consideração como metal, não mais como moedas (NIETZSCHE, 1978).

Não temos a pretensão aqui de criar ilusões, menos ainda sob lentes de supostas verdades sobre os conceitos e teorias as quais nos propõe-se pesquisar. Quer-se, com isso, criar possibilidades de enxergar e analisar esse objeto de estudo, similiar a um caleidoscópio que produz várias imagens em movimento, com ênfase no caráter não estático e impermanente das linhas e conhecimentos apresentados a seguir.

É preciso considerar a dinamicidade do conhecimento e o desafio para fazer um recorte dos referenciais e dos últimos anos, com os estudos considerados mais importantes para compreensão do sentimento de comunidade. Para isso, fizemos a busca no Portal CAPES²², na base de dados Redalyc, por tratar-se de uma Rede de Revistas Científicas de América Latina e Caribe, Espanha e Portugal, regiões com intensa produção sobre a temática de sentimento de comunidade. O período definido para a busca foram os últimos 11 anos, ou seja, de 2008, ano em que ocorreu a I Conferência Nacional da Juventude Rural no Brasil, a julho de 2019, quando a busca foi realizada. Os descritores e operadores booleanos utilizados consideraram o seguinte arranjo de busca: “Sentimento_de_Comunidade OR Sentido_de_Comunidade”, obtendo-se 193 resultados. Foram utilizados os filtros relativos às áreas de conhecimento: Educação, Psicologia, Sociologia, Antropologia, Ciências Sociais e multidisciplinares, nos idiomas português e espanhol, por ser uma base latino-americana.

Os critérios de exclusão foram elencados: capítulos de livros; não apresentar o resumo; questões restritas à dimensão econômica de comunidade; escola ou hospital como comunidade; comunidades religiosas, étnicas ou LGBT; repetidos, totalizando 176 artigos excluídos (173 excluídos e 3 repetidos). Os critérios de inclusão foram os seguintes: artigos completos com resumos; estudos que tratam sobre sentimento de

²² Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

comunidade, sentido de comunidade ou um de seus correlatos; conceito de comunidade; ruralidades; pobreza, desigualdades sociais; universidade e ensino superior; juventude. No total foram incluídos 17 artigos para análises (Tabela 10) (APÊNDICE E).

A análise buscou se direcionar para avaliar criticamente o material encontrado. Partiu-se da proposta da Análise de conteúdo, de Bardin (1977), com auxílio do *software* de análise qualitativa *Atlas TI 5.2*. As macro categorias foram: sentimento de comunidade, comunidade e apego/pertencimento. Sistematizamos as micro categorias em fortalecimento e opressão.

4.2 Características dos estudos e organização das categorias de análise

Nessa seção serão trazidos a caracterização dos estudos, o ano, lugar de origem das produções, a descrição metodologia e a área de conhecimento. Além disso, os dados relacionados as macro categorias que foram sistematizados e organizados para discussão.

4.2.1 Ano e lugar de origem das produções

Como já foi mencionado, foi dada a preferência para as publicações nos idiomas português e espanhol, tendo como resultados 12,5% em espanhol e 87,5% em português. Todos eram artigos. Foi possível identificar que o índice de produção foi gradativamente aumentando de 2008 a 2016, com destaque para 2016, liderando o *ranking* das produções com 37,5% (Tabela 8).

Tabela 8: Ano e porcentagem da Revisão Sistemática sobre SC

Ano	%
2008	6,25
2009	6,25
2010	0
2011	6,25
2012	12,5
2013	12,5
2014	25
2015	0
2016	37,5
2017	0

2018	6,25
2019	0

Fonte: Dados da pesquisa

O Brasil mereceu destaque, com 68,75% das produções, com ênfase para Pará, São Paulo e Rio Grande do Sul, cada um com 18,75%, e logo após apareceu Portugal, com 18,75%, embora também tenham-se encontrado produções, em menores proporções, na Venezuela e da Colômbia.

Sobre a caracterização metodológica, 18,7% das produções foram de nível teórico, enquanto que 81,3% foram de campo. Mereceram destaque os estudos de abordagem qualitativa, com 57,3%, somando mais da metade das produções encontradas. 12,5% foram de abordagem quantitativa e 12,5% mista. No que tange às pesquisas de campo, dentre os sujeitos participantes, encontrou-se uma grande diversidade de perfis, dentre eles têm-se pesquisas mulheres jovens, jovens imigrantes; estudo comparativo entre jovens migrantes e não migrantes, estudantes universitários, jovens moradores de comunidades rurais.

Sobre as áreas de conhecimento, obteve-se forte presença da área de Psicologia, com 58% das produções. Em segundo lugar, mereceu destaque a Sociologia, com 25% das produções. Os artigos que tinham como referência de conhecimento a Psicologia e traziam discussões sobre sentimento de pertença, discussão sobre comunidades, vizinhanças e relações comunitárias, pobreza, articulações entre sentimento de comunidade e bem-estar psicológico, memória coletiva, participação comunitária, identidade pessoal e identidade cultural, dentre outras temáticas que apareceram de forma mais secundária.

4.3 Análise e discussão das categorias encontradas na revisão sistemática

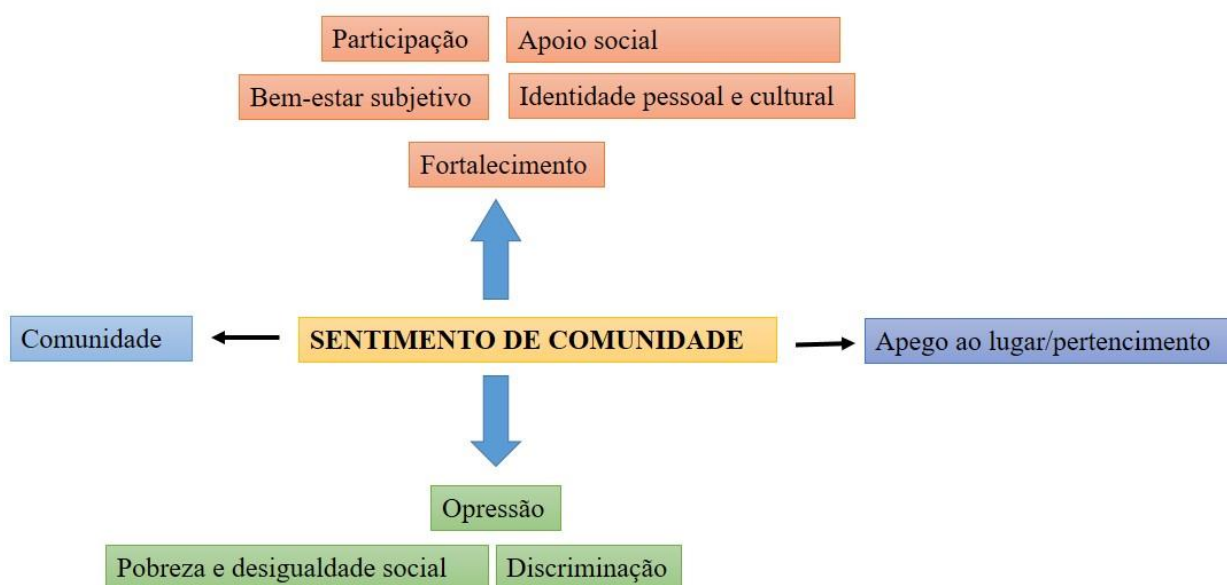
A partir das considerações metodológicas desta revisão sistemática, apresentamos uma tabela sintetizando algumas características dos artigos incluídos (APÊNDICE E). Em síntese, constatamos que 76,8% fazem referência direta a categoria sentimento de comunidade ou algum de seus correlatos, dentre os quais o sentido de pertença, senso de pertença ou senso de comunidade, sentimento de pertencimento. 23,2% do material se referem a apego ao lugar ou construção de vínculos que ligam o

sujeito a comunidade. A seguir, apresentaremos a relação entre as categorias e subcategorias encontradas nessa busca.

4.3.1 *Sentimento de comunidade e suas articulações*

Na Figura 6, sistematizamos e organizamos as categorias que explicam e se articulam com o sentimento de comunidade.

Figura 6: Mapa categorial do Sentimento de Comunidade



Fonte: Elaborado pela autora

Nos artigos analisados, elegemos duas categorias para compreender o sentimento de comunidade: comunidade e apego ao lugar/pertencimento. A constituição desse sentimento de comunidade exige entender dimensões psicossociais que abrange contextos de opressão e estratégias de fortalecimento. Os contextos de opressão estão atravessado pela realidade de pobreza, desigualdades sociais e práticas de discriminação, que podem incidir negativamente sobre o sentimento de comunidade; e o fortalecimento que pode se dar através do bem estar subjetivo, identidade (dimensão pessoal e cultural), participação e apoio social.

4.3.2 *Macro categorias: comunidade e apego ao lugar/pertencimento*

As questões que envolvem a categoria comunidade foram abordadas em 50% dos artigos, apego e pertencimento estiveram presentes em 37,5%. São conceitos polêmicos e que pode ser explorados a partir de diversos ângulos e de várias ciências. Nesse estudo, é importante situá-los e problematizá-los a partir do material encontrado.

Podemos analisar uma dupla perspectiva quando se estuda comunidade: território (dimensão geográfica) e percepção do sujeitos que a compõem (dimensão sociocultural) (MARTINS; LUCIO-VILLEGAS, 2014; CARRERO; CALDERA, 2013). Existe ainda a dimensão política, apontada por Sant'Anna (2011) e Caniello (2016). A comunidade também pode assumir sinônimo de bairro (COSTA; MACIEL, 2009), entendido como espaço físico e afetivo, onde os sujeitos partilham relações sociais. Ribeiro Neto (2016) concebem a existência de uma relação dialética entre a singularidade e social, enquanto Sarriera (2016) faz referência aos aspectos físicos e simbólicos da comunidade como preditores do bem-estar.

Para Farias e Pinheiro (2013) a comunidade se caracteriza pelo grau de vinculação que une seus moradores. Segundo Silveira *et al.* (2016), a depender desses vínculos, podem se constituir fontes de apoio social importantes. É nessa direção que Carrero e Caldera (2013) focam na relação entre seus integrantes e a forma de organização destes, sinalizando a existência de um sentido e de um sentimento que deve estar presente na relação do sujeito com a comunidade.

A relação de apego ou pertencimento foi abordada em 6 artigos, compondo 37,5% das produções. O apego é o sentimento de pertencimento que compõe a complexa tessitura do conceito de comunidade, é o vínculo afetivo entre a pessoa e o ambiente, gerador de segurança (FAVERO, 2016). Trata-se de relações de investimento emocional para com o ambiente (FARIAS; PINHEIRO, 2013). É entendido aqui como um aspecto do sentido de comunidade (CASTRO-SILVA *et al.*, 2014), sendo importante não confundir-los.

O pertencimento tem a ver com sentir-se incluso na comunidade, sentir-se parte (CANIELLO, 2016), está relacionada a prática comunitária que gera relações valorativas e emotivas (CARRENO; CALDERA, 2013) e tem a ver com relações íntimas, de confiança que proporciona a construção de uma identidade social (SILVEIRA *et al.*, 2016). Além dessa dimensão pessoal, faz-se presente também na dimensão coletiva, da ação, das palavras e da mobilização (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012)

4.3.3 Contextos de opressão

Sarriera *et al.* (2016) concebem que a comunidade vai se constituindo de relações de libertação e opressão, que dever investigada a partir da história e da memória das pessoas que lá convivem. Moura Jr. (2014) propõem pensar sobre os impactos da pobreza para a constituição do psiquismo, uma vez que ela pode ser uma fonte de opressão social, violência e sofrimento. Isso justifica a importância de refletir sobre as práticas e relações opressoras que podem se constituir nas comunidades.

Em 31,23% dos artigos abordam discussões acerca da pobreza, sob diferentes enfoques. Caniello (2016) traz a pobreza na perspectiva do desenvolvimento econômico. De modo mais ampliado, Moura Jr. (2014) apoiam a multidimensionalidade da pobreza, defendendo que “este olhar se demonstra insuficiente para dar conta das experiências de pobreza que envolvem privações sob mais variados aspectos relacionados à saúde, à educação, a políticas de geração de emprego e renda, ao esporte e ao lazer” (p. 342). Carvalho, Ximenes e Bosi (2012), Castro-Silva *et al.* (2014) pontuam que a exclusão social restringe a existência e é geradora de sofrimento e humilhação, enfatizando uma perspectiva ético-política. Silveira *et al.* (2016) indica maior incidência entre a relação pobreza e adoecimento mental.

Em 18,75% trabalhos identificamos a discriminação como um elemento que pode produzir sentimentos, sensações e comportamentos discriminatórios. Moura Jr. (2014) trazem a discussão da pobreza, a partir de uma visão psicossocial, articulada com dentre outras dimensões, com as práticas discriminatórias, devido a identidade do sujeito pobre, sempre associado a concepções negativas e inferiorizadas. A pobreza pode incidir em estigma e discriminação, também por conta do lugar de moradia (MARTINS; LUCIO-VILLEGAS, 2014). A discriminação pode implicar em diferenças para a constituição indenitária, principalmente do jovem (PADILHA, 2014).

4.3.4 Estratégias psicossociais de fortalecimento

Em 37,5% dos trabalhos, que corresponde a 6 artigos, encontramos a categoria empoderamento ou fortalecimento. A referência ao empoderamento foi feita em dois artigos (SILVA, 2008; RAMOS-VIDAL, 2016), enquanto a o fortalecimento foi priorizado em quatro trabalhos (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012; CARREÑO; CALDERA, 2013; CASTRO-SILVA *et al.*, 2014; SANT’ANNA *et al.*, 2014).

Neste estudo concordamos com Carvalho, Ximenes e Bosi (2012), que o conceito de empoderamento é atravessado por uma visão behaviorista, está mais relacionado a uma dimensão individual, centrada na autoestima e na capacidade do sujeito de se sentir empoderado. Partimos portanto, de perspectiva de uma epistemologia produzida na América Latina, e optamos pela categoria fortalecimento, entendendo-o como “um processo individual e psicológico que se constitui na experiência grupal em um contexto sócio histórico” (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012, p. 165). Carreño e Caldera (2013) ressaltam o caráter pessoal e coletivo do fortalecimento da comunidade, enquanto Castro-Silva *et al.* (2014) enfatizam o fortalecimento comunitário como uma estratégia de transformação da comunidade.

Para Ramos-Vidal (2016) há uma relação positiva entre sentido de comunidade e empoderamento, isso ocorre pois a medida que as pessoas se identificam com a comunidade e isso faz com que elas se sintam mais empoderadas. Sant’Anna *et al.* (2011), ao estudar comunidades e intervenções no campo da saúde, ressaltam a importância da interação dos profissionais com comunidade, buscando ações que promovam o fortalecimento e o desenvolvimento dos potenciais individuais e coletivos. Essa ideia contribui para direcionar o nosso olhar investigativo para as possíveis práticas cotidianas de cuidado com a saúde mental dos estudantes universitários pobres no Ensino Superior. Atuar com base na categoria fortalecimento possibilitou que os sujeitos construíssem uma maior conexão consigo, com o outro e com a natureza (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012), o que permite concluir que o fortalecimento contribui para processos favoráveis à saúde mental dos sujeitos.

Ramos-Vidal (2017) afirma que o sentido de comunidade pode ser explicado a partir do nível de empoderamento e da participação dos grupos em suas comunidades. Ainda sobre a vida em comunidades, tem-se que “o forte sentimento de comunidade e a proximidade com as forças políticas da comunidade contribuem com o processo de participação social” (CASTRO-SILVA *et al.*, 2014, p. 1).

A participação foi uma categoria abordada em 5 artigos, ou seja, em 31,25% dos resultados. A participação se refere ao desenvolvimento de atividade para melhorar o contexto comunitária e contribui para maiores níveis de empoderamento e sentimento de pertence, gerando uma inter-relação positiva (RAMOS-VIDAL, 2016). É importante atentar ao caráter participativo presente nos territórios, cuja base está pautada em processos indenitários (CANIELLO, 2016). O maior desafio é quando se trata da participação dos líderes comunitários, pois se torna arriscado se ele deixar de reconhecer

os diversos pontos de vista dos membros da comunidade (CARREÑO; CALDERA, 2013). A participação deve envolver uma dimensão coletiva, mobilização e mudança social (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012), envolver fortalecimento comunitário e gerar efeitos positivos para o sentimento de comunidade (RAMOS-VIDAL, 2017).

O bem-estar foi a categoria de menor percentual encontrada nos estudos, esteve presente 12,5%, porém considerada importante para pensar sobre os fatores psicossociais que intervêm no sentido de comunidade. Moura Jr. (2014) compreendem o bem-estar de maneira ampla, envolvendo questões pessoais, contextuais, estruturais, sociais e ideológicas. Concebemos, portanto, que o sentido de comunidade pode favorecer o bem-estar. A partir disso, Sarriera *et al.* (2016) aprofundam a relação entre sentimento de comunidade e bem-estar psicológico (BEP), defendendo que a vinculação com a comunidade junto do fator relações comunitárias funcionam como preditores do BEP. Além disso, esses autores destacam a dimensão social e política do bem-estar.

As discussões concernentes a identidade foram identificadas em 50% dos trabalhos analisados. A identidade envolve processos de identificação das subjetividades que compõem uma comunidade (CARREÑO; CALDERA, 2013), é um processo de construção e recriação permanente (CARVALHO; XIMENES; BOSI, 2012) que sofre influência do contexto social. Assim, concordamos que as identidades são individuais e, ao mesmo tempo, coletivas, envolve comportamentos, crenças, valores, gênero, classe social, etc. (PADILHA, 2014). Com isso, é possível refletir sobre o contexto do sujeito pobre que, para Moura Jr. *et al.* (2014) gera uma identidade negada, atravessada pela fragilidade e sofrimento que advém da realidade de pobreza. Existe também a chamada identidade cultural que pode ser considerada a base para a construção do sentimento de pertença e para o processo de evolução da qualidade de vida nas comunidades (CANIELLO, 2016).

Costa e Maciel (2009) propõem o conceito de memória inclusiva, como resultado do somatório das memórias contadas e histórias de um determinado lugar, fundamental para valorização da cultura local. Ao longo do desenvolvimento das tradições culturais, é que vai se constituindo o que Farias e Pinheiro (2013) chama de identidade de vizinhança, caracterizada em seus aspectos sociais e pela identidade cultural que implicam redes de cooperação, sentimentos de coesão, segurança e apego ao lugar. Com isso pode-se considerar que a relação entre as vizinhanças, mais especificamente, a vizinhança viva, marcada por um alto nível de vinculação, é o que vem a determinar o sentimento de

comunidade. De acordo com isso, a identidade é que gera o sentimento de comunidade e caracteriza a comunidade (RIBEIRO NETO, 2016)

O apoio social foi discutido em 5 artigos, compondo em 31,25% dos resultados. As redes de apoio podem ser construídas a partir dos vínculos entre as vizinhanças (FARIAS; PINHEIRO, 2013), envolvem processos de fortalecimento (CASTRO-SILVA *et al.*, 2014) e são fundamentais para a construção do sentido de comunidade (FAVERO *et al.*, 2016; SILVEIRA *et al.*, 2016). Ramos-Vidal (2016) alertam sobre o risco de comprometimento das redes de apoio social frente aos processos de deslocamento, migração e mobilidade. O apoio social exige a construção de relações de confiança, sentimento de pertence e de identidade social (SILVEIRA *et al.*, 2016).

Diante do exposto, consideramos importante nos aprofundar sobre o conceito de comunidade e sentimento de comunidade, pontuando uma perspectiva histórica e demarcando o lugar o qual partimos para entender essa categoria tão substancial nesta pesquisa.

4.4 Comunidade e sentimento de comunidade: uma exposição histórica e conceitual

De Alguma poesia

Casas entre bananeiras
Mulheres entre laranjeiras
Pomar amor cantar.
Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.
Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE, 1930)

Em seu poema, Drummond faz alusão a um lugar calmo, a uma vida simples, pacata e próxima de um “pomar amor”. Brincando com as palavras, ele produz contradições e sentimentos da relação pessoa-lugar. Esse é o ponto de partida, do qual segue-se para discorrer sobre o sentimento de comunidade, sentimento de pertence, sentido de lugar ou outras nomenclaturas que vão aproximar o significado dessas categorias, numa perspectiva científica.

O sentimento de comunidade é um conceito antigo e, ao mesmo tempo, atual. Foi trazido inicialmente por Sarason (1974), a partir de onde a Psicologia Comunitária foi se

apropriando, reconhecendo sua importância e complexidade. Para compreendê-lo é preciso resgatar a ideia e concepção de comunidade.

Para Góis (2005), a Revolução Francesa e a transição do sistema feudal para o sistema capitalista, testemunhou-se o surgimento de novos tipos de relações comunitárias e novas relações de produção. No século XX, com a ascensão do capitalismo, surgiu uma maior preocupação com os grupos e as comunidades. Assim, historicamente, os estudos sobre a categoria comunidade vêm sendo realizados por diferentes disciplinas, principalmente, Antropologia e Sociologia, priorizando-se uma ótica territorial. A ideia de comunidade é definida, neste estudo, a partir de uma leitura histórica e social que assume diversos significados ao longo do tempo (SILVA; HESPANHOL, 2016).

Sanchez Vidal (2009) afirma que assim como a maioria dos conceitos sociais e psicossociais, o conceito de comunidade foi questionado devido sua imprecisão e sua polissemia. Sabe-se que a comunidade deve envolver também a dimensão territorial do lugar, por isso muitas vezes ela é confundida com bairro, vila ou distrito. Existem também as comunidades religiosas, comunidades de aprendizagem, comunidades linguísticas, comunidade acadêmica e, em uma dimensão bem maior, comunidades indígenas, dentre outras. Vê-se assim a polissemia implícita nesse termo, o que exige a necessidade de melhor defini-lo.

Para Sawaia (1996), comunidade é um conceito antigo, mas desponta na literatura, especialmente, em Psicologia Social, na década de 70, trazendo as discussões do campo “psi” para fora do consultório e adentrando a realidade comunitária. Oberg (2018) pontua que no ideal social a comunidade é um lugar de pessoas boas que constroem relações harmônicas, o que significa denunciar uma visão romantizada sobre o que podemos entender acerca de comunidade. Trata-se de um lugar de convivência que atravessa relações de afetos e conflitos (GOIS, 2008), de libertação e de opressão. Isso posto, entende-se aqui comunidade como um lugar de moradia e convivência mais direta entre os indivíduos, que na história permitiu aos sujeitos vivenciarem a passagem do sistema feudal para o sistema capitalista, já que aqui se impõem outros modos de vida e de relações sociais e subjetivas. Apesar das diferenças, “a essência comunitária é a mesma, isto é, a vida gregária direta que define e identifica um espaço físico-social de sobrevivência, defesa, proteção e desenvolvimento de seus moradores” (GÓIS, 2005, p. 57).

Para Sanchez Vidal (1991) a comunidade inclui o comportamento humano e sua aplicação na resolução dos problemas psicossociais, ressaltando a importância para a

Psicologia Comunitária. Com Oberst (2002) acreditamos que o indivíduo será melhor compreendido se considerado no conjunto de um todo maior, que é a comunidade. Apesar da complexidade e das controvérsias presentes na compreensão do conceito de comunidade, podemos congregamos um conjunto de características que permitirá clarear a compreensão em torno desse fenômeno que é social e psicológico.

Acrescenta-se ainda, com Montero (2004), que quando há referência à comunidade, isso não significa tratar-se de grupos homogêneos, mas sim de indivíduos que compartilham conhecimentos, necessidades, desejos e sentimentos, que atuam em prol do benefício de si próprios e do grupo em que estão inseridos. Oberg (2018) propõe a discussão sobre comunidade e a realidade contemporânea, sinalizando, em consonância com Montero (2004) a importância da dimensão política e a ideia de que “o individualismo é um entrave para o fortalecimento dos laços sociais e que os mesmos são conflitivos numa sociedade capitalista” (OBERG, 2018, p. 712)

A comunidade estabelece um conjunto de normas e regras subjetivas de conduta que servem de referência para os sujeitos (OBERST, 2002), com isso evidencia-se que “fazer parte da comunidade está relacionado à possibilidade do indivíduo de explorar seu entorno ambiental e comunitário, como também ter relações livres entre os vizinhos” (MOURA JR., 2014, p. 348). Para Montero (2004) a comunidade não é entendida apenas como um lugar, mas sim a partir da existência de um sentimento de comunidade.

Partindo disso é que nesse estudo se compreende a comunidade é um espaço de convivência duradoura, constituída por sujeitos que partilham experiências e histórias em comum, com níveis sociais e econômicos similares e com um mesmo sistema de representações sociais (GÓIS, 2005). Além disso, é também um lugar social, e existencial, cenário de constituição da subjetividade e dos modos de vida dos sujeitos que convivem (MOURA JR., 2015). De acordo com Oliveira (2017, p. 95):

[...] Desde tempos imemoriáveis, sabemos que pertencemos a um grupo e que aqueles que não pertencem a esse grupo são, em consequência, diferentes de nós. Esse sentimento persiste ao longo da história humana evocando constantemente a percepção daqueles que são meus iguais, aos quais se elaboram relações de reciprocidade e confiança, vínculos solidários, e os diferentes, aos quais cabe a desconfiança, o estranhamento e, por vezes, a repulsa.

É esse conjunto de relações, que envolvem os laços afetivos e emocionais, que vinculam esses sujeitos entre si e com o lugar, atravessados por limites, possibilidades, regras e convivências, o que contribui para o sentimento de comunidade.

Um dos primeiros autores a abordar esse conceito foi Sarason (1974), definindo-o como os laços que unem as pessoas e a comunidade, importante para construção de vínculos positivos e sentimento de pertence ao lugar. Já para McMillan e Chavis (1986), este conceito é definido a partir das seguintes dimensões: Estatuto de Membro, que é o sentimento de pertença ao lugar; Influência, que refere ao quanto a comunidade influencia e é influenciada por seus membros; Integração e Satisfação das Necessidades, relacionado ao tanto que a comunidade dispõe de possibilidades e recursos para satisfazer as necessidades de seus moradores; Ligações Emocionais Partilhadas, que são as emoções compartilhadas entre as pessoas que podem ser construtoras de vínculos.

Existem várias categorias correlatas encontradas na literatura para o sentimento de comunidade, dentre elas tem-se o sentido de comunidade, sentido psicológico de comunidade, senso de comunidade, sentido de pertence ou de pertencimento, o que justifica a diversidade de termos utilizados nessa produção, a depender do referencial teórico encontrado na busca. Em inglês esse termo é reconhecido como *sense of community* ou *sense of belonging*, em espanhol *sentid de comunidad*. Os correlatos em português são sentimento de comunidade, senso de comunidade, sentido de comunidade, em alguns referenciais encontra-se também sentido de pertence ou senso de pertence. Opta-se, nesse estudo, por *sense of community*, *sentid de comunidad* e sentimento de comunidade, em seus respectivos idiomas, pois abordam uma tradução que se dá de modo mais coerente com a compreensão original do conceito em estudo.

O sentimento de comunidade é um fenômeno complexo, envolve o sentimento de pertencer a um grupo ou a uma comunidade que, por sua vez, pode reduzir a probabilidade do sujeito vivenciar modos de vida mais destrutivos e emoções negativas, tais como o isolamento e a depressão (MOURA JR., 2015). No entanto, é preciso ressaltar a escolha teórica do estudo pela categoria sentimento de comunidade, partindo da compreensão que é o sentimento de se pertencer a um grupo/comunidade no qual as pessoas interagem de modo interdependente na busca de satisfazer suas necessidades pessoais e coletivas (PREZZA; CONSTANTINI, 1998). Evidentemente, esse sentimento se constrói entre sujeitos que vivenciam histórias e experiências coletivas e se sentem ligadas ao seu lugar de moradia, não precisando ser necessariamente uma comunidade delimitada territorialmente. Com Alcântara, Abreu e Farias (2015), podemos pensar sobre o sentimento de comunidade dos moradores de rua que mesmo não vivendo numa comunidade fechada e delimitada, partilham de sentimentos, emoções e constroem vinculação entre si e para com a rua. Esse sentimento de pertence à rua repercute nos

processos indenitários, psicossociais e emancipatórios dos sujeitos que dele partilham (ALCANTARA; ABREU; FARIAS, 2015).

Moura Jr. (2014) traz a discussão da pobreza numa perspectiva psicossocial e multidimensional, consideram a importância do senso de comunidade como uma ferramenta que permite identificar a relação entre as vivências subjetivas e coletivas. Montero (2004) compreende que o sentimento de comunidade envolve a história e a identidade social que são compartilhadas entre as pessoas de um mesmo lugar e podem gerar coesão. Para Oberst (2002), através da capacidade de cooperação entre os sujeitos se pode medir o nível de sentimento de comunidade. De modo complementar, Nepomuceno *et al.* (2017) apontam que o sentimento de comunidade favorece o fortalecimento das redes de apoio social.

Martins e Lucio Villegas (2014) pontuam que o sentido de comunidade se refere ao significado do território para as pessoas que vivem nele, envolve cooperação e pertença e pode ser prejudicado por um alto nível de conflitos. O medo, produzido pela violência, somado às práticas assistencialistas na comunidade tendem a reduzir o sentimento de comunidade e comprometem os processos de participação social (CASTRO-SILVA *et al.*, 2014). Assim, fica evidente que o sentimento de comunidade vai se constituindo a partir da realidade social da comunidade, com implicações subjetivas para os sujeitos comunitários, numa relação dialética.

Para Farias e Pinheiro (2013) o sentimento de comunidade implica uma relação de investimento com o lugar e de construção de vínculos com a vizinhança, na direção da construção do que eles chamam vizinhança viva. Já Vidal *et al.* (2013) pontuam que o sentido de comunidade é fruto das relações de interação entre os vizinhos, pode variar de acordo com o tempo e ser visto como um fator positivo e gerador de vinculação. Farias e Pinheiro (2013) articulam o sentimento de comunidade com a ideia de suporte social, à medida que este é considerado um bom indicador para um alto nível de sentimento de comunidade.

Com Favero *et al.* (2016) entende-se o sentimento de comunidade como algo aproximado ao sentimento de pertencimento, envolve também apoio social, assim como está relacionado à participação comunitária e à identidade subjetiva e social. Destarte, o sentir-se pertence a um espaço comunitário pode estimular a participação e fortalecer a identidade de seus partícipes e vice-versa. Para Ramos-Vidal e Jariego (2014) o processo de participação produz efeitos positivos sobre o fortalecimento e o sentido de comunidade. De modo consoante, Ramos-Vidal (2017) ressalta a relação entre sentido de

comunidade, empoderamento e participação, em que o nível de pertencimento do sujeito à comunidade pode ser explicado a partir da variação do nível de empoderamento e da participação. Desta forma, o sentimento de comunidade pode ser entendido a partir dos vínculos afetivos que o sujeito estabelece através de sua relação com o lugar em que vive e está relacionado com o nível de satisfação em relação a esse lugar.

4.5 Sentimento de comunidade e suas possíveis articulações com as novas ruralidades

Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.
Muda-se o mundo, muda-se a confiança.
Todo mundo é composto por mudança.
Tomando sempre novas qualidades.
(LUÍS VAZ DE CAMÕES)

Camões traz, em sua poesia, a ideia de mudança e a ideia de um mundo dinâmico e atravessado por metamorfoses. Podemos dizer que esta é a principal característica das novas ruralidades. O rural de hoje não é o mesmo de alguns anos atrás. Tem-se novas configurações, novas vontades, outros desejos que movem os moradores de comunidades rurais. Frente a essas novas ruralidades, faz-se necessário questionar de que modo se dão os impactos sobre a constituição do sentimento de comunidade nesses contextos, enfatizando que,

O sentimento psicológico de comunidade representa, pois, o nexo de união entre o individual (psicológico) e o coletivo (social). Suas conexões teóricas e empíricas com os temas de apoio social, territorialidade, ambiente social, identidade e suas centralidades teóricas para o fenômeno da ajuda mútua demarcam sua importância nas intervenções psicossociais de cunho emancipatório (ALCANTARA; ABREU; FARIAS, 2013, p. 134).

Saber que o sentimento de comunidade mantém relações substanciais com a dimensão da territorialidade, exige pensar como esse sentimento se constitui na realidade rural. Para tanto, é importante reconhecer que as fronteiras entre o urbano e o rural tem servido para separar e, ao mesmo tempo, aproximar a realidade dos jovens que vivem em comunidades rurais e ousam migrar para os centros urbanos, contribuindo com esse fluxo migratório constante. Nessa direção, outra categoria a ser somada é a da pobreza rural, pois ela influencia a constituição do psiquismo (CIDADE; MOURA JR.; XIMENES, 2012), gerando impactos para a realidade dos jovens da zona rural. Com isso, transpõe-se a atenção para a relação entre sentimento de comunidade e pobreza rural.

Prezza e Constantini (1998) ao compararem o sentimento de comunidade no rural e no urbano, identificaram uma média maior do sentimento de comunidade em comunidades menores, mais próximas da caracterização do rural. Condizente com isso, estão os dados encontrados em pesquisa realizada por Nepomuceno *et al.* (2017), na qual o sentimento de comunidade no rural se mostrou maior do que em comunidades urbanas. Isso se deve aos diferentes modos de socialização e vinculação afetiva e emocional, no rural isso geralmente se dá de maneira mais próxima. Ximenes e Moura Jr. (2013) destacam ainda a violência e a necessidade de intensa mobilização requerida pelo modo de vida nos centros urbanos como fatores que podem explicar esse menor índice de sentimento de comunidade. Nepomuceno *et al.* (2017) acreditam que há uma relação entre vínculos e aspectos relativos ao bem estar, assim pode-se pressupor, com facilidade, que se o sujeito se sente vinculado ao lugar onde mora, certamente sentir-se-á bem em viver nesse lugar.

Bonomo e Souza (2013) ressaltam o conflito e a tensão vivenciada pelo jovem camponês, de um lado está o vínculo afetivo que o liga à sua comunidade rural, do outro está a necessidade de buscar recursos que são disponibilizados nos centros urbanos. Essa forte ligação com o rural é reforçada pelo modo de vida desse jovem, sua relação com a terra e a natureza, e seus vínculos pessoais, familiares e comunitários, que são importantes fontes de apoio (CAVALCANTE; SILVA, 2016). No entanto, o rural ainda é marcado por algumas lacunas, principalmente, no que tange às oportunidades educacionais, o que atualmente se constitui como um dos principais motivos que levam os jovens a migrarem.

Dentre essas lacunas educacionais, situa-se, principalmente, a falta de oportunidade de acesso ao ensino superior, o que cada vez mais reforça as práticas migratórias da juventude que busca, nos centros urbanos, a possibilidade de fazer universidade. Zago (2016) corrobora com esse cenário ao afirmar que o jovem rural tem apresentado novas demandas por níveis de ensino cada vez mais especializados. O reflexo disso nos leva a pensar se esse jovem hoje, ao experimentar a vida com mais possibilidades na cidade, deseja voltar para sua comunidade de origem. Essa discussão pode ser disparada a partir das falas dos estudantes sobre o retorno a sua comunidade de origem:

Pesquisadora: Você pensa em voltar a morar lá?

Entrevistada: Não. Não penso em voltar a morar lá. Só se for assim, se eu não tiver escolha, mas não pretendo (EDILENE, ECONOMIA).

Pesquisadora: *Você pensa em voltar lá pra sua comunidade ou ficar aqui? O que você pensa?*

Entrevistado: *Eu penso em, não, penso em trabalhar fora, outro Estado. Quando eu tiver já, tiver uma condição de dar uma melhor vida pra minha família eu volto pra Coreaú pra ajudar eles. Quando eu já tiver uma base né.*

Pesquisadora: *Aí pretende morar em Coreaú?*

Entrevistado: *Sim, mas lá pro, quando já tiver já com uma idade bem avançada (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).*

Diante dessa realidade emergente, é preciso repensar a ideia de sentimento de comunidade, não mais restrita a dimensão do apego ao lugar, do desejo de retornar a comunidade, de forma imediata. Problematisa-se novas relações com esse lugar, dado o contexto em que esse jovem está inserido, movido pela necessidade de crescimento e desenvolvimento psicossocial. Pano e Machado (2014) vêm apontando em seus estudos, o aparecimento do desinteresse do jovem rural em permanecer na propriedade rural e não mais contribuir com o desenvolvimento da agricultura. Aqui é válido fazer algumas ponderações e problematizações. Isso não se trata apenas de um desejo individualizado do jovem de não retorno à sua comunidade rural. É preciso evidenciar a dimensão social e cultural que atravessa esses desejos: inexistem políticas de indução do retorno desses jovens para essas comunidades. O fato é que não existe um panorama favorável e nem políticas que investem na reinserção desses jovens nas realidades de onde vem. Podemos pensar que, esse não desejo de retorno a comunidade rural, tem a ver com questões políticas que produzem outros horizontes de possibilidades, levando-o a desejar ir para além de sua própria comunidade.

Isso aponta a necessidade de reavaliarmos o fenômeno migração rural-urbana no contexto atual, assim como também conhecer e visibilizar aspectos macro e microsociais da vida desse jovem estudante que migra. Isso implica adentrar, mais profundamente, discussões no campo das políticas públicas de educação superior para juventude, principalmente porque o aumento do índice de jovens que querem sair do rural para o urbano tem representado uma mudança em sua configuração e se distanciado dos propósitos da reprodução da agricultura familiar. Um dos fatores que tem forte influência para o estímulo à evasão dos jovens das realidades rurais, ainda para Pano e Machado (2014), é a influência da tecnologia de informação que aumenta nesses jovens o interesse pelo estilo de vida urbano. Além disso, percebe-se o quanto a vivência no ensino superior pode transformar a visão do jovem, gerar novos interesses, inclusive o de desbravar outros universos, na busca do crescimento pessoal, profissional e social.

É muito pouco atrativo pra mim lá, eu penso que eu não quero voltar pra lá quando eu me formar, eu acho que vai ser muito complicado se eu tiver que voltar pra lá, porque não tem nada que me prenda lá, a não ser a minha relação com a minha família que é mais uma coisa de construção mesmo social de ter essa coisa de vínculo com a família, mas nem isso me prende muito lá, é, é, é, uma cidade que é pequena, mas não é o fato de ela ser pequena que não me atrai, é, é, são as pessoas, as coisas que tem lá, os lugares não, não me atrai, não me atrai mais mesmo (ESTRELA, PSICOLOGIA).

Pesquisadora: *Quais seus planos em relação à universidade?*

Entrevistado: *É, só me formar (risos). Me formar e, quando, ainda não sei exatamente o que fazer depois disso.*

Pesquisadora: *Você pretende voltar pra Itarema?*

Entrevistado: *Hã, não. É, eu pretendo fazer concursos em outra cidade e ver no que vai dar. Mas eu voltar pra lá, acho, só se tiver alguma oportunidade boa lá, pra mim, na área. Aí eu fico (HELENO, MUSICA).*

Zago (2016) acrescenta que a busca pelo ensino superior e uma maior qualificação, historicamente, são fatores fundamentais que devem ser considerados quando se discute a migração. Isso se evidencia no discurso do entrevistado, quando afirma: *“Já era uma coisa que eu pretendia, porque eu tenho bastante afinidade com o curso, né?! E se eu ficasse lá na serra eu ia me sentir pressionado a trabalhar, e eu queria focar nos estudos” (RONALDO, FINANÇAS).* O fato é que muitos jovens saem de suas comunidades, de porte menor, para as grandes cidades acreditando que fazer uma faculdade vai contribuir com o bem-estar e uma melhor qualidade de vida, e se sentem movidos pela necessidade de uma formação superior. Mesmo cientes das dificuldades, há a capacidade de enfrentamento em prol da realização dos sonhos:

Foi muito difícil, porque eu tinha 16 anos e aí eu vim naquela coisa de “ah, eu tenho que fazer logo um curso, logo uma faculdade, não esperar mais um ano, mas ao mesmo tempo foi difícil pelo fato de sair dali, daquela proteção da minha família, a minha família sempre cuidando de tudo, por mais que eu já estudasse em uma outra cidade, tudo era resolvido pelos meus pais e aqui eu sabia que eu ia ficar sozinho e eu não conhecia ninguém, ninguém (CAIO, MEDICINA).

Dentre as dificuldades tem-se o afastamento dos vínculos familiares e comunitários, o exercício da autonomia e os desafios em administrar e gerir a própria vida numa cidade com características bem mais complexas que sua localidade de origem, ao qual estava já habituado. Essa dificuldade é ressaltada na continuação da fala do estudante entrevistado: *“Toda essa mudança de morar só, de cuidar da sua vida de alguma forma, porque meu pai só ia me ajudar com o dinheiro, mas ele nunca foi de administrar tudo, então era muito eu mesmo, já desde o início” (CAIO, MEDICINA).* Em meio a essas

mudanças psicossociais, que implica lidar com um novo modo de vida, destaca-se a dimensão objetiva e concreta que envolvem aspectos financeiros, como se vê a seguir:

Assim, é, em termos financeiros foi estranho (pausa) até porque a gente sai totalmente sem noção. Eu sou o irmão mais velho, então para mim foi um, é, eu era o primeiro caso, de qualquer jeito, então eu não tinha noção de quanto que eu ia gastar e etc. Mas eu tinha um lado um pouco mais fácil, porque eu tenho uma tia que morava em Sobral. Então, eu morei seis meses com ela. Aí facilitou a vida um pouco. Mas é, aquela coisa, você, você nunca, nunca, só vim pra Sobral com meus pais, às vezes, e voltava no mesmo dia. Você vim morar nessa cidade e tal aí já é um, um negócio mais difícil. Tipo, é uma aventura maior (WASHINGTON, ENGENHARIA DA. COMPUTAÇÃO).

Essas mudanças exigem um processo de adaptação que perpassa a construção de um sentimento de pertence e vinculação a esse duplo contexto, o urbano e a universidade. As principais dificuldades vivenciadas por esses jovens rurais migrantes são provenientes das diferenças entre o rural e o urbano e das mudanças advindas com o ingresso na universidade. Kedari e Abhyankar (2015) afirmam que a migração, por si, tem um impacto na vida pessoal, acadêmica e psicológica dos jovens, pois trata-se de processos de mudança pessoal, social e cultural.

Com Candau (2012), estamos cientes que as diferenças culturais estão cada vez mais crescentes, na sociedade, o que pode gerar aumento da rejeição e da discriminação. Essa diferença se dá a nível de classe social, origem, cor/raça, gênero, sexualidade, etc. Ao pensarmos sobre a realidade do jovem camponês que passa morar na cidade, concluímos que essa mudança de cultura local e o fato de deparar-se com uma diversidade de culturas, de algum modo, gera interferências psíquicas para esses sujeito. Nesse sentido,

A cidade, enquanto espaço social e simbólico, espaço de pluralismo cultural e de diferença, é cenário onde se formam, afirmam e reestruturam identidades, onde se reinventam no cotidiano práticas sociais e de saúde, relações interculturais e diferentes modalidades de participação e cidadania. É também espaço onde se exprimem, tensões, conflitos, violência, doença e exclusão (RAMOS, 2009, p. 03)

Desta maneira, a diversidade cultural pode ser exercer um duplo efeito: ao passo que se torna um veículo de produção da alteridade, pode servir para acentuar a discriminação e exclusão do diferente.

4.6 A migração rural-urbana e seus reflexos para o sentido de comunidade dos jovens

Eu queria ter na vida simplesmente/Um lugar de mato verde/Pra plantar e pra colher/Ter uma casinha branca de varanda/Um quintal e uma janela/Para ver o sol nascer/Às vezes saio a caminhar pela cidade/À procura de amizades/Vou seguindo a multidão/Mas eu me retraio olhando/Em cada rosto/Cada um tem seu mistério/Seu sofrer, sua ilusão (ROBERTA CAMPOS, CASINHA BRANCA).

Esta música produz sinestesia, por provocar a sensação de estar nessa casinha branca, nesse lugar de mato verde, que remete a idealização que se faz do rural. No entanto, a cidade também aparece como um lugar de multidão e ao mesmo tempo de solidão, por ter tanta gente padecendo de ilusão. Isso nos leva a refletir sobre os possíveis conflitos que podem ser vivenciados por aqueles jovens que optam migrar de sua comunidade rural para os centros urbanos. Ao passo que vida na cidade pode aguçar um vínculo positivo jovem-campo, fazendo-o querer voltar para sua comunidade de origem, por outro, pode ser também que esse viver citadino seja um fator atrativo para as expectativas e desejos de futuro desses jovens.

A migração vem sendo um tema discutido na mídia, nos meios de comunicação e até mesmo nas ciências, há muitos anos, marcando a história da humanidade e, pode-se dizer que tem ganhado força, principalmente, depois do capitalismo e do avanço da globalização. Para Oliveira (2017) o significado da palavra migrar é “deslocar-se para outra região, país ou local, assim como os pássaros, os seres humanos também vêm utilizando esse conceito há milênios”. É fato que a migração, seja de caráter duradouro, seja temporário, gera implicações psicológicas, à medida que mudar de lugar, resultam mudanças também internas, subjetivas. De acordo com Ramos-Vidal (2016) as consequências do deslocamento e da mobilidade humana produzem efeitos a nível individual, familiar, comunitário e macrossocial, de maneira inter-relacionada. É fato que ocupar um lugar gera repercussões para todas essas dimensões, mudar e passar a ocupar novos lugares, com diferentes configurações espaciais, sociais, culturais, tende a gerar novos modos de socialização e subjetivação. Para tanto, precisamos discutir questões sobre mobilidade humana.

Pelo olhar da psicologia, acrescenta-se ainda que os lugares são subjetivos, subjetivados, uma vez que a cada momento os ressignificamos, a cada movimento nos reapropriamos deles e de nós mesmos. Essa análise nos permite avançar no paradoxo fixação-nomadismo e em que marca cultural e ideológica estão assentados os modelos de ir e vir (MACEDO; CARVALHO, 2011, p. 4).

A partir desta ótica, entende-se que o lugar não está tão fora de nós e que é parte inerente da nossa constituição indenitária e humana. É a partir do lugar que habitamos que construímos nossas relações, com o outro, consigo e com o próprio entorno. O lugar que ocupamos é aquele que nos limita, ao mesmo tempo, nos possibilita e nos desafia a construir os significados sobre as experiências e sobre o mundo.

No contexto contemporâneo, sob a égide do capital, da modernização e do desenvolvimento tecnológico e, quase por consequente, urbano, é inegável a produção de uma lógica de desvalorização do modo de vida rural. De maneira geral, embora estejamos testemunhando uma nova geração de jovens camponeses, com novos anseios e outros desejos, para além da vida agrícola, ainda é fato, o pouco acesso das políticas públicas e das possibilidades de estudo superior e profissionalização para o jovem que habita esse cenário rural. Pensar o modo de vida de um jovem em uma comunidade rural no Ceará, as construções dos afetos, a ambivalência entre satisfação e insatisfação com o lugar, as relações afetivas com famílias, amigos e com o próprio tempo cronológico, tende a gerar efeitos em seu modo de ver e se ver no mundo, afinal,

A dureza da realidade do sertão do Ceará produz mais do que a seca e a pobreza. Produz também beleza, poesia, sujeitos e subjetividades com agir e pensar próprios, formas de existir singulares. Singularidade no modo de viver, de se expressar, de se emocionar, de produzir, de trabalhar, de existir. (MACEDO; CARVALHO, 2011, p. 8).

Quando o jovem se propõe sair de sua comunidade rural está se propondo a deixar parte de sua história naquele lugar, assim a mobilidade surge como uma possibilidade de mudança, adulterada de esperanças e direcionada por expectativas, principalmente para aquele que vai em busca do ensino superior nas cidades grandes e que, ao voltar para aquele lugar (rural) eles já são outros, o jovem e o lugar. Nesse misto de lugares em que o jovem passa a habitar, entre as peculiaridades do rural e do urbano, está a relação de afetos e desafetos que vai tecendo com cada um destes. Se a relação de afetividade construída com sua comunidade rural for negativa, tende a favorecer processos de migração (FERREIRA, 2010). Desta maneira, “não conseguindo ficar, nos resta ir e ressignificar nossas experiências com o espaço” (MACEDO; CARVALHO, 2011, p. 3).

A realidade de pobreza rural, junto a atração que os jovens produzem pelo modo de viver urbano, faz com que busquem melhoria de vida e reconhecimento social, construindo um projeto de vida voltado para habitar o urbano. Uns decidem efetivamente

ser morador da cidade, assumindo as consequências dessa mudanças, enquanto outros, habitam o urbano, mas não desligam-se do rural, visto as possibilidades de mobilidade:

Dessa forma, as fronteiras geográficas, econômicas, culturais e também as psicossociais estão sendo modificadas, alargadas e tornadas mais porosas favorecendo um trânsito maior de um espaço a outro (MACEDO; CARVALHO, 2011, p. 7).

Com isso, podemos afirmar que o processo de migração rural-urbano engendra repercussões culturais, sociais, econômicas e subjetivas para os jovens universitários. Habitar uma nova cultura exige romper com valores antigos, assim como também afastar-se de certas relações para aproximar-se de outras, a priori desconhecidas, além da necessidade de adotar novos comportamentos e condutas.

Ao pensar, com Becker e Borges (2015), as dificuldades de moradias, questões financeiras e falta de apoio social podem se constituir como entraves para processos de adaptação a um novo lugar. Ao passo que, à medida que o jovem se percebe capaz de adaptar-se e construir estratégias de enfrentamento as dificuldades, pode sentir também maior, quanto a sua possibilidade de sonhar e de ocupar outros espaços territoriais e subjetivos. Segundo Oliveira e Conceição (2016) a interação social se desenvolve a partir de recortes de pertença territorial, relacional e vincular. Isso quer dizer que o sentimento de pertence é construído pelas relações e vínculos entre as pessoas que convivem e partilham emoções e afetos, sejam de aceitação, rejeição, alegria, satisfação, etc.

Desta maneira, entende-se que o sentido que o jovem constrói a partir de sua vivência na cidade vai interferir na construção do seu sentimento de comunidade, em traçar seu projeto de vida voltando para sua comunidade de origem, permanecendo na cidade ou desbravando novos horizontes. Há que se pontuar também que sua vivência como jovem universitário e suas condições de adaptação a essa cultura, que implica relações sociais, acadêmicas, rendimento, etc., certamente irá de interferir no sentimento de pertence a universidade, em seu sucesso ou fracasso, em sua permanência ou evasão, em sua saúde ou adoecimento psíquico, de modo geral, irá interferir em sua vida como um todo. Podemos ainda analisar e pensar nesse cenário como produto de multideterminações, dentre as quais estão o rendimento acadêmico, as relações de sociabilização, mas também, a lógica que estrutura o produtivismo na universidade, o racismo epistemológico, as colonialidades e os embates entre saberes acadêmicos e

saberes universitários que também atravessam e compõem os desafios vivenciados por esses jovens.

Assim, é preciso ressaltar que neste estudo, refere-se ao sentimento de comunidade quando relacionado ao lugar de moradia do jovem, sujeito de pesquisa, que neste caso, são os contextos rurais. Reconhece-se que também há um sentimento de pertence, em que pode-se referir à integração social à universidade. E que esses fenômenos estão situados na dimensão subjetiva, mas também envolvem uma lógica maior e mais complexa.

4.7 Sentimento de comunidade, no contexto rural, e suas articulações com a integração social do jovem na universidade

A hipótese desse estudo apontava para a existência de uma relação entre o sentimento de comunidade do jovem camponês e a integração social no ensino superior. Para verificar essa hipótese foi realizado, inicialmente, um Teste T. Neste estudo (N=138) o teste não mostrou diferenças estatisticamente significativas para um intervalo de 95% de confiança. Na Tabela 9 são apresentados os valores do Teste de Levene e do Teste T. O Teste de Levene serve para verificar a homogeneidade das variâncias. A partir desse Teste, aponta-se que não há diferenças significativas entre o sentimento de comunidade e os fatores relacionados a escala de integração social no ensino superior, EISES-R.

Tabela 9: Anova e Teste T do Sentimento de Comunidade Total e os Fatores EISES-R

		Teste de amostras independentes									
		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias							
		F	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença a média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de confiança da diferença		
										Inferior	Superior
Fator_Equil_Emocional	Variâncias iguais assumidas	,182	,670	,416	136	,678	,06910	,16601	- ,25920	,39740	
	Variâncias iguais não assumidas			,414	129,449	,679	,06910	,16673	- ,26077	,39898	
Fator_Rel_Profs	Variâncias iguais assumidas	,552	,459	1,626	136	,106	,23384	,14383	- ,05058	,51827	
	Variâncias iguais não assumidas			1,615	128,109	,109	,23384	,14475	- ,05257	,52025	
Fator_Rel_Amigos	Variâncias iguais assumidas	,331	,566	-1,201	136	,232	-,16561	,13793	- ,43838	,10717	
	Variâncias iguais não assumidas			-1,212	135,387	,228	-,16561	,13664	- ,43583	,10461	
Fator_Rel_Familia	Variâncias iguais assumidas	,675	,413	,478	136	,633	,06489	,13576	- ,20358	,33336	
	Variâncias iguais não assumidas			,476	129,723	,635	,06489	,13629	- ,20474	,33452	

Fonte: Dados da pesquisa

Para confirmar os dados obtidos na Tabela 9, foi realizado outro teste, de Correlação entre o Sentimento de comunidade total e os fatores da EISES, cujos resultados foram os seguintes: Fator equilíbrio emocional ($p=0,991$; $p>0,05$); Fator relação com os professores ($p=0,180$; $p>0,05$); Fator relação com os amigos ($p=0,806$; $p>0,05$); fator relação com a família ($p=0,367$; $p>0,05$). Esses resultados confirmam que realmente, neste estudo, que não há diferença significativa entre as o sentimento de comunidade e os fatores da EISES-R.

Para explicação e discussão desses dados quantitativos, entende-se que a realidade da comunidade rural e da universidade são contextos diferentes e não excludentes. Entende-se com isso que o sentimento de comunidade e a integração à universidade não dependem um do outro, diretamente, já que essa relação é atravessada pelas diferentes experiências estabelecidas com cada uma das realidade, de maneira singular.

Eu gosto do lugar, tanto que eu tô lá toda semana. Não quero voltar a morar de vez, até porque pra minha área é inviável, mas é um lugar que eu gosto. Todo fim e, como eu falei, todo fim de semana eu faço tudo pra ir pra lá. Até porque eu encaro muito como é um descanso (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Ainda assim, por outro lado, destaca-se o significado positivo e o vínculo desses jovens com a sua comunidade. Mesmo não pretendendo voltar a morar lá, esse lugar representa um refúgio, um espaço relacionado ao prazer e ao lazer, que muitas vezes, se contrapõe a cidade, que significa o lugar de estudar e batalhar pelo objetivo que os levaram para lá.

Pesquisadora: *E como é pra você chegar lá hoje? Porque, antes você morava né lá, e hoje você fica vindo pra cá e indo pra lá, como é hoje quando você vai o final de semana pra lá?*

Entrevistado: *(pausa) Hoje, hoje pra mim é, eu considero normal assim, eu passo o dia- a semana aqui, não tem muito impacto não. Eu chego lá, às vezes, eu gosto muito de sair né, ir pra banho, passeio, essas coisas, eu gosto de ir pra lá pra realmente... tipo, desafogar algumas coisas, porque aqui a gente fica só, fica só não, fica dentro do apartamento direto estudando, essas coisas. Lá não, lá a gente é, é como se fosse, a gente, pudesse sair, desabafar alguma coisa.*

Pesquisadora: *E aqui você tem você tem fonte de lazer assim?*

Entrevistado: *Aqui, geralmente, a gente gosta muito de jogar futebol, futsal na quadra a noite, às vezes. Academia eu pratico também, raramente, a gente vai no shopping assistir algum filme, a gente sai também pra praça conversar. (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA)*

Pesquisadora: *O que você costuma fazer quando volta pra lá?*

Entrevistado: *Ah eu brinco muito de bola, com os meninos lá da região. E lá em casa é perto de um açude né, a gente vai pro açude, tomar banho no açude, brincar, pescar... (LEANDRO, FINANÇAS)*

A cidade, passa a ser o lugar destinado aos estudos, a formação e tudo relacionado a isso. Vê-se portanto, uma determinada separação entre o prazer ligado ao retorno a sua comunidade e as obrigações presentes no cotidiano urbano, ligado a universidade. Mesmo quando decidem ficar o final de semana em Sobral, parece que o motivo que os movem está relacionado as obrigações acadêmicas.

Pesquisadora: *E como é o seu final de semana quando você fica aqui (em Sobral)?*

Entrevistado: *Como eu falei: a exceção é ficar aqui. Geralmente, eu tenho que tá muito ocupado pra fazer isso. Esse fim de semana mesmo foi só estudando, quarenta e oito horas. Porque essa semana tem uma prova bem difícil, então... foi um fim de semana só estudando. (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).*

Ai é muito bom, dá pra descansar bastante, é um lugar que eu tenho pra mim de descanso, por que Sobral eu tô toda hora fazendo alguma coisa, por que eu tenho a bolsa e também estagio, ai tipo toda hora eu tô fazendo alguma coisa, ai lá não, lá eu posso ficar despreocupada (JULIANA, ECONOMIA)

Vê-se uma suposta contradição entre não querer voltar a morar na sua comunidade rural, ao mesmo tempo que eles, de um modo geral optam pela mobilidade frequente, aos finais de semana. Isso representa novos modos de socialização, à medida em que existe um prazer e desprazer, que liga o passado, o presente e o futuro e que compõem esse modo de estar. Temos a realidade de jovens que gostam de sua comunidade rural, sentem prazer em frequentá-la, porém, não mais projeta seu futuro lá. É interessante perceber o quanto essa relação com a comunidade tem servido para fortalecer o jovem na busca pelo seu sonho, que parece distanciá-lo de lá. Diante desse apontamento, os resultados apontaram um considerável índice de retorno a comunidade.

Tabela 10: Frequência de retorno a comunidade de origem

		Com que frequência, em média, você retorna a sua localidade (de origem)?			
		Frequência	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	1x/mês	22	15,9	15,9	15,9
	2x/mês	24	17,4	17,4	33,3
	3x/mês	18	13,0	13,0	46,4
	Todo final de semana	68	49,3	49,3	95,7
	Só nas férias	6	4,3	4,3	100,0
	Total	138	100,0	100,0	

Fonte: elaborado pela autora

A Tabela 10, aponta que 49,3% (n=68) retornam à sua comunidade de origem todo final de semana e 13,0% (n=18) 3 vezes no mês. Esse dado pode sugerir que esse retorno frequente representa uma alta vinculação do sujeito à sua comunidade. A partir disso, é possível problematizar o conceito de sentimento de comunidade para esses jovens, já que a representação que a comunidade tem, para eles, remete à um lugar de prazer e descanso. Percebe-se, com isso, que o sentimento de comunidade se reconfigura na modernidade. Vemos que o jovem reconhece a importância sair do seu lugar de origem, para crescer, e se desenvolver na cidade, tanto é que o ensino superior torna-se prioridade e é o que prevalece na sua relação com a cidade, no entanto, em paralelo, tende a nutrir uma vinculação positiva ao seu lugar de origem. Isso se evidencia quando ele diz:

Eu gosto de ir para lá, todo final de semana, quando eu não tenho aula ou quando eu não tenho artigo para fazer, aí só a viagem de ir para lá leva um tempo que eu não posso perder, aí tipo quando eu tenho alguma coisa importante para fazer da faculdade ou tá na semana de prova, eu não volto pra lá, mas quando não tem, eu sempre gosto de voltar pra lá (JULIANA, ECONOMIA).

Diante do exposto, chama atenção essa nova maneira de se relacionar que o jovem estabelece com sua comunidade rural. A cidade é o lugar de estudar, se dedicar a universidade, batalhar por uma formação, enquanto que a comunidade é o espaço de aconchego, o ninho, onde eles buscam o alívio para as agruras vivenciadas no universo acadêmico e urbano:

Durante o semestre eu tava morto, assim, morto de cansado de tanto estudar, a minha mãe chega me olhava, assim, dizia que eu tava muito magro, cansado, mas era mais um momento, assim, de respirar, sabe? De dizer assim "estou de novo com o apoio dos meus pais aqui". Eu tirava o fim de semana pra ficar em casa, às vezes eu nem via ninguém, assim, dos meus amigos, porque eu gostava de tá ali descansado... só de saber que nem fosse pra dormir mesmo, mas só de saber que eu tava em casa já era um alívio muito grande. Assim, criava aquele... revigorava né, pra poder voltar pra enfrentar mais um módulo (CAIO, MEDICINA).

A frequência de retorno e a representação emocional e afetiva que eles construíram sobre sua comunidade são sinalizadores dessas novas relações estabelecidas com o rural. A ampliação do capital educacional evidencia novas perspectivas pessoais e profissionais, por parte desses jovens. O ingresso na universidade simboliza uma progressão subjetiva, educacional e social e, nesse sentido “acaba funcionando como o instrumento possível para superar as desigualdades ou para diminuir a iniquidade no

sistema educacional” (CUNHA, 2011, p. 265). Para além do diploma que tem um valor crucial na sociedade moderna, acessar o ensino superior impele e estimula o fortalecimento de suas identidades, pois trata-se de um lugar desejado “*é uma grande oportunidade, porque onde eu tô muitas pessoas lutam pra tá, né?*” (RONALDO, FINANÇAS).

O resultado do Teste de igualdade de variâncias de erro de Levene deu não significativo ($p = ,814$), ou seja, o critério de igualdade de variâncias foi garantido, permitindo a realização do teste de ANOVA (HAIR, 2009). Além disso, foi realizado o teste de magnitude do efeito. Como resultado deste Teste tivemos $F=5,950^{23}$ e $p = ,016$. O Eta parcial quadrado que é a magnitude de efeito da frequência de retorno para o sentimento de comunidade, teve como resultado $\eta^2p = ,042$ e a potência observada deu $P_{obs}=,678$. Isso aponta que a variável frequência de retorno a comunidade tem um efeito significativo para o sentimento de comunidade.

Para aprofundar a exploração desses dados, criamos dois grupos: 1º) os jovens que apresentaram maior frequência de retorno a cidade (3x por mês e todo final de semana) e 2º) os jovens com menor frequência a cidade (2x por mês, 1x por mês e só nas férias), com vistas a realizar uma ANOVA entre esses grupos e o índice total de sentimento de comunidade. Para realização deste Teste, a variável dependente foi sentimento de comunidade e as variáveis independentes foram os grupos de maior e menor frequência. Os resultados apontaram a média de retorno a comunidade para o grupo considerado com menor frequência $M=1,761$ e para o grupo com maior frequência deu $M=2,066$. Com isso, pode-se interpretar que o sentimento de comunidade demonstrou-se mais alto para o grupo que retorna a sua comunidade com maior frequência, ou seja, 3x por mês e todo final de semana. De um modo geral, foi visto que os jovens não querem voltar a morar na sua comunidade, quando concluírem o ensino superior, o que nos leva a problematizar e questionar se não querer voltar para comunidade rural significa não ter sentimento de comunidade. Com isso, vemos que o SC parece se ampliar e se reconfigurar, mesmo o jovem reconhecendo o vínculo que os une a comunidade, há um desejo pela migração e mobilidade, em busca de novos campos de possibilidades, até então não encontrados em seu lugar de origem.

É preciso entender essa relação do jovem camponês com o ensino superior e a realidade urbana a partir das novas relações de trabalho. Esse jovem demonstra anseio de

²³ F = a razão entre variância entre os grupos pela variância dentro do grupo.

crescimento que, embora tenha o vínculo com sua comunidade de origem, percebe que a possibilidade de alcançar esse desenvolvimento não está em retornar a esse lugar. Acredita-se que a vivência universitária, ao passo que é perpassada por condições adoecedoras e geradoras de sofrimento, produz também o desenvolvimento do potencial e da capacidade desse jovem de acreditar em seus sonhos e investir neles. Com isso, consideramos, nesse estudo que, para os jovens camponeses pesquisados, a experiência no ensino superior abre horizontes e possibilita-os acreditar que podem ir além.

4.8 Discussões sobre a inserção do jovem camponês na universidade

“Mesmo quando tudo pede/Um pouco mais de calma/Até quando o corpo pede/Um pouco mais de alma/A vida não para/Enquanto o tempo/Acelera e pede pressa/Eu me recuso, faço hora/Vou na valsa/A vida é tão rara” (LENINE, PACIÊNCIA)

O sentido da letra de Lenine é muito emblemático quando pensamos no contexto da universidade, na sociedade moderna. O conhecimento proveniente do ensino superior vem se constituindo como capital acadêmico, em que somos movidos a consumir, produzir, render, onde o tempo, é o tempo da instituição e há uma exigência crescente para se adequar as normas e regras impostas pela cultura universitária.

O ingresso na universidade é um momento crucial na vida dos jovens, além dos conflitos indenitários próprios da adolescência (ERIKSON, 1968), das implicações subjetivas inerentes à inserção no mundo acadêmico e, no caso dos jovens rurais, somam-se as repercussões psicológicas provenientes dos processos de migração, pois sabe-se que não se trata apenas de uma mobilidade física, mas também subjetiva.

No caso dos jovens camponeses migrantes, tem-se a particularidade marcada pelo afastamento da família de origem, tido como uma experiência de vida marcante. Para Teixeira *et al.* (2008, p. 191) “essa experiência de sair de casa é percebida essencialmente de dois modos: como algo difícil, em virtude de se sentirem sozinhos, e também como algo importante, devido à independência conquistada”. Em meio a essas mudanças, que por vezes chegam de forma abruptas, o jovem camponês universitário vai se metamorfoseando, enquanto sujeito e vivenciando os conflitos próprios à sua constituição indenitária, nos quais a experiência acadêmica é tocante. Então, esses jovens quando migram para a cidade, passam a destinar quase que exclusivamente seu cotidiano as atividades e produção acadêmica.

Pesquisadora: *Uhum, bacana. Como é seu dia a dia aqui em Sobral? Né, eu perguntei como era seu dia a dia quando você morava lá... E aqui em Sobral como era?*

Entrevistado: *Aqui em Sobral basicamente eu tenho uma rotina fixa, eu saio oito horas de casa e venho pra UFC, independentemente de ter aula ou não, por que? Porque eu me considero mais produtivo aqui dentro da UFC (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).*

Pesquisadora: *Como é o seu dia a dia aqui em Sobral? Assim, o que é que você faz, a rotina?*

Entrevistado: *Aqui, geralmente, eu acordo sete horas, aí tomo um banho, tomo um café, aí começa a aula oito horas né. Aí, nesse semestre, eu só tenho aula pela manhã, aí eu tenho aula de oito às doze, aí almoço no RU e vou pro estágio. Aí o estágio vai até cinco horas, seis horas, aí eu venho do estágio, janto na faculdade, na- aqui no RU e vou pra casa. Aí descanso um pouquinho, vou pra academia e depois eu reservo umas duas, três horas pra estudar e vou dormir. Aí todo dia é assim. (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).*

Isto posto, concorda-se com Diniz e Almeida (2006, p. 30) que “os anos de universidade são tidos, no contexto da ontogenia humana, como muito importantes para o desenvolvimento de capacidades e competências para lidar com a complexidade do mundo e da identidade”, pois conforme evidencia um dos estudantes pesquisados a universidade “*abre portas pra você, tanto no mercado de trabalho como também para conhecer novas coisas*” (LEANDRO, FINANÇAS). No entanto, este estudo não está se referindo a qualquer universidade, mas sim uma instituição considerada uma das melhores do país, e é interessante como esse reconhecimento se faz presente na percepção dos estudantes e como pode refletir no sentimento de pertence a universidade.

Pesquisadora: *E por que UFC?*

Entrevistado: *Porque sempre quando eu estava no colégio e a professora ia discutir sobre universidade, eu sempre falei que eu queria fazer na universidade federal, que era um objetivo meu, que era chegar e alcançar a Universidade federal (LEANDRO, FINANÇAS).*

Pesquisadora: *E por que a UFC? O que significa a UFC para você?*

Entrevistada: *Não sei... A gente fica, sei lá, tipo, passei na federal, dá um orgulho a mais na gente (JULIANA, ECONOMIA).*

Dada a realidade de Sobral que só tinha a Universidade Vale do Acaraú (UVA), no âmbito público, a maioria dos jovens, quando projetavam o ensino superior, logo se projetavam nesta universidade. A UFC, portanto, era um sonho inatingível, já que só existia na capital, Fortaleza, e era quase impossível alcançar esse lugar. Além das limitações socioeconômicas desses jovens, para estudar fora, havia também o status de ser uma Universidade Federal, reconhecida com um nível alto, difícil de se ingressar.

Pesquisadora: *E por que UFC? Por que só aqui tinha psicologia?*

Entrevistada: *É.*

Pesquisadora: *Mas havia um desejo pela UFC ou não?*

Entrevistada: *Existia, mas eu pensava que não era possível, eu pensei que não era pra mim, pensei que a nota era muito alta pra entrar e realmente é né, mas eu pensei que eu não ia conseguir passar, então eu pensava que as minhas possibilidades seriam a UVA mesmo, não é que eu to desmerecendo a estadual, mas é porque todos os conhecidos do meu meio as pessoas universitárias os meus primos, alguns amigos, a minha irmã mesmo são todos da UVA, então a se eles conseguiram entrar eu também consigo entrar também na UVA, mas na UFC eu pensei que era algo estrambólico assim pra entrar (ESTRELA, PSICOLOGIA).*

O discurso dessa estudante representa o modo de ver e pensar do jovem sobralense, de um modo geral, e dos jovens camponeses que residem na região, cuja maioria eram absorvidos pela UVA, pois até os anos 2000 era praticamente a única universidade pública existente na cidade.

De 2003 a 2011, tivemos a gestão do Governo Lula, nele foram adotadas algumas políticas de inclusão e democratização do Ensino Superior nas IES Federais Brasileiras, como as Políticas de cotas para negros, índios e alunos provenientes da escola pública, Políticas de Assistência Estudantil, o REUNI (Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais) que contribuiu com o processo de interiorização das Universidades Federais e o PROUNI (Programa Universidade para Todos) que possibilita o acesso do estudante pobre à Universidade Privada. No que tange especificamente à realidade dos jovens, Redin e Silveira (2012) pontuam que o Prouni fortaleceu o sonho do jovem rural cursar ensino superior.

Paula (2017), ao analisar essas estratégias de democratização do ensino superior promovidas pelo Governo Lula, acrescenta que estas ampliam o acesso do estudante, mas precisam ser pensadas em continuidade a fim de evitar outros problemas relacionados ao capital econômico, social e cultural desses alunos que passam a enfrentar dificuldades materiais e acadêmicas, após seu ingresso na universidade. O Programa auxílio moradia, foi criado com essa finalidade de prestar apoio assistencial aos estudantes de origem rural, que precisavam morar em Sobral e não dispunham de condições socioeconômicas. É interessante como esse auxílio veio permitir o acesso e garantir o sustento desses jovens:

Pesquisadora: *Como você acha que o Auxílio Moradia influencia sua vida como estudante universitário? Aspectos positivos e negativos.*

Entrevistado: *Os positivos é porque é uma forma de... de me manter aqui em Sobral, porque, se não fosse o auxílio, eu não teria como continuar morando aqui, porque a minha família não, realmente, não tem condições de... de pagar é, essa, a moradia aqui (HELENO, MUSICA).*

Pesquisadora: *Como é que você acha que o auxílio ele influencia sua vida?*

Entrevistado: *Bastante, porque, tipo, se eu não tivesse o auxílio não tinha como eu pagar é aluguel de apartamento aqui, minha família não tinha condições né e influencia bastante a pressão da gente se formar em cinco anos pra não pra não perder o auxílio, mas praticamente é a base do da minha vida aqui, da minha... pra mim estar aqui em Sobral é a base (FABIO, ENGENHARIA ELETRICA).*

Pesquisadora: *Faz quanto tempo que você recebe o auxílio moradia?*

Entrevistado: *Desde o início da faculdade.*

Pesquisadora: *Como é que você acha que influencia sua vida? Aspectos positivos e negativos.*

Entrevistado: *Eu acho que não existem negativos, porque eu até uma vez sentei com um colega meu, que terminou agora, que também recebe né, recebia, e aí a gente conversando e vendo que não teria como a gente continuar em Sobral sem o auxílio, porque, por mais que o meu pai tivesse lá trabalhando, mas era, era, não é um emprego, é algo muito instável, tanto a agricultura, quanto, ele como pastor, porque a igreja não dava um salário mesmo a ele, era algo mesmo se a comunidade contribuísse, bem, se não, também a igreja não ia arcar com o custo. Então já tinha aquela garantia de que pelo menos aquele valor ia tá na minha conta todos os meses, então... de aluguel era praticamente o que me sustentava aqui. Então ia ser bem mais difícil, provavelmente, não vou dizer impossível, mas ia ter que pedir ajuda de outros familiares pra poder fazer com que eu conseguisse permanecer em Sobral. Então foi fundamental, fundamental até aqui (CAIO, MEDICINA).*

Pode-se constatar a partir desses discursos, o salto qualitativo que as políticas de assistência estudantil promoveu na vida dos jovens pobres e migrantes. Paula (2017) pontua a importância das políticas de inclusão no ensino superior e a necessidade de iniciativas que primam pelo acompanhamento desse estudante, para garantir sua permanência e conclusão. Reforça-se, com isso, a importância das políticas de assistência estudantil, na perspectiva de garantir esse acesso socioeconômico, mas também a necessidade de incluir os aspectos subjetivos e emocionais. Esses estudantes, enfrentam uma série de mudanças, desafios e dificuldades, que dizem respeito também a dimensão psicossocial e inserção na própria cultura acadêmica:

É totalmente diferente. E as disciplinas são mais difíceis. O costume, É. A forma de estudar também tem que ser diferente. Se acostumar. Eu acho que isso foi umas das maiores dificuldades (LEANDRO, FINANÇAS)

Assim sendo, o ingresso no ensino superior requer que o jovem passe por um processo de transição que gera repercussões em seu desenvolvimento psicológico, por isso tem-se ainda uma série de mudanças em relação aos seus vínculos sociais e suas redes de apoio (TEIXEIRA *et al.*, 2008). Destarte, essa conquista traz consigo mudanças e novas experiências, ampliando as possibilidades de escolha e visão de mundo.

Ah uma mudança muito grande, de conhecer algo novo, pessoas diferentes, conhecer minha namorada que, que é minha noiva e casar com ela aqui, é, Conheci, vi o mundo com outra forma, aprendi bastante coisas, acho que é uma das coisas que eu nunca vou esquecer, que eu entrar e se deus quiser eu me formar, algo que mudou minha vida. Mudou 100%, a UFC mudou minha vida 100%. (LEANDRO, FINANÇAS)

A integração nesse novo contexto implica o envolvimento em atividades sociais e a construção de novos vínculos (DINIZ; ALMEIDA, 2006). Os vínculos sociais na universidade, o que envolve a relação com os outros estudantes, são fundamentais no processo de inserção na comunidade acadêmica, pois “as amizades possibilitam não só o sentimento de pertencer a um grupo, mas também o apoio em caso de dificuldades” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 178). Além destes, há os vínculos com os professores e demais funcionários que podem atravessar esse processo de adaptação.

Para Teixeira *et al.* (2008), o contexto universitário tem um papel fundamental no processo de adaptação dos jovens estudantes recém-ingressos. Assim, a adaptação acadêmica envolve a relação do estudante com o curso, a capacidade psíquica para responder às exigências acadêmicas, estabelecer vínculos com as pessoas e com a instituição (SOARES; BALDEZ; MELLO, 2011). Ao passo que gera sentimento de realização, reconhecido pela estudante entrevistada quando diz “*Eu me sinto muito realizada.*” (ANTÔNIA, PSICOLOGIA) e pela estudante Edilene “*Por um lado eu me sinto realizada porque eu tô fazendo o curso que eu quero, na universidade que eu queria*” (EDILENE, ECONOMIA). Por outro lado, há um cansaço, insegurança e medo que parece aumentar quando se aproxima a finalização do ciclo, pois se torna “*aterrorizante. É, o ponto que o ponto de virada entre estudante e desempregado. É um ponto em comum também, que as pessoas até que, é o pessoal está com medo de sair*” (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO). O medo de enfrentar esse ponto de virada implica também em perceber a universidade como lugar de segurança, ser estudante acadêmico tem um status que a finalização do curso põe em risco, ao passo que este pode assumir a condição de desempregado. Indubitavelmente, existe uma condição de opressão que acompanha o modo de viver desses jovens, se formar implica na pressão por conseguir um emprego, já que eles não dispõem de suporte pessoal-familiar que possa garantir essa segurança de sobrevivência econômica.

É notório que experiências acadêmicas podem gerar impactos negativos para o estudante universitário e contribuir com os índices de evasão e abandono. Sobre os aspectos envoltos aos dilemas sobre permanência e evasão, Magalhães (2013) pontua que

é preciso considerar a combinação das características do estudante junto do contexto da universidade, ressaltando a centralidade dos conceitos de integração acadêmica e social. Em pesquisa realizada por Oliveira *et al.* (2014, p. 182) foi constatado que estudantes da região metropolitana do Rio de Janeiro têm maiores capacidades de adaptação acadêmica “por apresentar boa base de conhecimentos anteriores ao ingresso no curso, construída ao longo da trajetória escolar”. Com isso, podemos inferir que os estudantes de zona urbana têm maior base de conhecimento sobre o curso do que os de zona rural, o que contribui com maior capacidade de adaptação para aqueles do que para estes. Essa capacidade de adaptação repercute diretamente na construção dos vínculos com o lugar e, portanto, do sentimento de pertence à universidade. Para Lacerda, Reis e Santos (2008), a integração e a interatividade são fatores fundamentais para favorecer a permanência do estudante na universidade.

Tipo, às vezes, eu até fico enrolando aqui o tempo pra ficar mais e não ir pra casa, as vezes, tipo, agora de tarde, hoje não, porque eu tenho reunião, mas, no dia de ontem, por exemplo, ontem, eu não tive aula, porque a disciplina foi encerrada né, mas, no geral, de tarde, eu não tenho aula na terça, só que eu fico aqui enrolando pra não ir pra casa, invento de fazer alguma coisa, ah, vamos ficar aqui fazendo isso, não sei o que, e aí eu gosto muito de tá aqui, não é uma espaço que a aula acaba e eu ah já to com pressa pra ir embora pra minha casa, é, é um espaço que eu me sinto bem de estar (ANTÔNIA, PSICOLOGIA).

Isto posto, é fundamental propor estudos e pesquisas que, além de valorizar a adaptação, possam também ir na direção de pensar estratégias de integração desses estudantes no ensino superior. Destarte, ressalta-se que “a integração do estudante no meio social da universidade ocorre através da convivência no grupo de pares, em atividades extracurriculares e nas interações com o corpo docente” (MAGALHÃES, 2013, p. 217). Sobre a relação com os professores, é perceptível, para umas das entrevistadas, o reconhecimento da postura do professor dentro e fora da sala de aula:

Aqui tem professores bastante bons, que ajudam mesmo o aluno, mas tem outros que não, que faz só a parte dele, que, tipo, dá aula para o aluno, aí, quando é fora da sala de aula, não quer nem conversa, agora tem professores não, que, na sala de aula e fora da sala, eles querem ajudar o aluno, tirar dúvida, essas coisas (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).

Pesquisadora: *Como é que você vê sua relação com a Universidade?*

Entrevistado: *Hum. Cara é porque é algo, aqui a gente tem uma série de defeitos e uma série de qualidades, hoje eu vejo que a universidade forma excelentes pesquisadores, aqui a gente forma excelentes pesquisadores, falo porque eu vejo muita gente pesquisando, dá muita oportunidade pra quem quer. A gente tem algo muito, tem muitos professores, gestores, que não*

cumprem seu papel, fato, todo lugar tem os cânceres. Mas, ao mesmo tempo, tem os professores e gestores muito bons, que tão realmente preocupados com o bem estar dos alunos e com a emoção dos alunos, tipo aí pondera tipo aqui a universidade é um lugar que poderia ser melhor sabe? Poderia ser melhor. Mas eu acho que tá no caminho certo, tá no caminho certo. (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

A relação construída dentro e fora de sala de aula tem a ver com o fato de que, para o professor, aquele lugar está relacionado com o trabalho, uma função exercida, em que há o tempo de trabalho e o tempo do descanso, enquanto para o estudante, o tempo é o tempo todo, quando eles precisam, eles buscam essa ajuda fora da sala de aula. Esta embutido neste tipo de ajuda, o apoio instrumental, referente a informação, e o apoio emocional, que se configuram como um requisito para definir o vínculo do estudante com o professor:

Tipo, quando a gente tá precisando... de uma... a gente tem a dificuldade em um assunto, a gente até por e-mail, whatsapp, pergunta ele, ele responde, ele tem, é como você falou, ele tem disponibilidade pra ajudar o aluno em qualquer momento, questão de ajuda sobre matérias (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).

Pesquisadora: *Como é que você poderia descrever a sua relação com os professores?*

Entrevistado: *Sim. Na questão de precisar é mais dúvidas, né? Na sala eles se disponibilizam. As vezes você manda um e-mail pra eles perguntando alguma dúvida e eles respondem. Ou às vezes antes da aula ou depois da aula eles sempre estão disponíveis a ajudar. Eu acho que é boa. Tirando alguns, que eu não vou dizer todos, não deixam a desejar. (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).*

Como se vê o professor representa uma referência importante para o estudante, a ponto de interferir nos seus modos de socialização e integração na universidade. Com o intuito de explorar os dados provenientes da Escala de Integração Social no Ensino Superior (EISES-R), realizamos uma série de teste para verificar de que modo alguma dimensão da escala poderia prever a outra. Dentre os resultados que se mostraram significativos, destacamos a relação entre o fator Relação com os Professores (RP) e o fator Equilíbrio Emocional (EE), obtida através de uma análise de regressão múltipla (Tabela 11).

Tabela 11: Análise de regressão múltipla EISES RP e EISES EE.

Modelo		Coeficientes ^a				
		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Modelo padrão	Beta		
1	(Constante)	,617	,290		2,127	,035
	EISES_RP	,587	,083	,520	7,106	,000

a. Variável dependente: EISES_EE

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados apontaram que maiores níveis de relação com professores vão se traduzir em maiores níveis de equilíbrio emocional, pois a significância ($p = 0,000$), $p < 0,001$. O professor é tido como o protagonista da educação, sem ele é impossível ensinar. No entanto, para corroborar com tal afirmação é preciso problematizar o processo educacional e esclarecer como concebemos a relação ensino-aprendizagem. Com Vygotsky (1994) consideramos o professor como um importante mediador da aprendizagem, aquele capaz de possibilitar ao outro condições de transformar a realidade e a si mesmo, através das relações sociais. Portanto, o professor é visto como aquele que deve explorar todo o potencial do aluno, estimular e incentivar uma relação de interesse pelo conhecimento, se preocupar e desenvolver o compromisso com a aprendizagem. É interessante como os estudantes conseguem identificar e expressar isso em seus discursos:

Pesquisadora: *Quando você diz assim tem professor que não ajuda muito, não ajuda muito como?*

Entrevistado: *A metodologia deles, porque por exemplo eu tenho um professor que melhorou bastante inclusive nesses últimos tempos, que é uma disciplina que também envolve cálculo, e quando era na, em sala de aula, explicava por exemplo a fórmula, mas não ensinava como desenvolvia e o que era cada termo da fórmula e tudo mais, ai meio que complica assim as vezes, porque como é uma coisa que a gente ta vendo pela a primeira vez, a gente não sabe (fala nervosa) lidar com aquele assunto, mas somente isso mesmo (RONALDO, FINANÇAS).*

Para ele, o professor deve ser aquele que tem conteúdo para transmitir, partilhar e ensinar, assim é preciso salientar e atualizar a discussão sobre o lugar da didática no ensino superior contemporâneo. Questiona-se de quais maneiras o docente inclui isso como uma questão durante seu percurso formativo, quais os modelos de ensino-aprendizagens vem sendo adotados na academia e como podem ser reconhecidos os novos desafios que essa temática engendra. É fato que a didática não é uma categoria de estudo recém descoberta, por outro lado, é relevante compreendê-la de forma contextualizada. Mudou-se o perfil do alunado, mudou a cultura acadêmico-universitária, diante disso,

requer que problematizemos sobre as mudanças inerentes a relação ensino-aprendizagem. Com isso, entende-se que,

A Didática não tem uma função prescritiva, normativa ou meramente instrumental, mas se apresenta como um estudo e uma disciplina que propõe criar as condições de ensino e aprendizagem dentro de contextos sociais específicos, compreendendo o ensino como uma prática social viva, capaz de promover a inclusão social e a emancipação humana e política dos indivíduos (FERNANDES; FREITAS; CARNEIRO, 2019, p. 266)

Diante disso, a realidade deste estudo aponta para a importância de uma formação docente permanente e continuada, que exige uma perspectiva crítica sobre a produção de conhecimentos e práxis do seu próprio fazer. E aqui, inclui-se nesse composto, também, a dimensão ética, que precisa ser repensada, pois tem a ver com postura, relações, posicionamentos, revela uma política realizada no cotidiano das ações pedagógicas, sociais e acadêmica.

Sobre essa questão de postura docente, um dos estudantes entrevistados faz referência a uma professor que ele tomou como modelo a ser e afirma *“todo professor deveria adotar a postura dela de que qualquer coisa que a gente fale ela está tentando tirar o máximo, aproveitar o máximo das nossas respostas e, enfim, reforçar isso pra que a gente participe mais”* (ANTÔNIA, PSICOLOGIA).

Vygotsky (1994) pontua ainda que, aliada a dimensão cognitiva, é preciso considerar as emoções, pois trata-se de uma função psicológica superior, construída a partir das relações sociais e fundamental no processo educativo. Brasileiro (2014) realizou uma pesquisa cujo objetivo era investigar como as emoções interferem no funcionamento das atividades didáticas e constatou que a predominância das emoções negativas implicou no não engajamento dos alunos e insucesso da aula, enquanto a preponderância de emoções positivas mostraram o envolvimento intenso dos alunos com a proposta da aula e uma maior produtividade. Nesse sentido, concordamos com Molina (2018) ao reconhecer que os vínculos afetivos são facilitadores da transformação do desejo de aprender em conhecimento e se tornam mais favoráveis a aprendizagem dos alunos.

Íh rapaz, meu orientador eu chamo de meu pai e o orientador do Marcelo é o tio (risos). Juro prôces, juro prôces, a gente não fala perto deles, mas eu conversando com o Marcelo, eu digo ô Marcelo, hoje eu tenho aula do seu pai, ele “vixe cara, se cuida não ein” e do mesmo jeito é o Ariel e o Sávio, tipo a gente tem uma relação muito boa muito boa muito boa. Aí tem outros professores que também são muito amigos da gente, tem um, que é professor

de cálculo, que o cara, não tem palavras pra descrever o que ele é, ele é a definição do professor bom (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Pode perceber, com isso, que a relação com o professor é comparável com os vínculos familiares, é aquele que atua como referência profissional, social e afetiva. Advogamos portanto que uma análise humanista e libertadora é essencial ao processo educacional, corroborando com Freire (1999) concebemos que “a educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem”. Diante do exposto, fica evidente que as discussões sobre adaptação e integração do estudante na universidade perpassam a dimensão do vínculo destes com as pessoas e o lugar, acionando e intensificando reflexões sobre o sentimento de pertence ao lugar.

Para Alkan²⁴ (2016), o sentido de pertence mantém uma correlação positiva com o grau de satisfação com a universidade. Para Masika e Jones²⁵ (2016), desenvolver um sentimento de pertence favorece a construção da identidade, contribui com processos de aprendizagem e com a confiança dos estudantes, portanto atuar em prol do sentimento de pertence e do envolvimento dos alunos tem sido usado como uma estratégia de permanência na universidade. Em consonância com essa ideia, Yorke (2016) reforça que o envolvimento acadêmico e a autoconfiança contribuem com o sentimento de pertencer à universidade e atuam como estímulos a permanência do universitário.

De tal modo, ficam evidentes a complexidade e a relevância de aprofundar estudos e pesquisas sobre os impactos subjetivos dos fluxos migratórios vivenciados por jovens rurais em suas inserções ao ensino superior. Tratar dessa inserção acadêmica, por sua vez, envolve processos de adaptação e integração na universidade que perpassam a dimensão do pertencimento e o reconhecimento de suas implicações para a saúde mental dos universitários.

²⁴ Este autor opta pelo uso do termo “sentido de pertence”.

²⁵ Este autor opta pelo uso do termo “sentimento de pertence”.

5 A INSERÇÃO DE JOVENS CAMPONESES NO COTIDIANO UNIVERSITÁRIO E SUAS REPERCUSSÕES PARA A SAÚDE MENTAL

“Eu ando pelo mundo/E os automóveis correm/Para quê? /As crianças correm/Para onde? /Trânsito entre dois lados/De um lado/Eu gosto de opostos/Exponho o meu modo/Me mostro/Eu canto para quem? /Pela janela do quarto/Pela janela do carro/Pela tela, pela janela/ Quem é ela? Quem é ela? /Eu vejo tudo enquadrado/Remoto controle/ Eu ando pelo mundo/E meus amigos, cadê? /Minha alegria, meu cansaço/Meu amor, cadê você? /Eu acordei/Não tem ninguém ao lado” (ADRIANA CALCANHOTO, ESQUADROS).

Este capítulo se inicia com o trecho de uma música, cantada por Adriana Calcanhoto, em que são tratados alguns temas, contudo destaco o que mais provoca meu encantamento e atração que é a representação poética e crítica de um cotidiano múltiplo e dúbio. Pode-se pensar na ideia de esquadros como um instrumento que, feito lente, é usado para olhar a realidade que pressiona por enquadramentos em certos padrões normativos. A aparente lucidez daquele que se enquadra nas linhas da sociedade pode gerar desalinhos, entre os quais estão dúvidas existenciais, cansaço avassalador, solidão imensurável, até o adoecimento psíquico, que pode se manifestar de muitos modos. É possível repensar essas questões, a partir do cotidiano e da vivência do jovem camponês que chega ao ensino superior, na medida em que, ele ‘anda pelo mundo’ da cidade, se depara com o intenso ritmo urbano que se soma aos enquadres da universidade, e isso pode refletir na produção de um psiquismo adoecedor. É assim que lanço a poesia esquadros, como abertura para uma discussão maior sobre questões que atravessam a saúde mental dos jovens camponeses que se tornam estudantes universitários.

Parte-se do princípio de que há sofrimento psíquico proveniente da vivência no ensino superior, para isso é necessário problematizar a dinâmica do mundo acadêmico na contemporaneidade, em que precisamos refletir os efeitos que isso produz nas pessoas. Com isso, este capítulo tem como objetivo conhecer os efeitos do processo de migração rural-urbano para a saúde mental dos jovens rurais que estão no ensino superior. Justifica-se seu interesse e relevância por aprofundar o segundo pressuposto teórico deste estudo, onde se parte da ideia que a inserção na vida acadêmica-universitária também produz interferência em nível afetivo, nos padrões de sociabilidade, nas expectativas de autonomia e responsabilidade dos jovens.

A amplitude do conceito de saúde mental é apresentada neste capítulo como parte do percurso teórico, onde se insere a revisão sistemática sobre o tema, sua pertinência para situar as políticas de ensino superior no Brasil e os processos de exclusão e acesso para a juventude pobre. Para isso, será questionado sobre como funciona o cotidiano universitário, os modelos de universidade hoje e as novas exigências que são postas a quem está entrando. Nessa direção, será apresentado como a universidade está lidando com isso e suas propostas com vistas a possibilitar o acesso de parcela da juventude que deseja o ensino superior, mas não dispõe de condições socioeconômicas para tal.

Com os dados quantitativos, obtidos através dos questionários SRQ-20 e da escala de percepção de suporte social, foram realizados análises descritivas, Teste T e análises de Regressão. São apresentadas também discussões provenientes das entrevistas realizadas.

5.1 Saúde mental e sua amplitude como categoria deste estudo

“Renunciar ao amor parecia-me tão insensato como desinteressarmo-nos da saúde porque acreditamos na eternidade” (SIMONE DE BEAUVOIR).

A frase da Simone de Beauvoir faz referência a saúde como um elemento necessário e importante, que devemos construir interesse e assumir relevante compromisso, o que fortalece a carestia desse categoria e nos exige localizar de onde se parte para produzir análises sobre essa temática.

Assume-se, portanto, que concepção de saúde mental adotada nesse estudo não se restringe apenas à dimensão psicopatológica da doença mental ou do sofrimento mental, embora muitas produções se voltem para isso. Parte-se da perspectiva dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), um paradigma de compreensão da saúde que foque em debates nas ciências da saúde e ciências sociais nos últimos anos e que concebe a saúde envolta de fatores sociais, econômicos, ambientais (SOUZA; SILVA; SILVA, 2013).

Nessa perspectiva, as condições de vida, que envolvem trabalho, estudo, relações sociais, psicológicas, emocionais e ambientais são fatores cruciais para determinar a saúde mental dos sujeitos. Dessa forma, a relação do jovem estudante universitário com seus pares e com o ambiente da universidade é fator determinante para sua saúde mental.

Segundo Accorsi (2015), os sistemas, as estruturas sociais e econômicas, o ambiente físico e a qualidade de vida são fatores que geram impactos na saúde mental do

indivíduo e da coletividade. Sendo assim, é fácil concluir que a relação do jovem com os pares e com o ambiente da universidade pode gerar impactos positivos e, ou negativos para a saúde mental desses sujeitos. Segundo Araújo *et al.* (2016), o sofrimento mental dos estudantes universitários tem forte associação com dificuldades de comunicação e, de um modo geral, estão associados à fase da juventude e às mudanças vivenciadas, como distanciamento da casa dos pais, partilha de convivência em novos grupos, dificuldades de adaptação ao ambiente universitário e os conflitos que podem gerar adversidades psíquicas, somatizações diversas, ansiedade e depressão.

De acordo com Silveira *et al.* (2011), os fatores que comprometem a saúde mental no ensino superior são mais frequentes em estudantes que estão no primeiro e no último ano do curso, pois são períodos de transição, que marcam a entrada na comunidade universitária e estão relacionados a questões como adentrar um espaço novo, integração a novos grupos, adaptação à cultura universitária e a saída da universidade, ligados ainda à busca por um emprego estável em um mercado competitivo.

Russel e Shaw (2009) trazem que a depressão, o uso de álcool e a ansiedade social são os três principais problemas de saúde mental que merecem atenção de estudos e pesquisas que possam aprofundar os impactos dessa ansiedade na formação do estudante. DeRigne, Burki e Stoddard-Dare (2016) por sua vez, chamam a atenção para os índices e as taxas mais altas de uso de drogas ilícitas e distúrbios do uso de álcool entre os jovens de 18 a 25 anos de idade, universitários. O ser jovem e ser universitário podem ser duplamente considerados como condições geradoras de fatores de risco, uma vez que a insatisfação emocional encontrada entre universitários tem gerado diversos comportamentos de risco (OSSE; COSTA, 2011).

Ariño e Bardagi (2018) apontaram uma relação significativa entre transtornos mentais e a vivência acadêmica, destacando ansiedade, estresse e depressão. Os graduandos são considerados sujeitos mais vulneráveis ao desenvolvimento destes tipos de transtornos psíquicos (ALMEIDA, 2014). Alguns indicadores são apontados como preditores, tais como o curso e o período, alunos nas áreas da saúde e os que estão em início e final de curso tem mais predisposição a ter sua saúde mental comprometida, por conta das transformações e exigências que estão aí imbricadas (ARIÑO; BARDAGI, 2018). Trata-se de uma combinação de fatores subjetivos, contextuais e culturais, relacionados a vida acadêmica, que se constituem como fatores de riscos para esses jovens universitários. Apesar da literatura disponível, ressalta-se a lacunas existentes na compreensão dessa temática, no contexto atual do Brasil, no Nordeste e no Ceará. É

preciso que se investigue s aspectos específicos ao contexto histórico atual e a cultura em que se localiza, para entender os possíveis modos de compreensão sobre o processo saúde-doença dessa população.

5.2 Revisão sistemática sobre saúde mental universitária

“O conhecimento nos faz responsáveis”

(CHE GUEVARA)

Reconhecer a importância do conhecimento é ir para além das produções feitas imediatamente ao nosso redor, é buscar apoio em estudos qualificados sobre o assunto, a partir de outros modos de fazer ciência, considerando outras culturas, idiomas, regiões e países. Para tanto, optamos por fazer uma revisão sistemática da literatura (SAMPAIO; MANCINI, 2007) sobre saúde mental dos estudantes no ensino superior.

A revisão sistemática de literatura não se trata de uma simples apresentação ou revisão sobre um assunto, implica buscar, selecionar e analisar as principais produções existentes sobre determinado tema, é um modo organizado e analítico de compilar dados científicos (GALVÃO; PEREIRA, 2014). É preciso seguir certo rigor para garantir a qualidade metodológica do trabalho, potencializando a busca, a revisão e a sistematização do material encontrado (ZOLTWSKI *et al.*, 2014). Além disso, é fundamental fazer uma análise crítica das produções encontradas.

As produções com ênfase na saúde mental universitária foram pesquisadas no Portal CAPES²⁶, dando-se prioridade a bases de dados Medline/PUBMED²⁷. O critério geral de escolha dessa base se deve ao fato desta oferecer melhores evidências científicas de estudos relevantes sobre a temática em questão. De modo específico Medline/PUBMED abrangem produções especializadas em ciências biomédicas, biológicas e ciências da vida, referência em produções sobre saúde e saúde mental. É uma base internacional, existente desde de 1996, contando com mais de 4.800 revistas publicadas nos Estados Unidos e em mais de 70 outros países, com atualização mensal (MARIANO, 2013).

Para identificar o maior número possível de artigos relacionados às temáticas abordadas, o melhor arranjo de descritores foi: “(((*mental health AND higher education*))

²⁶ Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

²⁷ O período usado como filtro de busca nesta base foi 2008/01/01 a 2019/07/16.

AND sense of community) OR sense of belonging) AND university students”, obtendo-se 106 resultados. Os filtros utilizados foram o período (2008 à 2019) e o tipo de produção, em que se priorizaram artigos científicos, com resumo/abstract e disponibilidade do texto completo. O idioma utilizado foi o inglês, por ser uma base de dados norte-americana.

Os principais critérios de inclusão foram tratar-se de artigos completos, com resumos, abordar a temática sobre saúde mental de estudantes de um modo geral, situar uma relação com o contexto acadêmico e tratar de discussões provenientes de pesquisa teórica e, ou de campo, com metodologia delimitada. Os critérios de exclusão foram tratar-se de capítulos de livros, não apresentar o resumo, texto completo indisponível ou inacessível e os repetidos, artigos que fazem discussão a nível filosófico e amplo ou que abordam a experiências pessoais de estudantes/profissionais no campo das ciências da saúde ou que referem-se ao contexto escolar. Assim, teve-se como objetivo identificar as produções sobre saúde mental dos estudantes e sua relação com o contexto acadêmico.

Deste modo, foram encontrados 124 resultados, sendo incluídos 33 a partir dos mesmos critérios de inclusão, desconsiderando os 20 indisponíveis e inacessíveis, tivemos como resultado final 13 (APÊNDICE F). Os critérios de análises desse material consideraram a qualidade, a consistência e o aprofundamento das temáticas abordadas, priorizando, de acordo com Galvão e Pereira (2014), a avaliação da qualidade metodológica; a síntese dos dados, através de uma análise e a avaliação da qualidade das evidências. A análise buscou se direcionar para avaliar criticamente o que se assemelhava e repetia e o que se diferenciava nas produções identificadas. Por fim, esses dados foram analisados a partir da Análise de conteúdo, de Bardin (1977), com auxílio do *software* de análise qualitativa *Atlas TI 5.2*.

5.2.1 Características gerais dos estudos analisados

Por conta da base de dados escolhida, 100% dos resultados encontrados foram artigos, no idioma inglês. Isso explica o uso de alguns termos específicos neste idioma e a ressalva da tentativa de buscarmos um similar, mais adequado ao sentido do termo, na língua portuguesa. Foi possível perceber um destaque para o ano de 2016, em que se concentram 23,1% das produções (Tabela 12).

Tabela 12: Ano e porcentagem da Revisão Sistemática sobre SM

Ano	(%)
2008	7,7
2009	0
2010	0
2011	15,4
2012	0
2013	7,7
2014	15,4
2015	7,7
2016	23,1
2017	15,4
2018	0
2019	7,7

Fonte: dados da pesquisa.

Dentre os países que apareceram nos artigos pesquisados foram encontrados: Austrália, Estados Unidos, Egito, Finlândia, Reino Unido e Israel. Destes, liderando o *ranking* de produções está o Reino Unido e os EUA, com 30,8%, seguido e da Austrália, cada um com 15,4% (Tabela 13).

Tabela 13: Países e percentual de produção

Países	(%)
Austrália	15,4
EUA	30,8
Egito	7,7
Finlândia	7,7
Reino Unido	30,8
Israel	7,7

Fonte: dados da pesquisa.

7,7% dos artigos foram de cunho teórico e 92,4% eram pesquisas de campo. A abordagem metodológica de caráter misto apareceu em 38,8%, a abordagem quantitativa também apareceu em 38,8% dos resultados (Tabela 14). Dentre os estudos realizados em campo, todos são com estudantes universitários, com destaque para estudantes de

Medicina, Enfermagem e Fisioterapia; uma pesquisa envolve um estudo estudantes do ensino médio.

Tabela 14 - Caracterização Metodológica dos Estudos

Pesquisa	Abordagem Metodológica	Medline/PUBMED
De Campo	Quantitativa	38,8%
	Qualitativa	15,4%
	Mista	38,8%
Teórica		7,7%
Total		100%

Fonte: dados da pesquisa.

Sobre a área de conhecimentos dos estudos, tivemos uma contribuição expressiva da Psicologia em 38,4% dos artigos pesquisados, Medicina com 22,8%, Enfermagem com 15,2% e a área definida como ciências da saúde²⁸ apareceu em 15,2% dos resultados.

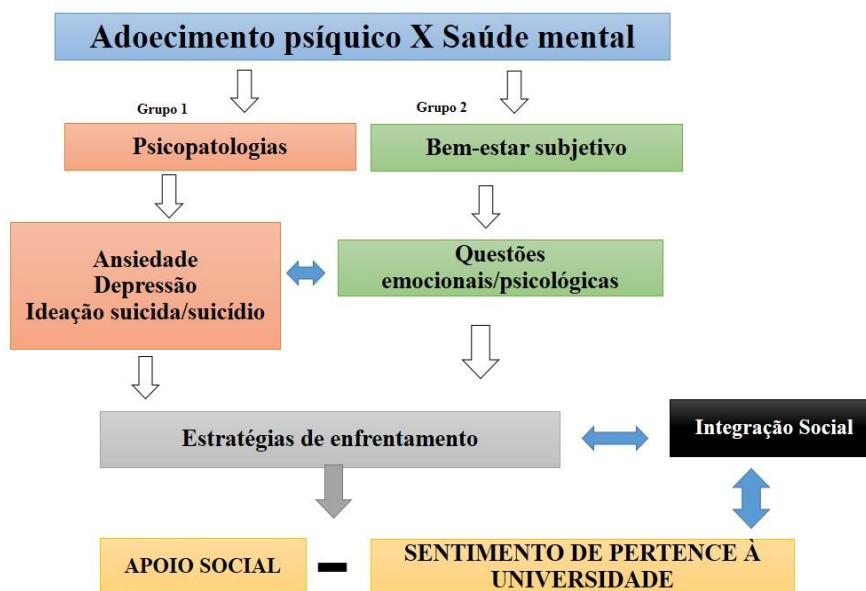
5.2.2 Concepções de adoecimento psíquico e saúde mental

Os artigos também foram analisados a partir de concepções relacionadas ao adoecimento psíquico e à saúde mental. Inicialmente, a categoria de análise era saúde mental, no entanto, no decorrer da pesquisa, identificamos que este conceito não pode ser tratado como equivalente a ideia de adoecimento psíquico, motivo pelo qual discriminamos cada um e reconhecemos sua articulação.

Dessa maneira foram encontradas duas grandes dimensões. No grupo 1, com cinco artigos, encontramos concepções de adoecimento psíquico relacionada diretamente às psicopatologias, principalmente depressão, ansiedade, estresse e suicídio; e no grupo 2, relacionado a saúde mental, foram identificados, em oito artigos, ideias mais positivas que fazem referência ao bem-estar subjetivo, como questões emocionais de um modo geral, autoconfiança, identidade e autoestima, etc. É necessário ainda, ressaltar que essas duas dimensões não são consideradas, de maneiras apartadas, neste estudo resolvemos dividi-las para efeitos de organização e análise. Na Figura 7, podemos ver melhor como estas categorias estão sendo inter-relacionadas.

²⁸ Esse termo está sendo utilizado pelo fato de ter aparecido exatamente assim no artigo. Não foi feita referência específica a qual área de saúde pertence.

Figura 7: Mapa conceitual da categoria saúde mental.



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim, fazem parte do primeiro grupo de artigo: Hawkins, Jones e Stanton (2014), Bíró, Veres-Balajti e Kósa (2016); Ibrahim e Kelly (2013), Levett-Jones *et al.* (2008), Benatov *et al.* (2017). Esses autores não fazem referência diretamente a conceituação de adoecimento psíquico e nem de saúde mental a qual estão propondo, no entanto podemos supor, que utilizam esses conceitos mais na perspectiva das psicopatologias. Considera-se, com isso, que eles partem do pressuposto que saúde mental está no escopo das doenças citadas ao longo de cada texto.

Hawkins, Jones e Stanton (2014) defendem que a depressão e ansiedade é maior entre os estudantes de medicina e citam o estresse como produto das tensões provenientes das avaliações e pressões acadêmicas. Bíró, Veres-Balajti e Kósa, (2016) trazem estresse como importante problema de saúde que tem sido associado, à ansiedade e, em outros casos, à depressão. Ibrahim e Kelly (2013) sugerem que o status socioeconômico exerce um forte impacto sobre o risco da ocorrência de depressão. Para estes autores, a vulnerabilidade econômica também coloca o indivíduo submisso a uma maior vulnerabilidade psíquica, pois “há evidências de que estudantes de origens menos favorecidas podem ser mais vulneráveis”²⁹ (IBRAHIM; KELLY, 2013, p. 1, tradução nossa), ou seja, há evidências de que estudantes pobres podem ser mais vulneráveis a

²⁹ Texto original “(...) evidence that students from less advantaged backgrounds may be more vulnerable” (IBRAHIM; KELLY, 2013, p. 1).

desenvolver sintomas depressivos durante a graduação. Em consonância com isso, para Walton e Cohen (2011) o isolamento social, a solidão e a pobreza prejudicam o bem-estar subjetivo, o desempenho intelectual, o sistema imunológico e a saúde. Levett-Jones *et al.* (2008) pontuam que o estresse pode ser mais frequentes em alunos que não se sentem pertencentes ao contexto acadêmico. Em concordância com essa ideia, Benatov *et al.* (2017) acreditam que o suicídio, a depressão e a ansiedade estão relacionadas ao senso de pertencimento ao lugar.

No grupo 2, Walton e Cohen (2011), McKendry, Wrigth e Stevenson (2014) e Boath *et al.* (2016) trazem que o conceito de saúde mental devem ser compreendido articulado a questões relacionadas a ameaças psicológicas, questões emocionais e expectativas e, de modo mais direcionado, Hawkins, Jones e Stanton (2014) relacionam as pressões acadêmicas e pessoais. Estes últimos pontuam que estudante do último ano passam por um nível de estresse acadêmico mais, pois está relacionado ao alto índice de avaliações e a pressão por adquirir uma identidade profissional. Boath *et al.* (2016) compreendem a saúde mental ligada a questões emocionais e a expressão das emoções, como ilusão ou desilusão e decepção. Para eles, isso é provenientes de experiências de dificuldades e insatisfação que os estudantes vivenciam na universidade, que podem comprometer o sentimento de ajuste social.

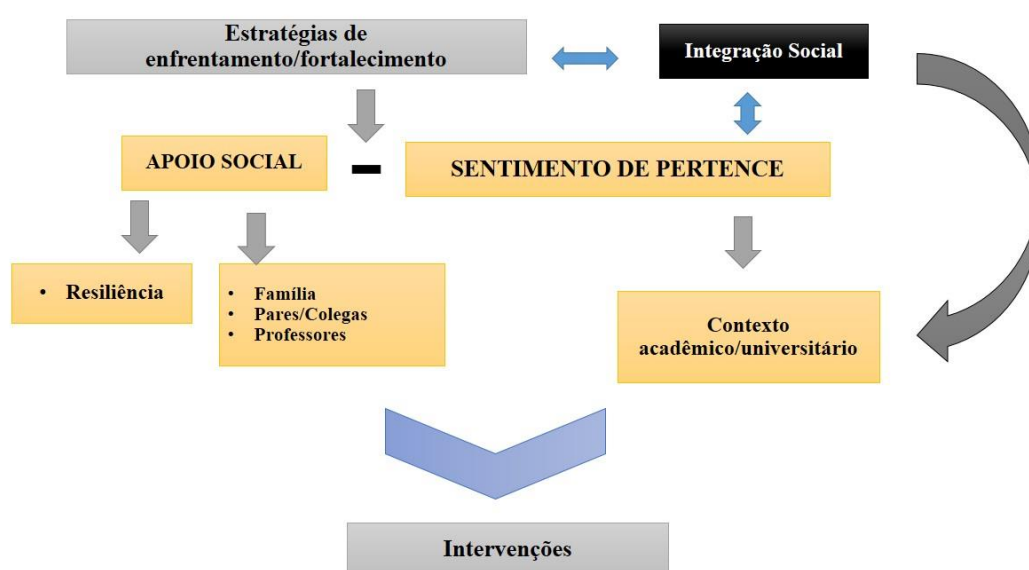
Para Rattan *et al.* (2015), a autoconfiança é uma habilidade psicológica fundamental para a saúde mental do estudante e isso deve ser parte de uma performance acadêmica. Este conceito refere-se, no texto, à capacidade do estudante ter autoconfiança e acreditar em si e em seu sucesso acadêmico, é o caminho para atingir o bom desempenho acadêmico e auto eficácia do estudante. Para Honda *et al.* (2016), a dimensão subjetiva dos estudantes precisa contemplar o sentimento de pertence a universidade e as condições de aprendizagem, por isso a importância de ambientes de acolhimento que facilitem a participação e a motivação dos alunos para aprender.

Dessa maneira, observa-se que as últimas pesquisa trazem a saúde mental de modo menos categórico, possibilitando uma leitura mais ampla, a partir de dimensões subjetivas relacionadas ao contexto acadêmico, social e cultural. Com isso, podemos pensar sobre estratégias de enfrentamento, para casos de adoecimento psíquico no campo da psicopatologia, como trazido no grupo 1, assim como também, problematizarmos modos de cuidar da saúde mental, prevenir esse adoecimento e possibilitar relações mais saudáveis para os estudantes na universidade. Como forma de aprofundar essa análise, apresenta-se as estratégias identificadas nos estudos, com esta finalidade.

5.2.3 Estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico e fortalecimento da saúde mental

Os artigos foram agrupados a partir dos conceitos de adoecimento psíquico e saúde mental e suas estratégias de enfrentamento e fortalecimento. Nem todas as produções apontavam estratégias de enfrentamento ou fortalecimento, no entanto, serão analisadas as referências que, de modo direto ou indireto, abordaram essa proposta. A sistematização dessas ideias estão explanadas na Figura 8.

Figura 8: Mapa Conceitual das Estratégias de enfrentamento e fortalecimento da saúde mental



Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre a categoria apoio social, encontramos referências em 8 artigos: Hawkins, Jones e Stanton (2014), Van-Nostrand e Pollenz (2017), Boath *et al.* (2016); Honda, *et al.* (2016), Bíró, Veres-Balajti e Kósa, (2016), Levett-Jones *et al.* (2008), Mckendry, Wright e Stevenson, (2014), Benatov *et al.* (2017). Esse conjunto de autores trazem algumas percepções de apoio similares, porém sob nomenclaturas diferenciadas, o que nos levou a fazer uma aproximação através de leituras analíticas.

Hawkins, Jones e Stanton (2014), Van-Nostrand e Pollenz (2017), Boath *et al.* (2016) fazem referência a programas de mentoria para os estudantes. Para Hawkins, Jones e Stanton (2014) seriam como orientações de professores ou tutores, oferecida ao estudante, de maneira a funcionar como aconselhamentos sobre a vida acadêmica. Van-

Nostrand e Pollenz (2017) defende que esses programas visam engajar e contribuir com a socialização dos estudantes no contexto acadêmico. Estes últimos autores sinalizam o apoio, a partir da orientação curricular para estudantes sobre suas carreiras e como uma maneira de estimular o desenvolvimento da identidade científica nesses alunos, durante a graduação. Já Boath *et al.* (2016), trazem a importância da mentoria para atuação prática do aluno como futuro profissional. Mckendry, Wright e Stevenson (2014) ressaltam a importância do apoio institucional. Daqui se entende desde a universidade como um espaço inteiro e integrado que precisa assumir esse lugar de produção subjetiva de seus alunos.

Bíró, Veres-Balajti e Kósa (2016) trazem a dimensão do apoio proveniente dos pares, ou seja, dos colegas da universidade. Eles abordam outro aspecto, mais situado no campo produzido pelo próprio sujeito, que é a resiliência psicológica. Para estes, o apoio social avaliado pelos recursos que estão inseridos na rede social do sujeito e é conceituado como são as crenças que levam as pessoas a se sentirem que são cuidadas, amadas, e valorizadas. Bíró, Veres-Balajti e Kósa (2016) ressaltam a importância do apoio familiar como algo que incide diretamente no bem-estar psíquico do estudante. Deste modo, destaca-se a importância dos professores, colegas e do contexto acadêmico, de um modo geral, como elementos fundamental para a construção dessa rede de apoio social. Honda *et al.* (2016) aponta que a participação em atividades acadêmicas pode favorecer a construção de ambientes de acolhimento e de redes de apoio.

Levett-Jones *et al.* (2008) falam da importância da inclusão do aluno na academia e do reconhecimento como modos de construção desse apoio. Isso está relacionado a legitimação do papel do aluno, aos desafios enfrentados e ao sucesso alcançado. A medida que o estudante se sente incluído e reconhecido socialmente, se sente também apoiado e pode assim, construir relações mais positivas em seu cotidiano na universidade. Concorde-se com Honda *et al.* (2016) que o sentido de pertence é um componente integrante da dimensão subjetiva do estudante.

Em quatro artigos encontrados nesta revisão, identificou-se uma relação direta, entre apoio social e sentimento de pertence. À medida que se criam redes de apoio ao estudante, se favorece também seu sentimento de pertencer a universidade, bem como estimula sua inclusão e integração no meio acadêmico. Para Boath *et al.* (2016), apoio e sentimento de pertence estão inter-relacionados. Honda *et al.* (2016) trazem a dimensão da aceitação e do acolhimento do outro, como elementos presentes na relação entre apoio

e pertence. Mckendry, Wright e Stevenson (2014) defendem a ideia que o envolvimento e paixão geram apoio social.

Já para Mallett *et al.* (2011), as experiências de exclusão, discriminação, falta de conexão e apoio social na academia pode gerar um sentimento de ameaça e comprometer o rendimento e a satisfação dos alunos. Desse modo, sentir-se pertencente a realidade acadêmica é fundamental para realização das expectativas, construção de valores e do bem-estar do estudante. Dada a importância desta categoria, viu-se a necessidade de debruçar-se sobre ela.

Para Levett-Jones *et al.* (2008), o sentimento de pertença seria necessidade humana fundamental e tem influência poderosa nos processos cognitivos, padrões emocionais, respostas comportamentais, saúde e bem-estar. Malett *et al.* (2011) fazem referência ao sentimento de pertencer ao contexto acadêmico e acreditam que este influencia a realização e a persistência acadêmica. Em seus estudos, estes autores afirmam que a identificação étnica de um indivíduo e as experiências de discriminação podem ser fatores que comprometem o sentimento de pertença de estudantes negros, gerando o que eles denominam de “*belonging uncertainty*”, termo específico na língua inglesa, cuja sentido da tradução pode ser entendido pela insegurança gerada pela falta ou pouco sentimento de pertence a um determinado lugar. McKendry, Wright e Stevenson (2014) refletem sobre estratégias de permanência do estudante e redução da evasão, enfatizando a importância do apoio a este estudante. Podemos pensar na ideia de programas que possam fortalecer o envolvimento e paixão do aluno pelo curso e pela profissão. Aqui podemos pensar na ideia de programas e atividades que fortaleçam o vínculo do aluno com a universidade, isso é sentimento de pertence.

Walton e Cohen (2011) sugerem intervenções com foco na produção da pertença social, pois pode gerar grandes benefícios para a saúde e desempenho do estudante. Para Mckendry, Wright e Stevenson (2014), as IESs precisam responder aos medos e preocupações dos alunos para garantir sua integração social, pertencimento e sua saúde mental. Hawkins, Jones e Stanton (2014), Rattan *et al.* (2015) e Mckendry, Wright e Stevenson (2014) propõem programas de aconselhamento e orientação, com professores tutores que possam acompanhar a trajetória acadêmica do estudante. Van-Nostrand e Pollenz (2017) propõem programas com foco na orientação curricular. Boath *et al.* (2016) e Honda *et al.* (2016) sugerem usar a tecnologia como ferramenta de produção do sentimento de pertence e como estratégia para favorecer a aprendizagem.

Diante das contribuições dos estudos analisados, consideramos fundamental fazer um recorte analise de como estão as questões de saúde mental na atualidade brasileira, pontuando aos marcos históricos, políticos e sociais e sua inserção no ensino superior. Isso fomentará articulações com os resultados da revisão sistemática, assim como com os dados provenientes dos questionários e das entrevistas.

5.3 Saúde mental universitária no Brasil: apontamentos históricos e a realidade contemporânea

“Brasil! / Meu Brasil Brasileiro/ Meu mulato inzoneiro” (JOÃO GILBERTO, AQUARELA DO BRASIL).

Inspirada na música de João Gilberto, corroboramos com a importância de situar e partir da realidade do nosso “Brasil, brasileiro”, considerando suas peculiaridades construídas históricas e culturalmente, que repercutem em nossos dias atuais e no modo como produzimos a relação saúde-doença no cotidiano das relações sociais. Nosso “mulato inzoneiro” mostra como nossa realidade é marcada por lutas, perdas e tragédias, assim como é fonte de diversidade e de vitalidade, que marca nossa sociedade e repercute nas produções teóricas e práticas em saúde mental.

Uma das mais marcantes sinalizações disso é a Reforma Psiquiátrica, ainda em andamento, que vem apontando a necessidade da criação de novas práticas de cuidado e a busca da efetivação do trabalho em rede, o que exige dos profissionais da Psicologia o problematizar dos efeitos do saber-fazer na saúde mental brasileira (MACEDO; DIMENSTEIN, 2016). Assim, frente aos diferentes modelos de cuidado a saúde mental no Brasil, tem-se uma mudança de foco que busca investir no protagonismo do usuário de saúde mental, através do desenvolvimento de estratégias de reabilitação psicossocial que envolve trabalho, cultura e inclusão social (MACEDO *et al.*, 2017), ao nível de saúde pública. Além disso, “a literatura tem apontado para o enorme desafio quando se trata da efetividade das políticas e ações de saúde em cenários de iniquidade social, voltadas para populações vulneráveis” (MACEDO *et al.*, 2016, p. 321).

É preciso contextualizar e ressaltar a realidade que estamos vivendo, nos últimos três anos, que reflete no desmonte do sistema de saúde pública e da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS). Em nota técnica divulgada pelo governo de N° 11/2019³⁰ implicou

³⁰ Disponível em: <http://pbpd.org.br/wp-content/uploads/2019/02/0656ad6e.pdf> - Acesso em 08.09.19, às 15h

uma série de mudanças na Política Nacional de Saúde Mental e nas Diretrizes da Política Nacional sobre Drogas. Esta nota é uma tendência que defende o enclausuramento dos pacientes em comunidades terapêuticas, que pode ser uma postura de retomar progressivamente aos dos hospitais psiquiátricos e a abstinência como prioridade, em detrimento da política de redução de danos que traduz outro modo de olhar e cuidar da saúde mental. A realidade atual aponta para direções preocupantes, em que o retrocesso das políticas de saúde mental bate a porte e nos pressiona a buscar estratégias de resistência a nível micro e macrosocial. A lógica de inclusão, mérito da reforma psiquiátrica, está ruindo, enquanto a lógica de reclusão nos coloca frente ao risco de comprometer o que já foi conquistado no que tange aos direitos e cuidado humanizado em saúde mental. Com o contexto social e político dos últimos anos, a atenção a saúde mental dos jovens segue outras direções. No entanto, revisita-se a história, para entender o presente, repensá-lo e fortalecer estratégias necessárias de resistência.

Historicamente, conforme Osse e Costa (2011), a saúde mental de jovens aparece, na literatura de um modo geral, relacionada a consequências negativas como suicídio, uso de álcool, fumo e/ou drogas. Certamente a fase da adolescência/juventude e as transformações advindas venham acompanhadas de experiências de crescimento, trazem também comportamentos considerados de risco como o uso abusivo de álcool e, ou drogas, as doenças sexualmente transmissíveis, tráfico, homicídio, suicídio, etc. (MORAIS *et al.*, 2012). Esses comportamentos podem gerar vulnerabilidades psíquicas, problemas emocionais e psicossociais, por conta disso tem se tornado uma questão de saúde pública. Para Moraes *et al.* (2012, p. 370), “apesar dos problemas que afetam a saúde mental na adolescência serem preocupantes, observa-se que essa população ainda não desfruta de uma atenção adequada para atender suas dificuldades e sofrimentos psíquicos”.

Quando se refere à realidade dos jovens que estão na universidade, é preciso se pensar nas especificidades dessa experiência e os impactos para a saúde mental desses estudantes. Para Tesfaye (2009), a saúde mental é uma questão de saúde pública, pois a integração dos estudantes na universidade envolvem dificuldades e outros fatores estressantes, o que vem se configurando como um problema de saúde que pressiona pela intervenção de políticas públicas e institucionais. Segundo Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005, p. 06):

A difusão dos serviços de saúde mental em outros países estrangeiros deve-se à Primeira Conferência Internacional sobre Saúde Mental Estudantil, realizada

em Princeton, New Jersey, em 1956, promovida pela Federação Mundial de Saúde Mental, em colaboração com a Associação Internacional de Universidades.

A partir da realização dessa conferência e do encontro entre profissionais da saúde mental dos trinta e sete países participantes, foi possível pensar em modelos de assistência estudantil com foco na saúde mental dos estudantes. Assim, essa temática já vem sendo discutida há mais de 70 anos, nos Estados Unidos e na Europa, com foco na importância de uma assistência institucional para esses jovens (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005).

No Brasil se vem discutindo e produzindo, num ritmo crescente, sobre a vulnerabilidade psicológica do estudante quando vivencia a experiência do ensino superior e, ainda assim, vê-se a necessidade de ampliar as discussões em torno dessa temática (TOLEDO, OLIVEIRA, PADOVANI, 2018). Isso vem ocorrendo devido à prevalência do nível de desequilíbrios psíquicos e emocionais desse segmento populacional, chegando a necessidade de atendimento psiquiátrico, com níveis de gravidade elevados (SILVEIRA *et al.*, 2011). O número estimado de estudantes que sofre algum tipo de transtorno é de 15% a 25%, no nosso país, dentre esses, os mais comuns são transtornos de ansiedade e depressão (VICTORIA *et al.*, 2013). Desta forma, é evidente que a discussão sobre saúde mental no ensino superior é um tema emergente e complexo, vem despertando e provocando a preocupação dos estudiosos e pesquisadores, principalmente na última década, gerando o crescimento de estudos sobre essa temática, nomeadamente no Brasil (BLANC, 2009; SILVEIRA *et al.*, 2011; ACCORSI, 2015; SALINA-BRANDÃO, 2015; GOMES, 2016; VIANA, 2016).

Nesse contexto, pode-se afirmar que a relação do estudante com a universidade vem produzindo pressões, de maneira crescente que, combinadas a outros fatores, geram uma gama de preocupações. Para Ariño e Bardagi (2018) o modo como os alunos atribuem significado as suas vivências acadêmicas podem interferir no processo saúde-doença psíquica, para aqueles que tem uma auto percepção negativa, pode ser gerador de adoecimento, enquanto para aqueles que tem uma auto percepção positiva, pode ser um fator protetivo.

Geralmente, os primeiros sinais podem aparecer através do baixo rendimento e de resultados negativos, que geram a sensação de desespero, angústias, medos, choros, desencadeando sintomas somáticos. Situações como essas podem ser consideradas estopim de uma possível crise. É válido ressaltar que isso não envolve apenas uma questão

individual e psicológica, isolada, mas que é uma relação histórico, social e dialética e se relaciona com a construção da estrutura social e universitária na realidade brasileira. Os estudantes estão adoecendo não porque não frágeis individualmente, mas porque esse um contexto propicio a produção e manifestação desses adoecimentos.

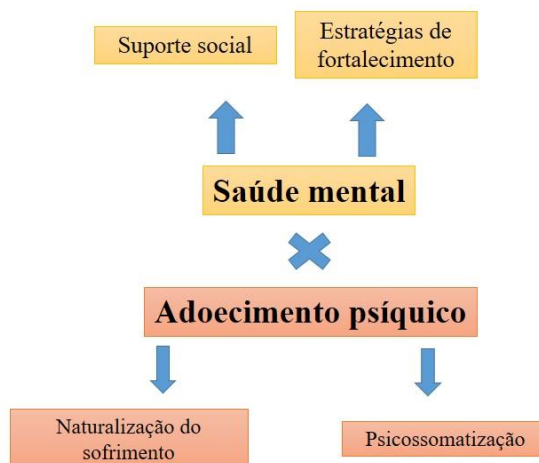
5.4 A naturalização do adoecimento psíquico entre os jovens estudantes universitários

“(...) E esse caminho que eu mesmo escolhi/ É tão fácil seguir por não ter onde ir/ Controlando a minha maluquez/ Misturada com minha lucidez/ Vou ficar...” (RAUL SEIXAS, MALUCO BELEZA)

A irreverente música de Raul Seixas traz, de imediato, a temática da loucura ou, como diz a própria letra, da maluquez. Embora não se esteja tratando, neste estudo, diretamente da loucura, pretende-se questionar sobre concepção de normalidade, especialmente no contexto da juventude camponesa universitária. O mais interessante está na ideia de que a maluquez se mistura com a lucidez, o que leva a fugir da visão dicotômica comumente pensada no senso comum. Parece que uma dose de loucura é necessária para sobreviver, no entanto é preciso ser controlada e condicionada à lucidez. Esse é o mote dado para conhecer como se produz a saúde mental dos estudantes pesquisados e problematizá-la, pondo em xeque a ilusão de visão purista e totalizadora.

Uma questão importante a se tratar quando discute-se sobre saúde mental é sua relação com o adoecimento psíquico. Entende-se que os transtornos mentais são agravos da saúde prevalentes na sociedade atual e que “as ideias dos indivíduos sobre saúde e doença têm impacto sobre suas atitudes e comportamentos de saúde” (MORAIS *et al.*, 2012, p. 371). Discutir saúde implica abordar o processo de produção do adoecimento, no entanto, de acordo com Góis (2008), a saúde está relacionada a um conceito positivo, focado nas capacidades e nas potencialidades do sujeito, enquanto que a doença se reduz a uma fragilidade ou falta na dimensão biológica do indivíduo. Para Ximenes *et al.* (2017). A saúde, de um modo geral, está relacionada ao fortalecimento das pessoas, grupos e redes de apoio social, desse modo a ênfase é dada as capacidades e potencialidades individuais e coletivas.

Figura 9: Mapa Conceitual da relação entre Saúde Mental e Adoecimento Psíquico



Fonte: Elaborada pela autora.

Pretende-se portanto, apresentar as manifestações de adoecimento psíquico, assim como problematizar as fontes de produção da saúde mental dos jovens estudantes universitários. A partir disso, tem-se o intuito de discutir o processo de adoecimento psíquico e suas diversas formas de manifestação e os impactos da naturalização do sofrimento no meio acadêmico universitário. Por fim, serão apresentados os dados sobre a escala de Percepção de Suporte Social, articulando-os as estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico e a produção da saúde mental (Figura 9).

Transtornos de ansiedade são bem frequentes, principalmente em dias de prova e/ou avaliações, por conta do estudante ter medo de não obter um bom desempenho acadêmico (HERNANDEZ-PORTO *et al.*, 2008; VICTORIA *et al.*, 2013). Isso tem gerado uma naturalização do sofrimento mental entre estudantes a ponto de acreditar que o sofrimento vem “*toda vez que é prova. Comum já, é até normal*” (DARKSON, ODONTOLOGIA). Ter auto percepção do processo de adoecimento é algo bem difícil, parece ser mais fácil identificar isso no outro, como se fosse uma realidade apartada de si. É o que demonstra a estudante entrevistada, em sua fala:

Às vezes, eles até naturalizarem o sofrimento que eles têm, de “ah, é normal eu passar a noite inteira estudando pra uma prova que eu não sei, mas tenho que estudar, porque senão, vou reprovar de novo”, porque, pra eles, é super natural reprovar e é natural, é natural, sendo que, às vezes, a gente faz até intervenções aqui com relações a isso e eles veem de uma forma, a maioria né,

não a maioria, alguns, algumas pessoas, de uma forma realmente muito naturalizada. Alguns a gente percebe que é, que sofrem bastante por conta dessa lógica toda (ANTÔNIA, PSICOLOGIA)

É dessa maneira que o estudante vai produzindo seus processos de adoecimentos, geralmente associado as sensações de comprometimento emocional diante dos impactos do mal desempenho “*Eu fiquei, tipo assim, muito mal por ter reprovado na disciplina e desistido da outra né, mas chorar mesmo, não. Chorei não*” (EDILENE, ECONOMIA).

As exigências acadêmicas, quando não atendidas, podem se constituir como estressores. Isso se evidenciou no discurso de um estudante, ao relatar sobre seu percurso acadêmico, demonstrando as mãos tremendo, evitando o contato visual e aparentando certo desconforto e nervosismo, ele falou:

Esse semestre, nem tanto, mas semestre passado foi um pouco, assim. É porque tipo, terceiro semestre foi meio que eu cheguei assim no auge do meu desespero, estresse, ansiedade, tudo. Chorei muitas vezes, muito. Inclusive, quando o semestre acabou, eu pedi pra minha mãe pra mim ir no psicólogo. Só que eu fui uma vez e parei de ir. Aí esse semestre, eu meio que, tipo, tava tudo dando errado. Igual ou pior ao semestre passado (EDILENE, ECONOMIA).

Como se refere a sintomas emocionais psicológicos, parecem que eles só são considerados quando estão existindo, ou seja, quando imobiliza o estudante em suas atividades cotidianas. Em consonância, ecoam os estudos de Bolsoni-Silva e Guerra (2014) ao afirmarem que as condições adversas presentes no ambiente universitário podem combinar-se com as condições psíquicas dos estudantes, influenciando a probabilidade de ocorrência de transtornos mentais, como a depressão, que, por sua vez, pode interferir negativamente no desenvolvimento de habilidades sociais desses estudantes. Isso está de acordo com os estudos de Ozben (2013) ao indicar que, quanto maior for o desenvolvimento de habilidades sociais, menor a probabilidade do estudante em desenvolver depressão.

O estresse também é outro fator que pode se fazer presente na realidade desses estudantes, oriundo principalmente das mudanças que ocorrem quando se ingressa na vida universitária, com novas demandas e exigências.

Tem alguns momentos que a gente realmente que a gente fica né? Aí, não tenho tempo, não vou conseguir, será que tô fazendo o que eu tenho que fazer, será que tô no caminho certo, a gente fica coisado, e também eu não consigo ficar parada, não consigo, toda hora eu tenho que ta fazendo alguma coisa, e isso é muito desgastante, até pra mim, e tipo, é isso (JULIANA, ECONOMIA).

Além dos impactos individuais e subjetivos, evidentes no discurso dos estudantes, há os impactos sociais, educacionais e institucionais que também merecem atenção. Desse modo, a consequência pode ser as dificuldades inter-relacionais, amorosas, afetivas, com familiares, colegas de sala e professores, que podem se estender até dificuldades para obtenção de um bom desempenho acadêmico. Essas dificuldades não necessariamente se configuram como patologia, mas geram impactos para o cotidiano pessoal e acadêmico do jovem estudante.

5.4.1 Indícios do adoecimento psíquico e os fatores de risco à saúde mental

Ao abordar a saúde mental, para além da dimensão psicopatológica, quer-se ressaltar a importância da gênese psicológica na manifestação de sintomas e doenças e estabelecer que o adoecer sofre profunda influência das dimensões sociais, culturais e econômicas. “Os sintomas das doenças têm representações diferentes para cada pessoa. A relação do indivíduo com seu próprio corpo determina sua forma de adoecer e os cuidados consigo mesmo” (TAQUETTE, 2006, p. 22). Assim, é preciso evidenciar uma polêmica que cinde o fisiológico e o psicológico, todo corpo implica uma dimensão objetiva e não objetiva, reconhecendo a influência da cultura sobre a subjetividade (TORRES, 2012). Nas explicações baseadas no pensamento mecanicista, a insônia pode provir de uma falha biológica do corpo. Isso é evidenciado na fala a seguir:

Eu acho que, em comparação à quando eu não era universitária, ela tá um pouco debilitada, porque antes eu nunca tive problema de insônia e, atualmente, eu tenho dificuldade pra dormir. É isso, eu acho que, em comparação à quando eu não era um universitário, ela tá pouca, minha saúde mental tá um pouco desgastada (EDILENE, ECONOMIA).

A insônia pode gerar consequências para as condições físicas e psicológicas, comprometer o rendimento e aumentar a vulnerabilidade do estudante para desenvolver problemas de saúde. Além disso, pode desencadear dificuldade para realizar, com satisfação, as tarefas diárias dos estudantes respondentes e dificuldade de pensar com clareza “A gente olha pra sala a maioria das pessoas está dormindo” (ESTRELA, PSICOLOGIA). Dessa maneira, o limite biológico se manifesta e reflete no comprometimento da saúde e do rendimento, a consequência, dentre outras, é que um sintoma pode ser gerador de outro, visto que, na medida em que o estudante, tem insônia, tende a não desempenhar ativamente suas tarefas acadêmicas, com isso ter mal rendimento e assim produzir condições de adoecimento. Para Ariño e Bardagi (2018),

alguns fatores podem interferir na saúde mental dos estudantes, tais como dificuldades de concentração, debilitação física, sonolência, ritmo insuficiente perante os colegas.

A partir desses dados é possível constatar que o adoecimento dos estudantes está comprometendo a energia vital e gerando sintomas somáticos. Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), pontuam que o comprometimento da saúde mental pode incluir diagnósticos psiquiátricos previstos no DSM IV e não psiquiátricos voltadas para a questão do autoconhecimento, crises de identidade e de autoestima e questões relacionais. Dentre estas, a maior parte das queixas trazidas pelos estudantes universitários são:

(...) cansaço, dificuldades de aprendizagem e de concentração, esquecimento, perturbação do sono, sentimentos de fracasso, irritabilidade, inquietação, inibição, timidez, baixa autoestima, insegurança, desânimo e dificuldades nos relacionamentos interpessoais (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005, p. 259).

Esse somatório de fatores tende a agravar e comprometer a saúde e o rendimento dos estudantes gerando situações que tendem a piorar, se não for identificada, reconhecida e mediada. Salina-Brandão (2015) aborda a relação entre habilidades sociais, o desempenho acadêmico e a saúde mental dos estudantes. Silveira *et al.* (2011) e Osse e Costa (2011) tratam da relação entre o contexto acadêmico e o adoecimento psíquico, ressaltando as dúvidas produtoras de ansiedades nos jovens universitários. Soma-se a isso a pressão vivenciada pelo estudante, principalmente em períodos de avaliação:

Ah muita coisa, a gente as vezes passa realmente por muitas situações, tipo, de pressão né, tipo quando você não consegue ir bem na prova, ou tipo, passa por uma disciplina que você se esforçou tanto, mas acho que isso é com várias pessoas, você fica decepcionada, ai tipo surtada mesmo, semestre passado eu me acabando de chorar antes de fazer uma prova, por que pra mim minha vida tinha acabado, por que não sabia fazer nada, entendeu? é muito pressão, algumas coisas elas realmente elas incidem muita pressão (JULIANA, ECONOMIA).

A partir disso, é importante visibilizar a pressão vivenciada pelo estudante com foco nos resultados acadêmicos e no rendimento, que são geradores de pressão e sentimentos que, quando acumulados, e associados a um modo de vida acelerado e normativo, podem gerar também adoecimento.

Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) destacam distúrbios psicossomáticos, estresse psíquico e desconfiança em relação ao desempenho, respectivamente, como os

principais sintomas geradores de adoecimento psíquico entre estudantes universitários. Isso parece estar relacionado à dimensão da somatização das emoções que repercute na dimensão do funcionamento biológico. Ao partir da concepção que o sujeito é holístico e que mente e corpo estão em consonância, entende-se que os sintomas são manifestações psicossomáticas internas do organismo frente ao que lhe acontece externamente, trata-se de uma forma adaptativa, mesmo que represente sinais de uma adaptação ineficaz (ZAMPIERE, 2013). Com isso, pode-se perceber o quanto os aspectos emocionais, biológicos e fisiológicos estão entrelaçados e exercem um importante papel para o bom desempenho do estudante.

Eu acho que, principalmente, eu acho mais que, também, fatores biológicos influenciam. No meu caso, eu sofro de ansiedade generalizada, mas eu tenho histórico familiar, mas eu conheço pessoas mesmo que foram adquirindo ao longo do tempo. Então, eu diria que a graduação é responsável por, boa parte do, digamos que do sofrimento emocional de muita gente aqui (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Há a influência do histórico familiar, que não pode ser desconsiderado, mas também a interferência de fatores contextuais e atuais. Esses dados apontam para o impacto que a vivência no ensino superior tem sobre a saúde física, biológica e psicológica dos estudantes. O SRQ-20 apontou que 63,6% (n=70) estão em situação de risco de TMC, correspondendo a um índice alto e sugerindo que os estudantes respondentes, em sua maioria, podem estar em situação de risco.

Quando a gente eu, pelo menos, a minha visão que eu tive esse semestre, é como, muitas vezes, você vê alunos de boas, sorrindo, conversando com pessoas, se envolvendo, mas quando você senta pra conversar com aquela pessoa, ela não tá bem. Às vezes ela não tá bem, tá passando por alguma coisa e esse semestre eu conversei com algumas pessoas que falaram que tem momentos que eles não têm nem vontade de vir pra universidade por essa questão... por, não sei, essa... essa coisa psicológica que a universidade. É. Tem que acaba influenciando muito no rendimento das pessoas (HELENO, MUSICA).

Olhe, eu... cheguei ao meu máximo. Eu sabia, tipo, eu tinha conhecimento do que era ansiedade e tal, conhecia os sintomas eu sabia o que eu tinha, só que durante muito tempo eu tentei ir levando. Só que chegou um ponto que não deu mais (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Pontua-se com Zampiere (2018) que a tensão, ansiedade e estresse são os principais sinais apresentados pelos estudantes universitários às exigências cotidianas e o adoecimento ocorre porque muitos não sabem lidar com isso. Ao referir-se a tensão e ansiedade, por exemplo, estão associadas aos modos do sujeito reagir frente a percepção

do perigo, trata-se de uma resposta emocional que pode adquirir o nível patológico. O estresse refere-se a um desequilíbrio entre necessidades e exigências internas e externas (KAPLAN, 1995), é o que leva o organismo a reagir a alguma condição de seu ambiente externo. Isso pode levar a uma desorganização psíquica, comprometimento das defesas imunológicas e enfraquecimento das relações sociais. Para Santos-Baggi e Lopes (2011, p. 6), “assim como a saúde mental, o envolvimento em comportamentos de risco é um aspecto preocupante nos estudantes do ensino superior”. Entende-se que esse índice é reflexo de uma problemática atual e relaciona-se ao contexto de pressão e opressão, geradoras de sofrimento. Esse adoecimento pode se manifestar de forma a comprometer a energia vital, necessária para mover o sujeito em seu cotidiano. Esse adoecimento vai se manifestando no cansaço frequente, dificuldades de pensar e decidir, dentre outros sintomas que dificilmente são vistos como sinais de adoecimento psicológicos. Isso pode estar relacionado ao excesso de atividades obrigatórias e cobrança:

Porque é muita disciplina, mas eu não sei se é porque eu faço as disciplinas obrigatórias e mais duas optativas e eu participo de muita coisa não sei se é só eu, mas tem semestre assim que a galera tá muito desanimada. Por exemplo em anatomia teve gente que ficou doente antes da prova. Eu mesmo fiquei assim um pouco fraca, eu acho que não me alimentei muito bem nesse período, porque era muita coisa pra estudar e a gente vê pelo relato dos colegas mesmos, os amigos dizendo que estão ansiosos, que tem muita coisas pra fazer que não vai da conta, essas coisas (ESTRELA, PSICOLOGIA).

Assim, constata-se que os impactos da saúde mental dos estudantes estão comprometendo a energia vital, que pode está dificultando a realização das tarefas cotidianas. É fato que a universidade implica uma nova experiência na vida do jovem, especialmente do jovem camponês que migra para a cidade e, por conta disso, apresenta demandas diferenciadas e específicas que requer respostas cognitivas, emocionais e subjetivas. Dentre essas especificidades, destacam-se as dificuldades inerentes a mudança da cultura rural para a urbana, sobreposta a inserção na cultura acadêmica, em um contexto onde o jovem também vivencia o distanciamento dos vínculos familiares e comunitários.

5.4.2 Os problemas de saúde mental: manifestações e silenciamentos

Para discorrer sobre a saúde mental, é necessário pontuar que ela se manifesta de diversos modos, inclusive através de processos de silenciamentos. Para identificar isso,

utilizar-se dados das análises quantitativas, com o SRQ-20 e qualitativa, com os discursos dos jovens.

Ao considerar as propriedades estatísticas do SRQ-20 ($\alpha = 0,880$), pontua-se adequado o índice de consistência interna desta escala junto a amostra pesquisada (N=138). A frequência estatística realizada a partir do SRQ-20 aponta para o impacto que a vivência no ensino superior tem sobre a saúde física, biológica e psicológica dos estudantes (Tabela 15) e como a saúde mental é uma produção social e holística.

Tabela 15 - Síntese da Frequência do SRQ-20

Item	Frequência	
	Sim%	Não%
Tem sentido dores de cabeça frequentes?	48,6 (n=67)	50,0 (n=69)
Tem sentido falta de apetite?	27,6 (n=37)	72,4 (n=97)
Tem dormido mal?	68,9 (n=93)	31,1 (n=42)
Tem se assustado com facilidade?	36,6 (n=49)	63,4 (n=85)
Tem tido tremores nas mãos?	21,8 (n=29)	78,2 (n=104)
Tem se sentido nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?	82,2 (n=111)	17,8 (n=24)
Tem tido má digestão?	38,19(n=51)	61,9 (n=83)
Tem tido dificuldades de pensar com clareza?	55,2 (n=74)	44,8 (n=60)
Tem se sentido triste ultimamente?	56,3 (n=76)	43,7 (n=59)
Tem chorado mais do que de costume?	25,4 (n=29)	74,6 (n=85)
Encontra dificuldades para realizar, com satisfação, suas atividades diárias?	58,6 (n=78)	40,6 (n=54)
Tem tido dificuldades para tomar decisões?	69,6 (n=94)	29,6 (n=40)
Tem dificuldades em relação à Universidade (seu trabalho é penoso, causa sofrimento?)	45,5(n=61)	54,5 (n=73)
Tem se sentido incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	42,6 (n=58)	57,4 (n=78)
Tem perdido o interesse pelas coisas?	38,1 (n=51)	61,9 (n=83)
Tem se sentido uma pessoa inútil, sem préstimo?	29,3 (n=39)	70,7 (n=94)
Tem tido ideia de acabar com a vida?	5,3 (n=7)	94,7 (n=126)
Sente-se cansado(a) o tempo todo?	51,1 (n=69)	48,9 (n=66)
Cansa-se com facilidade?	55,6 (n=75)	44,4 (n=60)
Têm tido sensações desagradáveis no estômago?	33,8 (n=45)	66,2 (n=88)

Fonte: Dados da pesquisa.

Com o instrumento do SRQ-20 foi possível identificar que, no último mês, dormir mal é um problema presente em 68,9% (n=93) dos estudantes pesquisados. A falta do sono reparador característico da insônia é considerado um problema de saúde, por gerar prejuízo para as atividades cotidianas, pessoais e profissionais, e é um dos principais sinalizadores do comprometimento da saúde mental dos estudantes. Problemas com sono podem estar relacionados à dificuldade em realizar, com satisfação, as tarefas diárias, presente em 58,6% (n=78) dos estudantes respondentes e dificuldade de pensar com

clareza, relatado em 55,2% (n=74) dos participantes. Dessa maneira, o limite biológico se manifesta e reflete no comprometimento da saúde e do rendimento, a consequência, dentre outras, é que um sintoma pode ser gerador de outro, visto que, na medida em que o estudante, tem insônia, tende a não desempenhar ativamente suas tarefas acadêmicas, com isso ter mal rendimento e assim produzir condições de vulnerabilidade e adoecimento. Em pesquisa realizada por Araújo *et al.* (2013) com estudantes universitários da UFC, foi identificado que a maioria dos universitários tinha uma qualidade subjetiva do sono ruim (54%), com uma média de 6,3 horas diárias. Atualmente, tem-se indicadores que os estudantes universitários apresentam padrão de sono irregular e qualidade do sono diminuí.

Dores de cabeça frequentes foram comum à 48,6% (n=67) dos respondentes seguido das característica de sentir-se cansados o tempo todo, em 51,1% (n=69). É possível constatar que o adoecimento dos estudantes estão comprometendo a energia vital e gerando sintomas somáticos. Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005) pontuam que o comprometimento da saúde mental pode incluir diagnósticos psiquiátricos previstos no DSM IV e não psiquiátricos voltadas para a questão autoconhecimento, crises de identidade e de autoestima e questões relacionais. Esse somatório de fatores tende a agravar e comprometer a saúde e o rendimento dos estudantes gerando situações que tendem a piorar, se não for identificada, reconhecida e mediada. Salina-Brandão (2015) aborda a relação entre habilidades sociais, o desempenho acadêmico e a saúde mental dos estudantes, como fatores que estão inter-relacionados.

Dentre os estudantes respondentes 82,2% (n=111) sentem-se nervoso, tenso ou preocupado, 45,5% (n=61) apresentaram dificuldades em realizar os trabalhos da universidade e 42,6% (n=58) têm se sentido incapaz de desempenhar um papel útil na vida. Silveira *et al.* (2011) problematiza a relação entre o ambiente universitário e a produção de sofrimento mental. Para Osse e Costa (2011), ansiedades e dúvidas vivenciadas pelo jovem universitário são fatores contributivos para o adoecimento. Com isso, pode-se pensar que na pressão por rendimento e resultados que caracteriza o cotidiano universitário atual, pode gerar medo, dúvidas, conflitos subjetivos ao ponto de comprometer a saúde psíquica. Transtornos de ansiedade são bem frequentes, principalmente em dias de prova e/ou avaliações, por conta do estudante ter medo de não obter um bom desempenho acadêmico (HERNANDEZ-PORTO *et al.*, 2008; VICTORIA *et al.*, 2013). Isso tem gerado uma naturalização do sofrimento mental entre estudantes a ponto de acreditar que o sofrimento é natural. É dessa maneira que o estudante vai

produzindo seus processos de adoecimentos, geralmente associado as sensações de comprometimento emocional diante dos impactos para o rendimento.

Para a avaliação da saúde mental a partir do SRQ-20, estabelece-se uma soma das repostas positivas de cada sujeito, gerando o SRQ-20 Total, o ponto de corte seria 7, ou seja, os escores acima ou igual a 7 indicam a hipótese de prevalência de transtorno mental comum. Esse ponto de corte foi validado em pesquisa realizada por Gonçalves, Stein e Kapczinski (2008) e já foi utilizado em outros estudos como Carlotto *et al.* (2011), Costa, Dimenstein, Leite (2014), Guirado e Pereira (2016). A partir disso, pode concluir que 63,6% (n=70) dos estudantes em situação de risco (Tabela 16) corresponde a um índice alto e sugerindo que os estudantes respondentes, em sua maioria, podem ter maior risco, relacionado a probabilidade da presença de transtorno não-psicótico.

Tabela 16 –Risco de TMC

		Risco			
		N	Porcentual	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Não Risco	40	29,0	36,4	36,4
	Risco	70	50,7	63,6	100,0
	Total	110	79,7	100,0	
Ausente	Sistema	28	20,3		
Total		138	100,0		

Fonte: Dados da pesquisa.

Chama-se atenção para o conceito de risco adotado neste estudo, devido aos antagonismos e dilemas que pode implicar. Para Ayres (2002) este conceito vem sendo, no campo da epidemiologia, relacionado a ideia de prevenção de agravos em contraponto a luta política em prol de uma conceituação positiva de saúde. Bosi (2015) problematiza o conceito de risco, questiona sua leitura simplista e constata sua relação preponderante na literatura ligada a ideia de cálculo e previsibilidade. Atenta-se ao fato de que é um risco defender acriticamente o paradigma do risco, pois:

Se considerada como um fato em si mesma, a doença se absolutiza, essencializa e, enquanto tal, permanece reproduzindo respostas em uma mesma direção e sentido, constringendo os potenciais criativos da vida, inibindo a manifestação de formas mais ricas e ativas de saúde (AYRES, 2002, p. 40).

Com isso critica-se qualquer ideia ligada a um conceito fossilizado e inflexível sobre risco. Não pretende-se engessar e normatizar a realidade a partir da objetividade da

ciência quantitativa. Trata-se de uma análise científica e objetiva, onde trabalha-se com dados quantitativos, mas que não se contrapõe a processualidade da realidade e a intersubjetividade produzidas nos modos de relação humano-social. Entende-se que fatores culturais e sociais interferem diretamente na situação de risco que é mutável e dinâmica. Portanto, esta pesquisa sugere que os estudantes universitários respondentes estão em risco (Tabela 16), numa dimensão situacional e contextual.

Tabela 17: Teste de Levene

		Teste de amostras independentes									
		Teste de Levene para igualdade de variâncias		Teste-t para Igualdade de Médias							
		Z	Sig.	t	df	Sig. (2 extremidades)	Diferença média	Erro padrão de diferença	95% Intervalo de Confiança da Diferença		
								Inferior		Superior	
Índice Total TMC	Variâncias iguais	1.582	.211	-3.326	107	.001	-3.19545	.96062	-5.09977	-1.29114	
	Variâncias iguais não assumidas			-3.397	98.799	.001	-3.19545	.94062	-5.06189	-1.32902	

Fonte: Dados da pesquisa.

O teste de homogeneidade das variâncias de Levene sugere que não é possível rejeitar a hipótese nula de igualdade de variâncias entre os grupos ($F_{Levene} = 0,211$) (Tabela 17). Os resultados sugerem a existência de uma diferença estatisticamente significativa entre os grupos ($t = -3,326$; $p\text{-valor} < 0,000$). Em média, observa-se uma diferença de -3.19545 entre o grupo 2 (mulheres) e o grupo 1 (homens). Em termos substantivos, isso quer dizer que há uma diferença estatisticamente significativa para homens e mulheres em relação a probabilidade de ocorrência de TMC. Cerchiari (2004) aponta que em relação ao gênero, as mulheres apresentaram pontuação significativamente maiores no fator que ele chama de ausência de saúde mental, tensão ou estresse e distúrbios psicossomáticos. Assim, desigualdade de gênero incide como um elemento que pode gerar mais adoecimentos nas pessoas de gênero feminino. De acordo com a OMS,

A todos os níveis socioeconômicos, a mulher, pelos múltiplos papéis que desempenha na sociedade, corre maior risco de perturbações mentais e comportamentais do que outras pessoas na comunidade. As mulheres continuam a arcar com o fardo das responsabilidades de serem, simultaneamente, esposas, mães, educadoras e prestadoras de cuidados e a terem, uma participação cada vez mais essencial no trabalho, sendo a principal fonte de rendimento em cerca de um quarto a um terço das famílias (OMS, 2001, p. 45).

Ao se considerar a mulher, enquanto gênero mais vulnerável ao adoecimento psíquico, é preciso incluir sua dimensão biológica, fisiológica e hormonal, a dimensão histórico-cultural que produz uma ideologia da submissão de gênero, assim como aspectos subjetivos da história de vida de cada uma. Essa discussão pontua uma relevância social e problematiza a interseção da saúde mental e gênero na modernidade, à medida que envolve relações hierarquizadas de poder, implica danos e reproduz desigualdades.

As opções de respostas do SRQ-20-são do tipo binário, sim ou não, para os itens que estão divididos em quatro fatores: 1) humor depressivo-ansioso; 2) sintomas somáticos; 3) decréscimo de energia vital; 4) pensamentos depressivos.

Tabela 18: Cálculo das médias dos fatores

Estatísticas de uma amostra				
	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão da média
TMC_Fator1	113	,4934	,31064	,02922
TMC_Fator2	131	,3957	,28744	,02511
TMC_Fator3	133	,5539	,33993	,02948
TMC_Fator4	133	,2838	,31349	,02718

Fonte: Dados da pesquisa.

O fator 3 (decréscimo da energia vital) apresentou carga maior ($M=0,55$ e $DP=0,33$) do que os outros fatores, enquanto o fator 4 (pensamentos depressivos) ($M=0,28$ e $DP=0,31$) apresentou a menor carga (Tabela 18). Isso sugere que o adoecimento pode se manifestar de forma a comprometer a energia vital, necessária para mover o sujeito em seu cotidiano. Esse adoecimento vai se manifestando no cansaço frequente, dificuldades de pensar e decidir, dentre outros sintomas que dificilmente são vistos como sinais de adoecimento psicológicos. Isso pode estar relacionado ao excesso de atividades obrigatórias e cobrança. Assim, constata-se que os impactos da saúde mental dos estudantes estão comprometendo a energia vital, que pode está dificultando a realização das tarefas cotidianas, embora não se tenha ainda chegado a níveis elevados de comprometimento, tais como pensamentos depressivos. Além disso, tem-se o estigma construído social em torno do doente mental, visto como o fracasso ou incapaz, o que pode ser explicativo do fator 4 ter dado baixo, já que sintomas depressivos remete a uma gravidade patologias mais alta, enquanto o fator 3 estabelece um risco, mas não determina uma psicopatologia, diagnosticada e reconhecida pelo saber médico.

5.5 Como a saúde mental se relaciona ao suporte social no cotidiano acadêmico dos universitários?

Este tópico visa discutir como a saúde mental pode se relacionar com o suporte social. A Análise de correlação de Pearson serviu para medir o grau de correlação entre duas variáveis. Se for igual a 1, significa uma correlação perfeita e positiva, a relação é forte a medida que se aproxima de 1, podendo ser positiva ou negativa. Foi realizada esta análise entre cada um dos fatores do SRQ-20 e a escala de suporte social. Obtiveram-se os seguintes resultados: os fatores 1, 2 e 3 não apresentaram correlação significativa ($p > 0,01$) (Tabela 19).

Tabela 19: Análise de Regressão dos Fatores do TMC

Variáveis excluídas ^a						
Modelo	Beta In	t	Sig.	Correlação parcial	Estatísticas de colinearidade	
					Tolerância	
1	TMC_Fator1	,020 ^b	,170	,865	,017	,629
	TMC_Fator2	-,178 ^b	-1,729	,087	-,166	,805
	TMC_Fator3	,060 ^b	,460	,646	,045	,520

a. Variável dependente: Suporte_Social_Total

b. Preditores no modelo: (Constante), TMC_Fator4

Fonte: Dados da pesquisa.

No entanto, constatou-se que o fator 4 apontou uma relação significativa ($p < 0,01$) e inversa ($B = -,516$) (Tabela 20), sinalizando que quanto menos o suporte social, maior a probabilidade de ocorrência de sentimentos depressivos.

Tabela 20: Correlação entre o fator 4 e a escala de suporte social

Coeficientes ^a						
Modelo		Coeficientes não padronizados		Coeficientes padronizados	t	Sig.
		B	Modelo padrão			
1	(Constante)	1,844	,080		23,068	,000
	TMC_Fator4	-,516	,186	-,259	-2,775	,007

a. Variável dependente: Suporte_Social_Total

Fonte: Dados da pesquisa.

Na análise de regressão linear simples, o coeficiente de correlação $R = 0,264 \approx 1$, evidencia a existência de uma relação linear entre as variáveis suporte social emocional e a ocorrência de TMC. Um bom ajuste do modelo deve refletir-se num valor de R

quadrado próximo de 1. Como neste caso o coeficiente de determinação é bastante elevado (muito próximo de 1), pode-se concluir que a relação linear entre as duas variáveis é forte (Tabela 21).

Tabela 21: Análise de Regressão Linear

Resumo do modelo				
Modelo	R	R quadrado	R quadrado ajustado	Erro padrão da estimativa
1	,264 ^a	,070	,061	4,95567

a. Preditores: (Constante), Suporte_Social_Fator_2

Fonte: Dados da pesquisa.

Esse dado obtido (Tabela 21), sugere que a saúde mental dos estudantes pode ser promovida e fortalecida também através de suporte emocional, que pode advir das políticas de assistência estudantil, através do apoio institucional oferecido pelos profissionais, como psicólogo, assistente sociais, médicos, assim como também pode advir por meio das relações formais e informais no cotidiano acadêmico, como a relação com os colegas e professores, que ocorre de maneira direta, através de projetos e programas com esse fim, e de maneira indireta, produto da convivência cotidiana. Isso evidencia a dimensão coletiva da saúde mental e do suporte social, que são produzidos na relação do estudante com o outro, com a estrutura histórico e social da universidade, com as políticas promovidas e com o próprio contexto social vigente.

5.5.1 O Suporte Social (SS) percebido entre os jovens universitários

A análise do Suporte Social (SS) dos jovens camponeses universitários se baseou nos dados quantitativos, provenientes da Escala de Percepção de Suporte Social (SIQUEIRA, 2008) e qualitativos, oriundos das entrevistas. Esta referida escala foi adaptada e reduzida a 12 itens distribuídos em 2 fatores: 1º) Suporte prático: “empreste algo que você precisa; dê sugestões sobre seu futuro; empreste dinheiro a você; oriente suas decisões; substitua você em tarefas que não pode realizar no momento; esclareça suas dúvidas; forneça alimentação quando você precisa; ajude você a resolver um problema prático”; 2º) Suporte emocional: “ouvir, com atenção, seus problemas; preocupa-se com você; esteja ao seu lado em qualquer situação; compreenda suas dificuldades”.

Ao considerar as propriedades estatísticas a escala de SS ($\alpha = 0,913$), considera-se adequado o índice de consistência interna desta escala junto a amostra desta pesquisa. Com a finalidade de analisar a validade estrutural da variável fatorial Suporte Social na presente população (N=138), foi realizada AFE (Análise Fatorial Exploratória) com o método de extração baseada na análise do componente principal, em que foram retidos 2 fatores com autovalor superior a 1, que explicam cerca de 91,2% da variabilidade total. Neste estudo (N=138), o Teste Kaiser-Meyer-Olkin [KMO = 0,911] e o Teste de Barlett apresentou $p = 0,00$, o que permite rejeitar a hipótese nula. O valor do sig do teste de Esfericidade de Barlett [$\chi^2(55) = 821,519$, $p < 0,001$] mostrou-se muito pequena, indicando a possibilidade de adequação do método de análise fatorial para o tratamento dos dados. Constata-se, portanto, que os índices apresentaram resultados satisfatórios (NUNNALLY; BERNSTEIN, 1994).

A partir do exposto, confirma-se, neste estudo, os dois fatores apontados por Siqueira (2008) com a diferença que os itens “Ouvir, com atenção, seus problemas” e “Esteja ao seu lado em qualquer situação” migraram do fator emocional para o prático e os itens “forneça alimentação quando você precisa” e “ajude você a resolver um problema prático” migraram do fator prático para o emocional. Acredita-se que isso se deve ao fato da dimensão emocional/afetiva estarem intrinsecamente relacionadas com a dimensão cognitivo-comportamental e prática. Abreu (2020) defende em sua pesquisa, que existe uma dificuldade em diferenciar e agrupar os itens entre os dois fatores, devido sua proximidade analítico-compreensiva, o que respalda a justificativa de utilizar o construto SS, neste estudo (N=138) a partir de uma dimensão unifatorial.

A escala de SS varia de 1 (nunca) a 4 (sempre ou quase sempre). Ao realizar a média total, obteve-se 1,68 mostrando que as respostas se situaram entre 1 (nunca) e o 2 (poucas vezes). Foi realizado também o cálculo da média discriminando cada item, os resultados obtidos são apresentados na Tabela 22.

Tabela 22 - Média por Item da Escala de Suporte Social

Item	Estatísticas Descritivas				
	N	Máx	Mín	Média	Desvio Padrão
Empreste algo que você precisa	138	,00	3,00	1,9855	,79217
Dê sugestões sobre seu futuro	137	,00	3,00	1,7080	,85887
Ouvir, com atenção, seus problemas	138	,00	3,00	1,7029	,85785
Empreste dinheiro a você	137	,00	3,00	1,4161	,88818
Oriente suas decisões	136	,00	3,00	1,5662	,88361

Compreenda suas dificuldades	135	,00	3,00	1,5481	,80778
Substitua você em tarefas que não pode realizar no momento	137	,00	3,00	1,0219	,86998
Esclareça suas dúvidas	138	,00	3,00	1,6667	,73825
Esteja ao seu lado em qualquer situação	136	,00	3,00	1,8676	,90110
Forneça alimentação quando você precisa	138	,00	3,00	1,9420	,85237
Ajude você a resolver um problema prático	137	,00	3,00	1,6861	,81124
Preocupa-se com você	133	,00	3,00	2,1825	,78795

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme visto (Tabela 22), as maiores médias foram para o item “Empreste algo que você precisa”, com $M=1,9855$; $DP = 0,79$ e para o item “Forneça alimentação quando você precisa”, com $M=1,9420$; $DP = 0,85$ (Tabela 22). Esses dados sugerem uma leve prevalência do suporte prático, relacionado a emprestar algo quando precisa e à alimentação. Ambos, os itens, estão voltados para a dimensão instrumental que se refere a percepção de auxílio práticos, obtidos através de gestos, com emprestar dinheiro, alimentação, casa/moradia, ou comportamentos, como acompanhamento nutricional, apoio à saúde, oferta de mediadores instrumentais para viabilizar a vida cotidiana, como material escolar, xerox, livros, etc.

Em pesquisa realizada por Karnal *et al.*, (2017) destacou-se que o processo de adaptação e acolhimento desses estudantes na universidade é fundamental. Com isso, o reconhecimento por parte da instituição de ensino, e criação de rede de apoio para lhes dar suporte também são aspectos que precisam ser considerados.

Pesquisadora: *E, nos momentos que você precisa, você contou com quem aqui?*

Entrevistado: *É. nesse momento, eu já contava com amigo de faculdade, essas coisas, colega aí e geralmente, em curso de engenharia, a gente compartilha o mesmo sofrimento, a gente fica conversando entre a gente e a gente vê que a situação não é só com a pessoa, geralmente, é com um grupo de pessoas, aí alivia mais.*

Pesquisadora: *Você falou “compartilha sofrimento”, que sofrimento é esse?*

Entrevistado: *Das disciplina pesada, nota, às vezes, baixa, mas a gente chega é muito, tipo eu vim de, passei a vida estudantil estudando em escola pública né, aí, geralmente, quando a gente entra na faculdade, a gente sente um peso muito grande, de de adaptação, geralmente, é muito problema num nível mais alto, aí a gente demora muito tempo pra se adaptar (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).*

Pesquisadora: *Quando você se sentia mal você sempre procurava algum apoio? Como era?*

Entrevistada: *Nas vezes que eu tive ansiedade. Não. Eu meio que lidava com a coisa sozinha. E a pessoas assim, que eu mais converso é uma amiga minha, que estuda comigo. E é justamente essa amiga que também tem crises de ansiedade, então a gente meio que ficava enlouquecendo juntas” (EDILENE, ECONOMIA).*

Essa fala revela a importância de criarmos redes e espaços de partilha na própria universidade, essa partilha da fala enquanto sintoma, seja partilha das aprendizagens, estudos e desafios da vida acadêmica. Conradson (2016) e Hansona *et al.* (2016), defendem que é preciso buscar estratégias de enfrentamento coletivo, sugerem a aprendizagem em pares como um elemento fundamental para prevenir o sofrimento mental e promover o bem-estar dos alunos. Conradson (2016) chama essas estratégias de comunidade de aprendizagem, segundo a qual envolve basicamente três práticas pedagógicas voltadas para atividades em grupo, trabalhos a serem realizados em cada um e que possam ajudar o aluno a refletir sobre seu processo na universidade (CONRADSON, 2016). Hansona *et al.* (2016), por sua vez, defendem a proposta da aprendizagem por pares na prática pedagógica do Ensino Superior, por constatar que esta tem um efeito positivo e bastante significativo no bem-estar, favorecendo a auto aceitação, a autonomia, o crescimento pessoal, a construção de relações positivas e de projetos de vida. A ideia é criar condições e situações em que os alunos possam partilhar entre si conhecimentos acadêmicos sobre um determinado assunto ou conhecimentos de si e de suas experiências na universidade.

A aprendizagem por pares parece estar em consonância com a ideia da “aprendizagem cooperativa que deverá nos apresentar elementos da cooperação no contexto de sala de aula e a Aprendizagem Colaborativa que deve nos apresentar métodos que favorecem a formação de sujeitos autônomos” (BARBOSA, 2016, p. 55). Dessa forma é possível pensar uma educação superior que favoreça o esforço mútuo e as relações de troca entre os estudantes, contribuindo com a construção de laços sociais de partilha, integração e solidariedade. Nessa proposta há espaço para se reconhecer a importância do esforço realizado com o outro, somando-se ao esforço individual para realização dos objetivos cotidianos (MIRANDA; BARBOSA; MOISÉS, 2011). A aprendizagem cooperativa pode ser encarada como uma nova possibilidade frente a modelos de educação universitária que estimulam o individualismo e a competição (BARBOSA, 2016).

Frente a esse cenário complexo e multifacetado, outra estratégia que se destaca como uma prática de cuidado é a realização de atividades físicas sistemáticas para a promoção e manutenção da saúde mental. Pereira *et al.* (2017) apontam que a incidência de problemas de saúde mental guarda fortes relações com a prática de exercício físico e esportes, conforme sugere um dos entrevistados “*Eu acho que, é jogar futsal, futebol,*

realmente, alivia bastante, a gente distrai bastante, academia também, lazer, no final de semana, quando a gente vai pra nossa cidade” (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA). Está análise se mostra coerente com a pesquisa de Cervelló *et al.* (2014) que mostra que os estudantes universitários de educação física que praticam exercícios regulares têm tendência a desenvolver maiores índices de bem-estar psicológico, envolvendo os seguintes aspectos: autonomia, domínio do meio, relações positivas, objetivos de vida e aceitação de si. Além disso, concorda-se com a visão do estudante de Engenharia Elétrica, quando traz uma perspectiva de saúde holística, envolvendo a dimensão física, biológica e psicológica:

Eu penso (pausa) que é um conjunto né, que tem que ter a saúde física da pessoa e a saúde mental. É, realmente, o cansaço mental aqui na faculdade é bastante significativo, que, às vezes, a gente tem pressão psicológica de uma prova, eu acho que é relação, em relação a isso, tipo, quando a gente vai mal numa prova, a saúde da gente mental a gente vai com um tem um tem um peso bastante na nana, a gente tem dificuldade em outras, realizações de outras tarefas, a gente não sente vontade de sair, essas coisas (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).

No entanto, há a percepção, por parte de alguns, da importância de cuidar dessa saúde mental, que não só utilizando-se de medicamentos: “*Além do, do, dos medicamentos, é me dar um momento de lazer” (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).* Dessa forma, identifica-se que boa parte dos estudantes reconhece que atividade física e lazer funcionam como estratégias fundamentais para o cuidado com sua saúde mental:

Tenho, eu costumo ou sair com meus amigos da faculdade, e eu vou pra academia que pra mim isso foi muito bom, tipo, quando eu comecei a malhar por que realmente era muito revigorante, desestressava bastante, e sair mesmo aqui em Sobral, ir pra algum lugar (JULIANA, ECONOMIA)

Além dessas, Deasy *et al.* (2014) identificaram outras estratégias adotadas por estudantes para enfrentar o sofrimento mental na sua experiência universitária, dentre elas merece destaque a busca por suporte social, que pode ser definido como:

Qualquer informação, falada ou não, e/ou auxílio material oferecidos por grupos e/ou pessoas que se conhecem e que resultam em efeitos emocionais e/ou comportamentos positivos. Trata-se de um processo recíproco, ou seja, que gera efeitos positivos tanto para o recipiente, como também para quem oferece o apoio, dessa forma permitindo que ambos tenham mais sentido de controle sobre suas vidas (VALLA, 1999, p. 10).

Sobre o apoio social existem cinco tipos diferentes, são eles: emocional, afetivo, interação social positiva, de informação, instrumental ou material e quatro fontes de apoio: familiar, religiosa, institucional e comunitária (GRIEP, 2003). Vale ressaltar que cada uma dessas fontes de apoio pode ser geradora de suporte aos sujeitos. No caso dos jovens camponeses que ingressam na universidade, a principal questão envolta desse processo, é a mudança das fontes de apoio. Nessa transição concreta e subjetiva, há ganhos e perdas, deixa-se para trás um modo de viver conhecido e por isso, de maior segurança emocional-afetiva para assumir um conjunto de mudanças, novas responsabilidades, desafios para construção de outros vínculos. O convívio e o apoio familiar deixam de ser cotidiano e passam a se reconfigurar, diante da distância, assim como outros tipos de suportes exigem espaços para se construir e isso implica diversidade e adversidades, dentre outras questões que põem em cheque a capacidade de resiliência e a saúde mental destes sujeitos.

Além disso, é preciso mencionar a importância da participação desses jovens em espaços coletivos e grupais, pois, conforme Minkkinen *et al.* (2017), podem ser fontes de apoio para os mesmos e geradores de saúde mental. A participação pode favorecer a socialização e a criação de novos vínculos no espaço acadêmico. Isso está relacionado à necessidade que os estudantes têm de serem aceitos por alguém em seu meio (BORROTT *et al.*, 2016). A participação também pode estar relacionada à apropriação dos espaços físicos, o que produz implicações psicológicas. Araújo *et al.* (2016, p. 69) apontam que “há uma associação estatisticamente significativa entre a não participação em atividades culturais e eventos realizados na faculdade e o sofrimento mental”.

Meu dia a dia, tipo, é bem, assim, preenchido, porque... deixa eu ver quantas disciplinas eu tô fazendo? acho que são 7 ou 6, mas aí, além das disciplinas, eu participo de outros projetos né, que eu tô na liga de análise do comportamento, aí tô no CA e aí tô estava no PET, e aí eu tô sempre aqui fazendo alguma coisa (ANTÔNIA, PSICOLOGIA).

Eu já participei de monitoria, já fui monitora, esse semestre eu não fui por conta do estágio, eu não ia ter tempo, mas eu sempre gostei de tá envolvida em ajudar as pessoas com a monitoria, mas ultimamente da faculdade eu tenho me preocupado mais mesmo com as disciplinas que já tá no fim, já tô no 6 semestre, aí tá no finzinho, aí tô me preocupando mais com as disciplinas, tá chegando a mono e é isso (JULIANA, ECONOMIA).

Com isso temos que a apropriação do espaço da universidade, através de atividades acadêmicas, ou até mesmo esporte ou lazer devem ser construídas na direção

de promover um sentimento de pertencer ao ambiente universitário e de apoio, gerando condições mais favoráveis para a saúde mental dos jovens universitários.

Costa e Leal (2008), em pesquisa realizada com estudantes em três instituições de ensino superior em Portugal, constataram que o nível de apoio é diretamente proporcional à satisfação com a vida e com a saúde mental, ou seja, quanto mais o aluno sentir apoio em suas relações sociais, isso inclui família, amigos, parceiros e professores, maior sua satisfação com a vida e melhores serão seus níveis de saúde mental. Com isso, tem-se, como destaque de suporte social a família e os amigos:

A questão da família que me apoia bastante, que é meu porto seguro, tem a minha noiva também. Eu sou descontraído e gosto muito de conversar das coisas da vida, me divertir quando eu estou mal vou para a casa dos colegas e primos (LEANDRO, FINANÇAS).

Hoje eu tô muito bem, graças a Deus, assim, e isso só foi possível porque eu percebi que realmente eu tinha um problema com a ansiedade, problema de eu pensava em prova e já ficava mal, sabe? Não era, não conseguia enfrentar, é a ideia de ter que fazer várias provas durante o semestre. Então, quando eu percebi que tava mal mesmo com isso, eu busquei ajuda, e a minha ajuda foi mesmo, como eu falei, eu tentei falar isso pra Deus e tentei também ter amigos pra quem... com quem eu pudesse compartilhar esse sofrimentos e falei muito com meus pais, também, nessa época, assim, comecei, confessei da, que eu tava me sentindo fraco mesmo e, e que não sabia se conseguiria enfrentar os semestres, sabe? Mas, assim, no apoio deles e de amigos e de Deus foi, foi o que me fez me livrar disso (CAIO, MEDICINA).

Só apoio dos colegas mesmo assim, dividir o sofrimento desabafar, dizer o que é que eu tô sentindo dificuldades, eles tentarem me ajudar e eu tentar ajudar ele, eu acho que é isso mesmo, compartilhar com os amigos daqui mesmo da faculdade, os amigos do curso, eu acho que isso alivia bastante (ESTRELA, PSICOLOGIA)

Estimular essa rede de relações de maneira positiva se mostra fundamental. É interessante pensar que, a nível de ensino médio, é mais frequente se discutir sobre a relação familiar e escola, quando se fala de ensino superior, essa discussão desaparece, provavelmente pelo fato de estar-se lidando com sujeitos considerados maiores de idade, do ponto vista legal, e adultos. No entanto, é preciso destacar a importância da IES promover condições de atrair e agregar a família. A isso, atrela-se a discussão sobre o apoio institucional, que parte do compromisso IES para com os seus estudantes e o reconhecimento da responsabilidade em promover a garantia dos seus direitos de cursar o ensino superior com qualidade.

Nesse sentido que as Políticas de Assistência Estudantil vêm servindo como fontes de apoio institucional para a saúde mental desses estudantes. A primeira ação e mais

conhecida, voltada para a assistência psicológica dos estudantes na universidade, aconteceu em 1910 na Universidade de Princeton e, em 1914, na Universidade de Wisconsin, ambas nos EUA (CERCHIARI; CAETANO; FACCENDA, 2005). Para Simões-Dias (2012), posterior a isso, outras universidades ofereceram esse apoio institucional através de programas de intervenção em saúde mental dos estudantes, dentre as quais a Faculdade de Ciências da Universidade de Sidney, na Austrália, que focava nos efeitos negativos do estresse para os seus estudantes; a Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, que atuava com a prevenção da depressão e da ansiedade, através de sessões temáticas; e ainda a Universidade de Oregon, também nos Estados Unidos, que se utilizava de programas de relaxamento, debates e treinamentos comportamentais.

Para Cerchiari, Caetano e Faccenda (2005), no Brasil, o primeiro serviço voltado para saúde mental dos estudantes foi criado em 1957, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, como parte da disciplina de clínica psiquiátrica, com foco nos estudantes de medicina. Nos anos 60 as Universidades Federais do Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Rio de Janeiro, bem como a Escola Paulista de Medicina (SP), em 1965, disponibilizaram seus serviços de saúde mental para os estudantes. Em 1987, a UNICAMP se destacou com o Serviço de Atendimento Psicológico e Psiquiátrico ao Estudante (SAPPE), com a finalidade de prestar assistência psicológica e/ou psiquiátrica. A partir de então, cresceram serviços e programas com a finalidade de contribuir com o desenvolvimento e apoio da saúde mental dos universitários, durante seu percurso acadêmico.

Na UFC, *campus* Sobral, há um programa ou serviço de saúde mental para estudantes, o que dispõe é Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), do curso de Psicologia, que disponibiliza estágios de Psicologia para atendimento à comunidade, sob supervisão de um professor. Um estudante entrevistado relata que procurou lidar com seus problemas através da busca por esse serviço:

É, eu lido com esse tipo de situação, eu tenho crise de ansiedade, e no passado eu já tive síndrome do pânico, não no passado tive crises de pânico, então eu já tratei recentemente eu já passei por outras crises e procurei o SPA, que é o serviço daqui da UFC mesmo, então é uma coisa assim que eu vivencio (RONALDO, FINANÇAS).

No entanto, vale ressaltar que esse serviço não é disponibilidade para estudantes do curso de Psicologia, uma vez que infringe a dimensão ética. Além do mais, demarca-se a limitação desse serviço diante da demanda apresentada pela universidade e

comunidade de um modo geral. Por vezes, o estudante até procura o serviço, como fica nítido na fala de um deles: “*Fui no SPA, é eu fui, passei pela triagem, procurei um serviço que eles têm de plantão e agora eu tô na lista de espera para aguardar um tratamento, né?*” (RONALDO, FINANÇAS). No entanto, devido ao excesso de demanda, eles passam por isso são longas as filas de espera, muitas vezes se tornando inacessível.

Aí você cai num gargalo muito grande, sabe por que? Hoje a gente tem o SPA da psicologia aqui, é a única assistência pra o estudante que a gente tem, a gente não tem na assistência estudantil ali no bloco da odonto. Tipo o serviço de psicologia específico pra os alunos” (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Além desta questão de acesso, há também uma grande dificuldade é posta por Brandtner e Bardagi (2009) ao apontar que os estudantes só buscam ajuda quando a saúde já está em um nível de grande comprometimento. Isso parece ocorrer principalmente devido à dificuldade de auto percepção sobre o sofrimento psíquico. É o que aparece no relato de um dos jovens respondentes, quando explica o que o levou a procurar atendimento psiquiátrico:

Desde a consulta com o psiquiatra, eu já senti (a diferença), com a consulta, eu já senti a diferença. Como se saísse um peso muito grande das costas. Mas, com medicamento e tal, eu tava... normal. Assim, se tem noção que... que você tem um problema mental e achar que você não sente. É, o medicamento funciona como se fosse um anestésico sério, e funciona. A preocupação... não acontece, e o tratamento possibilita que você não ligue pra coisas pequenas. Você não dá importância. Você tem a possibilidade de não ligar. Isso é muito bom (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

Evidencia-se, com uma a resistência, que pode ocorrer, diante do desconhecimento sobre o próprio sofrimento psíquico, que muitas vezes, devido a naturalização e a individualização, é entendido como sinônimo de fracasso, incapacidade e impotência. Outro aspecto que pode ocasionar a dificuldade de reconhecer o sofrimento psíquico, pode ocorrer pelo fato de que inicialmente, aparece como sintomas físico. É o que relata um dos estudantes entrevistados, quando questionado se já buscou ajuda profissional:

Já. (Pausa), mais ou menos em 2015, eu tive isso também, (fala embarçada) aí só que eu sentia dor, quando eu tenho esse tipo de crise eu sinto uma dor física, chega a ser físico pra mim, eu sinto muita dor no estômago e (pausa) e a dor é tão intensa que as vezes eu fico sem comer, então quando, quando eu tive isso pela primeira vez eu não sabia o que era, então eu tratei como uma

doença física mesmo, né e eu fui no médico, eu fiz exames e não deu nada, aí ele me encaminhou pra o psicólogo” (RONALDO, FINANÇAS).

É preciso ainda considerar que, o preconceito pode levar a essa resistência e busca do cuidado e apoio institucional ou profissional. Embora seja uma temática reconhecidamente relevante, o preconceito produtor de estigma funciona como aspecto que dificulta a busca de reconhecimento e ajuda, conforme sinaliza Edilene:

Eu acho bem relevante. Acho importantíssimo isso ser discutido, porque (fica pensativa, evitando contato visual) assim, existe ainda, meio que um desdém em relação a isso. Tipo, as pessoas que não fazem faculdade ou até mesmo algumas que já fizeram e fazem atualmente, tipo, não veem o quanto difícil, o quanto isso pode nos afetar psicologicamente. Então meio que se a gente fala que tá cansado, e que é um cansaço mental e que tá isso ou que tá aquilo, aí eu vejo que ainda existe meio que esse ‘estudar não é tão (pausa)’ ‘você não pode estar assim só porque estuda’ (EDILENE, ECONOMIA).

Isso reforça a importância da divulgação da temática e a necessidade de se pensar sobre a saúde mental desse estudante desde seu ingresso na universidade. Essas considerações revelam o quanto essa temática perpassa o encontro interdisciplinar entre saúde e educação, campos que estão atravessados, mas que na prática profissional, ocupam lugares marcados pela reclusão e afastamento.

De modo recorrente, o enfrentamento é entendido a partir da oferta de bens materiais para facilitar modos do sujeito lidar as adversidades. De acordo com o IPEA (2015) está relacionado a provisão de recursos. Para além disso, defende-se, com Cidade (2019) uma compreensão de que o enfrentamento precisa habilitar o sujeito para além de uma lógica desenvolvimentista e material, incluindo elaborações a nível psicossocial e coletivo. Considera-se aqui como uma das mais importantes estratégias de enfrentamento o suporte social que, conforme já discutido anteriormente, está relacionado a dimensão prática (material) e emocional (psíquica). Na literatura internacional, essas estratégias de enfrentamento são denominadas também de *coping*, que na tradução literal para o português significa “lidar”. Oliveira *et al.* (2014) trazem dois tipos diferentes de *coping*, um focado na emoção e outro focado no problema:

O primeiro é definido como um esforço para regular o estado emocional associado ao estresse. (...) Já o *coping* focado no problema constitui-se em um esforço para atuar na situação que deu origem ao estresse, tentando modificá-la. A função dessa estratégia é alterar o problema existente na relação entre a pessoa e o ambiente que está causando a tensão. O *coping* focalizado no problema pode ser dirigido para uma fonte externa ou interna de estresse (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 178).

Além desses, existe também o papel protetor das estratégias de *coping*, baseado no humor que contribui com uma melhor adaptação (DURAN; YÜKSEL, 2010) e, por outro lado, o *coping* evitativo que pode sinalizar sintomas de ansiedade e depressão (OLIVEIRA *et al.*, 2014). Além das estratégias de enfrentamento ao sofrimento mental, Deasy *et al.* (2014) identificaram que existiam também estratégias de fuga, que é um modo de enfrentar o problema, dentre elas merecem destaque a evasão, o uso abusivo de álcool e outras drogas, além da escolha por uma alimentação não saudável.

De um modo geral, o *coping* ou estratégias de enfrentamento estão relacionados à capacidade de adaptação do indivíduo dentro das adversidades inerentes à vida acadêmica. Identificar essas estratégias pode contribuir para compreender melhor as vivências de bem-estar e de sofrimento psíquicos dos sujeitos; lidar com problemas de evasão; favorecer a permanência destes e contribuir com um maior índice de conclusão do curso.

Para Côco *et al.* (2013), a superação das adversidades e os percalços provenientes do desafio da permanência desse estudante no ensino superior podem ser articulados à ideia de pertencimento à universidade. Para permanecer na universidade, o estudante precisa sentir-se pertencente a esse espaço que envolve relações físicas e subjetivas. Assim é importante estimular o seu desejo de frequentar e de estar na universidade, na perspectiva da integração dialética e positiva. A partir do reconhecimento da existência do sofrimento mental como um problema que atinge uma considerável parcela de jovens do ensino superior, faz-se necessário pensar estratégias e práticas cotidianas promotoras de saúde mental que favoreçam uma permanência mais potencializadora e positiva dos jovens na universidade.

5.6 De camponeses à universitários: sobre a inserção acadêmica e o cotidiano de jovens universitários

“Todo dia ela faz tudo sempre igual/Me sacode às seis horas da manhã/Me sorri um sorriso pontual/E me beija com a boca de hortelã/(...)Todo dia eu só penso em poder parar/Meio dia eu só penso em dizer não/Depois penso na vida pra levar/ E me calo com a boca de feijão” (CHICO BUARQUE, COTIDIANO).

A tônica deste tópico se dedicará ao cotidiano, como faz alusão a música de Chico Buarque, mas que neste caso, se voltará para a realidade vivenciada por jovens

camponeses que ingressam na vida acadêmica. Este será um espaço para pensar sobre o dia-a-dia desses jovens, a existência de negações e afirmações, sentimentos e sensações, diante das privações e das descobertas experimentadas por esses sujeitos nesse período da vida.

É fato que o ingresso na universidade é um acontecimento significativo para o desenvolvimento juvenil, pois é um momento estratégico que vislumbra novos direcionamentos para suas vidas, representa um momento de intenso crescimento e amadurecimento, mas também traz consigo inúmeras dificuldades e problemas que podem gerar sofrimento psíquico. Além do que, essa nova fase deflagra um momento decisivo referente à definição e escolha de uma profissão, os sonhos e as expectativas de vida, o que envolve desempenho acadêmico, a própria conclusão do curso e a sua inserção no mercado de trabalho, conforme reconhece o estudante entrevistado, quando descreve os momentos em que se sente pressionado:

Relação em (pausa), eu acho que em relação a prova, resultado das provas, primeiro, trabalhos que, as vezes, são pesados demais, acho que mais... muitos sentem pressão de se formar logo e trabalhar, porque, as vezes, passar cinco anos numa faculdade, as vezes, se torna muito... muito... como é que se diz, repetitivo, a gente que ir partir pra outra experiência, trabalhar, essas coisas” (FÁBIO, ENGENHARIA ELETRICA).

Além das expectativas construídas por si mesmo, o jovem se depara com as expectativas geradas por seus pares, amigos e familiares em torno. Santos-Baggi e Lopes (2011) pontua que essas dificuldades estão relacionadas à transição e adaptação a essa nova ambientação, mais intensa no primeiro ano, assim como envolvem desafios relacionados à permanência e ao desempenho acadêmico durante toda a formação. A vivência universitária não pode ser algo delegado meramente a microgênese dos processos subjetivos, pois

Essa vivência não só diz das particularidades das trajetórias singulares de cada pessoa, mas é capaz de dizer igualmente dessas trajetórias e sua intersecção com escalas horizontais (relações) e verticais (políticas, normas, regimentos, relações de poder) de produção do cotidiano. A vivência universitária subsume diversos conjuntos de sentimentos, relações, comportamentos, posições, atitudes que posicionam o estudante universitário de diferentes formas, tanto internamente quanto externamente à universidade (ALEXANDRO DA SILVA, 2018, p. 100).

Para os estudantes universitários, há uma mudança grande entre a realidade vivenciada no ensino médio, em que o ritmo de estudo é diferente e há menos competição,

menos exigência de autonomia, e a realidade vivenciada na universidade, lugar em que eles se deparam com as cobranças de melhor desempenho, dos professores e da família (BRANDTNER; BARDAGI, 2009). Assim, é visto que a entrada na universidade é marcada por vários processos de mudança, envolve rupturas com modos de viver próprio dos jovens, quando estão no ensino médio, passando a experimentar modos de autonomização da vida, através de novas responsabilidades e necessidades constantes de adaptação a um conjunto de novidades com o qual se deparam e atuam como geradores de pressões que para eles “*seria a pressão da, da, questões de (fala nervosa), do conteúdo, de estudar, os conteúdos, de entregar trabalho a tempo, estudar pra prova, é (pausa), essas coisas*” (HELENO, MUSICA).

Silveira *et al.* (2011) tem apontado que o ambiente acadêmico pode ocasionar sofrimento mental, Osse e Costa (2011) complementam ao afirmar que o período da universidade pode ser marcado pelas instabilidades provocadas nos jovens, instabilidades provenientes das possíveis dúvidas e ansiedades que possam sentir. De um modo geral, os sintomas aparecem e fragilizam de tal modo, que eles se sentem inseguros até em descrevê-los:

Era meio difícil de explicar, porque geralmente quando a gente tem algum tipo de crise assim, não é por um motivo (fala nervosa) pelo menos para mim, só sei, meu coração acelerava, a gente só fica assim (respirou fundo) (voz trêmula) aflito só querendo que aquilo passe, comigo eu eu eu (fala nervosa) no começo do ano eu achei que ia me prejudicar bastante porque eu tava tendo essas crises, essas crises vinham pra mim com mais frequência e a única forma que eu conseguia me livrar delas era quando eu dormia, aí eu acabei que passava o dia dormindo, só me acordava mesmo pra as minhas refeições aqui no RU, e até mesmo pra vim pra aula, somente, aí acabou que me prejudicando bastante”(RONALDO, FINANÇAS).

Desse modo, o estudante universitário passa a estar vulnerável a alguns fatores em seu percurso acadêmico que podem ser geradores de crises de nervosismo, ansiedade e, em casos mais graves, depressão. Isto pode se dar devido à exigência da quantidade de disciplinas a serem cursadas no semestre, a carga horária dentro e fora de sala de aula, o contexto familiar, a concorrência pelo mercado de trabalho, a insegurança e o medo de fracassar (VICTORIA *et al.*, 2013). Em concordância, Silveira *et al.* (2011) destacam o alto nível de competição e de pressão que os jovens vivenciam na universidade e o afastamento da relação com a família que pode dificultar o desenvolvimento de estratégias psicossociais para responder às exigências e pressões advindas do contexto universitário. Foi interessante perceber como nos discursos provenientes das entrevistas,

apareceram frequentemente, relações entre saúde mental e sofrimento psicológico, colocados quase como sinônimos. Para eles, a temática saúde mental para os estudantes universitário é:

Um problema bem grave. É que os estudantes universitários estão precisando de muito apoio psicológico. A saúde mental está cada vez mais, mais, mais em perigo. Eu conheço casos de pessoas com depressão, conheço casos de pessoas com ansiedade, síndrome do pânico. Então, eu acho que é uma coisa que deveria ser bem mais investigada, à fundo” (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO).

É nítido como eles tem percepção do problema, mas não conseguem identificar as próprias emoções, é uma realidade presente, porém distante. Assim, pontua-se uma relação a outro elemento que é o clima da sala de aula, as emoções e os resultados acadêmicos que implicam em aspectos afetivos e motivacionais. Esses autores citados anteriormente dão ênfase às percepções subjetivas dos ambientes de aprendizagem presentes nas salas de aula, que envolvem uma dimensão afetiva e valorativa e que influenciam os interesses e valores que estão subjacentes as emoções (MATA *et al.*, 2015). Além disso, Bolsoni-Silva e Guerra (2014) chamam a atenção para os desafios vivenciados por esses estudantes universitários, dentre os quais, destacam:

Estudar diferentemente da forma como se preparou para o vestibular, lidar com autoridade (professor), falar em público (por exemplo, apresentar seminários), fazer novas amizades, morar com outras pessoas, por vezes desconhecidas (repúblicas), negociar divisão de tarefas (repúblicas), cuidar de si mesmo e dos próprios pertences, ficar longe da família, amigos e namorado(a), administrar renda e trabalhar para se sustentar (BOLSONI-SILVA; GUERRA, 2014, p. 1).

Esses desafios são vivenciados com níveis de exigências que vêm das relações externas e que interferem na dimensão subjetiva dos estudantes, gerando implicações psicológicas e emocionais. A partir disso, pode-se constatar que as condições envoltas do processo de transição do jovem para a universidade e de sua permanência, tornam a saúde mental do estudante universitário algo complexo e problemático (WRENCHA; GARRETA; KING, 2013).

Para Souza e Brandalise (2016) as classes de maiores condições econômicas, possuem maior capital cultural e portanto, mais condições de acesso à universidade. Não se pode negar que esta realidade é parte de uma ideologia de manutenção das classes burguesas, detentoras do capital, que é movida por um sistema capitalista e neoliberal. É dessa forma que as desigualdades sociais vão se perpetuando através das desigualdades

educacionais e o ciclo perverso de reprodução da pobreza vai ocorrendo de forma contínua. É preciso chamar atenção para a realidade dos estudantes que provenientes da cultura rural e da realidade de pobreza que ultimamente tem conseguido sair de suas comunidades rurais, migrar pra cidade e chegar nos bancos das universidades públicas brasileiras. Esse cenário foi estimulado pela democratização das políticas de acesso ao ensino superior, a partir da sua expansão e interiorização das universidades, marcadamente, a partir do Governo de Luís Inácio Lula da Silva, de 2003 a 2011. Reconhecer os avanços que essas políticas proporcionaram é fundamental, a partir delas os jovens rurais e pobres puderam chegar à universidade. Ao considerar que o intuito é avançar, é preciso pensar sobre as novas demandas advindas dessa realidade que atravessa o ensino superior brasileiro, nos dias de hoje.

Além disso, Karnal *et al.* (2017, p. 438) pontuam que “a transição do ensino médio para o ensino superior traz consigo modificações nos métodos de ensino, nos relacionamentos e vínculos estabelecidos, nos papéis sociais e na rotina dos estudantes”. No caso do jovem rural que migra para a cidade, é preciso ressaltar a peculiaridade do ensino médio, cursado em escolas rurais, muitas vezes de pequeno porte, com níveis de exigência e de socialização mais incipientes, se comparado com a realidade das escolas dos grandes centros urbanos. Sair da escola rural e ingressar na universidade, com seu modo de vida urbano, exige que esses jovens rurais assumam, corajosamente, as transformações objetivas e subjetivas e suas consequências positivas e negativas que muitas vezes podem ser idealizadas pela busca de realizar o sonho de fazer um curso universitário.

Dessa maneira, as mudanças de vida experimentadas pelos jovens migrantes que ingressam no ensino superior, indubitavelmente, são um fator primordial que pode desencadear situações de desequilíbrio e problemas de saúde mental. A primeira mudança considerada por Santos-Baggi e Lopes (2011) seria a saída da casa dos pais, a separação dos vínculos familiares e afetivos, a mudança de espaço de moradia que exige novas responsabilidades cotidianas. Com isso,

Pode-se pensar que o início do curso apresenta rupturas acadêmicas e sociais (saída da escola, perda do grupo de amigos da adolescência, necessidade de novas posturas e novas relações), o que pode favorecer o aparecimento de melancolia e maior vulnerabilidade à depressão (BRANDTNER; BARDAGI, 2009, p. 88).

Assim, à medida que os estudantes universitários vivenciam essas rupturas e essas mudanças, junto delas caminham os desafios enfrentados e a probabilidade dessas dificuldades se transformarem em problemas de saúde mental. Além dessa mudança de contexto de vida, somam-se os desafios inerentes ao ensino superior. Esse duplo movimento de adaptação, que se sobrepõe, exige mais recursos cognitivos e emocionais para o enfrentamento das novas demandas e do processo de autonomização, próprio de quando o jovem se afasta de seu lugar de moradia, da proteção e dos cuidados familiares.

Esse dilema da separação parental envolve o que Ferraz e Pereira (2002) chamam de *homesickness*, traduzido como saudades de casa e definido como o estado emocional e motivacional, caracterizado por emoções negativas, nostalgia, ansiedade e sentimentos de luto e que pode ser vivenciado pelo sujeito após sua saída de casa.

O que a gente sente mais falta é da família, eu sinto mais falta é de ver o meu pai e a minha mãe. Tanto que minha mãe me liga todo santo dia, me liga todo santo dia. Às vezes ela me liga só pra dizer assim “oi, tá vivo?” “Cameu?” Comi, “tá mesmo?” Tô, “tá bom?” tá. E aí desligo e pronto, só aquele contato, o olhar, o dizer assim opa! Tô vivo. Mas, no início, a saudade que a gente tem é do contato, sabe? Tipo, minha família é muito carinho, tipo a mãe, pelo amor de Deus, minha mãe tem um metro e quarenta, um metro e quarenta, eu boto ela no braço! Pra você ter uma ideia, tipo eu sentia falta daquilo, sentia falta de tá todo dia olhando pra minha mãe, olhando pra minha irmã menor, até a própria rotina muda, hoje em dia eu sei que eu não tenho mais o carinho que eu tinha. Eu tinha o costume de todo dia tomar a benção dos meus pais, todo dia. Eu não tenho mais (JAILSON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO)

O distanciamento dos vínculos familiares é um dos fatores que exerce influência frente o conjunto de mudanças que esse jovem enfrenta. “A vivência do ensino superior em localidade distante do núcleo afetivo de origem (familiares e amigos) pode favorecer a emergência de indicadores de sofrimento e adoecimento” (TOLEDO; OLIVEIRA; PADOVANI, 2018, p. 23)

Além do distanciamento da família, que representa uma mudança em relação a essa fonte de apoio, tem-se, em paralelo, as dificuldades pontuadas, a cobrança por ter bons resultados, um diploma, para obter um emprego e traçar uma vida de sucesso.

Pesquisadora: *Como é que você se sente, hoje, fazendo Engenharia da Computação?*

Entrevistado: *Olha, é uma, é uma, é uma parte complicada, porque é um curso que eu gosto (pausa). É. Quando eu entrei no curso, o cenário pro Engenheiro de Computação era bem diferente, a gente tinha uma economia aquecida, tinha oferta de emprego. Hoje em dia, não tem. E o que o pessoal, os calouros que entram hoje em dia, eu vejo com desânimo. E, se, se eu tivesse a mentalidade que eu tenho hoje e sabendo como tá o mercado, eu não entraria (pausa). Mas, pra época, porque não adianta mais, eu tô aqui a muito tempo,*

então agora eu tenho que me formar de qualquer jeito, é. (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO)

Pesquisadora: *Quais as principais dificuldades que vc já enfrentou no seu curso?*

Entrevistado: *Foi, principalmente, por essa questão de ter muita coisa pra resolver, essa questão do atraso na faculdade, aí vem a pressão da família, perguntando quando a gente vai se formar, aí daí a gente fica com aquela coisa de querer se formar logo, mas a gente vê que não é assim, que tem o seu tempo, enfim. É a pressão, são as tarefas pra fazer da faculdade. É isso. (HELENO, MUSICA).*

Pesquisadora: *Como você vê a questão da dificuldades na graduação?*

Entrevistado: *Eu acho que tem gente que leva muito ao extremo, o estresse fica muito grande, vai também muito das coisas que a pessoa já viveu também, tanto na universidade como pressão familiar, acho que influencia muito, porque acho que tem muitos jovens que não quer fazer um curso e a família tipo impõe que ele tem que fazer, ou que a família fica pressionando, tem que se formar, tem que arranjar um emprego, acho que isso influencia muito (LEANDRO, FINANÇAS).*

A cobrança de outrem repercute na cobrança de si. Padovani *et al.* (2014, p. 3) leva em consideração “as elevadas expectativas, as demandas inerentes ao mercado de trabalho e as aspirações pelo seu futuro profissional e pessoal, comumente se encontra como resultante uma alta prevalência de problemas psicoafetivos, por vezes desconhecidos”. A universidade está inserida em um contexto social, político e econômico que não está apartado do que acontece dentro dela, isso é posto em questão quando uma estudante entrevistada pontua a existência de uma cobrança social, como produtora de seu sofrimento:

Pesquisadora: *Como você vê a relação da graduação e o sofrimento?*

Entrevistada: *Comigo, eu acho que é uma cobrança social que a gente tem de tipo, não reprovar, se formar em pouco tempo, de formar até tal idade e bem. Uma cobrança social e uma auto cobrança. Que meio que deriva dessa cobrança social (EDILENE, ECONOMIA).*

Pesquisadora: *E qual é o sofrimento na Graduação?*

Entrevistado: *(Silêncio e suspiro) Falando por esse curso, a gente tem o que é popularmente chamado de vida de cão. É, você se preocupar com disciplina, se preocupar... e quando eu digo, é uma preocupação, uma preocupação real (pausa) com tempo de formatura, com o próprio futuro do mercado, porque, enquanto você está aqui dentro, tem pessoas se formando (incompreensível) tem pessoas que vão se ocupando vagas de emprego. Então, o tempo que você tá aqui, está sendo perdido (pausa). Então, o, o que, o que eu vejo é que a, a questão da formatura é como se fosse (pausa) um, o ápice da sua Graduação, mas também um, a porta pra entrar no, num ambiente mais complicado ainda (WASHINGTON, ENGENHARIA DA COMPUTAÇÃO.).*

Pesquisadora: *Quais são os principais problemas de saúde mental que você já percebeu entre os seus colegas?*

Entrevistado: *Principais?*

Pesquisadora: *Sim.*

Entrevistado: *Acho que o medo de reprovar né?*

Pesquisadora: Medo de reprovar?
Entrevistado: Isso.
(DARKSON, ODONTOLOGIA)

Trata-se a imposição do sucesso, da necessidade que se produz no sujeito de ser protagonista de sua história em uma sociedade em que não possibilita a existência de muitos protagonistas (A. M. S., SILVA, 2014). No entanto, problematiza-se que sucesso é esse, quais são os bons resultados, que preço pagam para alcançar essa imagem idealizada. A partir disso, fica subentendida a ideia de uma saúde mental individualizada, limitada ao campo subjetivo e comumente associada a ideia de fracasso, fruto da falta de esforço e dedicação, o que pode acarretar a culpabilização do sujeito. Em contraponto, defende-se a visão da saúde mental que é determinada pelas condições socioculturais em que a universidade está inserida, está por sua vez, para se sustentar, é geradora de pressões e exigências que se movem atreladas ao sistema macrosocial, que repercute nas dimensões microssociais e nos processos de subjetivação. O estudante pobre chegou na universidade e isso representa um avanço, por outro lado, é preciso pensar sobre o apoio que este estudante tem para garantir sua permanência, visto que chegar na universidade não é o suficiente para concluir o ensino superior.

A partir dessas reflexões, concorda-se com Ibrahim e Kelly (2013) ao se considerar que a vulnerabilidade econômica também coloca o indivíduo submisso a uma maior vulnerabilidade psíquica, por isso a importância de lapidar entendimentos sobre pobreza e saúde mental, principalmente na realidade dos estudantes universitários brasileiros. “O modelo econômico brasileiro atual criou um contexto educacional que provoca ansiedade e decepção” (PASCUAL, 2012, p. 98), embora o estudante, muitas vezes não se dê conta de como isso vai sendo produzido. “*Não sei, acho que em algumas situações eu fico bem ansiosa e estressada, mas não sei se isso se configura*” (JULIANA, ECONOMIA). Com isso, temos mais um dado que ratifica a importância de estudos sobre as práticas acadêmicas e a vida estudantil. Toledo, Oliveira e Padovani (2018) apontam que não levar em consideração os índices de estresse ansiedade e depressão pode comprometer a formação acadêmica e a aprendizagem do estudante universitário. Isso se evidencia também na fala de Caio:

Na Medicina. É, e alguns desses momentos (pausa) desses grupos, alguns já já falaram, compartilharam, também, desse problema com ansiedade, de ser algo muito presente, assim, na vida deles, de ser algo, talvez até mais intenso do que aconteceu comigo (CAIO, MEDICINA).

Para Santos-Baggi e Lopes (2011), a experiência universitária envolve embates e duelos frente à novos modos de vida, que implica outras condições psicossociais, novo ciclo de relacionamentos interpessoais, com os professores, com novos métodos de ensino. Acrescente-se a isso ainda os diversos ritmos de aprendizagens, identificação ou não com o curso, dificuldades com avaliações, pressão por rendimentos e aprovações ou reprovações.

O fato de eu ter reprovado foi muito difícil pra mim, então tipo, eu meio que fico tentando me convencer que “tá tudo bem!”, que uma hora ou outra eu vou conseguir organizar as coisas direitinho. Fora isso eu tento dormir, tento disfarçar, tento dar umas pausas quando eu acho que tá assim, demais, que eu não tô conseguindo lidar, então eu tento fazer alguma outra coisa pra me distrair (EDILENE, ECONOMIA).

Olha! Eu já tive muita dificuldade (ênfatisou a palavra muita), eu até tava comentando essa semana no pequeno grupo né, de que teve semestre em que eu não conseguia enfrentar o, a ideia de que eu ia ter que passar mais um semestre aqui, porque (pausa) muita coisa pra estudar, mais aquela pressão das provas e aquela coisa de que eu tinha que tirar notas boas, tinha que gerar bons resultados (CAIO, MEDICINA).

Essas condições exigem maiores capacidades para organizar e administrar o tempo, conduzir seu processo de estudo, sistematizar seu conhecimento a nível verbal e escrito, lidar com avaliações e julgamentos acerca de seu nível intelectual e de sua capacidade cognitiva, ajustar-se a novas regras, envolver-se em outra cultura, dentre outros.

Concluir o ensino superior, para um jovem rural, implica a sobreposição de muitas mudanças que envolvem desde a dinâmica familiar, perpassando a dimensão comunitária, relacional e subjetiva. O modo de vida nos centros urbanos exigirá lidar com o problema da violência, próprio das cidades grandes; com o distanciamento dos vínculos entre os pares; com os grandes deslocamentos e o problema da mobilidade em cidade de maiores portes; a convivência com novas pessoas; a administração de um cotidiano e de uma rotina que exigirá maiores responsabilizações. Isso descreve os reflexos trazidos pelo jovem entrevistado: “O impacto que a gente vem morar só, é ter novas novas experiências, novos colegas que a gente não conhece bastante, o impacto da faculdade, resultado de prova, essas coisas” (FÁBIO, ENGENHARIA ELÉTRICA).

Dentre essas novas experiências, tem-se a exigência por maior a autonomia para gestão das finanças e administração das condições de vida, que geralmente são bem precárias. Tesfaye (2009) aponta alguns fatores associados aos maiores índices de

sofrimento mental dos estudantes universitários, dentre eles estão a inadequação da renda, a falta de condições sanitárias e de lazer, moradias superlotadas e preocupação com a segurança pessoal. Deasy *et al.* (2014) destaca que as condições financeiras, sociais e as pressões provenientes do estudo são os fatores mais preponderantes para a produção de angústia e sofrimento mental dos estudantes.

O ingresso da universidade ainda faz parte do imaginário e dos desejos de muitos jovens brasileiros, nordestinos e cearenses, especialmente aqueles que se dispõem a vivenciarem profundas transformações cotidianas para chegar nesse lugar. Segundo Terra (2014), atualmente a universidade brasileira pública é marcada por uma ambiguidade constitutiva, seria esse um lugar de formação de alunos ou de treinamento de pessoas? Essa inquietação pressiona por pensarmos sobre o modelo de universidade que estamos construímos, para tanto, é importante revisitarmos o passado e olharmos, atentamente, para as transformações do presente, a nível social, cultural, econômico, tecnológico que afetam as relações produzidas no interior do universo acadêmico.

O ensino superior, para o jovem rural, passa a representar uma possibilidade de capacitá-lo para enfrentar o mercado de trabalho, cada vez mais competitivo, e assim não reproduzir a realidade de pobreza vivenciada por suas gerações anteriores em sua comunidade rural (ZAGO, 2016). Assim, pode-se considerar que as questões socioeconômicas são fatores que podem funcionar como mais uma fonte de pressão para o jovem buscar o sucesso acadêmico e uma futura conquista profissional, sendo esta encarada como uma grande possibilidade de superação das condições de pobreza rural da qual vieram. No entanto, evidencia-se a necessidade de compreender a relação entre pobreza, saúde mental e modo de vida dos jovens rurais quando passam a viver nas grandes cidades.

De um modo geral, vê-se que esse jovem de classes populares se depara com uma realidade apontada por Ferreira e Silva (2015), nela eles enfrentam a necessidade de conciliação entre estudo e trabalho, pois “o trabalhador que estuda e que viu nos recentes programas de acesso ao Ensino Superior uma oportunidade, certamente tem preocupações e desafios distintos dos do estudante típico ideal” (JARDIM; ALMEIDA, 2016, p. 76). Sem dúvida, trabalho e estudo são duas variáveis e tendem a se influenciar e interferir no modo de vida do jovem pobre que vem de comunidade rural. O tempo de dedicação aos estudos, as exigências do trabalho, as questões financeiras precárias, o afastamento dos vínculos familiares e a imposição, pelo contexto, de processos pessoais mais autônomos

se misturam compondo a realidade desse jovem rural, pobre, produzindo dificuldades objetivas e subjetivas e gerando impactos para seu investimento acadêmico.

Por consequência, o acesso e a permanência dos jovens pobres e de origem rural no ensino superior geram novas demandas e exigem uma reconfiguração das políticas de assistência estudantil que precisam considerar a saúde mental desses sujeitos, pois “a pobreza é um fator decisivo e tem rebatimentos inequívocos na saúde mental” (DIMENSTEIN *et al.*, 2016, p. 215). É preciso reconhecer as demandas objetivas, nos níveis socioeconômico e estrutural, relacionadas à necessidade de renda, moradia, alimentação, cultura, lazer, e não dissociadas das demandas psíquicas, produzidas frente aos desafios que esses sujeitos enfrentam quando assumem essa nova empreitada.

Tem-se, com isso, um contexto que pressiona por novos olhares e modos de atuação e intervenção multiprofissional, voltados para se pensar estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico ao qual esses jovens estão vulneráveis. Em paralelo, fazem-se necessárias também novas possibilidades de cuidado com a saúde mental dos estudantes, especialmente, os de classe pobre, de origem rural, para que além de chegar no ensino superior, possam permanecer e concluir seus estudos.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Tempo rei, ó, tempo rei, ó, tempo rei
Transformai as velhas formas do viver
(GILBERTO GIL, TEMPO REI)*

Chegar aqui me faz olhar para traz, rever o tempo, reconhecer o presente e reafirmar o desejo de, com esta tese, desconstruir velhas formas de viver. Assumo, não sem temor, o desafio de adotar uma escrita poética e científica, enxergando-as como modos diferentes e necessários para falar da Psicologia que sempre busquei construir, e da juventude, que sempre quis transformar. A tessitura deste estudo também foi movida pela ética que me faz valorizar a articulação entre teoria, prática e compromisso social. Foi uma construção singular e coletiva, ao mesmo tempo, alinhada entre leituras, escritas e vivências. Todas atravessadas pelo tempo, ó, tempo rei.

Este percurso serviu para ratificar a importância de insistir em superar a relação dicotômica entre cognitivo e emocional, entre saúde e doença, entre subjetividade e social. O aprofundamento desse tema veio afirmar sua recenticidade no cenário brasileiro, reafirmar a importância de estudar as implicações psicossociais da pobreza e nos fazer persistir na defesa por uma juventude que sonha, que quer crescer, mas que precisa ser revisitada de novos lugares. Esses novos lugares, que são plurais, estão sendo construídos, por nós, pesquisadores, durante o próprio ato de pesquisar e nos exige mobilização. Tratam-se de lugares cada vez mais necessários, como por exemplo, o lugar da insistência e da resistência.

O desfecho desta pesquisa vai na direção de retomar algumas ponderações importantes, no intuito de aprimorar e fazer os arremates finais desse estudo. Para tanto, resgatar-se-á os objetivos, com vistas à tecer algumas sínteses. O primeiro objetivo específico foi ‘descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana’. Nesse âmbito, percebeu-se que o jovem, ainda que exercendo atividades ligadas ao estudo, apresentou relações com a prática de atividade agrícola, na condição de ajudante do pai na agricultura, ou ajudante da mãe, nas atividades domésticas e familiares.

Foi possível notar que os jovens camponeses que optam por pela migração e pelos estudos, tornam-se uma mão de obra a menos para contribuir com a produção econômica familiar e, além disso, por ser estudante, passam a onerar gastos, o que gera um problema diante do contexto de vida da família rural pobre. Desse modo, a opção pelo estudo pode

ser vista, a priori, com pesar, pois o caminho esperado para esse jovem camponês, exigido por suas próprias condições sociais, é o do trabalho, mais comumente a reprodução das funções familiares e da agricultura.

A partir disso, problematizou-se a naturalização da imagem do jovem camponês associada ao filho de agricultores familiares ou camponeses que vive um período de aprendizagens e preparação para suceder seus pais na agricultura. Esse jovem torna-se, então, parte de uma relação hierarquizada reproduzida de uma geração para outra. Nesse cenário, os jovens deixam de reproduzir a geração dos pais e passam a se constituir como categoria identitária com interesses, gostos e sonhos peculiares, o que os fazem lutar por outras e novas condições de vida, isso inclui usufruir mais possibilidades de educação, cultura, lazer, formação, profissionalização.

É necessário enxergar que as políticas de estímulo para o jovem viver no rural, por vezes, pode funcionar como políticas de fixação do jovem no campo. A questão não está em fixar o jovem no campo, mas criar possibilidades de escolha para aqueles que lá querem permanecer, assim como criar condições para aqueles que querem migrar, mesmo que de forma temporária. Os jovens que vivenciam a realidade de migração para grandes centros urbanos, por serem um grupo marginalizado, podem se deparar com dificuldades tais como, maiores condições de vulnerabilidades psicossociais, insegurança, alto índice de violência na cidade, maiores desigualdades sociais, diversidades culturais, políticas, econômicas e religiosas, dificuldades de locomoção e de interações com os outros.

O segundo objetivo específico foi ‘compreender como se desenvolve o sentimento de comunidade associado ao rural e sua relação com a inserção universitária, os modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade’. Nessa direção, percorreu-se duas direções: a primeira foi identificar como se configurava o sentimento de comunidade e a integração social, a partir dos dados dos questionários de SC e EISES. E o segundo foi construído a partir dos discursos e da visão apresentada pelos jovens, nas entrevistas, nas quais surgiram a reconfiguração dos vínculos com sua comunidade de origem, as experiências de migração e mobilidade, assim como emergiram seus modos de sociabilização, os desafios e dificuldades encontradas na chegada ao ensino superior. Essa duas direções guardam relações entre si, à medida que o índice de SC não manifestou relações significativas com a integração na universidade, e os discursos dos jovens ponderaram que se tratavam de contextos e vínculos diferentes, porém não excludentes. Assim, os resultados apontaram que a integração na universidade pode ser estimulada, à medida em que é oportunizado à esses jovens espaços de sociabilização, participação e

fortalecimento psicossocial, tais como grupos de pesquisa, encontros acadêmicos, formais ou até mesmo relações mais informais, fora da sala de aula, dentre outros espaços que possam ser construtores de vínculos. Esses dados também demonstram a urgência para pensarmos sobre os modos de permanência do estudante na universidade, especialmente, aqueles historicamente excluídos desse nível de ensino.

A partir das análises qualitativas, visualizou-se que a migração rural-urbana se configura de modos diferenciados, nos dias de hoje e isso repercute no modo de compreender o SC. Embora exista o afastamento dos vínculos familiares, a saudade de casa e os desafios provenientes da mudança, existe também um sentimento de pertence e de afeto do jovem para com sua comunidade rural. O mais interessante é que, ainda assim, não há o desejo de permanência no rural, por conta da falta de possibilidade de desenvolvimento educacional e profissional, esses jovens persistem na direção da migração, com o sonho de ocupar outros lugares, onde ter mais chances de escolhas e crescer.

O terceiro objetivo foi ‘conhecer os efeitos do processo de migração rural-urbano para a saúde mental dos jovens camponeses que estão na universidade’. Neste âmbito, delineou-se um esboço histórico e contemporâneo sobre a saúde mental universitária no mundo e no Brasil. Constatou-se que os jovens padecem de um adoecimento psíquico que se manifestou, de forma naturalizada, através de sintomas que se invisibilizam na movimentação e exigências presentes no cotidiano universitário. As dificuldades relacionadas a vivência no ensino superior se reafirmaram a partir do risco de ocorrência de TMC, identificado na fase quantitativa. No entanto, não foi possível especificar, sobre a produção dessa saúde mental, na dimensão diagnóstica, por conta de uma escolha teórica, epistemológica e metodológica. Para isso, sugere-se, em futuros estudos, o arranjo de outros instrumentos mais direcionados à essa perspectiva. O acesso à política estudantil, constituída como fonte de suporte institucional emergiu como um fator que potencializa os jovens perante as dificuldades provenientes da pobreza e do adoecimento. Além disso, pode facilitar caminhos de oportunidades e acesso à educação superior. Nesse cenário, as relações familiares e os vínculos sociais, de um modo geral, se tornam fundamentais para construção de redes de suporte e estratégias de enfrentamento ao adoecimento psíquico.

O objetivo geral foi analisado a partir dos objetivos específicos e consistiu em ‘analisar como as implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano reverberam na saúde mental dos jovens universitários, de origem camponesa’. As

implicações psicossociais dos processos de migração rural-urbano foram identificadas a partir do SC, associado ao rural, da integração social no ensino superior e da saúde mental universitária. Isso foi o mote para a estruturação dos pressupostos, ou hipóteses, desta tese. O primeiro partiu do entendimento que existe um sentimento de comunidade, construído pelo jovem camponês, associado ao rural, que se configura de maneira específica. Isso confirmou-se à medida que os jovens, em seus discursos, reconheceram os vínculos positivos que os unem a sua comunidade, complementadas pelos dados dos questionários que apontaram uma alta frequência de retorno ao lugar. Assim a migração misturava-se ao exercício da mobilidade intensa.

O segundo pressuposto parte da compreensão que esse sentimento de comunidade pode sofrer efeitos a partir dos processos de migração, dos modos de sociabilização e integração dos jovens na universidade. De fato, o SC pode sofrer interferências da migração, no entanto, contraditoriamente, não guarda relações com a inserção desse jovem na universidade. Acredita-se que, além de tratar-se de espaço diferenciados, cada um tem uma representação positiva e potencializadora de vida nesses jovens.

E o terceiro pressuposto indicou que a migração urbano-rural e a inserção universitária pode produzir interferências na saúde mental desses estudantes. Constatou-se que a saúde mental é uma questão presente no cotidiano dos jovens, alguns de maneira positiva e outros de maneira negativa. Trata-se de uma questão que precisa ser problematizada, pois a universidade é um caminho sonhado e desejado por muitos jovens, mas que se deparam com as exigências da adaptação.

Evidencia-se que a questão não é adaptação, mas sim pensar sobre processos de integração, que implica mexer em ambas realidades, a do jovem e a da universidade. Com isso, questiona-se a ideia de adaptação, como uma estratégia de controle do modo de ser desses sujeitos e propõe-se a ideia de integração, que pressupõe mobilização por parte do jovem e do próprio sistema de educação superior. Entende-se que é uma relação dialética, que precisa ser tratada de maneira articulada e crítica. Com isso defendemos a ideia de que não é só chegar na universidade, mas também permanecer e concluir. Isso aponta para a necessidade de políticas de acompanhamento desse estudante, no seu percurso acadêmico. Reconhece-se que já existem algumas ações, à nível internacional e nacional nessa direção, com foco em mentorias, orientações e acompanhamentos através de projetos e programas, dentre as mais próximas da nossa realidade, temos o Programa de Educação Tutorial (PET) e o Programa de Apoio Psicologia e Pedagógico (PAPEU), na

UFC, que podem ser fortalecidos, revisitados e aprimorados, a considerar as multiplicidades que constituem, hoje, o cenário das IES.

É contundente esse realidade impõe novos desafios, especialmente relacionada à saúde mental é atual e está presente na área da Psicologia, porém o mesmo não pode-se dizer quanto às discussões sobre pobreza, juventude camponesa e educação superior. Infelizmente, é preciso insistir o quanto a relação entre pobreza e juventude camponesa ainda é um fenômeno pouco explorado na área da Psicologia e como hoje, mais do que nunca, está preterido pelo poder público. Há dados efetivos para comprovar, cientificamente e concretamente, as transformações que ampliaram o acesso à educação superior entre 2003 e 2015, no entanto, necessitam de sustentação, mais que isso, necessitam ser reafirmadas e refinadas. Nesse propósito, merece dar grande relevância as políticas de incentivo e, principalmente, de permanência de estudantes pobres no ensino superior, como um caminho de superação das desigualdades sociais. A educação superior representa uma direção fundamental para enfrentamento dos ciclos de reprodução da pobreza.

Dentre as dificuldades da pesquisa podemos elencar o acesso aos jovens pesquisados. Devido as exigências do próprio cotidiano acadêmico, muitos argumentavam a falta de tempo disponível para contribuir com a pesquisa. Para superar isso, foi preciso definir diferentes estratégias de inserção no campo. Outro obstáculo foi encontrado pela falta de dados sistematizados e organizados sobre os alunos bolsistas, o que nos exigiu mais tempo e outro modo de condução dos dados. Foi necessário, antes de tudo, preparar esses dados para então, seguir com o percurso metodológico.

Pode-se destacar também a dificuldade de conciliar a pesquisa, como doutoranda, sem bolsa, e a necessidade de trabalhar, em cidades diferentes. Isso foi bastante desafiador. Foi nesse contexto que a necessidade de trabalhar, para concluir o doutorado me obrigou a vivenciar os percalços da migração, que eu explorava na teoria. Estudar na capital e trabalhar no interior, me colocava, de um lado o cansaço, do outro o podium da autonomia. De um lado as dificuldades, do outro o sonho que me alimentava o dia. Nessas circunstâncias, o doutorado me levou a encarar uma área que nunca havia pensado. Foi assim que a temática da saúde mental também reverberou na minha experiência pessoal e exigiu um mergulho vivencial. Houve momentos em que me sustentei graças a um suporte profissional e as redes de afetos. Assim pude identificar o desafio de articular teoria, prática, vivência e compromisso social, no campo da pesquisa em Psicologia.

Vale ressaltar, mais uma vez, que esta pesquisa de doutorado aconteceu em um contexto social, político e econômico marcado por um golpe de estado, o Brasil era governado pela presidenta Dilma que, em agosto de 2016, foi impedida de exercer sua função presidencial. Isso é um marco político que precisa ser registrado e ressaltado, pois a partir da tomada do poder por Temer, começou-se a testemunhar muitos retrocessos nas políticas sociais, como redução dos investimentos em políticas públicas de assistência social, saúde, educação etc. Recorrentemente, vê-se nas entrelinhas das relações sociais, da mídia, do modo de conduzir o país, o quanto a meritocracia está sendo reforçada, a pobreza naturalizada e a educação crítica afastando-se da realidade das pessoas que mais precisam.

Tiveram também as facilidades, a começar pelo meu percurso com juventude, desde a graduação e durante o mestrado. Além disso, a participação no grupo de pesquisa sobre pobreza, do NUCOM e a experiência de supervisão no campo, com jovens rurais também foram fundantes. O auxílio das bolsistas PRAE e da equipe de estudantes da FLF foi imensurável. Podemos citar também as parcerias, pois abriram portas (e janelas) como a direção da UFC, *campus* Sobral e a FLF. Outra dimensão que não pode ser esquecida é a relação de vinculação que já tinha com Sobral, por ser sobralense e ter sido graduada nesta instituição. Portanto, os contatos que já tinha com coordenadores e professores, a história que vive neste lugar, sem dúvidas, foram aspectos facilitadores desta pesquisa.

Quanto às contribuições, pode-se apontar elementos e categorias importantes como saúde mental e sentimento de comunidade, suporte social e integração social. Foi possível reafirmar a saúde mental, para além da psicopatologia e, questioná-la a partir de um contexto sócio-político mais favorável ao adoecimento psíquico. Além disso, visibilizar a juventude camponesa, pobre e universitária, são interposições inéditas, num tempo histórico, também inédito, em que o ensino superior passou a aderir novos perfis de estudantes. Ressignificar a ideia de que sentimento de comunidade está muito para além do retorno a sua comunidade também foi um dado relevante.

Foi possível apontar a complexidade das discussões em torno da saúde mental no ensino superior; problematizar a questão do sentimento de comunidade desse estudante e a importância da universidade assumir sua responsabilidade, com o ônus e o bônus de ser produtora dos impactos acadêmicos e subjetivos nos alunos. Tudo isso pressiona pela necessidade de pensar estratégias de apoio e suporte que devem ser parte de um conjunto de intervenções psicossociais a serem pensadas ao contexto da universidade. Reconhece-se a limitação de não ter dado conta de aprofundar todos os dados quantitativos e

qualitativos produzidos e da gama de análises que poderiam ter ampliado e levado os dados para outros horizontes.

Como indicações para estudos futuros pode-se sugerir adentrar questões sobre a integração do jovem no ensino superior, os impactos dos professores para a saúde mental dos estudantes, bem como o entendimento sobre o sentimento de comunidade e a relação com o projeto de vida desse jovem. Pode-se indicar ainda, que nós, psicólogos e psicólogas, possamos nos apropriar das possibilidades de pesquisa mista em Psicologia, sem abrir mão da perspectiva crítica e libertadora. Outra proposta foi gestada no campo pesquisado e vai na direção de sugerir estudos sobre a saúde mental dos estudantes da área de engenharia, pois particularmente, esse perfil demonstrou diferenciais e demandas específicas que não puderem ser introduzidas neste estudo, sob risco de perder o foco dos nossos objetivos.

Por fim, o fato é que não se tem ciência de todos os caminhos da libertação, mas acredita-se que esse estudo possa oferecer uma das direções, que não está dada, pré-definida, mas que pode e precisa ser construída, com (cons)ciência, poesia, arte, política e resistência.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: Ipea, jan. 2000. (Texto para Discussão, n. 702). Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_0702.pdf - Acesso em: 22 abr. 2018.
- ABRANTES, A. A.; BULHÕES, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes: juventude e trabalho. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Org.). **A periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. p. 241-265.
- ABREU, M. K. A. **Implicações psicossociais da pobreza na permanência de estudantes de Universidades públicas do Ceará**. 2019. 271f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.
- ALEXANDRO DA SILVA. **Permanência estudantil no ensino superior: intersecções entre saúde mental e políticas Públicas**. In: OLIVEIRA, N. R. C. (org.). Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano do universitário. Campinas, SP: Papyrus, 2018. Disponível em: <http://vitormarinho.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/726/Ebook-%20Qualidade%20de%20vida%20esporte%20lazer%20universitario.pdf?sequence=1&isAllowed=y> – Acesso em 12 jul. 2019.
- ACCORSI, M. P. **Atenção psicossocial no ambiente universitário: um estudo sobre a realidade dos estudantes de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina**. 2015. 105 f. Dissertação (Programa de Mestrado Profissional em Saúde Mental e Atenção Psicossocial) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- ALCANTARA, S. C.; ABREU, D. P.; FARIAS, A. A. Pessoas em Situação de Rua: das Trajetórias de Exclusão Social aos Processos Emancipatórios de Formação de Consciência, Identidade e Sentimento de Pertença. **Revista Colombiana de Psicologia**, Porto Alegre, v. 24, n. 1, p.129-143, dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/rcps/v24n1/v24n1a09.pdf> - Acesso em: 22 mar. 2018.
- ALKAN, N. Psychological sense of university membership: an adaptation study of the PSSM scale for Turkish university students. **Journal of Psychology**, v. 150, n. 4, p. 431-449, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/00223980.2015.1087373> - Acesso em: 23 mar. 2018.
- ALMEIDA, S. **Saúde mental global, a depressão, a ansiedade e os comportamentos de risco nos estudantes do ensino superior: estudo de prevalência e correlação**. Universidade Nova de Lisboa, 2014.
- ALVES, M. DE F.; VINHA, J. F. DE S. C. **A juventude camponesa e a sua organização social e política: o território como categoria analítica**. Publicado em 20 dez 2015, no site da PJR – pastoral da juventude rural. Disponível em:

<https://pjrbrasil.org/2015/12/20/a-juventude-camponesa-e-a-sua-organizacao-social-e-politica-o-territorio-como-categoria-analitica/> - Acesso em: 05.02.19, às 01h.

ALVES, M. F.; VINHA, J. F. S. C. **A juventude camponesa e a sua organização social e política: o território como categoria analítica.** PJR, 20 dez. 2015. Disponível em: <https://pjrbrasil.org/2015/12/20/a-juventude-camponesa-e-a-sua-organizacao-social-e-politica-o-territorio-como-categoria-analitica/>> - Acesso em: 5 fev. 2019.

ALVES, M. Z.; DAYRELL, J. T. Transnacionalismo, juventude rural e a busca de reconhecimento. Educ. **Pesqui. [online]**. 2015, vol.41, n.spe, pp.1455-1471. ISSN 1517-9702 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-9702201508143396>. – Acesso em 23 set. 2018.

ANSELMINI, L. *et al.* Prevalência e determinantes precoces dos transtornos mentais comuns na coorte de nascimentos de 1982. **Revista Saúde Pública**, Pelotas, v. 42, p. 26-33, 2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/672/67240173005.pdf> - Acesso em: 23 mar. 2018.

ARANTES, A. A.; BULHÕES, L. Idade adulta e o desenvolvimento psíquico na sociedade de classes – juventude e trabalho. In: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (org.). **A periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico- do nascimento a velhice.** Campinas: SP: Autores Associados, 2017. Coleção educação contemporânea.

ARAÚJO, K. J. S. *et al.* Sofrimento mental: avaliação em uma universidade americana. **Revista Educação Saúde**, v. 4, n. 2, p. 64-71, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/educacaoensaude/article/download/2018/1800/> - Acesso em: 14 mar. 2018.

ARAÚJO, M. F. M. *et al.* Avaliação da qualidade do sono de estudantes universitários de Fortaleza-ce. **Texto Contexto Enfermagem**, Florianópolis, 2013 Abr-Jun; 22(2): 352-60. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n2/v22n2a11> - Acesso em 28.10.19

ARIÑO, D. O.; BARDAGI, M. P. **Relação entre Fatores Acadêmicos e a Saúde Mental de Estudantes Universitários.** *Psicol. Pesquisa* Juiz de Fora, 12(3), 44-52, Setembro-Dezembro de 2018. DOI: 10.24879/2018001200300544. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psipesq/v12n3/05.pdf> - Acesso em 12 dez 2019

ASTIGARRA, A. A. Estratégias de acesso ao Ensino Superior entre Jovens universitários com experiência de trabalho na infância. **Educação Temática Digital**, Campinas, v.12, n. esp., p.1-23, set. 2010. Disponível em: <http://www.educacion.udc.es/grupos/gipdae/documentos/congreso/Xcongreso/pdfs/t11/t11c383.pdf> - Acesso em: 21 maio 2018.

AYRES, J. R. **Epidemiologia e emancipação.** São Paulo: Hucitec, 2002.

BAENINGER, R. Rotatividade migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 20, n. 39, p. 77-

100, jul./dez. 2012. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042016005> - Acesso em: 23 mar. 2018.

BARBIERI, A. F. Mudanças climáticas, mobilidade populacional e cenários de vulnerabilidade para o Brasil. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 19, n. 36, p. 95-112, jan./jun. 2011. Disponível em:

<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=407042013005> - Acesso em: 23 mar. 2018.

BARBOSA, M. S. **Relações entre os valores do Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) e os valores humanos de seus participantes**. 2016.

Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em:

http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/21860/1/2016_dis_msbarbosa.pdf -

Acesso em: 14 maio 2018.

BARCELLOS, S. B. A formulação das políticas públicas para a juventude rural no Brasil e os elementos constitutivos desse processo social. **Mundo Agrario**, v. 16, n. 32, 2015. Disponível em:

<https://www.mundoagrario.unlp.edu.ar/article/view/MAv16n32a10> - Acesso em: 6 mar. 2018

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 1977.

BECKER, A. P. S.; BORGES, L. M. Dimensões psicossociais da imigração no contexto familiar. **Boletim Academia Paulista de Psicologia**, São Paulo, v. 35, n. 88, p. 126-144, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/946/94640400009.pdf> - Acesso em: 17 jul. 2018.

BENATOV, J. *et al.* The association between gender, ethnicity, and suicidality among vocational students in Israel. **Suicide and Life-Threatening Behavior**, 2017.

Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/sltb.12332> - Acesso em: 5 jun. 2018.

BÍRÓ, É.; VERES-BALAJTI, I.; KÓSA, K. Social support contributes to resilience among physiotherapy students: a cross sectional survey and focus group study.

Physiotherapy, v. 102, n. 2, p. 189-195, 2016. Disponível em:

<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0031940615037840> - Acesso em: 5 jun. 2018.

BISPO, C. L. S.; MENDES, E. P. P. Rural/urbano e campo/cidade: características e diferenciações em debate. *In*: Encontro Nacional de Geografia Agrária, 21, 2012, Uberlândia. **Tópico temático...** Uberlândia: UFU, 2012, p. 1-22. Disponível em:

http://www.lagea.ig.ufu.br/xxlenga/anais_enga_2012/eixos/1032_1.pdf - Acesso em: 23 mar. 2018.

BOATH, E. *et al.* Don't go with the 'FLO' – a student mobile texting service to enhance nursing student retention. **Nurse Education Today**, Shrewsbury, v. 45, p. 80-86, 2016.

Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691716301149> - Acesso em: 27 ago. 2018.

BOLSONI-SILVA, A. T.; GUERRA, B. T. O impacto da depressão para as interações sociais de universitários. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Bauru, v. 14, n. 2, p. 429-452, 2014. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/12649/9823> - Acesso em: 13 abr. 2018.

BONOMO, M.; SOUZA, L. Representações hegemônicas e polêmicas no contexto identitário rural. **Avances en Psicología Latinoamericana**, Bogotá, v. 31, n. 2, p. 402-418, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/799/79928611008.pdf> - Acesso em: 27 maio 2018.

BORROTT, N. *et al.* Nursing students' belongingness and workplace satisfaction: Quantitative findings of a mixed methods study. **Nurse Education Today**, v. 45, p. 29-34, out. 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691716301009> - Acesso em: 21 ago. 2018.

BOSI, M. L. M. Problematizando o conceito de risco em diretrizes éticas para pesquisas em ciências humanas e sociais na Saúde Coletiva. **Ciências e saúde coletiva [online]**. 2015, vol.20, n.9, pp.2675-2682. ISSN 1413-8123. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232015209.11392015> - Acesso 25 set. 2019.

BRANDÃO, G. G. Investigações sobre a experiência em ecologia profunda. **Rev. NUFEN** vol.9 no.2 Belém, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000200006 – Acesso 23 ago. 2018.

BRANDTNER, M.; BARDAGI, M. Sintomatologia de depressão e ansiedade em estudantes de uma universidade privada do Rio Grande do Sul. **Rev. Interinst. Psicol. [online]**. 2009, vol.2, n.2, pp. 81-91. ISSN 1983-8220. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1983-82202009000200004 – Acesso em 31 jun. 2019.

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social (MDS). Programa Bolsa Família (PBF). Secretaria de Assistência Social: 2010. Brasília, Brasil.

BRASILEIRO, A. M. A emoção nas interações em sala de aula: (re)conhecer para intervir. **Revista Primeira Escrita**, Aquidauana, n. 1, p. 9-26, nov. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/202>

BREAKWELL, G. M. *et al.* **Métodos de Pesquisa em Psicologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. *In*: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G (Org.). **Juventude Rural em Perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 35-51.

CAETANO, E.; AZEVEDO, E. E. F. N. Políticas Públicas e Juventudes: Algumas particularidades do caso brasileiro. **Polis**, Santiago, v. 16, n. 48, p. 37-59, 2017.

Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/305/30554026003.pdf> - Acesso em: 13 set. 2018.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, set./out. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5> - Acesso em: 6 abr. 2018.

CAMURÇA, C. E. S. **Implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de uma comunidade rural cearense**. 2014. 128 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/10948/1/2014_dis_cescamurca.pdf - Acesso em: 5 mar. 2019.

CANDAU, V. M. F. Diferenças culturais, interculturalidade e educação em direitos humanos. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 118, p. 235-250, jan./mar. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/873/87322726015.pdf> - Acesso em: 16 jun. 2019.

CANIELLO, M. Identidade e qualidade de vida nos Territórios da Cidadania. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 300-334, set./dez. 2016. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/64671/39191> - Acesso em: 15 fev. 2019.

CARLOTTO, M. S. *et. al.* Transtornos Mentais Comuns e fatores associados em trabalhadores: uma análise na perspectiva de gênero. **Caderno de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 172-178, 2011.

CARNEIRO, M. J. O ideal urbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. *In*: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (Org.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CARRANO, P. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. *In*: SPOSITO, M. P. (Coord.). **Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006)**. 1. ed. Belo Horizonte: Argumentum, 2009. v. 1, p. 179-228. Disponível em: <http://coletivoepa.pbworks.com/f/EstadoArte-Vol-1-LivroVirtual.pdf#page=180> - Acesso em: 29 out. 2018.

CARREÑO, J. S.; CALDERA, Y. Planificación y participación comunitaria en el contexto universitario. **Investigación y Postgrado**, Caracas, v. 28, n. 2, p. 61-79, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/658/65842646004.pdf> - Acesso em: 15 fev. 2019.

CARVALHO, M. A. A. S.; XIMENES, V. M.; BOSI, M. L. M. Processos de fortalecimento em um Movimento Comunitário de Saúde Mental no Nordeste do Brasil: novos espaços para a loucura. **Aletheia**, Canoas, n. 37, p. 162-176, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1150/115026222012.pdf> - Acesso em: 2 maio 2018.

CASSAB, M. A. T.; MATTOSO, F. A. Cidade, trabalho e consumo: a experiência dos jovens pobres na contemporaneidade. **Revista de Políticas Públicas**, São Luís, v. 14. n. 1, p. 121-130, jan./jun. 2010. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3211/321127307013.pdf> - Acesso em: 4 fev. 2019.

CASTRO, E. G. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural. 2005. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, E. G. Juventude rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 7, n. 1, p. 179-208, jan./jun. 2009. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/773/77307108.pdf> - Acesso em: 28 nov. 2018.

CASTRO, J. A.; AQUINO, L. **Juventude e políticas sociais no Brasil**. Brasília: Ipea, 2008. (Texto para Discussão, n. 1335). Disponível em:

<https://www.econstor.eu/bitstream/10419/91333/1/577093533.pdf> - Acesso em: 12 dez. 2015.

CASTRO-SILVA, C. R. *et al.* Participação social e a potência do agente comunitário de saúde. **Psicologia e Sociedade**, Minas Gerais, v. 26, n. 2, p. 113-123, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309332930012.pdf> - Acesso em: 3 jan. 2019.

CAVALCANTE, M. A. M.; SILVA, V. Juventudes rurais de São Mateus-Castelo do Piauí (PI): escassez, projetos de autonomia e vivências do trabalho nos trânsitos migratórios. In: LUZ, L. C. X.; ADAD, S. J. H. C.; SILVA, V. (Org.). **Juventudes rurais e urbanas: territórios, culturas, sociabilidades e identidades**. Teresina: ADUFPI, 2016. v. 1, p. 263-290.

CEARÁ, Secretaria dos Recursos Hídricos do Estado do Ceará, 2010. **Programa de Ação Estadual de Combate à Desertificação e Mitigação dos Efeitos da Seca – PAE-CE**. Fortaleza: Ministério do Meio Ambiente, 2010.

CERCHIARI, E. A. N.; CAETANO, D.; FACCENDA, O. Prevalência de transtornos mentais menores em estudantes universitários. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 3, p. 413-420, set./dez. 2005. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/261/26110310.pdf> - Acesso em: 14 maio 2018.

CERVELLÓ, E. *et al.* Ejercicio, bienestar psicológico, calidad de sueño y motivación situacional en estudiantes de educación física. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia, v. 14, n. 3, p. 31-38, set./dez. 2014. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/2270/227032542004.pdf> - Acesso em: 17 dez. 2018.

CIDADE, E. C. **Juventude em condições de pobreza, modos de vida e fatalismo**. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CIDADE, E. C.; MOURA JÚNIOR, J. F.; XIMENES, V. M. Implicações Psicológicas da vida em condições de pobreza para o povo latino-americano. **Psicologia Argumento**,

Curitiba, v. 30, n. 68, p. 87-98, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20087/19367> - Acesso em: 19 jul. 2017.

CIDADE, E.C. **Estratégias psicossociais de enfrentamento à pobreza: um estudo sobre o fatalismo e a resiliência em pessoas residentes na zona rural brasileira.** 2019. 300f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2019.

CÔCO, V. *et al.* Juventude e ensino superior: impactos da inserção universitária na vida de estudantes de classes populares. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, n. 32, p. 33-50, set./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/715/71530929003.pdf> - Acesso em: 25 out. 2017.

CONRADSON, D. Fostering student mental well-being through supportive learning communities. **The Canadian Geographer**, Canterbury, v. 60, n. 2, p. 239-244, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/cag.12276> - Acesso em: 24 nov. 2017.

CORIOLOANO, L. N. M. T. **Do local ao global: o turismo litorâneo cearense.** Campinas: Papirus, 1998. Disponível em: http://www.uece.br/mag/dmdocuments/luzia_neide_m_t_coriolano.pdf - Acesso em: 4 mar. 2019.

CORROCHANO, M. C. Jovens trabalhadores: expectativas de acesso ao ensino superior. **Avaliação**, Sorocaba, v. 18, n. 1, p. 23-44, mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2191/219125744003.pdf> - Acesso em: 25 nov. 2016.

COSTA, E. S.; LEAL, I. Um olhar sobre a saúde psicológica dos estudantes do ensino superior – avaliar para intervir. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PSICOLOGIA DA SAÚDE, 7. 2008, Porto. **Atas**. Porto: Universidade do Porto, 2008.

COSTA, M. G. S. G.; DIMENSTEIN, M. D. B.; LEITE, J. F. Condições de vida, gênero e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 19, n. 2, p. 145-154, abr./jun. 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/261/26132115007.pdf> - Acesso em: 19 nov. 2018.

COSTA, S. L.; MACIEL, T. M. F. B. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 61, n. 1, p. 60-72, 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2290/229019189007.pdf> - Acesso em: 15 out. 2019.

COUTINHO, C. M. F. *et al.* O Rural está no Urbano, o Urbano está no Rural: considerações a partir do espaço. **Revista Desenvolvimento Social**, v. 3, n. 10, p. 63-73, 2013.

CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e mistos.** Tradução de Magda Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CUNHA, M. A. A. Expectativas de jovens camponeses na universidade: os desafios de uma formação em nível superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v. 36, n. 1, p. 263-283, jan./jun. 2011. DOI 10.5216/ia.v36i1.15040. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/15040> - Acesso em 27 julh. 2019.

DAMÁSIO, B. F. Uso da análise fatorial exploratória em psicologia. **Aval. psicol.**, Itatiba, v. 11, n. 2, p. 213-228, ago. 2012. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712012000200007&lng=pt&nrm=iso - Acesso em: 28 out. 2018.

DAMASCENO, M. F. B.; MENDES, L. M. S. Análise dos usos múltiplos e impactos ambientais em área rural: açude do rio Caxitoré, Ceará. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, n3, p. 253-259, jul./dez. 2015. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/5528/552856412024.pdf> - Acesso em 16 abr. 2019.

DANTAS, S. D. *et al.* Identidade, migração e suas dimensões psicossociais. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 18, n. 34, p. 45-60, jan. jun. 2010. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/4070/407042011004.pdf> - Acesso em 2 fev. 2019.

DANTAS, S. Saúde mental, interculturalidade e imigração. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 55-70, jul./ago./set. 2017. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142368/137500> - Acesso em: 25 mar. 2019.

DEASY, C. *et al.* Psychological distress and coping amongst higher education students: A mixed method enquiry. **Plos One**, v. 9, n. 12, p. 1-23, 15 dez. 2014. Disponível em:

<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0115193> - Acesso em: 6 dez. 2018.

DEGGERONE, Z. A.; LAROQUE, L. F. S.; BARDEN, J. E. Agricultura familiar: o trabalho dos jovens na gestão e reprodução de um modo de vida na região alto Uruguai, Rio Grande do Sul. **Boletim Goiano de Geografia**, vol. 34, núm. 2, mayo-agosto, 2014, pp. 367-379, Universidade Federal de Goiás. Goiás, Brasil. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/3371/337131734011.pdf> - Acesso em 05 out. 2019.

DERIGNE, L. A.; BURKI, A.; STODDARD-DARE, P. Academic Disruption and Substance Use Disorders: University-Based Treatment Facilities. **Health and Social Work**, v. 41, n. 3, p. 201-204, ago./25 maio 2016. Disponível em:

<https://academic.oup.com/hsw/article/41/3/201/1749644/> - Acesso em 5 fev. 2019.

DIMENSTEIN, M. *et al.* Iniquidades sociais e saúde mental no meio rural. **Psico-USF**, Campinas, v. 22, n. 3, p. 541-553, dez. 2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-82712017000300541&lng=en&nrm=iso - Acesso em: 23 abr. 2017.

DIMENTEIN, M. *et al.* Padrão de consumo de álcool em assentamentos rurais nordestinos. In: DIMENSTEIN, M. *et al.* (Org.). **Condições de vida e saúde mental em contextos rurais**. São Paulo: Intermeios, 2016.

DINIZ, A. M. Escala de Integração Social no Ensino Superior – **Revista e Aumentada (EISES-R)**, 2009. (Instrumento não publicado).

DINIZ, A. M.; ALMEIDA, L. S. Adaptação à Universidade em estudantes de primeiro ano: Estudo diacrônico da interação entre o relacionamento com pares, o bem-estar pessoal e o equilíbrio emocional. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 24, n. 1, p. 29-38, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aps/v24n1/v24n1a04.pdf> - Acesso em: 21 abr. 2018.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em Revista*, Curitiba, N. 24, p. 213-225, 2004.

DURAN, N. O.; YÜKSEL, A. The effects of coping humor and gender on college adjustment in Turkish freshmen. **Education**, Alabama, v. 130, n. 3, p. 470-478, 2010. Disponível em: https://go.gale.com/ps/i.do?v=2.1&it=r&sw=w&id=GALE%7CA222314895&prodId=AONE&sid=googleScholarFullText&userGroupName=ufc_br - Acesso em: 15 set. 2018.

ERIKSON, E. H. *Identity: Youth and Crisis*. New York: Norton, 1968.

ESPIRITO SANTO, H.; MATRENO, J. University students psychopathology: correlates and the examiner's potential bias effect. **Revista Portuguesa de Investigação Comportamental e Social**, v. 1, n. 1, p. 42-51, 28 fev. 2015. Disponível em: <https://rpics.ismt.pt/index.php/ISMT/article/view/10/11> - Acesso em: 6 fev. 2019.

FACCI, M, G, D. A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev, Elkonin e Vigotski. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 64-81, abr. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v24n62/20092.pdf> - Acesso em: 4 mar 2019.

FARIAS, T. M.; PINHEIRO, J. Q. Vivendo a vizinhança: Interfaces pessoa-ambiente na produção de vizinhanças “vivas”. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 27-36, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2871/287127997004.pdf> - Acesso em: 21 maio 2018.

FAVERO, E. *et al.* Percepção de risco ambiental: uma análise e a partir de anotações de campo. **Interamerican Journal of Psychology**, San Juan, v. 50, n. 1, p. 64-74, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/284/28446021008.pdf> - Acesso em: 25 nov. 2018.

FERNANDES, A. B.; FREITAS, M. C. C.; CARNEIRO, S. N. V. **Didática no ensino superior: possibilidades e práticas. Momentos diálogos em educação**. v. 28, n. 1 (2019). Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7308/5793>, Acesso em 17 fev. 2019.

FERRAZ, M. F.; PEREIRA, A. S. A dinâmica da personalidade e o homesickness (saudades de casa) dos jovens estudantes universitários. **Psicologia, Saúde & Doenças**, 2002, 3 (2), 149-164. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/psd/v3n2/v3n2a04.pdf> - Acesso em 07 nov. 2019.

FERREIRA, D. M.; SILVA, M. E. L. Condições objetivas e investimentos acadêmicos dos estudantes do ensino superior. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 130, p. 101-115, jan./mar. 2015. Disponível em:

<https://www.redalyc.org/pdf/873/87339466007.pdf> - Acesso em: 28 jan. 2019.

FERREIRA, E. B. Plano de Desenvolvimento da Educação - PDE. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. (Org.). **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, 2010. Disponível em:

<http://www.gestrado.net.br/pdf/318.pdf> - Acesso em: 11 mar. 18.

FIELD, A. **Descobrimo a estatística usando o SPSS**. 2. Ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **II Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior**. Brasília: Fonaprace, 66 p., 2011. Disponível em: http://www.andifes.org.br/wp-content/files_flutter/1377182836Relatorio_do_perfi_dos_estudantes_nas_universidades_federais.pdf - Acesso em: 8 dez. 2017.

FONAPRACE – FÓRUM NACIONAL DE PRÓ-REITORES DE ASSUNTOS COMUNITÁRIOS E ESTUDANTIS. **IV Pesquisa do Perfil Socioeconômico e Cultural dos Estudantes de Graduação das Instituições Federais de Ensino Superior Brasileiras**. Brasília: Fonaprace, 291 p., 2014.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREITAS, I. C. M.; BRAGA, J. R. M. Os universitários viajantes: suas práticas e sociabilidades. **O público e o privado**, n. 21, p. 91-108, jan./jun. 2013. Disponível em: <http://www.seer.uece.br/?journal=opublicoeoprivado&page=article&op=view&path%5B%5D=651&path%5B%5D=755> - Acesso em: 17 out. 2017.

FREITAS, R. C. A.; SANTOS, M. L. G.; QUEIROZ, L. M. Checklist das monocotiledôneas do Ceará, Brasil. **Revista Caatinga**, Mossoró, v. 24, n. 2, p. 75-84, abr./jun. 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2371/237117605011.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

FURLANI, D. D.; BOMFIM, Z. Á. C. Juventude e afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia e Sociedade**, Minas Gerais, v. 22, n. 1, p. 50-59, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3093/309326443006.pdf> - Acesso em: 31 jan. 2019.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 23, n.1, p. 183-184, jan./mar. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/ress/2014.v23n1/183-184/pt> - Acesso em: 27 out. 2017.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, v. 5, p. 61, 2002.

- GIULIETTI, A. M.; CONCEIÇÃO, A.; QUEIROZ, L. P. Diversidade e caracterização das fanerógamas do semi-árido brasileiro. **Associação Plantas do Nordeste**, Recife, v.1, p. 68-73, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258619695_Diversidade_e_caracterizacao_da_s_Fanerogamas_do_Semi-arido_Brasileiro_Bignoniaceae - Acesso em: 3 mar. 2019.
- GÓIS, C. W. L. **Psicologia Comunitária: atividade e consciência**. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire de Estudos Psicossociais, 2005.
- GÓIS, C.W. **Saúde Comunitária: pensar e fazer**. São Paulo, SP: Hucitec, 2008.
- GONÇALVES, D. M.; STEIN, A. T.; KAPCZINSKI, F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 380-390, fev. 2008. Disponível em: https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0102-311X2008000200017&script=sci_arttext&tlng=pt - Acesso em: 6 jun. 2018.
- GRIEP, R. H. **Confiabilidade e Validade de Instrumentos de Medida de Rede Social e de Apoio Social utilizados no estudo Pró-saúde**. Rio de Janeiro. Doutorado em Saúde Pública). Ministério da Saúde, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 177p. 2003.
- GROPPO, L. A. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista de Educação do Cogeime**, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.
- GROPPO, L. A. Juventudes e políticas públicas: comentários sobre as concepções sociológicas de juventude. **Desidades, revista eletrônica de divulgação da infância e juventude**, Rio de Janeiro, n. 14, p. 9-17, mar. 2017. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/desi/v14/n14a02.pdf> - Acesso em: 14 jul. 2018.
- GUIRRADO, G. M. P.; PEREIRA, N. M. P. Uso do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) para determinação dos sintomas físicos e psicoemocionais em funcionários de uma indústria metalúrgica do Vale do Paraíba/SP. **Cad. Saúde Colet.**, 2016, Rio de Janeiro, 24 (1): 92-98. Disponível em <http://abramge-uca.com.br/wp-content/uploads/2016/06/Uso-do-Self-Reporting-Questionnaire-SRQ-20-em-uma-industria-metalurgica.pdf>
- HAIR, J.F. *et al* **Análise multivariada de dados**. Porto Alegre: Bookman. 2009.
- HANSONA, J. M. *et al*. Evaluating the influence of peer learning on psychological well-being. **Teaching in Higher Education**, v. 21, n. 2, p.191-206, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13562517.2015.1136274> - Acesso em: 10 ago. 2017.
- HARDING, T. W. *et al*. Mental disorders in primary health care: a study of their frequency and diagnosis in four developing countries. **Psychol Med.** 1980;10(2):231-41. <http://dx.doi.org/10.1017/S0033291700043993> Acesso em: 16 ago. 2010.

HAWKINS, A.; JONES, K.; STANTON, A. A mentorship programme for final-years students. **The Clinical Teacher**, Swindon, v. 11, n. 5, p. 345-349, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/tct.12149> - Acesso em: 22 fev. 2019.

HONDA, K. *et al.* Japanese nursing students' sense of belonging: a story of Uchi (insider) and Soto (outsider). **Nurse Education in Practice**, v. 20, p. 85-92, 2016. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1471595316300592> - Acesso em: 16 nov. 2018.

IBRAHIM, A. K.; KELLY, S. J. Socioeconomic status and the risk of depression among UK higher education students. **Social Psychiatry and Psychiatric Epidemiology**, v. 48, n. 9, p. 1491-1501, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s00127-013-0663-5> - Acesso em: 1 dez. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores, 2005**. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. 274 p. Disponível em: < <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv98887.pdf> >. Acesso em: 10 jan. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA - IBGE. **Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2012**.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. **Evolução do Ensino Superior: 1980-1998**. Brasília, 1999.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. **Sinopse Estatística da Educação Superior. 2000**. Brasília: O Instituto, 2001.

IPEA, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Publicações. Lista completa, 2008. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_alphacontent§ion=31&category=306&Itemid=357 – Acesso 20 mar. 2018.

JARDIM, F. A. A.; ALMEIDA, W. M. Expansão recente do ensino superior brasileiro: (novos) elos entre educação, juventudes, trabalho? **Linhas Críticas**, Brasília v. 22, n. 47, p. 63-85, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1935/193549427005.pdf> - Acesso em: 7 abr. 2017.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, v. 84, p. 94-104, 2006. Disponível em: <http://www.agb.org.br/publicacoes/index.php/boletim-paulista/article/view/730/613> - Acesso em: 4 mar. 2019.

KAPLAN, R. M. Quality of life, resource allocation and the U.S. health-care crisis. Em J. E. Dimsdale & A. Baum (Orgs.), **Quality of life in behavioral medicine research** (pp. 3-30). Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1995.

KARNAL, C. L. *et al.* Fatores de proteção em estudantes bolsistas do Programa Universidade para Todos. **Psicologia Escolar e Educacional**, Paraná, v. 21, n. 3, p. 437-446, set./dez. 2017. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/pdf/2823/282353802010.pdf> - Acesso em: 21 maio 2019.

KEDARI, A.; ABHYANKAR, S. Personality, readjustment and stress of migrant students. **Indian Journal of Health and Wellbeing**, Pune, v. 6, n. 3, p. 328-330, mar. 2015. Disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/Shobhana_Abhyankar/publication/282851809_Personality_readjustment_and_stress_of_migrant_students/links/561e92d308aef097132cba8d.pdf - Acesso em: 11 out. 2017.

KUMMER, R.; COLOGNESE, A. S. Juventude rural no brasil: entre ficar e partir. *Revista tempo da ciência*, v. 20, n. 39 (2013). Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9817> - Acesso em 15 abr 2019.

LACERDA, J. R.; REIS, S. M.; SANTOS, N. A. Os fatores extrínsecos e intrínsecos que motivam os alunos na escolha e na permanência no curso de ciências contábeis: um estudo da percepção dos discentes numa universidade pública. **Enf. Rev. Cont.**, UEM-Paraná, v.7, n.1, p. 67-81, jan-abril 2008. DOI: 10.4025/enfoque.v27i1.7165. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/230718886_Os_fatores_extrinsecos_e_intrinsecos_que_motivam_os_alunos_na_escolha_e_na_permanencia_no_curso_de_ciencias_contabeis_um_estudo_da_percepcao_dos_discentes numa universidade publica_-_doi_104025enfoque - Acesso 03 mar. 2019.

LARANJEIRA, D. H. P.; IRIART, M. F. S.; RODRIGUES, M. S. Problematizando as transições juvenis na saída do ensino médio. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 117-133, jan./mar. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656124> - Acesso em: 25 mar. 2019.

LARDIER JR.,DT., REID, RJ., GARCIA-REID, P. Validation of the Brief Sense of Community Scale among youth of color from an underserved urban community. **J. Community Psychol.** 46, 2018. DOI: 10.1002/jcop.22091. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/325470552_Validation_of_the_Brief_Sense_of_Community_Scale_among_youth_of_color_from_an_underserved_urban_community - Acesso 15 Abr. 2019.

LEITE, J. F. *et al.* **A formação em Psicologia para a atuação em contextos rurais.** In LEITE, J. F; DIMENSTEIN, M. (Orgs.), *Psicologia e contextos rurais* (pp. 27-55). Natal: EDUFRN, 2013.

LEVETT-JONES, T. *et al.* Staff-student relationships and their impact on nursing students' belongingness and learning. **Journal of Advanced Nursing**, Lima, v. 65, n. 2, p. 316-324, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2008.04865.x> - Acesso em: 11 out. 2018.

LONG, D. A.; PERKINS, D. D. Confirmatory factor analysis of the sense of community index and development of a brief SCI. **Journal of community psychology**, 31,3, p. 279–296, 2003.

MACÊDO, G. M.; CARVALHO, N. M. C. Mobilidade humana e subjetividade: por uma psicologia da deriva. **Revista Passagens**, Fortaleza, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2011. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/passagens/article/view/1143> - Acesso em: 5 mar. 2019.

MACEDO, J. P. *et al.* Condições de vida, pobreza e consumo de álcool em assentamentos rurais: desafios para atuação e formação profissional. **Pesqui. prá. Psicossociais**, vol.11 no.3 São João del-Rei set./dez. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082016000300003 – Acesso em 10 mar. 2019.

MACEDO, J. P. *et al.* A regionalização da saúde mental e os novos desafios da Reforma Psiquiátrica Brasileira. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n.1, p.155-170, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902017165827> - Acesso em: 29 mar. 2018.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. Efeitos do saber-fazer de psicólogos na saúde mental do Piauí. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, n. 1, p. 37-45, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/1034> - Acesso em: 29 mar. 2018.

MAGALHÃES, M. O. Sucesso e fracasso na integração do estudante à universidade: um estudo comparativo. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 215-226, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/2030/203030931007.pdf> - Acesso em: 15 maio 2018.

MALLETT, R. K. *et al.* Do I Belong? It Depends on When You Ask. Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology, **American Psychological Association**, Chicago, v. 17, n. 4, p. 432-436, out. 2011. Disponível em: https://psycnet.apa.org/fulltext/2011-20231-001.html#articleRefList_cdp_17_4_432 - Acesso em: 24 jan. 2015.

MARI, J. J.; WILLIAMS, P. A Validity Study of a Psychiatric Screening Questionnaire (SRQ-20) in Primary Care in the City of São Paulo. **British Journal of Psychiatry**, Cambridge, v.148, n. 1, p. 23-26, jan. 1986. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/19207257_A_validity_study_of_a_psychiatric_screening_questionnaire_SRQ-20_in_primary_care_in_the_city_of_So_Paulo - Acesso em: 02 dez. 2014.

MARIANO, C. R. Manual para pesquisas em base de dados 2013, 2013. Disponível em: http://facer.edu.br/anexos/anexo_18112013085812.pdf - Acesso 12 mai. 2018.

MARINHO, D. L. Estratégias de Transformação Social no Campo: A Formação de Jovens da Escola Família Agrícola de Marabá-PA. In: MENEZES, M. A.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. (Org.). **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Coleção Juventude. Série Estudos, n. 1. Coedição com o NEAD/MDA e IICA. Brasília: Presidência da República, 2014.

MARTÍN-BARÓ, I. Desafios e Perspectivas da Psicologia Latino-Americana. In: GUZZO, R. S. L.; LACERDA, JÚNIOR, F. **Psicologia Social para a América Latina: O resgate da Psicologia da Libertação**. São Paulo: Alínea, 2009. p. 199-220.

MARTINS, J. C. O.; CORIOLANO, L. N. Ceará turístico: identidades e identificações entre o sertão e o mar. **Caderno Virtual de Turismo**, vol. 9, núm. 1, 2009, pp. 105-116 Universidade Federal do Rio de Janeiro, Ró de Janeiro, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115415182008> – Acesso em 03.03.19

MARTINS, V.; LUCIO-VILLEGAS, E. Teatro do Oprimido como Ferramenta de Inclusão Social no Bairro Horta da Areia em Faro. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, Porto, v. 4, p. 57-75, 2014. Disponível em: <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/12944.pdf> - Acesso em: 01 jun. 2016.

MASIKA, R.; JONES, J. Building Student Belonging and Engagement: Insights into Higher Education Students' Experiences of Participating and Learning Together. **Teaching in Higher Education**, London, v. 21, n. 2, p. 138-150, 2016. Disponível em: <https://srhe.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13562517.2015.1122585#.XXasL9LR8dU> - Acesso em: 21 ago. 2017.

MATA, L. *et al.* Emoções em Contexto Académico: Relações com Clima de Sala de Aula, Autoconceito e Resultados Escolares. **Análise Psicológica**, Lisboa, v. 33, n. 4, p. 407-424, dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312015000400005 - Acesso em: 2 mai. 2016.

MENEZES, M. A.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Coleção Juventude. Série Estudos; n. 1. Coedição com o NEAD/MDA e IICA. Brasília: Presidência da República, 2014.

MCKENDRY, S.; WRIGHT, M.; STEVENSON, K. Why Here and Why Stay? Students' Voices on the Retention Strategies of a Widening Participation University. **Nurse Education Today**, Amsterdam, v. 34, n. 5, p. 872-877, maio. 2014. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0260691713003365> - Acesso em: 30 ago. 2015.

MCMILLAN, D. W.; CHAVIS, D. M. Sense of Community: A Definition and Theory. **Journal of Community Psychology**, London, v. 14, n. 1, p. 6-23, jan. 1986. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/e5fb/8ece108aec36714ee413876e61b0510e7c80.pdf> - Acesso em: 07 out. 2013.

MINKKINEN, J. *et al.* Does Social Belonging to Primary Groups Protect Young People From the Effects of Pro-Suicide Sites? **Crisis, Göttingen**, v. 37, n. 1, p. 31-41, dez. 2015. Disponível em: <https://econtent.hogrefe.com/doi/abs/10.1027/0227-5910/a000356> - Acesso em: 17 jan. 2016.

MIOT, H. A. Tamanho da Amostra em Estudos Clínicos e Experimentais. **Jornal Vascular Brasileiro**, São Paulo, v. 10, n. 4, p. 275-278, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/jvb/v10n4/v10n4a01> - Acesso em: 05 jun. 2018.

MIRANDA, C. S. N.; BARBOSA, M. S.; MOISÉS, T. F. A aprendizagem em células cooperativas e a efetivação da aprendizagem significativa em sala de aula. **Revista NUFEN**, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 17-40, 2011. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000100003 - Acesso em: 10 fev. 2017.

MOLINA, J.; SCHNORR, S. Afetividade e a relação professor-aluno no processo de ensino e aprendizagem. **Cadernos da Pedagogia**. São Carlos, Ano 11 v. 11 n. 22 jan-jun 2018. ISSN: 1982-4440. Disponível em:

<http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/1132> Acesso em: 18 fev. 2018.

MONTERO, M. **Introducción a la psicología comunitária**: Desarrollo, conceptos y procesos. Buenos Aires, Argentina: Editorial Paidós, 2004.

MORAIS, C. A. *et al.* Concepções de saúde e doença mental na perspectiva de jovens brasileiros. **Estudos de Psicologia**, 17(3), setembro-dezembro/2012, 369-379.

Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v17n3/04.pdf> - Acesso em: 29 mar. 2018.

MOTA, E. L.; FRANCO, A. L. S.; MOTTA, M. C. Migração, estresse e fatores psicossociais na determinação da saúde da criança. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.12 n.1 Porto Alegre, 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79721999000100008> - Acesso 21 set. 2019.

MOURA JR, J. F. *et al.* Concepções de pobreza: um convite à discussão psicossocial.

Temas em Psicologia, Ribeirão Preto, v. 22, n. 2, p. 341-352, dez. 2014 . Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2014000200007&lng=pt&nrm=iso - Acesso em: 15 ago. 2019.

MOURA JR., J. F. *et al.* **Adaptação do Índice Abreviado de Sentido de Comunidade para contextos rurais em situação de pobreza**. Fortaleza, 2020. Artigo no prelo.

MOURA JÚNIOR, J. F. **Pobreza Multidimensional e Bem Estar Pessoal: um estudo acerca da vergonha e da humilhação**. 2015. 203f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

MOURA, E. A. *et al.* Os Planos Genéticos Do Desenvolvimento Humano: A Contribuição De Vigotski. **Revista de ciências humanas, Educação e desenvolvimento**, 2016. Disponível em <http://www.rchunitau.com.br> – Acesso em 02 març 2019.

MÜHLEN, B. K. V.; DEWES, D.; LEITE, J. C. C. Stress e processo de adaptação em pessoas que mudam de país: uma revisão de literatura. Portal Rede Metodista, v. 12, n. 24 (2010). DOI: <http://dx.doi.org/10.15602/1983-9480/cmbs.v12n24p59-67> - Acesso 09 jul. 2018.

NEPOMUCENO, B. B. *et al.* Bem Estar Pessoal e Sentimento de Comunidade: um estudo psicossocial da pobreza. **Psicologia em Pesquisa**, Juiz de Fora, v. 11, n. 1, p. 1-

2, jun. 2017. Disponível em:

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1982-12472017000100009&lng=pt&nrm=iso - Acesso em: 23 jul. 2019.

NEPOMUCENO, B. *et al.* **Validação da Versão Reduzida da Escala de Percepção de Suporte Social (EPSS)**. Artigo no prelo. Fortaleza, 2019.

NEPOMUCENO, B., B. **Pobreza e saúde mental: uma análise psicossocial a partir da perspectiva dos usuários do centro de atenção psicossocial (CAPS)**. 2013. 152f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6859> - Acesso em 05 mar. 2019.

NETO, F. Adaptação psicológica e sociocultural de jovens Oriundos de famílias imigrantes dos PALOP. **Psicologia, Educação e Cultura**, 2008, vol. XII, nº 2, pp. 435-450. ISSN: 0874-2391. Disponível em <https://hdl.handle.net/10216/99793> - Acesso em 19.09.19, às 15h.

NETO, P. M. R.; AVELLAR, L. Z. Concepções sobre a interação com moradores de residências terapêuticas. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 162-170, abr. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v28n1/1807-0310-psoc-28-01-00162.pdf> - Acesso em: 27 fev. 2018.

NUNNALLY, J.C. **Psychometric theory**. 2nd Edition, McGraw-Hill, New York, 1978.

OBBERG, L. P. O conceito de comunidade: problematizações a partir da psicologia comunitária. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 709-728, 2018. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/38820> - Acesso em: 01 maio 2019.

OBERST, U. Salud Mental Y Ética: El Concepto de Sentimiento de Comunidad en La Psicología de Alfred Adler. **Persona**, n. 5, 2002, p. 131-146. Universidad de Lima, Perú.

OLIVEIRA, A. C. Uma questão de identidade! Migrações e pertencimento na dinâmica do mundo globalizado. **Revista USP**, São Paulo, n. 114, p. 91-108, set. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/142370> - Acesso em: 23 ago. 2019.

OLIVEIRA, C. T. *et al.* Adaptação acadêmica e coping em estudantes universitários brasileiros: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 177-186, dez. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-33902014000200008 - Acesso em: 11 set. 2019.

OLIVEIRA, L. B.; FELICIANO, C. A. Entre o campo e a cidade: reflexões sobre o espaço da juventude camponesa. **Revista Pegada** – vol. 17 n.2. Dez DE 2016. Dossie Acampamentos, Reforma Agrária E Trabalho No Campo. Disponível em:

revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/viewFile/4678/3588 – Acesso em 06 mar. 2019.

OLIVEIRA, S. K. M.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Considerações sobre a análise da categoria ‘pertencimento’ em famílias migrantes. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.7 n.1, p. 139-150, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/view/3680> - Acesso em: 26 jun. 2017.

OLIVEIRA, A. U. **Agricultura brasileira. Transformações recentes**. In ROSS, J. (org.) Geografia do Brasil. São Paulo, EDUSP/FDE, 2000.

OMS. Organização Mundial de Saúde. **A saúde mental pelo prisma da saúde pública**. Relatório sobre a saúde no mundo 2001: Saúde mental: nova concepção, nova esperança. Genebra: OPAS/OMS, p. 1-16, 2001.

OSSE, C. M. C.; COSTA, I. I. Saúde mental e qualidade de vida na moradia estudantil da Universidade de Brasília. **Estudos de Psicologia**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 115-122, mar. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2011000100012&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso em: abr. 2016.

OZBEN, S. Social skills, life satisfaction, and loneliness in Turkish university students. *Social Behavior and Personality*, **Palmerston North**, v. 41, n. 2, p. 203-213, mar. 2013. Disponível em: <https://www.sbp-journal.com/index.php/sbp/article/view/2407> - Acesso em: 19 fev. 2016.

PADILLA, B.; ORTIZ, A. Construção das identidades de jovens de origem imigrante em Europa: resultados dum projeto europeu. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 22, n. 42, p. 133-158, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1980-85852014000100009&script=sci_arttext&tlng=es - Acesso em: 23 jan. 2017.

PADOVANI, R. C. *et al.* Vulnerabilidade e bem-estar psicológicos do estudante universitário. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, 2014, 10(1), pp.2-10. DOI: 10.5935/1808-5687.20140002. Disponível em: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/publisher.gn1.com.br/rbtc.org.br/pdf/v10n1a02.pdf> - Acesso 03. Abr. 2018.

PANNO, F.; MACHADO, J. D. Influências na Decisão do Jovem Trabalhador Rural: Partir ou Ficar no Campo. **Desenvolvimento em Questão**, 12(27), 264-297, 2014. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2014.27.264-297> - Acesso em 03 jul. 2010.

PASCUAL, J.S G. **Universidade: fábrica de sonhos e celeiro de decepções?**. Edições UFC, 2012. Fortaleza-Ce.

PAULA, M. F. C. Políticas de Democratização da Educação Superior Brasileira: Limites e Desafios para a Próxima Década. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, Campinas, v. 22, n. 2, p. 301-315, jul. 2017. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-40772017000200301&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso em: 16 jan. 2018.

PERKINS, D. D. *et al.* Participation and the social and physical environment of residential blocks: Crime and community context. **American Journal of Community Psychology**, 18, 83–115, 1990. Disponível em: <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.464.2271&rep=rep1&type=pdf> – Acesso em 12 jun. 2019.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO – PNAD. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=52355> – Acesso em 13 mar. 2018.

PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIO – PNAD. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?pnad/cnv/pnadc.def> - Acesso em 16 mar. 2018.

PETERSON, N. A.; SPEER, P. W.; HUGHEY, J. Measuring sense of community: A methodological interpretation of the factor structure debate. **Journal of Community Psychology**, 34, 453–469, 2006.

PNJ, **Política Nacional da Juventude** (Secretaria Nacional da Juventude). Diálogo Nacional para uma política pública de juventude. São Paulo, SP: Pólis, 2006.

PICOLOTTO, V. C. **Pobreza e desenvolvimento sob os paradigmas da renda e das capacidades**: uma aplicação para a Grande Porto Alegre através dos indicadores *fuzzy*. 2006. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PRADO, D. E. As caatingas da América do Sul. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. (eds.). **Ecologia e conservação da caatinga**. Ed. Universitária da UFPE, Recife. Pp. 3-73, 2003.

PREZZA, M.; CONSTANTINI, S. Sense of community and live satisfaction: investigation in three different territorial contexts. **Journal of Community and Applied Social Psychology**, v. 8, n. 3, p. 181-194, dez. 1998. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/%28SICI%291099-1298%28199805/06%298%3A3%3C181%3A%3AAID-CASP436%3E3.0.CO%3B2-4> - Acesso em: 30 ago. 2018.

QUEIROZ, T. A. N. Espaço geográfico, território usado e lugar: ensaio sobre o pensamento de Milton Santos. **Para Onde!?**, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, RS, Brasil. 8 (2): 154-161, ago./dez. 2014. ISSN 1982-0003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/61589/36420> - Acesso em 12 jun. 2019.

RAMOS, N. Saúde, migração e direitos humanos. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, 17 (1), Jan-Jun 2009, 1-11p. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MUD/article/download/1924/1938> - Acesso em: 29 jul. 2016.

RAMOS-VIDAL, I. Dinámicas Comunitarias em Desplazados y no Desplazados Residentes en Zonas de Exclusión Social en Barranquilla (Colombia). **Revista de Estudios Sociales**, n. 60, p. 49-61, abr. 2017. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.7440/res60.2017.04> - Acesso em: 15 abr. 2018.

RAMOS-VIDAL, I.; MAYA-JARIEGO, I. Sentido de comunidad, empoderamiento psicológico y participación ciudadana en trabajadores de organizaciones culturales. **Psychosocial Intervention**, Madrid, v. 23, n. 3, p. 169-176, dez. 2014. Disponível em: http://scielo.isciii.es/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1132-05592014000300002 - Acesso em: 25 nov. 2016.

RATTAN, A. *et al.* Leveraging mindsets to promote academic achievement: policy recommendations. **Perspectives on Psychological Science**, v. 10, n. 6, p. 721-726, nov. 2015. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/1745691615599383> - Acesso em: 28 fev. 2016.

REDIN, E. Políticas educacionais e juventude rural no ensino superior. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 63, p. 237-252, mar. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000100237&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso em: 11 set. 2016.

REDIN, E.; SILVEIRA, P. R. C. Juventude rural: experiências e perspectivas. In: SANTOS, V. F.; VELA, H. A. G.; SILVEIRA, P. R. C. (Org.). **Educação rural no mundo contemporâneo**. 1. ed. Santa Maria: UFSM, 2012. p. 175-208.

RIBEIRO NETO, P. M.; AVELLAR, L. Z. Concepções sobre a interação com moradores de residências terapêuticas. **Psicologia & Sociedade**, vol. 28, núm. 1, enero-abril, 2016, pp. 162-170. Associação Brasileira de Psicologia Social, MG. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-71822016000100162&script=sci_abstract&tlng=pt – Acesso 03 jul. 2018.

RISTOFF, D. Perfil Socioeconômico do Estudante de Graduação uma Análise de Dois Ciclos Completos do ENADE (2004 a 2009). **Cadernos do GEA**, n. 4, jul./dez. 2013. Rio de Janeiro: FLACSO, GEA; UERJ, LPP, 2012.

RODRIGUES, J. F. O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios. **Análise Social**, Lisboa, n. 211, p. 430-456, jun. 2014. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000200008&lng=pt&nrm=iso - Acesso em: 20 maio 2018.

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G. C. **A Entrevista na Pesquisa Qualitativa: Mecanismos para a validação dos resultados**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.

RUSSELL, G.; SHAW, S. A study to investigate the prevalence of social anxiety in a sample of higher education students in the United Kingdom. **Journal of Mental Health**, v. 18, n. 3, p. 198-206, ago. 2009. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/232069592_A_study_to_investigate_the_prevalence_of_social_anxiety_in_a_sample_of_higher_education_students_in_the_United_Kingdom - Acesso em: 23 set. 2017.

SÁ, V. C.; SOUZA, B. I. Convivência com o semiárido: desafios e possibilidades de uma comunidade rural. **Revista de Globalização, Competitividade e Governabilidade, Boadilla del Monte**, v. 6, n. 2, p. 46-65, mai. 2012. Disponível em: <https://gcg.universia.net/article/download/427/553> - Acesso em: 24 dez. 2018.

SALES, C. M. V. Criações Coletivas da Juventude no Campo Político: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Tese (Doutorado). 2003. 321f. Universidade Federal do Ceará, UFC, 2003.

SALES, C. M. V. **Criações Coletivas da Juventude no Campo Político**: um olhar sobre os assentamentos rurais do MST. Fortaleza: Banco do Nordeste, 2006.

SANTOS BAGGI, C. A.; LOPES, D. A. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação (Campinas) [online]**. 2011, vol.16, n.2, pp.355-374. ISSN 1414-4077. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772011000200007> - Acesso 15 jun. 2019.

SAMPAIO, R. F.; MANCINI, M. C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia**, São Carlos, v.11, n.1, p. 83-89, jan. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-35552007000100013 - Acesso em: 31 out. 2017.

SÁNCHEZ VIDAL, A. Validación discriminante de una escala de sentimiento de comunidad: análisis comparativo de dos comunidades. **International Journal of Psychology and Psychological Therapy**, Almería, v. 9, n. 2, p. 161-176, jun. 2009. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/560/56012878002.pdf> - Acesso em: 16 set. 2017.

SANT'ANNA, C. F. *et al.* Comunidade: Objeto Coletivo do Trabalho das Enfermeiras da Estratégia Saúde da Família. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 24, n. 3, pp. 341-347. Escola Paulista de Enfermagem São Paulo, Brasil, 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS BAGGI, C. A.; LOPES, D. A. Evasão e avaliação institucional no ensino superior: uma discussão bibliográfica. **Avaliação (Campinas) [online]**. 2011, vol.16, n.2, pp.355-374. ISSN 1414-4077. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772011000200007> - Acesso em 13 nov. 2019.

SARASON, S. **The Psychological Sense of Community**: Prospects for a Community Psychology. San Francisco: Jossey-Bass. 1974.

SARRIERA, J. C. *et al.* Sentido de Comunidade como Promotor de Bem-Estar em Crianças Brasileiras. **Interamerican Journal of Psychology**, Puerto Rico, v. 50, n. 1, p. 106-116. 2016. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159187/001015385.pdf?sequence=1> - Acesso em: 12 maio 2017.

SAWAIA, B. B. **Comunidade:** a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto a humanidade. In: CAMPOS, Regina Helena de Freitas (org.). *Psicologia social comunitária: da solidariedade à autonomia*. Petrópolis: Vozes, 1996

SEN, A. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SERAPIONI, M. Métodos Qualitativos e Quantitativos na Pesquisa Social em Saúde: Algumas Estratégias para a Integração. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 187-192. 2000. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232000000100016&script=sci_abstract&tlng=pt - Acesso em: 17 out.2015.

SILVA, A. M. S. **Análise das Implicações Psicossociais do Protagonismo para os Jovens em Situação de Pobreza**. Dissertação (Mestrado em Psicologia). 2014. 167 f. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Universidade Federal do Cear, 2014.

SILVA, G. C. R. F. O Método Científico na Psicologia: Abordagem Quantitativa e Qualitativa. **O Portal dos Psicólogos**, 2010. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf> - Acesso em: 26 nov. 2016.

SILVA, K. B.; MACEDO, J. P. Psicologia e Ruralidades no Brasil: Contribuições para o Debate. **Psicol. cienc. prof.** [online]. 2017, vol.37, n.3, pp.815-830. ISSN 1414-9893. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703002982016> - Acesso 31.nov. 2019.

SILVA, T. L. Juventude rural organizada no enfrentamento ao êxodo: O caso da associação dos colonos ecologistas da Região de Torres – ACERT, RS/Brasil. In: MENEZES, M. A., STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. (Orgs.). *Juventude rural e políticas públicas no Brasil*. (pp. 155-163). Brasília, 2014. NEAD/MDA/IICA.

SILVA, J. M.; HESPANHOL, R. A. M. Discussão sobre comunidade e características das comunidades rurais no município de Catalão (GO). **Soc. & Nat.**, Uberlândia, 28 (3): 361-374, set/dez/2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-451320160303> - Acesso 09 mar 2018.

SILVA, A. L. Pesquisa-ação participante no processo de empowerment de mulheres brasileiras no contexto da migração internacional. Escola Anna Nery - **Revista de Enfermagem**, vol. 12, núm. 4, diciembre, 2008, pp. 750-757. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127715323020> – Acesso em 05 jan. 2018.

SIQUEIRA, M. M. M. Construção e validação da Escala de Percepção de Suporte Social. *Psicol. estud.* [online]. 2008, vol.13, n.2, pp.381-388. ISSN 1413-7372. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200021> - Acesso em 09 març. 2018.

SILVEIRA, C. *et al.* Saúde Mental em Estudantes do Ensino Superior: Experiência da Consulta de Psiquiatria do Centro Hospitalar de São João. **Acta Medica Portuguesa**, Porto, v. 24, p. 247-256. 2011. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Antonio_Roma-

[Torres/publication/230628002_Mental health of college students experience of the university psychiatric outpatient clinic of Hospital de Sao Joao/links/09e415053c7594a832000000/Mental-health-of-college-students-experience-of-the-university-psychiatric-outpatient-clinic-of-Hospital-de-Sao-Joao.pdf](https://www.scielo.org.br/publication/230628002_Mental-health-of-college-students-experience-of-the-university-psychiatric-outpatient-clinic-of-Hospital-de-Sao-Joao/links/09e415053c7594a832000000/Mental-health-of-college-students-experience-of-the-university-psychiatric-outpatient-clinic-of-Hospital-de-Sao-Joao.pdf) - Acesso em: 26 set. 2017.

SILVEIRA, L. H. C. *et al.* O Outro Lado da Porta Giratória: Apoio Comunitário e Saúde Mental. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 21, n. 2, p. 325-335, abr. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/30660/pdf> - Acesso em: 03 jun. 2018.

SIMÕES-DIAS, I. Promover a Saúde no Ensino Superior: O Exemplo do PPCppEi. *Revista Iberoamericana de Educación Superior*, México, v. 3, n. 8, p. 104-114, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2007-28722012000300006&lng=es&nrm=iso - Acesso em: 31 ago. 2018.

SOARES, A. B.; BALDEZ, M. O. M.; MELLO, T. V. S. Vivências Acadêmicas em Estudantes Universitários do Estado do Rio de Janeiro. *Interação em Psicologia*, Paraná, v. 15, n. 1, p. 59-69. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/16049/16417> - Acesso em: 22 jul. 2016.

SOROKIN, P. A.; ZIMMERMAN, C. C.; GALPIN, C. J. Diferenças Fundamentais entre o Mundo Rural e o Mundo Urbano. In: MARTINS, J. S. *Introdução Crítica à Sociologia Rural*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986. p. 198-224.

SOUSA, A. C.; BRANDALISE, M. A. T. Avaliação da política de cotas da UEPG: desvelando o direito à igualdade e à diferença. *Avaliação*, Campinas; Sorocaba, SP, v. 21, n. 2, p. 415-437, jul. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772016000200006> - Acesso em: 15 fev. 2015.

SOUZA, A. C.; ALEXANDRE, N. M. C.; GUIRARDELLO, E. B. Propriedades psicométricas na avaliação de instrumentos: avaliação da confiabilidade e da validade. *Epidemiol. Serv. Saúde [online]*. 2017, vol.26, n.3, pp.649-659. ISSN 1679-4974. <http://dx.doi.org/10.5123/s1679-49742017000300022> - Acesso 20 nov. 2019.

SOUSA, K. C; SALES, C. M. V. Juventude rural: (des) crença na escola, conflitos no mundo do trabalho, esperanças no futuro. In: *Colóquio Internacional Diálogos Juvenis*, 2012, Fortaleza, CE. Anais do Colóquio Internacional Diálogos Juvenis, 2012.

SOUZA, D. O.; SILVA, S. E. V.; SILVA, N. O. Determinantes Sociais da Saúde: Reflexões a partir das Raízes da “Questão Social”. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 22, n. 1, p.44-56, mar. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000100006&lng=en&nrm=iso - Acesso em: 23 abr.2017.

SPITZER, B.; ARONSON, J. Minding and Mending the Gap: Social Psychological Interventions to Reduce Educational Disparities. *British Journal of Educational Psychology*, Londres, v. 85, n. 1, p. 1-18, fev. 2015. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/bjep.12067> - Acesso em: 19 set. 2015.

TAQUETTE, S. R. Doenças psicossomáticas na adolescência. **Adolesc Saude**. 2006, 3(1):22-26. Disponível em: http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=149 – Acesso em 27 out. 2019.

TEIXEIRA, M. A. P. *et al.* Adaptação à Universidade em Jovens Calouros. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 12, n. 1, p. 185-202, jan. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v12n1/v12n1a13.pdf> - Acesso em: 23 abr. 2018.

TERRA, R. A universidade entre a excelência administrada e o social-desenvolvimentismo. **Novos estudos**, novembro 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/nec/n100/0101-3300-nec-100-00081.pdf> - Acesso 30 mar. 2019.

TESFAYE, A. Prevalence and Correlates of Mental Distress among Regular Undergraduate Students of Hawassa University: A Cross Sectional Survey. **East African Journal of Public Health**, v. 6, n. 1, p. 86-94, abr. 2009.

TOLEDO, T. P.; OLIVEIRA, N. R. C.; PADOVANI, R. C. Reflexões sobre o perfil e as demandas de estudantes universitários de uma Universidade Pública Federal. In: OLIVEIRA, N. R. C. (org.). **Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano universitário**. Papyrus Editora, 2018.

TORRES, A. R. R. O corpo não objetivo e seu encontro no desespero. In: CAMON-ANGERAMINI, V. A. (org.). **Psicossomática e suas interfaces: o processo silencioso do adoecimento**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais do Brasil. **Interações**, Campo Grande, v. 19, n. 4, p. 789-802, out. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-70122018000400789&lng=en&nrm=iso - Acesso em: 04 mar. 2019.

VALLA, V. V. Educação Popular, Saúde Comunitária e Apoio Social uma Conjuntura de Globalização. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 2, p. S7-S14. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1999000600002&lng=en&nrm=iso - Acesso em: 12 jun. 2018.

VAN NOSTRAND, D. F.; POLLENZ, R. S. Evaluating Psychosocial Mechanisms Underlying STEM Persistence in Undergraduates: Evidence of Impact from a Six-Day Pre-College Engagement STEM Academy Program. CBE. **Life Sciences Education**, 36, 1–15, Summer 2017. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/28572178> - Acesso em 19.07.19, às 19h.

VIANA, D. M. *et al.* **Juventude, Escola e Mídia**: Problematizando a (In)acessibilidade das Mídias para a Construção Crítica dos Processos de Ensino-Aprendizagem na Rede Pública de Educação. Universidade Federal do Ceará. 2011. Disponível em: <http://piwik.seer.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/4797/4067> - Acesso em: 23 abr. 18.

VICTORIA, M. S. *et al.* Níveis de Ansiedade de Depressão em Graduandos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). **Encontro Revista de Psicologia**, v. 16, n. 25. 2013. Disponível em: <http://www.pgskroton.com.br/seer/index.php/renc/article/viewFile/2447/2345> - Acesso em: 12 mar. 18.

VIDAL, C. E. L. *et al.* Preditores de Prováveis Transtornos Mentais Comuns (TMC) em Prostitutas Utilizando o Self-Reporting Questionnaire. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, v. 63, n. 3, p. 205–212. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000027> - Acesso em: 16 dez. 2018.

VIDAL, T. *et al.* Apego al Lugar, Identidad de Lugar, Sentido de Comunidad y Participación en un Contexto de Renovación Urbana. **Estudios de Psicología**, v. 34, n. 23, p. 275-286. 2013.

VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1996. v.4.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALTON, G. M.; COHEN, G. L. A Brief Social-Belonging Intervention Improves Academic and Health Outcomes of Minority Students. **SCIENCE**, v. 331, n. 6023, p. 1447-1451. mar. 2011.

WRENCHA, A.; GARRETTA, R.; KING, S. Guessing where the Goal Posts Are: Managing Health and Well-Being During the Transition to University Studies. **Journal of Youth Studies**, v. 16, n. 6, p. 730-746. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13676261.2012.744814> - Acesso em: 04 ago. 2017.

XIMENES, V. M. *et al.* Impactos da seca na saúde mental de moradores de uma comunidade rural. **PSI UNISC**, Santa Cruz do Sul, Vol. 1, n. 1, jul./dez. 2017, p. 32-45. ISSN on-line: 2527-1288 DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/psiunisc.v1i1.9616> - Acesso em: 24 ago. 2018.

XIMENES, V. M. *et al.* Pobreza multidimensional e seus aspectos subjetivos em contextos rurais e urbanos nordestinos. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 21, n. 2, p. 146-156, 2016. doi: <https://dx.doi.org/10.5935/1678-4669.20160015> - Acesso em: 06 mar. 2019.

XIMENES, V. M. *et al.* Saúde Comunitária e Psicologia Comunitária: suas contribuições às metodologias participativas. **Psicol. pesq.** vol.11 no.2 Juiz de Fora dez. 2017. <http://dx.doi.org/10.24879/2017001100200161> - 12 set. 2019.

XIMENES, V. M. *et al.* Pobreza Multidimensional e seus Aspectos Subjetivos em Contextos Rurais e Urbanos Nordestinos. **Estud. Psicol.**, Natal, v. 21, n. 2, p. 146-156. jun. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v21n2/1413-294X-epsic-21-02-0146.pdf> - Acesso em: 20 abr. 2018.

XIMENES, V. M.; MOURA JR., J. F. Psicologia Comunitária e comunidades rurais do Ceará: Caminhos, práticas e vivências em extensão universitária. In LEITE, J. F.;

DIMENSTEIN, M. (Orgs.). **Psicologia e contextos rurais**. v. 1, p. 453-476. Natal: EDUFRN, 2013.

YORKE, M. The Development and Initial Use of a Survey of Student ‘Belongingness’, Engagement and Self-Confidence in UK Higher Education. **Journal Assessment and Evaluation in Higher Education**, v. 41, n. 1, p. 154–166. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/02602938.2014.990415> - Acesso em: 20 ago. 17.

ZAGO, N. Migração Rural-Urbana, Juventude e Ensino Superior. **Rev. Bras. Educ.**, v. 2, n. 64, jan/mar. 2016.

ZAGO, N. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares camadas populares. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n32/a03v11n32.pdf> - Acesso em 2 abr. 2019.

ZOLTOWSKI, A. P. C. *et al.* Qualidade Metodológica das Revisões Sistemáticas em Periódicos de Psicologia Brasileiros. **Psic.: Teor. e Pesq.**, v. 30 n. 1, p. 97-104, mar. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000100012 - Acesso em: 22 maio 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE –
QUESTIONÁRIO)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de doutorado intitulada ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS, que está sendo realizada pela discente ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal, sob orientação da professora Dra. Verônica Morais Ximenes, cujo objetivo principal é analisar as implicações psicossociais do sentimento de comunidade e da saúde mental para os processos de migração rural-urbano de jovens rurais que estudam na UFC, *campus* Sobral.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos.

No caso específico de sua participação, esta consiste em responder a um questionário *online*, cujas questões serão lidas e respondidas por você mesmo, que deverá assinalar as respostas, serão 129 itens, a maioria deles com opções de múltipla escolha, cujo tempo aproximado de duração para resposta do instrumento completo será de, aproximadamente, trinta minutos.

Você poderá desistir de participar a qualquer momento e poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade. Você não receberá nenhuma recompensa financeira para participar da pesquisa.

A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo e as informações levantadas serão utilizadas exclusivamente para essa pesquisa, sendo manipuladas apenas pela pesquisadora e sua orientadora. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa.

A pesquisa possui os seguintes benefícios: a temática possui relevância para o meio acadêmico, sendo geradora de informações que poderão ser utilizadas para debates e reflexões sobre a permanência dos alunos que vivenciam contextos de pobreza nas universidades públicas cearenses. Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa.

Poderão haver riscos ou desconfortos causados pela pesquisa, pois algumas perguntas podem causar constrangimento a algumas pessoas. No entanto, isso poderá ser sanado com a interrupção imediata da coleta de informações e, caso necessário, será realizado apoio psicológico pela pesquisadora e sua orientadora, já que ambas são psicólogas.

Nome: Alexsandra Maria Sousa Silva

Instituição: Departamento de Psicologia

Endereço: Av. Universidade, 2762, Benfica, CEP: 60020-180

Telefone para contato: 33667729.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas, de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

Somente após devidamente esclarecido (a) e ter entendido o que foi explicado, deverá rubricar todas as páginas desse documento e assinar a última página. Este procedimento deverá ser realizado pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa e o documento será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante da pesquisa.

Endereço do responsável pela pesquisa:

O abaixo assinado _____,
 ____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Nome do participante da pesquisa: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

Nome do pesquisador: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

Nome do profissional que aplicou o TCLE: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

APÊNDICE B
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
ETAPA QUALITATIVA (ENTREVISTA)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa de doutorado intitulada ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DOS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS, que está sendo realizada pela discente ALEXSANDRA MARIA SOUSA SILVA, do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal, sob orientação da professora Dra. Verônica Morais Ximenes, cujo objetivo principal é analisar as implicações psicossociais do sentimento de comunidade e da saúde mental para os processos de migração rural-urbano de jovens rurais que estudam na UFC, *campus* Sobral.

Você não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. No caso específico de sua participação, o pesquisador realizará uma entrevista, serão apresentadas perguntas, entre quinze e vinte itens, e você responderá de forma livre. O tempo aproximado de duração para resposta do instrumento completo será de, aproximadamente, trinta a quarenta minutos. A entrevista será realizada em uma das salas da Universidade em que você estuda, a ser previamente combinado, em um local silencioso e reservado com antecedência para essa finalidade, de forma a garantir o sigilo das informações. O horário também será previamente acordado e agendado. A entrevista será gravada em áudio para potencializar o aproveitamento das informações.

Você poderá desistir de participar a qualquer momento e poderá retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade. Você não receberá nenhuma recompensa financeira para participar da pesquisa. A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo e as informações levantadas serão utilizadas exclusivamente para essa pesquisa, sendo manipuladas apenas pela pesquisadora e sua orientadora. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa.

A pesquisa possui os seguintes benefícios: a temática possui relevância para o meio acadêmico, sendo geradora de informações que poderão ser utilizadas para debates e reflexões sobre a permanência dos alunos que vivenciam contextos de pobreza nas universidades públicas cearenses. Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa.

Poderá haver riscos ou desconfortos causados pela pesquisa, pois algumas perguntas podem causar constrangimento a algumas pessoas. No entanto, isso poderá ser sanado com a

interrupção imediata da coleta de informações e, caso necessário, será realizado apoio psicológico pela pesquisadora e sua orientadora, já que ambas são psicólogas.

Somente após devidamente esclarecido (a) e ter entendido o que foi explicado, deverá rubricar todas as páginas desse documento e assinar a última página. Este procedimento deverá ser realizado pelo pesquisador e pelo participante da pesquisa e o documento será emitido em duas vias, uma para o pesquisador e outra para o participante da pesquisa. Endereço do responsável pela pesquisa:

Nome: Alexsandra Maria Sousa Silva
 Instituição: Departamento de Psicologia
 Endereço: Av. Universidade, 2762, Benfica, CEP: 60020-180

Telefone para contato: 33667729.

ATENÇÃO: Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344. (Horário: 08:00-12:00 horas, de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado _____,
 _____ anos, RG: _____, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Nome do participante da pesquisa: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

Nome do pesquisador: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

Nome do profissional que aplicou o TCLE: _____

Data: ____/____/____ _____

Assinatura

APENDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

MODO DE VIDA NA COMUNIDADE RURAL

Onde você morava? (Urbano ou rural?)

Como era sua vida lá?

Como foi esse processo de decidir ir morar em Sobral, para fazer faculdade?

O que você sentia e pensava quando decidiu sair da sua cidade para ir estudar fora?

(Medos, angústias, sonhos, etc.)

O que sua família pensa sobre sua escolha em estar na universidade?

VIVÊNCIA NA UNIVERSIDADE E NO CURSO

Por que você escolheu esse curso? E por que na UFC-Sobral?

Como é seu dia a dia?

Você tem recebido algum apoio de alguma pessoa ou instituição?

Você participa ou já participou de algum Programa da Assistência Estudantil? Qual a implicação dessa participação na sua permanência?

Você trabalha fora da universidade?

Como faz para mediar trabalho e estudo?

SAÚDE MENTAL

Como você se sente em ser um estudante universitário?

Como você vê a sua convivência com os colegas de sala de aula?

E com os professores?

Como está seu desempenho acadêmico e sua relação com o curso?

Já pensou em desistir alguma vez? Por que?

Como está sendo sua permanência na universidade?

Quais as dificuldades e as facilidades que vc tem se deparado até hoje na universidade?

Como você está buscando lidar com essas dificuldades?

Quais as pessoas que você pode contar como apoio quando está com algum problema na universidade?

APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO

Aplicador(a): _____ N° do questionário: _____

Data da aplicação do questionário: _____ / _____ / _____

Realização:



DADOS GERAIS

- 1- Qual sua idade? _____
 2- Qual seu curso? _____
 3- Qual ano de ingresso no curso que você atualmente faz na UFC, *campus* Sobral? _____

4- É a primeira vez que frequenta o Ensino Superior?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

5- Qual seu sexo?

Masculino	0	Feminino	1
-----------	---	----------	---

6- Qual sua Religião?

Católica	0
Protestante ou Evangélica	1
Espírita	2
Umbanda ou Candomblé	3
Sem religião	4
Outra	5

7- Você frequenta reuniões de sua igreja/paróquia/templo/ terreiro?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

8- Você nasceu em uma cidade:

Pequeno porte	0	Médio porte	1	Grande porte	2
---------------	---	-------------	---	--------------	---

9- Qual o nome do lugar (cidade) que você nasceu?

10- Esta cidade é considerada:

Capital	0	Interior	1
---------	---	----------	---

11- Com que frequência, em média, você retorna a sua cidade de origem?

1x/mês	0	2x/mês	1	3x/mês	2	Todo final de semana	3	Só nas férias	4
--------	---	--------	---	--------	---	----------------------	---	---------------	---

12- Com quem você mora atualmente?

Com minha família.	0
--------------------	---

Sozinho(a).	1
Com marido(a)/companheiro(a)/namorado(a).	2
Em habitação coletiva (dividindo casa/apartamento com os amigos, pensionato, república, residência estudantil etc.).	3

13- Quantas pessoas moram com você, contando com você?

14- Há, na sua família, algum beneficiário (ex.: você, pai, mãe, irmãos) de algum Programa de Transferência de Renda (Ex.: Bolsa-Família e outros)?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

EDUCAÇÃO

15- Como você ingressou na UFC?

Cotas sociais (egresso de escola pública).	0
Cotas sociais (egresso de escola pública e renda familiar).	1
Cotas sociais (egresso de escola pública e renda familiar) e cotas raciais.	2
Cotas para deficientes físicos.	3
Ampla concorrência.	4

16- Quantos anos seu pai estudou? _____.

17- Quantos anos sua mãe estudou? _____.

18- Na sua família, alguém já frequentou o Ensino Superior?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

19- Em que escola você concluiu o Ensino Médio?

Escola pública estadual, frequentei cursinho pré-vestibular.	0
Escola pública estadual, não frequentei cursinho pré-vestibular.	1
Escola pública federal, frequentei cursinho pré-vestibular.	2
Escola pública federal, não frequentei cursinho pré-vestibular.	3
Escola particular, frequentei cursinho pré-vestibular.	4
Escola particular, não frequentei cursinho pré-vestibular.	5
Parte em escola pública, outra parte em escola particular.	6

20- Atualmente, você participa de que tipo de projeto/grupo/bolsa na Universidade?

Extensão	0
Pesquisa	1
Monitoria	2
Assistência Estudantil	3
Iniciação à Docência	4
PET	5
PIBID	6
Outro tipo de bolsa	7
Não possui bolsa	8

21- Como está o seu rendimento na Universidade?

Estou muito satisfeito com meu rendimento	0
Estou satisfeito com meu rendimento.	1
Estou insatisfeito com meu rendimento	2
Estou muito insatisfeito com meu rendimento.	3

22- Qual o fator principal de influência no seu rendimento?

Conhecimentos prévios à entrada na Universidade	0
Participação em grupos de estudo.	1
Programas de apoio pedagógico.	2
Apoio entre colegas.	3
Dedicação de horas de estudo em casa.	4
Aproveitamento das aulas e atividades didáticas.	5

HABITAÇÃO

23- A sua residência atual é:

Ocupação	0	Cedida	1	Alugada	2	Própria	3
----------	---	--------	---	---------	---	---------	---

24- A entrada no Ensino Superior implicou em uma mudança de residência?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

25- Assinale quais dos seguintes recursos sua família possui:

Televisão	
Telefone	
Rádio	
Bicicleta	
Moto	
Carro	
Geladeira	
Fogão	
Computador	

De acordo com sua resposta, assinale a quantidade de bens duráveis:	
De 1 a 4 bens duráveis.	0
5 ou mais bens duráveis.	1

TRABALHO E RENDA

26- Atualmente, você está exercendo algum tipo de trabalho remunerado?

Tenho emprego remunerado em tempo integral.	0
Tenho emprego remunerado em tempo parcial.	1
Tenho bolsa acadêmica remunerada.	2

27- Você está tendo dinheiro suficiente para as despesas mais importantes durante o Ensino Superior?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

28- Qual o valor aproximado da sua renda pessoal?

Até R\$ 159,00.	0
De R\$ 159,00 até R\$ 238,50.	1
De R\$ 238,50 até R\$ 477,00.	2
De R\$ 477,00 até R\$ 954,00.	3
Mais de R\$ 954,00.	4
Sem rendimento.	5

29- Qual o valor aproximado da sua renda familiar (somatório da sua renda com a renda das pessoas que moram com você)?

Sem rendimento.	0
Menos de 1 Salário Mínimo.	1
Entre 1 e 2 Salários Mínimos.	2
Entre 3 e 4 Salários Mínimos	3
Entre 4 e 5 Salários Mínimos.	4
Mais de 5 Salários Mínimos.	5

30- Você já precisou pedir dinheiro para comprar algum material da Universidade?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

	Nunca	Poucas vezes	Frequen-temente	Sempre ou quase sempre
31- Você consegue atendimento médico ou de outros profissionais da saúde, quando precisa?	0	1	2	3

32- Você deixou de utilizar algum serviço de saúde por não ter dinheiro para pagar o transporte?

Não	0	Sim	1
-----	---	-----	---

33- Quantas refeições você costuma fazer por dia?

Uma	0	Duas	1	Três	2	Quatro ou mais	3
-----	---	------	---	------	---	----------------	---

34- Geralmente, onde você faz a maior parte das suas refeições?

Na sua residência	0
Na casa de amigos	1
No restaurante universitário (RU)	2
Em restaurantes	3
Outros	4

Para responder as perguntas a seguir, gostaríamos que você pensasse no que você tem sentido neste último mês...

	Não	Sim
35- Tem sentido dores de cabeça frequentes?	0	1
36- Tem sentido falta de apetite?	0	1
37- Tem dormido mal?	0	1
38- Tem se assustado com facilidade?	0	1
39- Tem tido tremores nas mãos?	0	1
40- Tem se sentido nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a)?	0	1
41- Tem tido má digestão?	0	1
42- Tem tido dificuldades de pensar com clareza?	0	1
43- Tem se sentido triste ultimamente?	0	1
44- Encontra dificuldades para realizar, com satisfação, suas atividades diárias?	0	1
45- Tem tido dificuldades para tomar decisões?	0	1
46- Tem dificuldades em relação à Universidade (seu trabalho é penoso, causa sofrimento?)	0	1
47- Tem se sentido incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?	0	1
48- Tem perdido o interesse pelas coisas?	0	1
49- Tem se sentido uma pessoa inútil, sem préstimo?	0	1
50- Tem tido ideia de acabar com a vida?	0	1
51- Sente-se cansado(a) o tempo todo?	0	1
52- Cansa-se com facilidade?	0	1
53- Têm tido sensações desagradáveis no estômago?	0	1

Quando precisa, você encontra o suporte de alguém nas seguintes situações abaixo?

	Nunca	Poucas Vezes	Frequen- - temente	Sempre ou quase sempre
54- Empréstimo algo que você precisa	0	1	2	3
55- Dê sugestões sobre seu futuro	0	1	2	3
56- Ouvir, com atenção, seus problemas	0	1	2	3
57- Empréstimo dinheiro a você	0	1	2	3
58- Oriente suas decisões	0	1	2	3
59- Compreenda suas dificuldades	0	1	2	3
60- Substitua você em tarefas que não pode realizar no momento	0	1	2	3
59- Esclareça suas dúvidas	0	1	2	3
61- Esteja ao seu lado em qualquer situação	0	1	2	3
62- Forneça alimentação quando você precisa	0	1	2	3
63- Ajude você a resolver um problema prático	0	1	2	3
64- Preocupa-se com você	0	1	2	3

As questões a seguir vão abordar suas experiências desde seu ingresso na UFC, campus Sobral. Por favor, responda às declarações que se seguem, assinalando abaixo até que ponto está de acordo com elas.

	Discordo totalmente	Discord o	Nem concord o nem discordo	De acordo	Total- mente de acordo
65- Tenho me sentido desapontado(a) com os meus amigos (que não são do	0	1	2	3	4

meio universitário) nesta minha vida de estudante					
66- Não costumo fazer perguntas aos professores porque tenho medo de passar vergonha	0	1	2	3	4
67- Tem sido difícil adaptar-me ao novo cotidiano que me trouxe o Ensino Superior	0	1	2	3	4
68- Os meus amigos (que não são do meio universitário) têm me procurado nesse período de Ensino Superior	0	1	2	3	4
69- Sempre tive dificuldade em falar com os professores	0	1	2	3	4
70- Tenho me sentido desapontado com os meus colegas de Ensino Superior	0	1	2	3	4
71- Os meus pais (ou responsáveis) não percebem os problemas desta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
72- Tenho me sentido abatido(a) neste período de Ensino Superior.	0	1	2	3	4
73- Tenho tido dificuldades em criar um grupo de colegas nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
74- Tenho procurado a compreensão da minha família para os problemas desta minha vida de estudante	0	1	2	3	4

75- Tenho tido dificuldade em falar com os professores fora da sala de aula	0	1	2	3	4
76- Tenho me divertido neste período de Ensino Superior	0	1	2	3	4
77- Os meus amigos (que não são do meio universitário) têm se preocupado comigo nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
78- Tenho me sentido sozinho(a) nesse período de Ensino Superior	0	1	2	3	4
79- Nesse período de Ensino Superior, tenho recorrido aos meus pais (ou responsáveis) para me ajudar a resolver problemas pessoais.	0	1	2	3	4
80- Nesse período de Ensino Superior, tenho recorrido aos meus pais (ou responsáveis) para me ajudar a resolver problemas pessoais	0	1	2	3	4
81- Não tenho tido oportunidade de falar nas aulas com os professores	0	1	2	3	4
82- Às vezes me sinto desesperado(a) nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
83- Nesse período de Ensino Superior, tenho contado com os meus pais (ou	0	1	2	3	4

responsáveis) quando me sinto desanimado(a)					
84- Apesar de estar no Ensino Superior continuo a me sentir próximo dos meus amigos (que não são do meio universitário)	0	1	2	3	4
85- Tenho me sentido inibido(a) em fazer questionamentos aos professores nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
86- Tenho me sentido insatisfeito com os meus pais (ou responsáveis) nesse período de Ensino Superior	0	1	2	3	4
87- Às vezes me sinto deprimido(a) nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
88- Tenho contado com os meus amigos (que não são do meio universitário) para me apoiar nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
89- Tenho me sentido pouco à vontade com os meus colegas nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
90- Às vezes sinto vontade de chorar nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4
91- Nesse período de Ensino Superior tenho contado com os meus amigos (que não são do meio universitário) quando me sinto desanimado(a)	0	1	2	3	4

92- Tenho tido momentos, nesta minha vida de estudante, em que me sinto prestes a perder o controle	0	1	2	3	4
93- A minha família tem-me dado o apoio que preciso nestes tempos de Ensino Superior.	0	1	2	3	4
94- Tenho me sentido irritável neste período de Ensino Superior	0	1	2	3	4
95- Tem sido difícil relacionar-me com os meus professores nesta minha vida de estudante	0	1	2	3	4

A seguir, há algumas afirmações que as pessoas podem fazer a respeito do seu bairro/comunidade de origem, onde você morava antes de ir pra UFC, campus Sobral. Por favor, marque o quanto você concorda ou discorda com elas.

	Discordo muito	Discordo	Nem concordo e nem discordo	Concordo	Concordo muito
96- No meu bairro/comunidade de origem, meus vizinhos e eu queremos coisas semelhantes	0	1	2	3	4
97- Eu consigo reconhecer muitas pessoas que vivem na	0	1	2	3	4

minha comunidade/bairro de origem					
98- Eu me sinto em casa nessa comunidade de onde eu vim	0	1	2	3	4
99- Poucos vizinhos lá me conhecem	0	1	2	3	4
100- Eu me importo com o que os meus vizinhos pensam das minhas ações	0	1	2	3	4
101- Se houver um problema nesse bairro/comunidade as pessoas que vivem lá podem resolvê-lo	0	1	2	3	4
102- É muito importante para mim viver nesse bairro/comunidade	0	1	2	3	4
103- Pessoas nesse bairro/comunidade geralmente não se dão bem	0	1	2	3	4
104- Eu espero viver nesse bairro/comunidade por um longo tempo	0	1	2	3	4

PARA FINALIZAR...

	Não	Sim
105- Este questionário é muito longo?	0	1
106- Este questionário é chato?	0	1
107- Este questionário pergunta coisas importantes?	0	1
108- Eu gostaria de participar da segunda etapa desta pesquisa (entrevista)?	0	1

A SUA PARTICIPAÇÃO É FUNDAMENTAL PARA A REALIZAÇÃO DESTA PESQUISA!!! MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE E

Caracterização dos artigos incluídos na revisão sistemática sobre Sentimento de Comunidade na base de dados Redalyc.

AUTOR/AN O/ BASE	SUJEITOS DA PESQUISA	RELAÇÕES COM SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SEUS CORRELATOS	CATEGORIAS TRANSVERSAIS DO ESTUDO
Carreño e Caldera (2013)	Pesquisa documental	O sentido de comunidade é entendido como núcleo central, que inclui sensibilidade, experiência, responsabilidade e compromisso ético-político	Identidade, participação, sentido de comunidade
Caniello (2016)	Sujeitos moradores de comunidades rurais	Faz referência ao peso da relação entre agricultura familiar e sentimento de pertença para o processo de evolução da qualidade de vida	Desigualdades sociais, identidade territorial, sentimento de pertença
Carvalho, Ximenes e Bosi (2012)	Sujeitos participantes do Movimento de Saúde Mental Comunitária	Relaciona sentimento de comunidade ao fortalecimento	Fortalecimento, participação, valor pessoal, poder pessoal
Castro-Silva <i>et al.</i> (2014)	Agentes comunitários de saúde	Os resultados indicam que o forte sentimento de comunidade e a proximidade com as forças políticas da Comunidade contribuem com o processo de participação social, ao contrário da predominância do assistencialismo e do medo desencadeado por situações de violência	Participação, sentimento de comunidade
Favero <i>et al.</i> (2016)	Moradores de comunidade	Apontam que o apego ao lugar, sentimento de desamparo e sentido de comunidade são centrais na análise da percepção de risco ambiental	Comunidade, sentimento de comunidade, apego ao lugar
Martins e Lucio-Villegas (2014)	Famílias de um bairro periférico	Faz referência a intervenções grupais para promover o sentido de comunidade	Exclusão social, sentido de comunidade
Costa e Maciel (2009)	Moradores de um bairro	Sugere articulações do sentido de comunidade com memória coletiva e inclusiva	Sentido de comunidade, memória coletiva, memória inclusiva
Moura Jr. <i>et al.</i> (2014)	Estudo teórico	São propostas as análises do bem-estar pessoal, do senso de comunidade, das práticas discriminatórias e do fatalismo das pessoas em situação de pobreza	Pobreza; bem-estar; senso de comunidade; práticas discriminatórias.
Padilla e Ortiz (2014)	Jovens imigrantes	As identidades locais são centrais em termos de solidariedade e como geradoras de sentimentos de comunidade e pertença	Identidade; discriminação
Farias e Pinheiro (2013)	Teórico	Faz referência a apego ao lugar, em que nesse contexto de vizinhança se destaca a dimensão afetiva, com a geração de sentimentos de coesão e segurança e de apego ao lugar.	Comunidade, apego ao lugar.

 Quadro síntese dos trabalhos da revisão sistemática (Conclusão)

AUTOR/ANO/ BASE	SUJEITOS DA PESQUISA	RELAÇÕES COM SENTIMENTO DE COMUNIDADE E SEUS CORRELATOS	CATEGORIAS TRANSVERSAIS DO ESTUDO
Ramos-Vidal (2016)	Migrantes e não migrantes	O sentimento de pertence explica a variância do empoderamento e da participação em grupo	Sentido de comunidade, participação e empoderamento
Neto e Avellar (2016)	Habitantes de residência terapêutica	Faz referência à construção de vínculos	Identidade
Sant'anna <i>et al.</i> (2011)	Enfermeiras	Faz referência à formação de vínculos e ao fortalecimento das potencialidades individuais e grupais	Fortalecimento, Potencialidades
Sarriera <i>et al.</i> (2016)	Com crianças	Articula sentido de comunidade com “vinculação com a comunidade”, bem como o fator “relações comunitárias” e bem-estar	Bem-estar; sentido de comunidade; relações comunitárias
Silva, A. L. (2008)	Mulheres	Articula sentido de comunidade com participação	<i>Empowerment</i> (Empoderamento); Apoio social
Silveira <i>et al.</i> (2016)	Usuários da saúde mental	Analisa comunidade a partir da compreensão do Sentimento de Comunidade	Sentimento de comunidade, Apoio social

Fonte: Dados da pesquisa.

APÊNCIDE F

Caracterização dos artigos incluídos na revisão sistemática sobre Saúde Mental.

AUTOR/ANO/ BASE	SUJEITOS DA PESQUISA	CONCEPÇÃO RELACIONADA À SAÚDE MENTAL	CATEGORIAS TRANSVERSAIS DO ESTUDO
Walton e Cohen (2011)/ Medline-PUBMED	Estudantes europeus- americanos	Está ligada à percepção psicológica de ameaça; adversidades sociais.	Adversidades sociais, sentimento de pertença
Hawkins, Jones, e Stanton (2014)/ Medline- PUBMED	Estudantes de medicina	Está ligada às pressões acadêmicas e pessoais	Pressões acadêmicas e pessoais, Apoio, Sentimento de pertencimento
Mallett <i>et al.</i> (2011)/ Medline-PUBMED	Estudo comparativo entre estudantes do ensino médio e estudantes universitários	Realização pessoal e auto estima	Questão étnica, discriminação; persistência acadêmica
Minkkinen <i>et al.</i> (2017)/Medline-PUBMED	Estudantes universitários	A concepção de saúde mental está ligada a ideias suicidas e práticas de automutilação	Meios de comunicação (internet), Suicídio e automutilação; Apoio Social; Sentimento de pertença.
Boath <i>et al.</i> (2016)/ Medline-PUBMED	Estudantes universitários de medicina	Aparece ligada a questões emocionais/expressão das emoções, sentimento e ajuste social	Sentimento de pertença; participação; identidade
Honda, <i>et al.</i> (2016)/ Medline-PUBMED	Estudantes de enfermagem	Ambientes acolhedores favorecem a participação e a aprendizagem	Sentimento de pertença, sentimentos de exclusão, participação e motivação
Rattan <i>et al.</i> (2015)/ Medline-PUBMED	Pesquisa teórica	Não faz referência no resumo	Mentalidades acadêmicas; motivação; gênero, raça e classe social; desempenho acadêmico
Spitzer e Aronson (2015)/ Medline-PUBMED	Teórica	Ameaças psicológicas que prejudicam a aprendizagem e a identidade	Intervenções psicológicas, aprendizagem; motivação; aprendizagem cooperativa; desempenho acadêmico
Bíró, Veres-Balajti e Kósa (2016)/ Medline- PUBMED	Estudantes de fisioterapia	Faz referência à mórbida psicológica e estresse	Resiliência mental, apoio social familiar e de pares; fatores de proteção
Ibrahim e Kelly (2013)/ Medline-PUBMED	Estudantes Universitários	Faz referência à depressão e às condições socioeconômicas	Depressão, condições socioeconômicas; aprendizagem, qualidade de vida; suporte social/apoio social.

 Quadro síntese dos trabalhos da revisão sistemática (Conclusão)

AUTOR/ANO/ BASE	SUJEITOS DA PESQUISA	CONCEPÇÃO RELACIONADA À SAÚDE MENTAL	CATEGORIAS TRANSVERSAIS DO ESTUDO
Levett-Jones et al. (2008)/ Medline-PUBMED	Estudantes universitários	Faz referência ao estresse, depressão e ansiedade.	Relacionamento interpessoal, sentimento de pertencimento, aprendizagem, motivação, estresse, depressão e ansiedade
Benatov <i>et al.</i> (2017)/ Medline-PUBMED	Jovens	Faz referência ao suicídio, depressão e ansiedade	Gênero, etnia, suicídio, depressão, ansiedade, somatização e senso de pertença
Mckendry, Wright e Stevenson (2014)/ Medline-PUBMED	Estudantes de enfermagem	Motivação e expectativas	Retenção institucional (permanência); suporte ou apoio social.

Fonte: Dados da pesquisa.

ANEXO

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

Universidade Federal do Ceará

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ANÁLISES DAS IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DO SENTIMENTO DE COMUNIDADE E DA SAÚDE MENTAL PARA OS PROCESSOS DE MIGRAÇÃO RURAL-URBANO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS, NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ (UFC), *CAMPUS* SOBRAL.

Pesquisador: Alexsandra Maria Sousa Silva

Área Temática: Ciências humanas

Versão: 1

CAAE: 81078017.7.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.588.419

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo sobre juventude rural e pobreza, que analisa as implicações psicossociais do sentimento de comunidade e saúde mental para os processos de migração rural-urbano de jovens rurais que estudam na Universidade Federal do Ceará, *campus* de Sobral. Serão avaliados o sentimento de comunidade e as possíveis relações com a produção da saúde mental no Ensino Superior. A pesquisa terá desenho metodológico quantitativo e qualitativo. Serão identificados os alunos maiores de 18 anos regularmente matriculados, que vivenciam o processo de migração para estudar na UFC, que já participaram ou participam de Programas de Assistência Estudantil, e interessados em participar da pesquisa. Na etapa quantitativa os alunos responderão um questionário eletrônico, que terá o objetivo de identificar correlações entre as variáveis constituintes do sentimento de comunidade e da saúde mental. O objetivo desse questionário será inferir o índice de pobreza multidimensional - IPM, caracterizar o perfil dos jovens participantes e mensurar as categorias estudadas (pobreza, bem-estar, saúde mental, discriminação, integração no Ensino Superior e sentimento de comunidade). Na etapa qualitativa será realizada pesquisa participante, na qual a pesquisadora conduzirá grupos de intervenção por 10 encontros com objetivo de descrever os modos de vida dos jovens universitários que vivenciam a migração rural-urbana. As temáticas abordadas no grupo serão: Pobreza, Relação com o rural e com o

urbano, Sentimento de comunidade (SC), Vida universitária, Integração e relações interpessoais, Saúde mental, Qualidade de vida, Ansiedade, Depressão e Suicídio, Álcool e drogas, Preconceito e estigma. Nesta etapa a pesquisadora realizará registros de campo e gravação dos encontros.

Objetivo da Pesquisa:

Analisar as implicações psicossociais do sentimento de comunidade e da saúde mental para os processos de migração rural-urbano de jovens rurais que estudam na UFC, *campus* Sobral.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Poderá haver riscos ou desconfortos causados pela pesquisa, pois algumas perguntas podem causar constrangimento a algumas pessoas. No entanto, isso poderá ser sanado com a interrupção imediata da coleta de informações e, caso necessário, será realizado apoio psicológico pela pesquisadora e sua orientadora, já que ambas são psicólogas.

A pesquisa possui os seguintes benefícios: a temática possui relevância para o meio acadêmico, sendo geradora de informações que poderão ser utilizadas para debates e reflexões sobre a permanência dos alunos que vivenciam contextos de pobreza nas universidades públicas cearenses. Os participantes terão acesso aos resultados da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa elucidará as relações psicossociais e saúde mental de jovens da zona rural que migram para zona urbana para cursarem um Curso de Ensino Superior, gerando informações relevantes para o meio acadêmico, especialmente para a Universidade Federal do Ceará. A metodologia proposta está clara, preservando o sigilo das informações dos participantes bem como o caráter voluntário de sua participação. O risco para os participantes é baixo e a pesquisadora apresenta encaminhamento para os casos em que se identifique um apoio psicológico. TCLE claro e de linguagem acessível.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos apresentados atendem às exigências éticas da pesquisa com seres humanos.

Recomendações:

Recomenda-se encaminhamento para acompanhamento psicológico, para o Serviço de Psicologia Aplicada da Universidade Federal do Ceará - *campus* Sobral, caso se identifique algum participante com agravo em saúde mental.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto Aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1046438.pdf	08/12/2017 21:59:31		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoTeseAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:54:58	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Outros	CartadesolicitacaoaoComitedeetica.pdf	08/12/2017 21:50:48	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Outros	TermoDeCompromissoPUtilizacaoDados.pdf	08/12/2017 21:49:16	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPesquisaEtapaQualiGruposAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:47:49	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPesquisaEtapaQuantitativaAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:47:25	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEPesquisaEtapaQualiEntrevistaAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:47:08	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Outros	DeclaracaoDeAnuenciaUFCSobral.pdf	08/12/2017 21:46:45	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DeclaracaoDeConcordancia.pdf	08/12/2017 21:45:53	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Cronograma	CronogramaAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:45:07	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Orçamento	OrcamentoAlexsandra.pdf	08/12/2017 21:44:50	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito
Folha de Rosto	FolhaDeRostoUFC.pdf	08/12/2017 21:44:18	Alexsandra Maria Sousa Silva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

FORTALEZA, 09 de Abril de 2018

Assinado por:
FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA (Coordenador)